

## a) Edições de Texto. Comentários. Traduções. Estudos Linguísticos

MIGUEL HERRERO DE JÁUREGUI, *Focílides de Mileto. Sentencias. Edición bilingüe. Anexo con la traducción castellana de Francisco de Quevedo*, Madrid, Abada editores, 2018. 137 pp. ISBN 978-84-17301-01-9

La traducción de un texto implica siempre un ejercicio de análisis e interpretación. Por ello, la aparición de este libro dedicado a las *Sentencias* atribuidas a Focílides de Mileto, es una buena noticia tanto para la comunidad científica como para un público no especializado con interés en este poema cuyos versos, como Miguel Herrero anota en la introducción, “resuenan con fuerza en el s. XXI” (p. 7). Sirvan como ejemplo de ellos los versos 39-41:

Ἔστωσαν δ' ὁμότιμοι ἐπὶ λυδῆς ἐν πολυήταις;  
πάντες γὰρ πενίης πειρώμεθα τῆς πολυπλάγκτου,  
χώρης δ' οὐ τι βέβαιον ἔχει πέδον ἀνθρώποισιν.

Sean de igual honor ciudadanos e inmigrantes,  
pues todos pasamos la penuria del errabundo  
y de tierra no hay firme asiento entre los hombres.

Se trata, como su título indica, de una edición bilingüe del poema que, con gran probabilidad, se compuso en el ambiente judeo-helenístico de principios de la época imperial y fue atribuido al poeta del s. VI a.C. Focílides de Mileto. La edición y traducción son precedidas de un estudio preliminar y acompañadas, por un lado, de un aparato de notas comentando el texto y, por otro, de cuatro apéndices que proporcionan materiales valiosos para su estudio desde diversos puntos de vista: el primer apéndice pone a disposición del lector los fragmentos de poeta Focílides del s. VI a.C. (p. 85); el segundo consiste en una tabla con los paralelos bíblicos (p. 91); el tercer apéndice ofrece un conjunto de notas textuales a algunos versos del poema (p. 97); el cuarto apéndice proporciona la traducción del poema de Francisco de Quevedo con una nota introductoria (p. 105). Siguen la bibliografía y el índice de capítulos del libro.

En el estudio preliminar el autor consigue un buen equilibrio en la presentación de una materia, no siempre simple, de forma accesible a no especialistas sin perder rigor científico. El estudio se subdivide en los siguientes apartados: Griego, judío, universal (p. 7); pseudo-Focílides: datación, autoría y audiencia (p. 9); género gnómico y parenético (p. 12); el “auténtico” Focílides (p. 16); composición y temática (p. 18); forma literaria (p. 23); la tradición judía en el poema (p. 26); ética universalista (p. 29); secularización (p. 33); revelación religiosa (p. 39); historia de la recepción: filología y prejuicios (p. 42); el texto griego (p. 50); esta traducción (p. 53).

El texto griego que se imprime se basa en la edición de Young (1971) prescindiendo del *apparatus criticus* típicamente filológico. En aquellos casos en que Miguel Herrero difiere de las elecciones textuales de Young, se insiere un asterisco en el verso griego que remite al correspondiente comentario del tercer apéndice, en el que se indica el número del verso a comentar pero no se copia el verso griego. Esta disposición dificulta un poco la consulta de las notas textuales al lector interesado en el griego.

La traducción vierte las *Sentencias* al castellano de forma elegante. Desde el punto de vista formal, se dispone de forma confrontada con el original griego, facilitando la lectura conjunta y tornando el libro en una herramienta útil también para el aprendizaje de la lengua griega. El autor inserta títulos en negrita en la traducción para guiar al lector ya que el poema resulta algo disperso en la estructuración de los temas, como es típico en

la poesía gnómica, en la que predomina la parataxis y las transiciones de un tema a otro pueden resultar algo bruscas.

El comentario se incorpora por medio de notas que informan sobre la estructura y la forma del poema, cuestiones de tipo contextual o que proporcionan paralelos. Sirve, pues, como guía a la lectura del texto. Si bien es evidente que el autor de un comentario debe seleccionar la información a incluir en función del tipo de comentario que escribe, personalmente me hubiese gustado conocer la opinión de Miguel Herrero sobre algunos versos que no son comentados, como por ejemplo el verso 69 (μέτρῳ ἔδειν, μέτρῳ δὲ πειν καὶ μυθολογεῖν, “con medida hay que comer, con medida beber y hacer discursos”). También me ha surgido la cuestión de hasta qué punto el conjunto de versos 19, 22-23, 28-29, 109-110, que insisten en el deber de dar al pobre, puede informarnos sobre la clase social de la audiencia del poema; o el verso 3 (μῆτε γαμοκλοπέειν μῆτ’ ἄρσενα Κύπριν ὀρίνειν, “no cometas adulterio ni despiertes deseo masculino”) sobre cuestiones de género.

En definitiva, el presente libro ofrece una lectura estimulante y rica y proporciona materiales para estudiar el poema de pseudo-Focílides desde una perspectiva textual y literaria, así como para reflexionar sobre la recepción del texto en la literatura española.

NEREIDA VILLAGRA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

nereida@campus.ul.pt

BRENO BATTISTIN SEBASTIANI (tradução, introdução e notas), *Políbio: história pragmática, livros I a V*, São Paulo: Perspectiva / FAPESP, 2016, 482 pp. ISBN 978-85-273-1071-0

Felicita-se a tradução para português dos primeiros cinco livros das *Histórias* de Políbio de Megalópolis (c. 200-117 a.C.), um historiador do período helenístico pouco estudado no espaço lusófono. Breno B. Sebastiani, no entanto, tem-se dedicado ao estudo da historiografia grega e de outros temas como a democracia ou a *krasis*. De facto, as oito entradas da sua autoria que integram a Bibliografia (465-467) revelam a dedicação a esta área de estudo. Certamente por dominar conceitos próprios da narrativa histórica, além do natural interesse pelo conteúdo narrativo, teve o arrojo de se lançar na complexa tarefa de traduzir os únicos livros das *Histórias* que nos chegaram completos. Esta edição é composta por várias partes: cronologia, introdução, tradução dos cinco livros, bibliografia, índice de nomes e mapas. Deste modo, esta estrutura segue o que é habitual, se tivermos em conta, por exemplo, a tradução de R. Waterfield (2010) para a Oxford University Press (Polybius, *The Histories*).

Na Introdução, como é normal, o tradutor apresenta vários elementos da biografia de Políbio e contextualiza o momento político em que surge a sua obra histórica, dando especial realce à Batalha de Pidna, em 168 a. C. Além disso, nota-se a intenção de reflectir sobre a concepção historiográfica de Políbio e de defender, com razão, o valor que as *Histórias* mantêm até aos nossos dias. Apesar de considerarmos que esses objectivos para uma Introdução são compreensíveis e adequados, parece-nos que a organização interna poderia ser mais evidente para o leitor, se tratasse, em subcapítulos ou secções, da transmissão do texto, das fontes, da relação do texto com o leitor, da estrutura geral dos quarenta livros e da tradição. Mas, sobretudo por esta edição conter a tradução dos primeiros cinco livros das *Histórias*, faria sentido uma análise sucinta das temáticas históricas abordadas nesses livros numa secção autónoma. Com esta sugestão estamos a pensar no leitor menos familiarizado com o texto de Políbio e que, dessa forma, teria uma espécie de guia de leitura dos cinco livros, repletos de descrições ou topónimos, com grande variedade espacial. Apesar de entendermos que a organização da Introdução não é a melhor ou de ser possível identificar algumas repetições (por exemplo, o que é dito sobre Calícrates na

página 19 é repetido na nota 7 da página 24) reconhecemos que a informação coligida é relevante e de interesse directo para o conteúdo do livro.

Tendo em conta a opção de publicar os primeiros cinco livros em conjunto, o que representa no formato de edição usado mais de 400 páginas, parece-nos correcto o recurso circunstancial a notas explicativas ao longo da tradução (26 notas no Livro I; 21 no Livro II; 24 no Livro III; 13 no Livro IV; 10 no Livro V). Dessa forma, concede-se, correctamente, total protagonismo ao texto de Políbio. Mais uma ou outra nota explicativa faria sentido, sobretudo quando se trata de figuras importantes, como Arato (1.3.2) ou o analista romano Fábio Pictor (3.8.1). O mesmo poderia ser feito para alguns topónimos, até porque, na maioria dos casos, essas localizações não aparecem em nenhum dos quatro mapas que podem ser consultados na parte final do livro.

Ainda que se compreenda o propósito de intitular esta edição de *Políbio: História pragmática*, uma opção justificada na Introdução, consideramos que o mais correcto é usar o título *Histórias*, tal como Breno B. Sebastiani faz nas páginas 17, 24 ou 25. Se tivérmos em conta a tradição, as edições e os estudos sobre Políbio, o título *Histórias* é a forma assumida, mesmo pela edição teubneriana que se segue para a tradução. De facto, a concepção histórica de Políbio é conhecida pela *pragmatike historia* (e.g., 1.2.8), expressão traduzida por “história pragmática” ou “história política”, no monumental comentário de Walbank (1957), cujo sentido tem também implícito uma intencionalidade didáctica. Importa reter que a *pragmatike historia*, enquanto narrativa política ou militar, implica uma indagação histórica séria e profunda, ao contrário da *diegesis apodeiktike*, ou seja, “narrativa apodíctica” (“mera asserção”, 4.40.1). Além disso, a *pragmatike historia* distingue-se da narrativa de genealogias, de mitos ou da fundação de cidades, querendo Políbio distanciar-se de outras formas de narrativa historiográfica, como a de Timeu de Tauroménio, bastante criticado nas *Histórias*. De facto, Breno B. Sebastiani revela dominar as características historiográficas de Políbio e, talvez por querer realçar a sua marca distintiva, transpõe o conceito para o título da obra. No entanto, parece-nos que bastaria manter, na Introdução, uma explicação sobre as principais características da *pragmatike historia*.

Quanto à tradução, numa análise sucinta, registamos a coerência metodológica do tradutor, com recurso a soluções que visam esclarecer o texto, sobretudo quando a estrutura frásica e sintáctica é mais complexa. Num texto com esta extensão e complexidade, trata-se de uma tarefa árdua e que exige um labor filológico digno de registo. Na verdade, o tradutor consegue aliar a fidelidade ao texto original com a intenção de manter, em português, uma narrativa fluida para o leitor. Nota-se que o comentário de Walbank (1957) ajudou a resolver ou a entender vários passos da obra, bem como a tradução publicada pela Biblioteca Universale Rizzoli, mas isso, mesmo para quem tem domínio do texto grego, é fundamental e até necessário para conferir as opções de significado e sentido. Não é referida na bibliografia, mas a tradução de W. R. Paton para a colecção Loeb Classical Library, com revisão de Walbank e Habicht, constitui uma referência na área e continua a ser citada, como sucede, por exemplo, no volume recentemente editado por N. Miltisios e M. Tamiolaki (2018), *Polybius and his legacy*.

Em conclusão, estudantes e investigadores do espaço lusófono passam a ter acesso a uma tradução feita directamente do grego, sendo de esperar e desejar que Breno B. Sebastiani venha a publicar, nos próximos anos, a tradução dos restantes livros. Salientamos o rigor colocado na tradução, num trabalho, globalmente, muito positivo e que reflecte vários anos de trabalho na área da historiografia antiga.

JOAQUIM PINHEIRO  
Universidade da Madeira  
CECH-UC  
joaquim.pinheiro@staff.uma.pt

GAYO SALUSTIO CRISPO, *Obras*. Edición de Juan Martos Fernández, Madrid, Cátedra, 2018. 662 pp. ISBN 978-84-376-3801-0

Se outra circunstância não houvesse para realçar a importância de Salústio na literatura, bastaria lembrar que a ele se devem as primeiras obras da historiografia latina que chegaram até nós completas, a saber, as monografias *De Coniuratione Catilinae* e o *Bellum Iugurthinum*. Assim, é-nos possível, na dimensão de Salústio como historiógrafo, perceber em que medida ele foi um precursor do género, além de um inovador na língua latina, e também compreender os fundamentos da influência que exerceu na cultura europeia, tomado como modelo literário logo desde a Antiguidade.

Esta edição, da responsabilidade de Juan Martos Fernández, professor da Universidade de Sevilha, tem, entre outros méritos, a vantagem de apresentar toda a produção literária de Salústio que até nós chegou: as referidas monografias e os fragmentos das *Historiae*, neste caso com a particularidade de se incluírem alguns não contemplados em outras edições, como a de Maurenbrecher, Lipsiae, 1893. A estes textos vêm juntar-se os que constituem o *Corpus Sallustianum*, i.e., as duas cartas dirigidas a César e o discurso contra Cícero, a que, como é de tradição, se anexa outro atribuído a Cícero contra Salústio. O editor deixa bem clara a sua posição, que é a dos especialistas, de que “estas cuatro piezas, ... tienen todas las trazas de no ser más que ejercicios de escuela retórica claramente posteriores” (p. 15), sendo depois apresentados, em traços breves, os argumentos para essa não atribuição a Salústio e nem sequer à época em que viveu e escreveu.

A Introdução da obra em epígrafe (pp. 9-58) ocupa-se da biografia de Salústio e do seu enquadramento nas circunstâncias históricas (com útil “Cronologia”, de 133 a 35, ano possível da morte de Salústio, nas pp. 45-47), discernindo o que se sabe do que se supõe e, também, rejeitando alguma informação fonte de dúvidas, como o casamento de Salústio com Terência, ex-mulher de Cícero, que S. Jerónimo divulgou. A apresentação das obras refere as datas de composição, na medida em que é possível reconstituí-las, e reflecte sobre os pontos de proximidade e de afastamento entre a concepção que hoje temos da escrita da história e aquela que a definia na Antiguidade enquanto género literário, com o duplo objectivo da utilidade, na função moral e didáctica que se lhe reconhecia, e do deleite do leitor, no papel estruturante da retórica na sua composição. Abre-se, assim, espaço para a avaliação da concepção da história em Salústio, na *aemulatio* com a herança grega, e na maturidade que imprime ao género, depois aperfeiçoada apenas por Tácito. Cada uma das obras suscita uma pequena apresentação, com registo das circunstâncias históricas a que se refere, rastreio de fontes e biografia dos protagonistas. Para o conjunto da obra, observam-se, com segura brevidade, questões como o estilo de Salústio, a transmissão e pervivência – em leque de referências que vão desde os manuscritos a criações literárias como a de Steven Saylor ou a composições musicais –, as traduções modernas, com realce para as espanholas, os repertórios bibliográficos e os comentários de referência.

A bibliografia (pp. 61-88), que só contempla a que foi consultada para a elaboração das notas e para a tradução, é ainda assim extensa e de grande utilidade.

A tradução, rigorosa e elegante, vem acompanhada de um largo conjunto de notas (naturalmente mais abundantes no que concerne às *Historiae*), pertinentes para todo o tipo de público-leitor, do mais erudito ao não especialista. Relativamente às *Historiae*, o editor apresenta, ainda, uma breve introdução a cada um dos cinco livros e respectivos fragmentos, conjecturando acerca do conteúdo de cada um desses livros.

A concluir esta excelente edição, o habitual e sempre útil Índice de Nomes.

MARIA CRISTINA PIMENTEL  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
mpimentel1@campus.ul.pt

VERGÍLIO, *Bucólicas*. Tradução, introdução e notas de Gabriel A. F. Silva, Lisboa, Livros Cotovia, 2019. 103 pp. ISBN 978-972-795-395-0

Dando continuidade à tarefa iniciada com a versão completa das *Geórgicas*, Gabriel Silva e os Livros Cotovia tornam agora novamente disponível em português as *Bucólicas* de Virgílio (a partir da edição de R. A. B. Mynors, como se declara na p. 19). O livro, com o grafismo da colecção dos clássicos latinos daquela editora, segue as boas práticas na edição de traduções de textos antigos: introdução, texto com versos numerados segundo o original, sendo acompanhado de notas e glossário (que é mais propriamente um índice de nomes próprios). Nas cabeças, repete-se o título da obra nas páginas pares, e nas ímpares indica-se, a bem do leitor que pretende uma consulta mais rápida, o número do poema.

A introdução retoma alguns elementos que o tradutor já tinha escrito no texto prefacial das *Geórgicas* (como a biografia de Virgílio e a apresentação da obra do poeta), detendo-se agora, obviamente, nas *Bucólicas*: o significado do nome, contexto em que foram escritas (que é, note-se, desenvolvido em pequenas notas introdutórias a cada um dos poemas), e influências (em particular Teócrito e Calímaco). Em falta parecem estar algumas informações, sumárias que fossem, sobre as leituras de Virgílio feitas por leitores não académicos ou estudiosos, visto que a fama dos autores antigos se deve à constante e nunca interrompida presença nas literaturas modernas. A introdução também não menciona exercícios semelhantes – e as *Bucólicas* foram a obra virgiliana mais vezes traduzida para português (incluindo uma versão da écloga 5 de Bocage), a última das quais, em prosa, por Maria Isabel Rebelo Gonçalves (Lisboa, Verbo, 1996, esgotado).

Como se disse, todos os poemas têm uma nota introdutória individual no verso da cortina de cada uma das éclogas (nesta editora, o mesmo acontece, por exemplo, na edição das *Epístolas*, de Horácio). Esses paratextos, juntamente com as poucas notas de rodapé, pretendem guiar o leitor pelas sinuosidades da história e política romanas do tempo de Virgílio, identificando-se sistematicamente contexto e alusões a figuras históricas ou mitológicas. Por vezes, surgem notas de carácter literário.

O índice (a que na obra se chama “glossário”) é constituído por entradas muito breves que identificam resumidamente topónimos, mitónimos e antropónimos, remetendo para o número do poema (em romano) e verso (em algarismos) das *Bucólicas* em que são mencionados. Apesar da exaustividade da recolha e da sua catalogação, sente-se a falta (sobretudo porque existem “Piérides” e “Camenas”) de entrada para “Musa(s)” (1.2, 3.60, 3.84, 6.8, 8.1, 8.5, 4.1, 6.69, 7.19).

Virgílio é um dos autores que facilmente empalidecem quando transpostos para outra língua não só pela necessária mudança formal, como pela alteração da espessura semântica das palavras dos diferentes idiomas; por isso, uma tradução de qualquer das suas obras terá sempre um carácter precário e transitório. No entanto, o trabalho aqui realizado beneficia de um sólido conhecimento da língua de partida, da obra e poética virgilianas, bem como das qualidades expressivas do português – seria porventura de rever apenas a tradução de *pressi lactis* de 1.81 e de repensar, em 1.64-66, a repetição de uma forma verbal (“iremos”) para traduzir dois verbos diferentes (*ibimus*, *veniemus*), quando parece que a sugestão do movimento é maior entre *eo* e *venio*.

No entanto, a qualidade e interesse desta nova tradução apenas pode ser comprovada na leitura, de que se dão alguns exemplos: em *Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi* / *Silvestrem tenui Musam meditaris avena* (1.1-2), o adjectivo *patulae* passa a descrever *tegmine* sem provocar sobressalto semântico, havendo de registar o respeito pela metáfora da Musa para designar a Poesia: “Ó Títyro, tu, reclinado sob a larga ramagem de uma faia, / compões a Musa silvestre com uma delgada flauta”; *frigidus [...] latet anguis in herba* (3.93) altera a posição do sujeito, quase a sugerir que escondido no fim do verso: “Esconde-se na erva uma fria serpente”; *omnis feret omnia tellus* (4.39) mantém a concisão, a que se acrescenta quiasmo em “Toda a terra dará tudo”; o segundo hemistíquio de *Claudite iam rivos, pueri; sat prata biberunt* (3.111) mantém uma poderosa aliteração,

reforçada pela assonância: “Fechai já os canais de rega, rapazes: os prados já beberam bastante”; permanecem sentenças lapidares *Nunc scio quid sit Amor* (8.43) em “Agora sei o que é o Amor” e *Omnia vincit Amor: et nos cedamus Amori* (10.69) com a tradução “Tudo o Amor vence, e nós rendamo-nos ao Amor”. Digna de nota é a solução em português para os versos 9.32-36, com as mesmas metáforas de sugestão metapoética: “Também me fizeram poeta / as Piérides, também tenho versos, também os pastores / dizem que sou vate, embora eu não acredite neles: / até agora não pareço cantar algo digno de Vário ou Cina, / antes um ganso que grasna entre melodiosos cisnes”. Encontre-se um último exemplo da elegância que Virgílio conhece nesta nova tradução em 4.1-7: “Ó Musas da Sicília, cantemos temas algo mais elevados! / As árvores não encantam a todos, nem os modestos tamariscos. / Se cantamos os bosques, que os bosques sejam dignos de um cônsul. / Chegou agora a última idade do vaticínio de Cumas: / nasce de novo uma grande ordem dos séculos! / Já Virgem regressa também, e volta o reino de Saturno, / já uma nova geração desce do alto dos céus”.

O Padre Manuel Antunes acreditava que, se Homero era o educador da Grécia, Virgílio “foi o educador do Ocidente”. Esta nova tradução parece, assim, confirmar essa crença, mostrando um Virgílio plenamente adaptado no nosso século.

RICARDO NOBRE

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

[rnobre@letras.ulisboa.pt](mailto:rnobre@letras.ulisboa.pt)

LEE M. FRATANTUONO, R. ALDEN SMITH, *Virgil. Aeneid 8. Text, Translation and Commentary*, Leiden / Boston, Brill, 2018. IX + 801 pp. ISBN 978-90-04-36735-7

Este comentário é o resultado de mais uma publicação dos *Mnemosyne Supplements* da editora Brill, que, sistematicamente desde 1999, tem vindo a dar à estampa comentários de referência a muitos dos cantos da *Eneida*. Este, dedicado ao livro 8, tal como aquele ao livro 5 (de 2015), é da autoria de Lee M. Fratantuono e de R. Alden Smith, académicos que têm dedicado a sua investigação à poesia latina, em particular à *Eneida*. Deve, igualmente, ser referido que os comentários aos livros 2 (2008), 3 (2006), 7 (1999) e 11 (2003) para a Brill são da autoria de Nicholas Horsfall.

À semelhança do método seguido no comentário ao livro 5, o estabelecimento do texto, a tradução e um primeiro esboço da introdução ficaram a cargo de R. Smith, e o comentário foi elaborado, sobretudo, por Lee Fratantuono.

A introdução, que ocupa as páginas 1-32, faz um apanhado geral dos temas e ideias tratados naquele que é considerado o mais pacífico dos livros que compõem a segunda parte da *Eneida*. Após uma breve referência ao estado da arte, em que se verifica que o livro 8 é um dos que maior fortuna teve na elaboração de estudos e comentários (mencionem-se apenas os de P. T. Eden também para a Brill [1975] e o de K. W. Grandsen para a série “Green and Yellow” [1976] da CUP), salienta-se a presença da poesia homérica em momentos-chave do livro: além do episódio do escudo de Aquiles, é referido o engano de Zeus (*Ilíada* 14) em relação com o episódio da sedução de Vulcano. Além da intertextualidade homérica, é destacada a importância da épica de Apolónio de Rodes para a construção do livro 8 da *Eneida*, particularmente para o famoso passeio de Eneias e de Evandro; o *Hino Homérico a Hermes* apresenta-se como influência para o episódio de Caco, e a este leque junta igualmente o A. o *Hino a Ártemis* de Calímaco, o *Héracles* de Eurípides, o *Escudo* de Ps.-Hesíodo e o poema fragmentário *Geryoneis* de Estesícoro. A par de fontes literárias que contribuem para uma análise intertextual, o A. centra-se também na importância do número três para a construção do livro 8, nomeadamente no



triplo triunfo celebrado pelas vitórias na Dalmácia, Áccio e Egipto, e na consequente *pax Augusta*; é dado destaque à tripla repetição de *ut* no início do livro (p. 11). Nas pp. 12-25 oferece-se uma visão geral do canto, onde se realça o episódio que põe em confronto Hércules e Caco, salientando o A. que esta batalha “anticipates the poem’s final scene, which can be seen as a victory, albeit a brutal one, of good over evil” (p. 17). É feita, por fim, uma breve análise do simbolismo presente no escudo de Eneias (pp. 21-24). As páginas finais da introdução (pp. 25-32) constituem um resumo da tradição manuscrita. O texto latino, com aparato crítico e tradução, feita em prosa, ocupam as páginas 34-91. Sobre a tradução, apenas convém realçar que, apesar de respeitar a solenidade do género épico, encontra-se feita num estilo claro e acessível, mesmo para leitores que não sejam falantes nativos de inglês.

O comentário, prolongando-se praticamente por todo o livro (pp. 93-749), apresenta a estrutura tradicional deste tipo de trabalhos, com introduções / explicações de extensão variável a preceder o comentário lematizado. É de frisar que os AA. não se limitam a comentar do ponto de vista da poesia vergiliana, ou da poesia latina em geral, mas aprofundam também questões de toponímia, antroponímia e patronímia (por exemplo, pp. 158-161). Numa obra tão rica de referências como é a *Eneida*, e particularmente o livro oitavo, os AA. guiam o leitor não apenas no âmbito das fontes vergilianas, mas também no imenso mundo de bibliografia secundária que se foi produzindo ao longo, sobretudo, dos séculos XX e XXI, fornecendo os principais títulos para episódios-chave, como o da batalha entre Hércules e Caco, ou a écfrase do escudo de Eneias.

A secção da bibliografia é extensa e actualizada, percorrendo ao longo de vinte e sete páginas (pp. 751-778) o que de principal sobre Vergílio, a *Eneida*, e o livro 8 em particular se escreveu. O *Index Nominum* ocupa as pp. 779-801.

Por último, resta-nos esperar que, numa altura em que há cada vez mais meios que ajudam a desenvolver este tipo de trabalho, tanto os AA. quanto a editora Brill continuem a tarefa hercúlea de produzir e editar comentários para os restantes livros da *Eneida*.

GABRIEL A. F. SILVA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

gabriel@campus.ul.pt

OVÍDIO, *Heróides*. Tradução, introdução e notas de Carlos Ascenso André, Lisboa, Livros Cotovia, 2016. 198 pp. ISBN 978-972-795-370-7

Sob a chancela dos Livros Cotovia, editora que, desde os inícios do século XXI, mais sistematicamente publicou traduções de textos greco-latinos, surge esta tradução das *Heróides*, cuja autoria é de Carlos Ascenso André, Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Letras de Coimbra. Com este trabalho, o A. oferece ao público generalista o texto que faltava da poesia erótica de Ovídio (deste poeta traduziu também os *Amores*, a *Arte de Amar* e os *Remédios Contra o Amor*).

A Introdução (pp. 9-47) centra-se sobretudo no tema da originalidade desta obra, salientando o A. o jogo constante que Ovídio cria e que pratica com o seu leitor; nomeadamente a questão de a quem se destinam as cartas e a questão de quem é o real destinatário de cada epístola. Sumarizando, refere o A., “há um eu que fala (que só aparentemente escreve), há uma mão que escreve e cujo eu se esconde, há um tu do lado de lá da carta, mas que nunca a receberá, e há alguém que há-de ler a carta, mas que nunca chega a ser ‘tu’” (p. 10). Na p. 11, é elaborado um sumário do papel dado à mulher na poesia erótica de Ovídio. Nas pp. 13-43, apresenta-se um breve resumo do conteúdo e das principais ideias de cada uma das vinte e uma cartas. O A. elabora, por fim, uma biografia de Ovídio e oferece uma breve lista bibliográfica relacionada com as *Heróides* e com a poesia erótica de Ovídio em geral (pp. 43-47).

A tradução das vinte e uma cartas (pp. 51-186) encontra-se feita em verso e mantém a mancha gráfica tradicional do dístico elegíaco. Como o A. indica (p. 43), optou-se por não assinalar os passos de natureza duvidosa. A tradução é feita com elegância e tenta sempre manter o estilo ovidiano, com os jogos de palavras que lhe são característicos, num notório exemplo de um trabalho de elevada qualidade. As notas à tradução encontram-se isoladas no final do volume (pp. 189-198), tornando menos prática a sua consulta, causando interrupções constantes à leitura.

Não obstante este último detalhe, é de louvar o surgimento desta tradução, sem dúvida útil a todos aqueles que estudam ou apreciam a literatura latina e o génio poético de Ovídio.

GABRIEL A. F. SILVA  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
gabriels@campus.ul.pt

LUCANO, *A Guerra Civil (Farsália)*. Tradução de Luís Manuel Gaspar Cerqueira (coord.), Gabriel Alexandre Fernandes da Silva, Lucinda Maria da Silva Cavaco, Maria Judite Fontinha Rodrigues Quintelas, Maria Luísa de Oliveira Resende, Lisboa, Relógio D'Água, 2020. 313 pp. ISBN 978-989-641-715-4

Mil novecentos e cinquenta e cinco anos depois da morte do seu autor, sai pela primeira vez em língua portuguesa uma tradução integral e anotada da *Farsália*. Com efeito, e apesar de Lucano ser um poeta muito citado na nossa literatura (inclusive por Zurara na *Crónica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, e tendo n'Os *Lusíadas* um poderoso testemunho de recepção), a sua obra épica apenas tinha sido objecto de tradução muito parcial por alguns poetas de mérito, como Filinto Elísio e Bocage, datando de 1864 a tradução porventura mais recente publicada em Portugal, por José Feliciano de Castilho (nas páginas do *Arquivo Pitoresco*, apenas o livro VII, existindo outros); a Universidade de Campinas, no Brasil, publicou o primeiro volume da tradução (em verso) de Brunno Vieira em 2011. Este estado de coisas não coincide, todavia, com a circulação que a obra de Lucano teve outrora no nosso país. Da *Farsália* existem na Biblioteca Nacional de Portugal um incunábulo de 1486 e mais de vinte edições sucessivas do século XVI (entre 1505 e 1578), sendo de assinalar também a presença, nesse fundo bibliográfico, de uma tradução castelhana de 1541. No entanto, a obra parece nunca ter sido impressa por prelos portugueses, havendo dos séculos seguintes muito menos exemplares – e nenhum dos séculos XVIII e XIX (estes dados objectivos poderiam ser justificados por muitas informações sobre o contexto cultural português e a degradação educativa nacional).

Esta tradução, coordenada por Luís Manuel Gaspar Cerqueira (premiado tradutor de Boécio, igualmente responsável pela tradução de Lucrécio, entre outros) é publicada por uma editora que, mau grado a qualidade geral do catálogo (dedicado especialmente à literatura e ensaio filosófico), não tem tradição de editar clássicos greco-latinos. Com efeito, a Relógio D'Água apenas tinha publicado um volume que junta a *Carta sobre a Felicidade*, de Epicuro, com o *Da Vida Feliz*, de Séneca (1994), uma tradução (original de 1971, a partir do francês) dos *Pensamentos* de Marco Aurélio (1995) e, em 1999, o *Protágoras*, de Platão, a *Vida de Sólon*, de Plutarco, *Os Caracteres*, de Teofrasto. No século presente, republicou-se a tradução d'O *Banquete*, de Platão (2018, revisão da que a tradutora publicou na Verbo em 1973) e, em edição bilingue, a mencionada *Da Natureza das Coisas*, de Lucrécio (2015). Refiram-se, ainda, os volumes *Poemas de Amor: Antologia Poética Latina* (2009) e *O Livro de Cozinha de Apício* (2015). Esta escassez editorial pode ajudar a explicar que o livro não respeite princípios elementares da publicação de textos clássicos,



mesmo em tradução: o volume não tem índices e as notas estão no fim de cada canto, mas, como o livro não tem cabeças, é mais difícil encontrá-las, obrigando a paragens mais demoradas na leitura. A introdução, no entanto, responde aos tópicos essenciais neste tipo de publicações: vida do autor, panorama da sua vida literária, a obra e alguns dos temas para os quais o leitor deve estar desperto. Nesta introdução, é de referir que se creditam as traduções realizadas anteriormente (o que raramente acontece na publicação de traduções portuguesas). As notas que enriquecem o texto, podendo ser excesso para leitores com alguns conhecimentos de história de Roma, têm um papel auxiliar de grande importância para quem deles carece.

Quanto ao texto, é preciso reconhecer que estamos diante de um trabalho notável, merecendo a mais alta estima pela qualidade da tradução proposta, em verso livre heterométrico, respeitando, na medida do possível, a numeração original de versos; por exemplo: *Quis iustius induit arma / Scire nefas, magno se iudice quisque tuetur: / Victrix causa deis placuit, sed victa Catoni* (1.126-128) surge como “Quem mais justamente envergou as armas, / não é possível saber, cada um defende-se com um grande juiz: / aos deuses agradou a causa vencedora, mas a Catão agradou a vencida”; *Coniunx / Est mihi, sunt nati: dedimus tot pignora fati* (7.661-662) é traduzido como “Eu tenho uma esposa e tenho filhos; demos outras tantas oferendas aos fados”; *Iupiter est quodcumque vides, quocumque moveris* (9.580) torna-se “Júpiter é tudo o que se vê, tudo o que nos move”; leiam-se ainda os versos que, segundo Tácito (*Ann.* 15.56.4), Lucano recitou no momento da morte: *utque solet pariter totis se fundere signis / Corycii pressura croci, sic omnia membra / emisere simul rutilum pro sanguine virus. / sanguis erant lacrimae; quaecumque foramina novit / umor, ab his largus manat cruor; ora redundant / et patulae nares; sudor rubet; omnia plenis / membra fluunt venis; totum est pro vulnere corpus* (9.808-14), traduzidos com a expressividade de “tal como costuma brotar de todas as estátuas ao mesmo tempo / o borriço de açafraão de Corcira, assim também / todos os seus membros soltam, ao mesmo tempo, / em vez de sangue, rútilo veneno: / As lágrimas eram sangue, de todos os orifícios / que os humores conhecem mana sangue em abundância, / a boca, as narinas dilatadas escorrem sangue. / O suor soma a cor vermelha, todos os membros fluem, com as veias cheias, todo o seu corpo é uma ferida”. É assim que, depois de apagado da memória editorial portuguesa desde o século XIX, Lucano e as suas cores de sangue chegam aos nossos dias.

RICARDO NOBRE

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

rnobre@letras.ulisboa.pt

MARCIAL, *Epigramas*. Edición de Rosario Moreno Soldevila y Alberto Marina Castillo. Madrid, Akal, 2019. 655 pp. ISBN 978-84-460-4700-1

A presente edição dos *Epigramas* de Marcial não podia contar com uma escolha mais acertada dos estudiosos que a levaram a cabo: Rosario Moreno Soldevila e Alberto Marina Castillo, ambos professores da Universidade Pablo de Olavide, em Sevilha. A primeira é autora de numerosos estudos de Literatura Latina e sua recepção, com especial relevo para os estudos sobre Marcial. Sem poder citar a importante bibliografia que lhe devemos, refira-se tão-só o comentário do Livro IV dos *Epigramas* (Brill, 2006). O segundo escolheu o reflexo do submundo da sociedade romana na poesia de Marcial como tema da sua tese de doutoramento. Ambos são (com Juan Fernández Valverde) co-autores do recente *A prosopography to Martial's Epigrams* (De Gruyter, 2019).

A editora Akal, por seu turno, com a colecção “Clásicos Latinos”, já habituou a comunidade académica a publicações que, primando pelo rigor científico, encontram o ponto adequado da divulgação do conhecimento e dos textos junto de um público mais

alargado. Tais circunstâncias, a dos bons editores-tradutores e a de uma colecção de relevo no panorama dos estudos clássicos, levam-nos a, recorrendo a uma proverbial imagem cara a Marcial, poder assinalar *albo lapillo* o momento em que compulsamos esta nova tradução.

A estrutura da edição apresenta uma Introdução, a tradução (profusamente anotada) dos quinze livros de epigramas, um glossário de termos latinos e gregos e um índice de personagens. A Introdução (pp. 9-66) é exemplar no equilíbrio entre apresentação da obra e seu enquadramento, bem como na avaliação do papel de Marcial na literatura latina e no estabelecimento dos traços definidores do género epigramático, brevemente entrevisto na diacronia do seu desenvolvimento. Em estilo claro e directo, abordam-se questões como as bases da singularidade do poeta, o modo como a sua obra permite a reconstituição da sua vida, e com que limites há que fazê-lo, as marcas de cronologia e o reflexo de acontecimentos históricos e sociopolíticos, a *uexata quaestio* da adulação vs. admiração efectiva. Também se desperta a atenção do leitor para os temas e personagens dos epigramas, para o pendor metaliterário e de autoficção desta poesia, e abre-se margem para a correcta fruição da arquitectura de cada livro, na disposição das composições, na presença de ciclos em torno de personagens ou de temas, na forma e estrutura de cada epigrama, na originalidade de recursos estilísticos, na variedade de metros e extensão dos poemas. A referência à fortuna de Marcial, nos seus múltiplos imitadores e alguns detractores, nas operações de transmissão, incluindo selecção, censura ou adulteração do texto, com fins moralizantes, permite ao leitor uma primeira abordagem que valerá a pena aprofundar. Por fim, a Introdução esclarece sobre questões metodológicas, como a edição de texto usado para a tradução (D. R. Shackleton Bailey, Teubner; Loeb, pontualmente modificado), a bibliografia (pp. 59-66: apenas a referida nas notas e na introdução), e as opções de tradução. Em palavras dos editores, sobre o texto que nos apresentam, e que saudamos na sua correcção e elegância: “no hemos querido interponernos demasiado entre el autor y su público, más allá de nuestro papel de mediadores entre lenguas y épocas” (p. 56). Essa preocupação leva, também, a que haja uma única nota no final de cada epigrama (e tão-só dos que necessitam ou sugerem algum comentário ou esclarecimento pertinente). Optam os editores por uma tradução que não é nem rítmica, nem poética, apenas respeitando, nos limites do possível, a tradução de um verso em cada linha, em busca da contenção do original, sem cedência a eventuais perífrases. Embora a tradução tenha sido partilhada entre os dois estudiosos (A. Marina Castillo: *Liber Spectaculorum*, livros 1-3; 6-8; R. Moreno Soldevila: livros 4-5; 9-14), bem como as respectivas notas, é notável a harmonia do conjunto e a uniformidade dos critérios.

A natureza e a variedade temática das notas merecem uma apreciação mais de pormenor, pela riqueza e exemplaridade que representam. Algumas lêem-se como pequenos apontamentos de cultura clássica, compostas em modo tão elaborado quanto sintético, que as aproxima de entrada de um dicionário enciclopédico. Explicação de significados específicos de vocábulos ou de conceitos e termos literários; descodificação de epítetos de divindades ou de episódios míticos; etimologia ou ressonâncias significantes de nomes próprios que revelam as personagens a outra luz; chamada de atenção para jogos de palavras e duplos sentidos; esclarecimentos sobre usos, costumes, leis, funcionamento de instituições, cerimónias e festas, civis e religiosas; aspectos do quotidiano como mobiliário, peças de vestuário, alimentos, objectos de culto; apontamentos prosopográficos que permitem conhecer a rede de personagens reais com presença ou alusão nos epigramas; identificação de topónimos; remissão para interpretações de outros estudiosos que divergem ou abonam a análise sugerida; apelo a outros autores clássicos que confirmam ou infirmam o que se colhe em Marcial... Todas as notas se articulam num magistral labor que conduz ao amplo entendimento e fruição dos *Epigramas* de Marcial, quer na sua superior dimensão literária, quer no seu valor como documento de uma época e da cultura e civilização romanas do século I da nossa era.

MARIA CRISTINA PIMENTEL

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

mpimentel1@campus.ul.pt

J. C. MARTÍN-IGLESIAS (ed.), *Bachiarii opera omnia: De fide necnon Epistula ad Ianuarium, quibus accedunt Epistolae II quae eidem adtributae sunt*, Turnhout, Brepols Publishers, 2019 (*Corpus Christianorum Series Latina*, 69C). CXC + 140 pp. ISBN 978-2-503-58538-3

Baquiário é um daqueles autores da Antiguidade Tardia sobre os quais recaem mais dúvidas do que certezas. A única informação de que dispomos é a brevíssima notícia no *De scriptoribus ecclesiasticis* de Genádio de Marselha, texto que prolonga o *De uiris illustribus* de Jerónimo. Pela colocação da notícia na sequência de biografias, deduz-se que terá estado activo por volta do ano 400. A única obra que Genádio admite ter conhecido é o *De fide*, que a tradição manuscrita nos legou. Sobre a origem do autor, pouco se sabe. Por se ter apontado, por vezes, tons de polémica anti-priscilianista nas suas obras, tem sido visto como um autor hispano. Mas nem uma alegada participação do autor no debate priscilianista nem uma procedência hispânica são dados seguros.

A presente edição é um passo decisivo para reabrir este dossier. Começa com uma introdução histórica de Roger Collins. Collins reanalisa o pouco que se sabe sobre o autor e traça uma luminosa história do estudo de Baquiário, desde os estudiosos britânicos dos séculos XVI-XIX, que o identificavam com um certo Macceus, fazendo-o remontar, por conseguinte, a território irlandês ou britânico, até à sua vinculação com a Hispânia, desde logo na edição de Francesco Florio, publicada em 1748, que sugeria que o autor fosse hispânico e natural da Galiza. Collins conclui com o pouco que se sabe: não está provada uma origem hispânica do autor; se bem que não possa ser afastada; o *De fide* pode recair sobre os debates teológicos dos primeiros decénios do século V; não se sabe se Baquiário é o autor da *Epistula ad Ianuarium*, e muito menos das duas epístolas a ele atribuídas por Germain Morin.

O estudo filológico e a edição dos textos são da autoria de José Carlos Martín-Iglesias. É um contributo imprescindível, pois não dispúnhamos até agora de nenhuma edição crítica e credível de qualquer dos textos aqui editados. O *De fide* (CPL 568), que tem uma tradição manuscrita relevante – desde logo um testemunho completo do século VII, Milão, Biblioteca Ambrosiana, O 212 sup., de São Columbano de Bobbio, onde a obra se encontra no seio de uma compilação de textos recaindo, de algum modo, sobre o credo, começando pelo *Liber ecclesiasticorum dogmatum* de Genádio de Marselha, compilação provavelmente originária do sul da Gália – apenas podia ser lido na edição de Ludovico Muratori de 1698 (transcrevendo o manuscrito de Bobbio) ou na de Francesco Florio de 1748, que é a base da edição de Galland de 1773, sendo esta, por sua vez, a fonte da *Patrologia Latina* de Jean-Paul Migne, em volume de 1845. A *Epistula ad Ianuarium* (CPL 569), que oferece uma tradição manuscrita abundante, entre os quais se contam Città del Vaticano, Vat. lat. 3834, s. IX  $\frac{3}{4}$ , e München, BSB, Clm, 14714, s. X, de St. Emmeram, lia-se na *Patrologia Latina* de Migne, em volume de 1845, que teve como fonte a edição de Galland de 1773, que, por sua vez, reproduzia a edição de Florio, baseada num único manuscrito do século XV, além da edição oferecida no volume 15 da *España Sagrada* de Enrique Flórez, de 1759, também ela derivada da de Florio. Finalmente, vêm as duas epístolas (CPL 570) atribuídas a Baquiário por Germain Morin (*Revue Bénédictine*, 1928). Encontram-se num único manuscrito, tanto quanto hoje se sabe, Sankt Gallen, Stiftsbibliothek, 109, de finais do século VIII ou inícios do século IX. Esta atribuição está longe de ser segura. A primeira epístola está claramente escrita na primeira pessoa por uma voz feminina. Naturalmente, poder-se-ia admitir que poderia ter sido Baquiário escrevendo em nome de uma mulher, à imagem do que ocasionalmente Jerónimo fez. Sobre esta matéria, José Carlos Martín-Iglesias, sem rejeitar a autoria proposta, adopta uma posição prudente. Na sua opinião (p. 155\*), sustentada por uma análise filológica, as duas epístolas são de um mesmo autor activo na Hispânia (preferível a colocá-lo na Aquitânia), ligado a círculos priscilianistas pelos finais do século IV, alguém com profundos conhecimentos bíblicos e dotado de capacidades aprofundadas de exegese. Conclui, pois, que

a atribuição das duas epístolas a Baquiário resulta verosímil em razão da semelhança de estilo, sem que possa haver certezas com os dados disponíveis.

A introdução a cada texto é minuciosa na análise das fontes e contém relevante estudo dos testemunhos da tradição indirecta. São um contributo da maior importância para o conhecimento sólido dos textos. A apresentação dos manuscritos é extremamente sumária, desenvolvendo o editor o estudo das variantes e a sustentação da sua proposta de *stemma codicum*. A edição de cada texto é exemplar.

Como diz José Carlos Martín no prefácio, o presente volume é um novo ponto de partida. É, além do mais, uma singular e exemplar conjugação do melhor saber filológico e do melhor saber de análise histórica. Proporcionando uma sólida edição dos textos e estudo filológico e histórico, é um instrumento imprescindível para o avanço da investigação sobre este esquivo autor da Antiguidade Tardia.

P. F. ALBERTO

Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
palberto@campus.ul.pt

PSEUDO-SEXTO PLÁCIDO, *Liber medicine ex quadrupedibus. Magos y doctores. La medicina en la Alta Edad Media*. Edición, traducción y estudio de José C. Santos Paz, Firenze, Edizioni del Galuzzo, 2018. CXX+100 pp. ISBN 978-88-8450-878-2

Este livro dado à estampa por José C. Santos Paz, professor da Universidade de A Coruña, é, como indica o A., “resultado de mi participación en varios proyectos de investigación dedicados al estudio y edición de textos médicos latinos del período presalernitano” (p. v). Encontra-se dividido em introdução (pp. ix-cxx), edição crítica e tradução do *Liber medicine ex quadrupedibus* (pp. 4-53) e comentário filológico (pp. 55-82).

A completa introdução, que ocupa cerca de metade da extensão total do livro, centra-se em aspectos essenciais para a sua compreensão. Começa o A. por dar uma data aproximada da composição do *Liber medicine ex animalibus* atribuído a Sexto Plácido, localizando-o no século V d.C., e por fazer uma apresentação geral do seu conteúdo: “un recetario ilustrado cuya materia medica está constituida por sustancias animales (procedentes de cuadrúpedos y aves) y también humanas” (p. ix). Uma obra deste cariz vem no seguimento de outros textos médicos já da Antiguidade, como é o caso do trabalho enciclopédico de Plínio; este texto, porém, é um dos poucos que se destaca pelos receituários dedicados exclusivamente a animais. Pela natureza do conteúdo, o A. salienta o carácter vivo do texto, que foi sendo sucessivamente actualizado ou reescrito consoante o avançar do tempo e o público a que se destinava.

Como se refere, no entanto, na p. xi, esta edição agora publicada consiste numa re-laboração parcial de doze capítulos do *Liber medicine ex animalibus* dedicados a animais quadrúpedes. Assim, o título *Liber medicine ex quadrupedibus* é, segundo o A., uma possibilidade para o distinguir do texto de Sexto Plácido, mostrando, todavia, a sua origem, e propõe a identificação do autor como Pseudo-Sexto Plácido. As pp. xvii-xx centram-se na localização geográfica da composição do texto, destacando-se o norte de Itália e a Alemanha como locais de produção, e nas questões de língua e estilo, em que o A. identifica características do latim tardio e a natureza formulaica das receitas, apresentando sempre uma estrutura semelhante. O estudo e descrição dos principais manuscritos do *Liber medicine ex quadrupedibus* ocupa as pp. xx-xxviii, dando-se destaque à edição de Gabriel Hummelberg. Ao debruçar-se sobre a tradição indirecta de Ps.-Sexto Plácido (pp. xxxi-lxi), o A. reconhece que esta não foi tão importante quanto a de Sexto Plácido, contudo frisa também que “el estudio de la recepción de Sexto Plácido o de cualquier autor médico antiguo o tardoantiguo en los recetarios medievales es un capítulo abierto,

que habrá de ser completado a medida que se vayan conociendo nuevos testimonios" (p. xxxi). A presença do *Liber medicine ex quadrupedibus* é estudada num significativo conjunto de testemunhos, como, por exemplo, o tratado ginecológico *Liber de causis feminarum* ou *De feraminibus et apibus medicina*. O estudo das fontes, tratadas nas pp. LXII-LXXIX, centra-se, embora não somente, na relação entre o *Liber medicine ex quadrupedibus* e o *Liber medicine ex animalibus* como sua principal fonte; assim como na influência de *Cyranides*. Após tratar a organização dos capítulos e das receitas (pp. LXXIX-LXXXVII), o final da introdução é dedicado ao *stemma codicum* do *Liber medicine* (pp. LXXXVII-CIX) e à história do texto até ao começo da época moderna. Antes do texto latino e da respectiva tradução, o A. oferece um extenso elenco bibliográfico (pp. CXI-CXX), desde manuscritos até bibliografia secundária sobre o texto de Ps.-Sexto Plácido, medicina antiga, entre outros.

As pp. 4-53 possuem a edição latina do *Liber medicine ex quadrupedibus* e a sua tradução, juntamente com o aparato crítico. Dedico apenas uma breve palavra à tradução: feita num estilo claro e corrente, respeita o estilo formular das receitas e torna acessível, em língua moderna, o texto de Ps.-Sexto Plácido.

O comentário filológico (pp. 55-82) encontra-se elaborado ao estilo de notas que pretendem clarificar ou explicar diversos problemas levantados pelo texto, sobretudo no que diz respeito a questões de crítica textual e conflitos de lições, onde o A. justifica as decisões tomadas na edição crítica que agora publica.

A encerrar o livro, um completo índice de palavras gregas e latinas é apresentado nas pp. 85-93; nas pp. 95-98 oferece-se um índice de autores e obras.

A obra que agora se recenseia vem dar um contributo de grande valor aos estudos sobre medicina, tanto na Antiguidade quanto na Idade Média. Além do valor da introdução, ao publicar em língua moderna uma edição e tradução do *Liber medicine ex quadrupedibus*, José C. Santos Paz torna o texto disponível não apenas para filólogos, mas também para todos aqueles que, por profissão ou curiosidade, tenham interesse no tema.

GABRIEL A. F. SILVA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

gabriels@campus.ul.pt

RABANO MAURO, *Expositio Hieremiae prophetae. Libri XVIII-XX. Lamentationes*.

Edizione critica a cura di Roberto Gamberini, Firenze, SISMEL – Edizioni del Galluzzo, 2017 (*Millennio Medievale*, 113; *Testi*, 28). CXIV + 270 pp. ISBN 978-88-8450-791-4

O presente volume oferece a primeira edição crítica, baseada em rigoroso estudo da tradição manuscrita, do comentário de Rabano Mauro às *Lamentações*, que constituiu os livros XVIII-XX da sua *Expositio* ao profeta Jeremias. É um comentário específico e sistemático, redigido em período particularmente difícil no mundo carolíngio, que abarca a morte de Luís o Piedoso, em 840, e a subsequente guerra fratricida entre os seus filhos, que motiva o exílio de Lotário, o possível dedicatário da obra. Situa-se também numa fase difícil da vida do seu autor: em 842, Rabano abandona o mosteiro de Fulda que dirigiu durante vinte anos e retira-se para Petersburgo como simples monge. É neste contexto que este comentário bíblico adquire uma tríplice leitura: a dimensão teológica, a perspectiva política, a dimensão pessoal.

O texto circulou em duas redacções principais: a forma longa, transmitida sempre como parte integrante do Comentário a Jeremias de Rabano Mauro, constituindo os seus três últimos livros; e uma versão breve, a *Expositio in Lamentationibus Hieremiae prophetae*, que alcançou uma enorme difusão, atribuída na maioria dos casos a Jerónimo,

noutros casos a Beda, e noutros circulando anónima. A relação entre as duas redacções é tratada na “Introduzione”. A conclusão de Roberto Gamberini é que a redacção longa é a versão original, e a redacção breve é uma redução do primeiro texto elaborada por um abreviador anónimo. A tradição indirecta e reelaborações posteriores da *Expositio* são analisadas nas páginas seguintes, incidindo a atenção nos trabalhos de Otrifredo de Weissenburg, Pascásio Radberto, Gilberto Universal, o comentário anónimo *Stegmüller* 9932.

A apresentação dos manuscritos, primeiro os da forma original, depois os da *Expositio*, é clara e circunstanciada. O estudo das variantes leva o autor a um *stemma codicum* bem sustentado. A edição dos dois textos é criteriosa e exemplar e vem colmatar uma lacuna importante. Para a versão original apenas dispúnhamos da edição de Jean-Paul Migne na *Patrologia Latina*, que se baseia na de Heinrich Petri de 1534, a que se juntam leituras da de Georges Colvener, de 1626, tomo IV. A *Expositio* circulou entre as obras de Jerónimo e tão-pouco se podia ler numa edição crítica e credível.

O trabalho de Roberto Gamberini é assim um contributo fundamental para o estudo dos comentários bíblicos do período carolíngio.

P. F. ALBERTO

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

palberto@campus.ul.pt

F. PELOUX (ed.), *Le légendier de Moissac et la culture hagiographique méridionale autour de l'an mil*, Turnhout, Brepols Publishers, 2018 (*Hagiologia*, HAG 15). 580 pp. ISBN 978-2-503-58174-3

El presente volumen es una obra notable, no sólo por el acervo de información que aporta, sino también por el modelo de análisis que proporciona. El objetivo es el de estudiar un legendario específico, tanto su unidad y propósito como su complejidad de conjunto de textos cada uno con vida propia. Para tal, se reunió un grupo de especialistas bajo la dirección de Fernand Peloux y examinó este testimonio desde los más diversos ángulos. Se trata del pasionario de la abadía de San Pedro de Moissac, de inicios del siglo XI, hoy Paris, BNF, Ms. Lat. 5304 (1ª parte) y Lat. 17002 (2ª parte). La compilación hagiográfica, organizada *per circulum anni*, está compuesta por unos 150 textos.

Tras una introducción sobre la abadía de Moissac en el periodo pertinente, de la autoría de Didier Panfili, “En guise d’introduction. Autour du légendier de Moissac. Temporel, *memoria* et cartularisation à Moissac (IX<sup>e</sup>-milieu XII<sup>e</sup> siècle)”, el libro se articula en cinco secciones. La primera incide sobre el pasionario como objeto material así como sobre su contenido. Charlotte Denoël se encarga del estudio y descripción codicológica (“Paris, BnF, lat. 17002 [*Vitae sanctorum*, pars II] et Paris, BnF, lat. 5304, fol. 1-60 [*Vitae sanctorum*, pars I]”); la decoración es estudiada por Chantal Fraïsse, quien considera que revela trazos semejantes a la práctica de Saint-Martial de Limoges (“Le décor du légendier de Moissac”); Fernand Peloux analiza y describe su contenido (“Le manuscrit vu de l’intérieur”), mientras Gisèle Clement estudia las adiciones musicales en anotación neumática aquitana fechables de inicios del siglo XI (“Les additions musicales du légendier de Moissac”). De mucho interés es el estudio de Fernand Peloux “Le légendier de Moissac et le Passionnaire hispanique”. Este aborda un aspecto que subyace a la operación de compilación de textos: el uso de una colección de una veintena de textos de origen hispánico que habrá circulado en el sur de la Galia antes de inicios del siglo IX y que estará también en la base el martirologio de Lyon compuesto antes del 806. Cuestiones referentes a la lengua son abordadas por Monique Goulet (“Sur la langue de quelques textes du légendier de Moissac”), que identifica diversas características lingüísticas que remiten a la época merovingia, y por Michel Banniard (“Les copistes, entre latin méro-



vingien, latin postcarolingien et occitan médiéval”), que llama la atención sobre el bilingüismo (occitano y latín) que se observa en la época de producción del legendario.

En la segunda sección se tratan tres legendarios que presentan similitudes con el de Moissac. François Dolbeau estudia una lista de vidas y pasiones que se encuentra hoy en un folio de guardia de un manuscrito carolingio (Città del Vaticano, Pal. lat. 153), lista que refleja el contenido de un legendario perdido con trazos semejantes al legendario aquí tratado (“Un légendier perdu, de type aquitain”). Hiromi Haruna-Czaplicki analiza dos legendarios del siglo XIV, copiados probablemente en Toulouse, que presentan semejanzas con el de Moissac: Toulouse, BM 477-478-479 e Paris, BnF, lat. 5306-3809A (“Histoire et décoration de deux légendiers toulousains apparentés au légendier de Moissac”). El primer legendario mencionado (Toulouse 477-478-479) es analizado de nuevo, esta vez por Agnès Dubreil-Arcin, que estudia la relación de su contenido con el legendario de Moissac (“Une collection hagiographique dominicaine apparentée au légendier de Moissac: les mss. 477, 478 et 479 de la Bibliothèque municipale de Toulouse”).

Las dos secciones siguientes tratan pormenorizadamente algunas de las vidas y pasiones de esta compilación. Anne-Véronique Gilles-Raynal aborda los textos dedicados a San Saturnino (“Le dossier de saint Saturnin de Toulouse dans le légendier de Moissac: aux origines du dossier légendaire ?”). Christophe Baillet presenta un estudio exhaustivo sobre la presencia de tres santos de la región de la Gascuña en el legendario: San Caprasio de Agen (BHL 1558 y 2931), San Licerio (BHL 4916) y el diácono Maurino (BHL 5734) (“Les saints de Gascogne dans le légendier de l’abbaye de Moissac”). Christelle Jullien analiza la pasión de Vammes de Persia (BHL 8499) (“Vammes, un martyr perse retrouvé”) y Sabine Fialon la tradición de mártires y santos africanos, en particular la *Pasión de Santa Marciana* (BHL 5256) (“De Césarée de Maurétanie à Albi. La transmission des passions africaines dans le légendier de Moissac”); Charles Mériaux estudia los santos de la Galia central y septentrional en el legendario, que son veinticinco, particularmente un núcleo de cinco santos de la diócesis de Autun: Sinforiano (BHL 7969); Andoquio, Tirso y Félix (BHL 426), Regina (BHL 7092); Leodegario (BHL 4850), Eptadio (BHL 2576) (“Les saints de Gaule du Nord et de Bourgogne dans le légendier de Moissac”).

El volumen concluye con un interesante trabajo de Fernand Peloux sobre la vida del legendario en el contexto clunisiano que el monasterio vivió a partir de 1048 (“Le légendier de Moissac à l’époque clunisienne”) y, del mismo autor con Taichiro Sugizaki, un estudio del culto de santos y reliquias en la abadía de Moissac, con la edición comentada de una lista de reliquias del siglo XII copiada en el siglo XIV, que enumera al menos 140 santos, y de un inventario del tesoro de la abadía de 1568 (“Notes sur le culte des saints et des reliques à Moissac [XI<sup>e</sup>-XVI<sup>e</sup> siècle]”).

Como decíamos al inicio, este volumen, dirigido por Fernand Peloux, es un caso ejemplar de cómo estudiar un pasionario, legendario o cualquier otro tipo de colección hagiográfica. Dado que es un objeto elaborado en un determinado momento o en varios momentos (lo que ya de por sí demanda de diversas especialidades para un análisis completo), está constituido siempre por un conjunto de piezas que tienen cada una su propio trayecto y pasado y a las que es importante estudiar y conocer. En este sentido, el legendario de Moissac es particularmente rico, pues agrupa textos de diversos orígenes y tradiciones hagiográficas sobre santos y mártires originarios de la Galia del Norte, de Oriente, de África y de Hispania, tal como varios de los trabajos aquí publicados señalan. De particular interés es su relación con modelos de ambientes hispánicos, remontando a círculos visigóticos del siglo VIII, como Fernand Peloux bien analiza. Y no es apenas el acervo de pasiones de santos hispanos que habrá circulado en la Borgoña y en el sur de Francia: varios textos del pasionario de Moissac referentes, por ejemplo, a santos orientales de fuerte culto en Italia, como Adrián y Natalia de Nicomedia y Cristina de Tiro, pertenecen a las mismas tradiciones textuales a las que pertenecen los pasionarios hispánicos de los siglos X y XI del sur de Burgos, reforzando así las fuertes interacciones e influencias mutuas entre la Borgoña, el sur de Francia e Hispania.

Este libro es, por ello, crucial para conocer el ambiente hagiográfico del suroeste de Francia en el paso del siglo X al XI, y un viaje fascinante por un mundo cultural e intelectual visto a partir de su cultura hagiográfica.

P. F. ALBERTO

Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
palberto@campus.ul.pt

GILLES DE CORBEIL, *Liber de uirtutibus et laudibus compositorum medicaminum*. Edição e comentário de Mireille Ausécache, Firenze, SISMEL – Edizioni del Galluzzo, 2017 (*Edizione Nazionale “La Scuola Medica Salernitana”*, 8). 523 pp. ISBN 978-88-8450-765-5

A presente edição é resultado da tese de doutoramento de Mireille Ausécache (2003, École Pratique des Hautes Études, Paris), que se dedica ao estudo da história da poesia médica medieval, em específico aos autores da Escola de Salerno, de que Gilles de Corbeil faz parte. Ausécache tem-se também dedicado ao estudo de manuscritos desta área.

O *Liber de uirtutibus et laudibus compositorum medicaminum* é um comentário sobre oitenta e um medicamentos compostos, apresentados por ordem alfabética e divididos em quatro livros, o primeiro com dois prólogos (um em prosa, outro em verso), os restantes três com um prólogo em verso e o livro IV com um epílogo, intitulado *prologus finalis*. Segundo a editora, a obra foi composta por Gilles de Corbeil no século XII, com a finalidade de instruir jovens aprendizes na área da Medicina. Tinha, então, um objectivo pedagógico, que consistia na transmissão de conhecimentos já existentes, razão pela qual o autor não teve grande interesse em que a obra fosse inovadora. Considerado uma síntese das teorias da Escola de Salerno, o *Liber de uirtutibus et laudibus compositorum medicaminum* é, por isso, um tratado de relevo no estudo da história da Medicina Antiga.

A Gilles de Corbeil são atribuídos mais três tratados médicos e uma sátira sobre os abusos do clero. A presente obra é a mais extensa (4663 versos) e distingue-se pela sua riqueza e complexidade, tanto no plano médico, quanto no plano literário. Muito provavelmente devido a essa complexidade, à prolixidade do discurso e às digressões por vezes bastante distantes do propósito inicial, a obra não teve uma ampla difusão, gorando os objectivos do autor. Por essa razão, só em 1721 o tratado foi editado por Polycarpe Leyser, e depois em 1826, por Ludwig Choulant. Existe uma tradução alemã a partir da edição de L. Choulant (*Die Medikamentenverse des Gilles de Corbeil*, 1972). A descoberta do único manuscrito do *De uirtutibus*, que parece ter sido utilizado nas edições anteriores, justificou a realização da presente edição, pois acrescenta informações novas ao texto. Porém, Ausécache não nos revela a data dessa descoberta. Diz-nos que este manuscrito, datado do século XIII e, por isso, cronologicamente próximo da obra, nos permite uma maior aproximação ao texto original de Gilles de Corbeil; aproximação visada também pelas escolhas editoriais de Ausécache, que decidiu transcrever as rubricas marginais da obra, inseridas aquando da sua composição e classificadas pela editora como importantes pontos de apoio ao texto.

A presente edição é composta por: índice inicial; preâmbulo; introdução, dividida em sete capítulos; o texto latino; secção de comentários; um índice de nomes próprios e adjectivos derivados; outro índice de doenças, e um terceiro de plantas medicinais mencionadas na obra. No preâmbulo, é brevemente justificada a pertinência desta nova edição, que irá ser aprofundada no sétimo capítulo da introdução. No primeiro capítulo introdutório, Ausécache apresenta e discute alguns elementos biográficos de Gilles de Corbeil; o segundo capítulo serve para situar a obra no contexto da Escola de Salerno, identificando os autores e as obras salernitanos que influenciaram Gilles de Corbeil;

o terceiro centra-se no conteúdo médico do tratado (divisão das doenças, conforme a parte do corpo que afectam); o quarto capítulo descreve a abordagem terapêutica do autor em relação à cura; o quinto capítulo é um comentário sobre a profissão de médico na época de Gilles de Corbeil; no sexto capítulo, são identificados os elementos literários da obra e outros autores anteriores que a influenciaram; o sétimo capítulo apresenta-nos um pouco da história do manuscrito utilizado, as edições já existentes e justifica algumas escolhas editoriais de Ausécache.

O texto latino é-nos apresentado com as rubricas marginais a itálico, com as variações textuais em aparato crítico e com a identificação de excertos das fontes salernitanas que serviram de base à composição deste tratado, sobretudo do *Liber Iste*, mas também do *Antidotarium Magnum*, do *Antidotarium Nicolai* e de autores clássicos, como Hipócrates, Ovídio e Séneca. São ainda identificados alguns escritores do cristianismo primitivo. A mancha gráfica do texto facilita a sua leitura. A secção de comentários é bastante completa e explicativa do conteúdo teórico e médico da obra, apresentando ainda outros excertos de fontes textuais de que o autor fez uso. Apresenta também variantes textuais da edição de Ludwig Choulant.

Esta edição é particularmente importante por ser produto da leitura, análise e transcrição do único manuscrito do *Liber de uirtutibus et laudibus compositorum medicaminum*. Alguns tópicos mencionados pela editora na introdução são um pouco repetitivos, nomeadamente o argumento de que a complexidade da obra foi um entrave à sua difusão. Algumas abreviaturas utilizadas no aparato crítico não são explicadas, o que pode gerar alguma confusão a leitores que não sejam especialistas em edição de manuscritos e transmissão de texto. À parte estes pequenos aspectos, nada temos a apontar a esta edição cujo conhecimento será proveitoso a leitores com conhecimentos de Latim, interessados em História da Medicina, na recepção de autores clássicos ou em estudos medievais.

JOANA FALCATO  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
joana.falcato@campus.ul.pt

PIETRO DA EBOLI, *De Euboicis aquis*. Edizione critica, traduzione e commento a cura di Teofilo De Angelis, Firenze, Edizioni del Galluzzo, 2018. 219 pp. ISBN 978-88-8450-825-6

Pietro da Eboli nasceu, como o próprio nome indica, em Eboli, uma pequena cidade a sul de Salerno, e morreu não depois de 1220, tendo vivido numa época em que os imperadores do Sacro Império Romano-Germânico estendiam o seu poder até à Península Itálica. A sua obra conhecida consta de um *Liber ad honorem Augusti*, um poema épico e histórico sobre a conquista do Reino da Sicília por Henrique VI Hohenstaufen entre 1190 e 1194, de um poema hoje perdido sobre os feitos de Frederico II, e de uma antologia de poemas em dísticos elegíacos nos quais se enaltecem as virtudes de alguns dos banhos, ou termas, do golfo de Pozzuoli, na baía de Nápoles.

O volume aqui recenseado possui uma introdução de noventa e uma páginas (que constitui um estudo pormenorizado sobre a obra editada), a que se segue uma extensa bibliografia de dezassete páginas, que inclui, em campos separados, as edições, as fontes antigas e medievais, e os estudos utilizados. Logo após, apresenta-se uma edição crítica do *De Euboicis aquis* (daqui por diante referido por *dEa*). Nas páginas pares figura o texto latino de cada poema autêntico (trinta e um no total: um prólogo, vinte e nove poemas dedicados a diferentes termas e uma dedicatória) precedido de um parágrafo introdutório e seguido pelo aparato crítico; nas ímpares, vem, não apenas a tradução e um mapa com a localização dos banhos tratados em cada poema, mas também o restante aparato

crítico que, por ser minucioso, excede o espaço que lhe é reservado nas páginas pares. No final, são apresentadas oitenta e quatro notas de comentário. O volume inclui ainda uma série de apêndices, onde se encontra: uma edição crítica, com tradução, dos seis poemas considerados espúrios por figurarem apenas em parte da tradição manuscrita do *dEa*; a edição, sem tradução, de mais sete poemas também considerados espúrios mas que só figuram no manuscrito F (localizado em Nova Iorque, na Biblioteca Morgan, vitrina 74) e que, em parte, são variações dos poemas espúrios apresentados na secção anterior; seis índices (de manuscritos, lugares, nomes, fontes, académicos e geral) e as oito gravuras transmitidas em alguns dos manuscritos. O volume inclui listas de abreviações, tanto no início da introdução, como no da edição crítica, e um mapa com a localização geral dos banhos tratados nos poemas, entre as páginas doze e treze.

O estudo inicial é exaustivo, claro e apresenta argumentos bem construídos, abordando os pontos essenciais esperados de uma edição de texto. Aí está incluída uma biografia de Pietro da Eboli que recorda os dados sobre o nascimento, morte, estado civil, e títulos do biografado. Depois, são brevemente descritas as obras do mesmo autor, cuja qualidade poética é realçada e comparada com as dos autores clássicos (sobretudo por análise estatística da métrica e da técnica de composição). Logo após está descrita a tradição literária e poética sobre banhos e termas. No ponto quarto da introdução, Teófilo De Angelis apresenta argumentos para situar a composição da obra entre os anos 1194 e 1197. O ponto quinto inclui várias secções, nas quais se discute a estrutura da obra, a identificação dos poemas autênticos e dos espúrios, o título (que, noutras edições é indicado como *De balneis Puteolanis* ou *De balneis Terre Laboris*) e o género literário a que pertence, que De Angelis resume como uma original combinação entre um tipo de literatura mais popular que se poderia chamar “balneoterapêutico” e uma tradição mais erudita, relacionável com a medicina versificada. O ponto seis, mais uma vez dividido em vários subpontos, abarca o estilo (métrica e prosódia) e as fontes literárias. No ponto sete, De Angelis aborda uma *uexata quaestio*, avançando argumentos para demonstrar que Pietro da Eboli possuía conhecimentos “pelo menos não banais” de medicina (p. 47). A restante parte da introdução tem contornos mais filológicos. Todos os vinte e oito manuscritos (treze dos quais com iluminuras) são descritos com bibliografia (ponto oitavo), as edições antigas, traduções e vulgarizações são elencadas (ponto nono), a *recensio* e o *stemma codicum* são explicados e os princípios eclóticos identificados (ponto décimo), os critérios ortográficos e de pontuação são exaustivamente expostos (ponto décimo primeiro; este ponto apresenta um subcapítulo sem que se siga nenhum outro).

Os méritos do volume são evidentes. Num tema intensamente estudado e investigado, De Angelis sabe retomar discussões anteriores, consegue elaborar uma visão pessoal que, por vezes, se afasta da tradição académica precedente, e reclama trazer novos conhecimentos a um tema já conhecido, o que concedemos sem hesitação. Por exemplo, na introdução, apresenta argumentos relevantes para sugerir um título alternativo para a obra (ponto 5.2); realça que é a primeira vez que se oferece um *apparatus fontium* em que se abarca uma tradição mais alargada do que a apontada até aqui (ponto 6.2); faz recuar a data de composição da obra cerca de quinze a vinte anos em relação às sugestões anteriores (ponto 4); apresenta uma reconstrução genética da tradição manuscrita baseada em argumentos textuais que difere substancialmente de praticamente todas as anteriores, sendo que já nestas havia discrepâncias enormes, tanto nas conclusões como nos métodos utilizados – que iam da comparação iconográfica à comparação codicológica, ou a uma mistura das duas (ponto 10).

Ainda assim, é legítimo lamentar a ausência de um capítulo dedicado às iluminuras que acompanham alguns dos manuscritos (seria, seguramente, apreciado poder ler alguma reflexão, pelo menos sobre as que são apresentadas no final da obra, tiradas do Ms. 1474 da Biblioteca Angelica, de Roma), e o leitor menos conhecedor sente a falta de um capítulo inicial que apresentasse o estado da questão e facilitasse a entrada no assunto.

Tudo considerado, é de louvar, tanto o trabalho de investigação, como o de desenvolvimento dos conteúdos; apesar da forma convencional, dá gosto ler o desenrolar do

argumento na introdução e apreciar a obra de Pietro da Eboli tal como apresentada nesta edição. Também é de elogiar a qualidade do volume (tipografia, encadernação, material, disposição gráfica); de resto, o cuidado posto na sua execução encontra correspondência na apreciação muito positiva que De Angelis faz de Pietro da Eboli como poeta e do *dEa* como peça de literatura de contornos médicos. A obra aqui analisada é de todo o interesse para classicistas e medievalistas, para historiadores da cultura e da ciência, para filólogos e estudantes de todos os níveis de ensino universitário.

BERNARDO MOTA

Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
bernardomota@campus.ul.pt

PAULO BARRADAS (ed.), *Martyrologium ad usum Ecclesiae Lamecensis*. Edição crítica. Introdução, leitura, transcrição paleográfica e índices, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2016 [2017] (*Portugaliae Monumenta Historica*, 6). CXLVIII + 314 pp. ISBN 978-989-8647-78-8

A primeira impressão que se colhe da leitura desta obra é que ela merece ser evidenciada, acima de tudo, pela excelente qualidade científica da edição crítica do *Martyrologium Lamecense*, a que acrescenta visibilidade e prestígio o ter sido publicada na já secular colecção *Portugaliae Monumenta Historica*, iniciada por Alexandre Herculano. Resultado de muitos anos de investigação no âmbito da tese de doutoramento em História pela Universidade de Coimbra, impõe-se-nos como trabalho bem estruturado, agora com uma introdução reduzida ao mínimo necessário, conservando, todavia, o sabor austero da informação essencial, oferecida ao leitor numa escrita fluente e agradável. São, de facto, essenciais para a leitura desta obra as explicações complementares respeitantes à integração no contexto litúrgico e no património literário em que se insere. Na autêntica selva de influências textuais, para que o aparato crítico remete, enquanto parte de uma longa tradição representada pelos martirológios de Jerónimo, Beda, Husuardo, Adon de Viena, com centenas de manuscritos dispersos por numerosas bibliotecas nacionais e locais em toda a Europa, Paulo Barradas identifica as linhas gerais da transmissão subjacentes à cópia do Cabido da Sé de Lamego, escrita por Martinho Gonçalves e concluída em 1262. O encomendante desse trabalho de edição manuscrita, incluindo a cópia do texto e apresentação gráfica com letras coloridas e iluminadas, foi o Cónego Afonso Pais, antigo Deão da Sé de Lamego, que no seu testamento legou ao Cabido da mesma Sé um conjunto de livros de direito relacionados com a Universidade de Bolonha. Tanto basta para que, associando este facto com as lições variantes de um ramo da tradição manuscrita que aponta para o centro e o norte de Itália, se vislumbre com muita cautela e reserva, talvez excessiva, a possibilidade de a cópia do Martirológio de Lamego derivar de um ramo textual italiano. Em todo o caso, ela é, sem dúvida alguma, testemunho de um desígnio cultural que pretendeu enriquecer a oração litúrgica do canonizado da Sé da Lamego com fontes de outros países europeus. Este facto levou Paulo Barradas a escrever: “O *Martyrologium Lamecense* é o testemunho de uma colectividade naquilo que ela pode ter de mais notável – a consciência da importância do saber”.

Tal afirmação recebe maior amplitude com a descrição que Paulo Barradas faz da estrutura do códice em que se integra o texto. Com efeito, O *Martyrologium*, objecto principal deste volume, é uma das duas partes estruturantes de um códice, pertencente durante muitos séculos ao Cabido da Sé de Lamego, hoje na Torre do Tombo, o qual entre outras peças contém um obituário e aquilo a que podíamos chamar um cartulário, constituído pelos mais variados tipos de documentos tabeliônicos, contratos, doações, testamentos, formulários jurídicos, enfim uma miscelânea, em que não faltam um texto

com os sinais do fim do mundo e uma crónica com uma página de texto. Citando mais uma vez Paulo Barradas, “convém não perder a noção da sua totalidade [desse códice]”, em cuja reserva de memória se inclui o *Martirologio de Lamego*. Em cada dia do ano, à primeira hora da manhã, eram lidos os verbetes correspondentes aos santos do dia e que compreendiam uma breve narrativa da sua vida e do seu martírio ou da sua luta edificante contra o mal e o demónio. Essas histórias repetidas de geração em geração acabavam por moldar um imaginário pessoal e colectivo que acabava por influir nos comportamentos, predeterminar decisões, impor princípios morais e dar forma à mentalidade que se reflectia na conduta de cada indivíduo, clérigo ou leigo. O Martirologio é, deste modo, um documento que guarda elementos sociologicamente determinantes para o estudo do imaginário e das mentalidades, pois que era usado como alfofre de exemplos retóricos ao dispor de pregadores que deles se serviam em sermões e homilias, com que ciclicamente aliciavam a atenção dos fiéis, deliciavam os seus ouvidos e enriqueciam as suas mentes. O seguinte pormenor mostra até que ponto o texto era pensado para esse efeito.

O Lamecense suprimiu um segmento do texto, constante das fontes utilizadas, em que se dizia: *Deinde praecepit, ut inde die processionis suae nudus catenis obligatus ante rhedam eius traheretur*. A este segmento seguia-se *Et post hoc*. Ora, neste contexto, *hoc* refere-se ao facto único de o mártir ser arrastado à frente da carruagem do imperador. Mas, ao ser suprimido o enunciado que citei, *hoc* no singular perdeu o seu referente, e foi transformado propositadamente em *hec* (acusativo do plural), porque passou a ter como referentes vários factos indefinidos, entre os quais o mártir ser preso e lançado no cárcere. Isto significa que o Lamecense eliminou uma cena chocante, inadequada para uma leitura litúrgica, qual era a de um homem a desfilar nu, à frente do carro triunfal do imperador. Não era decorosa essa imagem em contexto de oração litúrgica e por isso não foi admitida na cópia deste exemplar. Ou seja, o texto que se recebeu foi alterado tendo em vista o uso a que se destinava.

Da introdução faz ainda parte um estudo codicológico verdadeiramente exemplar, tanto pela clareza da descrição, como pelo rigor e precisão do vocabulário técnico da especialidade. Igualmente exemplar é o estudo paleográfico. A exposição verbal, de grande clareza, é ilustrada com um repertório a cores de uma parte significativa de abreviaturas, de rasuras e de capitulares, concluindo com reproduções da caligrafia de outras mãos que intervieram no Martirologio com acrescentos posteriores de verbetes relativos a santos portugueses, ou cujo culto estava especialmente divulgado em Braga (S. Martinho, S. Victor, S. Frutuoso, S. Tiago Interciso, S. Geraldo), Lamego (Festa da Assunção) e Lisboa (Santo António, Santos Veríssimo, Máximo e Júlia). São dados novos, de uma fase posterior à cópia feita por Martinho Gonçalves, que mostram que o Martirologio se foi completando e adaptando às realidades religiosas locais, crescendo com o passar do tempo e o viver da história, dele e dela registando memórias. E até neste aspecto temos um indício da supremacia religiosa de Braga, tanto tempo considerada Diocese Primaz, com cinco registos, ao passo que Lisboa tem apenas dois.

Apesar de a introdução ter sido reduzida ao essencial, é de salientar que a edição crítica do texto, a jóia preciosa deste volume de fontes, conservou toda a sua integridade, com um aparato exaustivo, com centenas de lições variantes, e uma fixação fiel e fidedigna. Os mapas, os quadros, os índices, os anexos, e a bibliografia constituem também um material utilíssimo que, se por um lado evidencia o valor de uma investigação séria, por outro lado abre caminhos a futuros investigadores.

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Projecto *Res Sinicae*: PTDC/LLT-OUT/31941/2017

arnaldosanto@campus.ul.pt



ANNE FLOTTÈS-DUBRULLE (ed.), CONSTANT J. MEWS, RINA LAHAV, TOMAS ZAHORA (col.), *Durand de Champagne. Speculum Dominarum*, Paris, École des Chartes, 2018. 342 pp. ISBN 978-2-35723-099-6

Fruto de uma tese de doutoramento orientada por Pascale Bourgain e defendida na École Nationale des Chartes, em 1988, esta edição recolhe também o contributo de três outros investigadores, da Monash University (Austrália). Trata-se da edição e estudo de uma obra didáctica, destinada à edificação moral e religiosa feminina, na esteira da relevância que este tipo de literatura ganhou no século XIII francês. Tendo durante muito tempo circulado como obra anónima, sabendo-se apenas que havia sido composta por um confessor franciscano da rainha Joana de Navarra, mulher de Filipe o Belo, só no final do século XIX foi identificado por Léopold Delisle o seu autor, Durand de Champagne. A obra é dividida em três tratados. O primeiro, “De concionibus mulierum”, é por sua vez dividido em três partes: “Quid sit mulier ex condicione nature”; “Quanta sit regina ex addicione fortune”; e “Qualis debeat esse regina ex infusione gracie”, que constitui a maior parte do tratado. O segundo tratado intitula-se “De sapiencia mulierum”. O terceiro e último tratado tem por título “De domo multiplici quam edificare debet regina uel quelibet alia domina”. A obra chegou-nos, na sua versão latina, num único manuscrito do século XV, embora se contem treze outros, dos séculos XIV e XV, contendo a tradução francesa feita por um franciscano não nomeado, talvez o próprio Durand de Champagne. A esta tradução acrescenta-se uma outra, da autoria de Ysamberd de Saint-Léger, já no século XVI, que nos chegou num exemplar manuscrito. A autora apresenta, na introdução, um precioso quadro sinóptico, onde se apresentam as principais discrepâncias entre estas duas traduções, separadas por mais de dois séculos, enriquecido por uma análise aturada em confronto com o texto latino original. O estudo codicológico do BnF Lat. 6784, testemunho único da versão latina, a identificação das suas fontes e uma rica análise literária preenchem as restantes páginas introdutórias.

A edição ocupa 219 páginas, sendo o aparato apostro em notas laterais, enquanto as fontes e passagens paralelas ocupam o rodapé. Esta opção editorial torna difícil a leitura das notas relativas às intervenções feitas por copistas e leitores do manuscrito, apertadas no espaço muito reduzido da margem lateral.

Os indispensáveis índices consistem, em primeiro lugar, nos passos bíblicos aduzidos no texto. Segue-se um índice de textos literários que não distingue entre fontes pagãs e cristãs. Finalmente, uma concordância entre o texto latino e o “Speculum Morale”, obra de autoria e datação pouco pacíficas, que a autora defende depender do “Speculum Dominarum”.

ANDRÉ SIMÕES

Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
asimoes@campus.ul.pt

JOSEP PUJOL, *Publi Ovidi Nasó, Heroides. Traducció catalana medieval de Guillem Nicolau. Edició crítica*, Barcelona, Barcino, 2018 (*Els Nostres Clàssics*). 577 pp. ISBN 978-84-7226-822-7

A identidade do autor da tradução catalã das *Heróides* de Ovídio não foi conhecida até ao início do s. XX. Com a edição dos *Documents per l'història de la cultura catalana mig-aval* de Antoni Rubió i Lluch, identificou-se como tradutor Guillem Nicolau, um escriba e capelão que trabalhou na corte do rei Pere III de Aragão, na redacção de documentos historiográficos. Sabemos que em 1389 o rei Joan I pede a Guillem Nicolau a sua tradução das “epístolas” de Ovídio, e em 1390 a rainha Violant reitera o pedido numa

segunda carta. O capelão atendeu ao solicitado e a sua tradução, que foi acompanhada de glosas e de uma introdução a cada poema, acabou por ter uma grande difusão na idade média. Como o autor desta edição explica, dois factores em particular justificam a circulação de que a obra gozou: por um lado, as *Heróides* eram um texto que fazia parte do currículo de leituras do ensino gramatical; por outro lado, a leitura tornou-se popular no ambiente cortesão feminino, por darem o ponto de vista das heroínas dos mitos da Antiguidade.

Josep Pujol oferece neste volume uma edição crítica da tradução de Nicolau, na qual não estava incluída a *Heróide* 15 do corpus ovidiano. Também edita os materiais exegéticos, ou seja, as introduções e as glosas. Para a tradução e as introduções, toma como base os dois manuscritos que se conservam, o ms. 543 da Bibliothèque Nationale de France, fons espanhol (P), e o ms. 1599 da Biblioteca de Catalunya (B). Nenhum deles conserva as glosas, que são editadas a partir de um manuscrito de Sevilha (ms. 5-5-16 da Biblioteca Capitular y Colombina, S) que preserva uma tradução castelhana da versão catalã e das glosas de Nicolau. Josep Pujol também utiliza a tradição indirecta que fornece Joanot Martorell no *Tirant lo Blanc* para o estabelecimento do texto. A edição crítica apresenta o texto com o habitual aparato crítico e com um aparato com notas filológicas e exegéticas. No texto são inseridas notas que remetem para as glosas da tradução castelhana, que se editam em forma de lista depois de cada carta.

A edição do texto é precedida de uma extensa introdução organizada em oito partes. Cito os títulos das secções já que ilustram claramente os temas tratados: 1. Vida i obra d'un traductor, origen i vida d'una traducció; 2. El corpus de les *Heroides* i la traducció de Guillem Nicolau; 3. Les *Heroides* en la tradició escolar llatina; 4. Les *Heroides* catalanes en el marc de les traduccions romàniques (s. XIII-XV); 5. La traducció de Nicolau i la tradició llatina: per a la filiação del text; 6. Les introduccions i les glosses de Guillem Nicolau; 7. Del llatí al català: la traducció a la llum de les glosses llatines; 8. Edició.

Depois da lista das siglas utilizadas na edição e da bibliografia, o volume inclui um glossário de termos do catalão ou significados documentados pela primeira vez neste texto e um índice de nomes.

O surgimento desta detalhada e cuidada edição será de grande interesse para os estudiosos da literatura medieval e humanística e da recepção dos clássicos latinos na Idade Média e no Humanismo, e ainda para aqueles que se dedicam a estudos de género. As *Heroides* de Nicolau são seguramente uma interpretação do texto ovidiano, uma obra literária com valor próprio e um espelho dos interesses do seu tempo.

NEREIDA VILLAGRA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

neraida@campus.ul.pt

LUIGI-ALBERTO SANCHI, *Guillaume Budé. De asse et partibus eius. L'as et ses fractions. Livres I-III*, Genève, Librairie Droz, 2018. CXLVIII + 596 pp. ISBN 978-2-600-05877-3

De entre as os trabalhos publicados por Guillaume Budé (1468-1540), figura incontornável do Humanismo francês e europeu, avulta este peculiar tratado, *De Asse et partibus eius*, publicado pela primeira vez em 1515, com várias reedições nas décadas seguintes, e constitui um marco, pelo seu pioneirismo, nos estudos económicos e metrológicos antigos, mesmo reconhecendo a existência de trabalhos anteriores de menor fôlego e especialização. O livro primeiro apresenta o sistema romano de fracções e multiplicações, com considerações matemáticas, mas também filológicas e historiográficas. Segue-se uma polémica com Policiano, sobre a natureza da filologia, bem como uma defesa da renovação das elites francesas, de forma a tornar o reino numa referência no Huma-

nismo. O livro termina com o regresso a questões técnicas que se prendem, por exemplo, com o sistema de taxas de juro. O livro segundo começa por descrever as moedas gregas e romanas, quer quanto ao seu valor, quer quanto às suas características materiais, fazendo contraponto com os valores monetários da França quinhentista, bem como com o valor relativo dos bens em cada uma das épocas em estudo. O livro terceiro, o último editado neste volume, preocupa-se com a relação entre moedas de ouro e moedas de prata em Roma, bem como outras questões civilizacionais daí decorrentes, como os tributos impostos aos povos vencidos. O livro quarto aborda os mesmos assuntos do anterior, em outros impérios antigos e em províncias como a Gália ou as Hispânicas. O último livro trata das medidas de volume.

Na sua longa introdução, o editor traça um riquíssimo e pormenorizado mapa da História do texto, sem deixar de lado a problemática da sua génese, bem como as fontes antigas e coevas, cujo aproveitamento por parte de Budé apresenta de forma sintética e esclarecedora. O volume prossegue com um impressionante acervo de anexos, que ultrapassam a centena de páginas. O primeiro consiste num índice dos três livros aqui editados. O segundo apresenta um repertório das moedas antigas citadas na obra, divididas em moedas helenísticas, e moedas romanas de ouro e prata, dos períodos republicano e imperial. O terceiro anexo contém um quadro sinóptico com as correspondências entre as páginas das fontes impressas e as da presente edição. O quarto anexo consiste nos autores e fontes citadas por Budé, com remissão para edições modernas. O quinto e último anexo fornece um índice que o autor descreve como de referências pontuais a realidades ou a expressões contemporâneas, nos livros aqui editados. Trata-se, por exemplo, de referências a tipos de janelas, a moedas ou impostos coevos, ou à abundância de vinho em França ao longo de um ano.

O texto que serve de base a esta edição é o da última impressão revista pelo autor, ou seja a edição póstuma de 1541, sendo tidas em conta quer as edições anteriores, quer a de 1556, que o editor considera de menor qualidade. Acompanha esta edição uma tradução francesa, da autoria do editor. Do ponto de vista tipográfico, o texto francês é apresentado na página par, ficando a ímpar reservada ao texto latino. O aparato crítico apresenta-se em rodapé, sob a forma de notas ordenadas alfabeticamente. A tradução francesa, por seu lado, é anotada numericamente, com indicação de fontes e clarificações ao texto.

ANDRÉ SIMÕES

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

asimoes@campus.ul.pt

GEORG SABINUS, *Fabularum Ovidii interpretatio – Auslegung der Metamorphosen Ovids*. Herausgegeben, übersetzt und kommentiert von Lothar Mundt., Berlin / Boston, De Gruyter, 2019. 421 pp. ISBN 978-3-11-062006-1

A partir de ahora contamos con una edición pertinente – con traducción y notas – de una de las piezas más necesarias para la interpretación tanto de las artes visuales como literarias del período renacentista y barroco. Cabe en efecto englobar en el campo de los *Instrumenta* basilares una obra que sintetizó con eficacia y con estilo claro y elegante los más importantes *loci morales* extraídos de los mitos de las *Metamorfosis* de Ovidio en la senda de la lectura moralizante cristiana. Lothar Mundt nos permite con su edición un mejor acceso a la obra de Georg Sabinus, quien consiguió actualizar – y simplificar – la tradición alegórica y tropológica heredada de la literatura patristica, aligerando sobremanera la densidad exegética de los comentaristas medievales en una obra de estructura

diccionarística, de tenor didáctico y claramente concebida para uso de escritores, artistas y también para beneficio de su público.

La “Introducción” que precede a su edición incide en dos asuntos cruciales.

En primer lugar, se ocupa de una síntesis de la biografía de G. Sabinus (que actualiza y completa un estudio anterior publicado en 2008 por el mismo autor), incidiendo en su desempeño docente en la Universidad de Königsberg, de la que fue Rector, después de ejercer como profesor de Retórica. Esta pieza preliminar proporciona la más completa noticia sobre la vida y obra de uno de los poetas germánicos neolatinos más importantes del siglo XVI, cuya obra original engloba, además de la poesía, obras historiográficas, epistolares y filológicas y que hasta el momento conoció una difusión determinada por una tradición historiográfica principalmente protestante, habiendo circulado incluso parte de su producción prosística bajo el nombre de Philipp Melanchton.

En efecto, la figura de este humanista fuera de Alemania era muy relativamente conocida por sus contribuciones filológicas de edición y comentario, sobre todo por sus *interpretationes* ovidianas y en menor grado por sus trabajos en torno de otras obras antiguas como el *De oratore* de Cicerón.

En segundo lugar, la pieza preliminar se concentra en el análisis de la interpretación de las *Metamorfosis* ofrecida por el humanista alemán, incidiendo en su vínculo con el didacticismo moralizante en clave reformista y con las necesidades expresivas del poeta.

Las noticias aquí reunidas son particularmente relevantes para los estudiosos e interesados en los autores de la parte contrarreformista de Europa, pues permiten constatar una substancial unidad, a pesar de las diferencias teológicas y religiosas, en la imaginación creadora europea, particularmente en los poetas. En efecto, la interpretación política y moralizante de mitos como el de Faetón o de Atlas encuentran concomitancias palpables con la que se encuentra en poetas y prosistas de la Península Ibérica, en sus obras neolatinas y vernáculas.

En esta segunda sección, destaca un subcapítulo bastante completo sobre la posición de Sabino en la tradición de comentarios de Ovidio, que contiene una completa bibliografía que se mueve con soltura en la densísima floresta de estudios sobre la interpretación de las *Metamorfosis*, permitiéndonos completar la ya reunida por Ann Moss y Peter E. Knox, entre muchos otros.

Por último, la tercera parte de esta “Introducción” nos presenta otra obra del humanista germánico muy vinculada a su desempeño docente universitario y a su interpretación de las *Metamorfosis*: “De carminibus ad ueterum imitationem artificiose componendis praecepta”, una obra concebida para la creación poética en lengua latina que se distingue por su claridad y eficacia didáctica.

Esta edición de la obra de Georg Sabinus sólidamente se sustenta en el cotejo de un número significativo de ejemplares, y se completa con las principales fuentes antiguas activadas por el humanista. A pesar de que la selección de ejemplares impresos se presenta suficiente, es inevitable señalar, desde este punto de Europa, la ausencia de más ejemplares de esta obra conservados en espolios del área contrarreformista, con sus significativas marcas de lectura y de uso, si bien el estudio de estas formas de circulación, en el medio de fronteras y censuras doctrinarias, está en gran medida por hacer. Es de señalar, en este sentido, que el volumen proporciona un punto de partida de evidente importancia para la recuperación crítica de la memoria europea común.

El editor ha optado por ofrecer, en dos anexos finales, por un lado una consistente selección de variantes y por otro lado comentarios pertinentes sobre las fuentes identificadas. En el segundo anexo, las notas sobre el aparato de fuentes surgen en el medio de anotaciones de diverso tipo que incluyen reflexiones necesarias de opciones de traducción, como la interesante discusión sobre los diversos sentidos del término *Fabula* y la justificación consecuente de las diferentes formas de traducir en alemán este vocablo latino.

Si bien esta opción puede entenderse porque permite armonizar visualmente con mayor facilidad el texto latino editado y la traducción alemana, no deja de resultar incó-

modo para el lector, que encuentra los aparatos de variantes y fuentes alejados del texto. Es también discutible la inclusión en el mismo anexo de notas de traducción y comentarios de fuentes. Las notas de traducción habrían podido inserirse autónomamente en el cuerpo de la traducción alemana, si no a pie de página, en la forma de notas al final diferenciadas de los otros dos tipos.

El libro se completa con una muy útil bibliografía en lo que se refiere al ámbito filológico y neolatino. No se ocupa, en coherencia con los temas escogidos en la “Introducción”, de lanzar puentes con el muy rico universo de la recepción de esta alegorización moralizante en la cultura literaria romance, así como la figurativa.

El lector se beneficiará, por último, de un bastante completo *Index nominum*.

ANA MARIA TARRÍO

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

anatarrio@campus.ul.pt

JORGE GRAU JIMÉNEZ (ed., trad. e int.), *Martín de Roa. El Principado de Córdoba*, Córdoba, UCOPress – Editorial Universidad de Córdoba, 2016. xcvii+190 pp. ISBN 978-84-9927-223-8

O cordovês Martín de Roa nasceu entre 1559 e 1560. Frequentou, em Córdoba, o Colégio dos Jesuítas, tendo prosseguido os seus estudos em Sevilha e Osuna. Ingressou na Companhia em 1578, ao serviço da qual muito viajou e em muitos lugares residiu. Notabilizou-se pela sua intensa actividade literária, em latim e em castelhano, tendo convivido com nomes sonantes da “república das letras” do seu tempo, entre os quais avultam Luis de Góngora ou Ambrosio de Morales, entre outros. Faleceu em 5 de Abril de 1637, deixando para a posteridade mais de quatro dezenas de escritos, que o autor da edição elenca de forma clara e exaustiva. Mau grado a riqueza deste capítulo introdutório, a apresentação da edição propriamente dita surge apenas na sua quarta secção, e só neste momento se torna clara a natureza deste estudo, concretamente do seu título, que poderá confundir os mais conhecedores da obra de Martín de Roa: *El Principado de Córdoba* é o título unificador atribuído pelo editor à edição de dois impressos, um em latim, intitulado *De Cordubae in Hispania Betica Principatu*, outro em castelhano, *Antiguo Principado de Córdoba en la Hispania Ulterior, o Andaluz*, ambos, como os seus títulos indicam, relativos à História na Antiguidade. Para cada um apresentam-se de forma clara os critérios de transcrição, que seguem as práticas consagradas para cada uma das línguas e para a sua época de produção.

O texto latino, na página esquerda, é acompanhado, na página direita, de uma elegante e agradabilíssima tradução castelhana, ambas com a mesma numeração. Ao texto latino acrescenta-se um aparato crítico e de fontes, não separados. A tradução é enriquecida com notas pertinentes e esclarecedoras. O texto compreende 23 páginas, nesta edição.

O mais extenso *Antiguo Principado de Córdoba* (101 páginas) apresenta-se com ortografia modernizada, e abundantemente anotado, embora, uma vez mais, sem distinção entre notas explicativas e indicação de fontes.

A edição é enriquecida com um glossário de pessoas e lugares mencionados em ambas as obras, e com dois índices, um de autores e obras, outro de nomes citados. O glossário consiste em entradas alfabeticamente ordenadas com breves entradas biográficas para cada nome. Para os nomes árabes e persas apresentam-se transliterações que seguem a norma castelhana, que por sua vez é distinta da prática internacional, o que por si só dificulta o trabalho de quem com ela não esteja familiarizado. Contudo, em algumas ocasiões há inconsistências, que talvez se expliquem por constrangimentos tipográficos.

Não obsta isto a que estejamos perante um trabalho sério e muitíssimo útil para o estudo deste período tão relevante na História das letras hispânicas.

ANDRÉ SIMÕES  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
asimoes@campus.ul.pt

JOÃO DE SÃO TOMÁS, *Os dons do Espírito Santo*. Tradução do original latino de António Ferreira Rodrigues e Arnaldo do Espírito Santo, antefácio de Arnaldo do Espírito Santo, introdução de Joaquim Domingues e Manuel Cândido Pimentel, Lisboa, Edições Paulinas, 2019. 406 pp. ISBN 978-989-673-719-1

*De donis Spiritus Sancti* é uma parte do *Cursus Theologicus* de João de São Tomás, dominicano português do século XVII, cuja obra foi durante muito tempo ignorada em Portugal. De facto, como, relembra um dos autores da introdução, esse pensador português não teve em Portugal atenção comparável à que recebeu nomeadamente em França, Estados Unidos e Espanha, salvaguardando, contudo, o trabalho de Herculano de Carvalho (que lhe dedicou dois capítulos da sua *Teoria da Linguagem*) bem como duas traduções: a primeira, parcial, da *Explicação da Doutrina Cristã* (original em espanhol traduzido por António do Rosário e Rui Carlos); a segunda, o *Tratado dos Signos* traduzido por Anabela Gradim.

A presente tradução foi iniciada por António Ferreira Rodrigues cuja mão de tradutor lhe pendia mais para o trabalho do texto bíblico, como o comprovam as versões dos livros de *Josué*, *Juízes* e *I Reis* na Bíblia da Difusora Bíblica. Malogradamente não pôde Ferreira Rodrigues levar a termo e rever o seu trabalho de tradução deste tratado. Arnaldo do Espírito Santo aceitou, em boa hora, a tarefa de completar o que faltava e de dar a forma final ao texto português. Assim o texto do filósofo e teólogo setecentista encontrou um intérprete habituado às complexas arquitecturas discursivas que caracterizam a forma de pensar desta época, ou não estivéssemos perante um profundo conhecedor de Vieira ou de Luís de Molina. O leitor interessado encontrará, no antefácio, a explicitação de algumas das opções de Arnaldo do Espírito Santo na revisão da parte que Ferreira Rodrigues deixara em esboço.

O texto de João de São Tomás é um comentário desenvolvido à questão 68 da Ia IIae da *Summa* de Tomás de Aquino, ou seja, uma das questões que integram o chamado tratado das virtudes.

A obra do pensador português está dividida em nove capítulos: o primeiro sobre os dons na Escritura; o segundo sobre a distinção entre dons e virtudes; o terceiro sobre o dom do entendimento; o quarto sobre o dom da sapiência e da ciência; o quinto sobre o dom do conselho; o sexto sobre os dons da piedade da fortaleza e do temor; o sétimo sobre o número dos dons; o oitavo sobre as propriedades dos dons; o nono sobre os actos e efeitos dos dons.

Três características devem ser sublinhadas nesta obra. Em primeiro lugar, assinala-se a rigorosa articulação entre o dado antropológico e o dado teológico, patente, nomeadamente, na distinção entre, por um lado, dons respeitantes à razão (quer prática especulativa, quer prática) e, por outro, dons respeitantes à parte apetitiva – uma distinção que constitui uma trave-mestra de toda a obra. Em segundo lugar, e no que toca ao estilo do autor, note-se o gosto pelas imagens que talvez surpreenda os leitores no seu contacto com um autor da neoescolástica e com uma obra de carácter especulativo. Nesta vertente, cumpre assinalar o primeiro dos vários méritos da tradução que faz plena justiça ao original. Veja-se, logo nas páginas iniciais, o passo em que o autor, para ilustrar o



seu pensamento sobre a vulnerabilidade humana (mesmo dos mais espirituais) ao espírito diabólico constrói uma longa alegoria que se espalha por quase uma página e que se torna deliciosa de ler na tradução de que cito apenas a parte final: “deste modo, por acção dos dons do Espírito Santo com que se exornam os céus, é arrancada a serpente tortuosa, enquanto se manifestam e são descobertas as suas astúcias, mesmo que se nos apresentem com aparência de realidades espirituais, contorcendo-se e ocultando-se e enroscando-se como que numa espécie de volutas” (cf. 1.16, p. 49). Mesmo sem o recurso a imagens, a linguagem de João de São Tomás é bastante expressiva, como se pode ver no capítulo sobre o dom da sapiência e da ciência em que, ao refutar a possibilidade de existirem tais dons mesmo na ausência de caridade, o teólogo dominicano argumenta que, nessa situação, o que existe são pensamentos sem entendimento que a tradução verte, com precisão e vivacidade, como “pensamentos animalescos” (*brutales cogitationes*, 4.32, p. 219) – o que o contexto valida, pois o autor confirma a sua posição com o salmo 31 que compara o insensato ao cavalo e ao jumento.

Em segundo lugar, e no que toca às fontes utilizadas, há que referir algumas particularidades menos óbvias para leitores desabituaados a este tipo de tradadística. Antes de mais, a obra assinala-se pela importância da Escritura na argumentação. De facto, as citações do texto bíblico não são um apoio pontual na argumentação do autor ou uma mera autoridade aduzida sem olhar ao contexto; pelo contrário, são muito frequentemente o ápice da argumentação. Além disso, é frequente vermos João de São Tomás citar segmentos do texto bíblico com o devido respeito pela sua natureza literária ou até citações em que, do próprio contexto narrativo, extrai elementos para a sua argumentação. Aliás, a referência à indistinção em hebraico entre piedade e temor, se bem que preterida, é prova da seriedade com que João de São Tomás encara o texto bíblico (cf. 6.2, pp. 276 e ss.).

Em terceiro lugar, importa notar o frequente recurso a autores da Patrística e a alguns autores medievais, com Bernardo de Claraval em primeiríssimo lugar, o que talvez surpreenda em uma obra de teologia especulativa. Efectivamente, deste último João de São Tomás cita frequentemente o comentário ao Cântico dos Cânticos, o que se explica quer pela afinidade da matéria quer pela afinidade do autor com o místico medieval. Se fosse necessária uma prova dessa afinidade com o universo místico, aí estaria a linguagem de João de São Tomás a atestá-lo: quando pretende explicar os efeitos da acção divina no ser humano recorre, por duas vezes, ao binómio “conaturalidade e inviseração” que a tradução verte de forma fiel e igualmente expressiva (cf. 2.13, p. 64 e 5.10, p. 256).

A estrutura destes textos segue a estrutura da *quaestio* medieval com uma questão seguida de argumentos em um sentido, um corpo que estabelece uma posição em sentido diverso seguida de respostas aos argumentos anteriormente elencados. Nesta tradução essa estrutura assume quase a forma de um diálogo com um interlocutor imaginário. Vejam-se, a este respeito, os seguintes exemplos: *sed dices* / alguém poderá objetar (p. 296); *dices* / dir-se-á (p. 295); *quod si dicatur* / talvez alguém diga (p. 114).

A esse mérito da tradução, some-se ainda este: o estilo aparentemente impessoal deste género de textos é vertido por verbos e expressões que fazem emergir a personalidade do autor. Considerem-se, a esse respeito, os seguintes exemplos: *ad probationem dicitur* / Como prova diremos que (cf. 6.23, p. 296); *respondeo ergo et dico* / a minha resposta é a seguinte (cf. 6.29, p. 302).

Sublinhe-se, por último, a legibilidade da tradução que tanto mais deve ser posta em relevo quanto é facto que estamos perante um texto latino de enorme complexidade quer pelos conceitos envolvidos quer pela arquitectura da frase. A mancha gráfica também contribui para essa legibilidade do texto e do raciocínio do autor – trabalho que devemos, novamente, ao tradutor. De facto, as sucessivas inflexões de um argumento são postas em relevo quer pela pontuação (sobretudo com recurso a parágrafos) quer pelo uso do negrito ou itálico para assinalar o início de objecções ou dos vários argumentos que se inserem em uma mesma linha, quer ainda pelo uso de maiúsculas no início das objecções ou de alguns apartados. Todas estas opções tornam o texto menos compacto e mais articulado.

Pela importância do autor e da obra, pelos méritos da tradução, é de saudar a publicação deste tratado, inédito em língua portuguesa, que interessará a estudiosos de filosofia, teologia, história da espiritualidade e até a historiadores do século XVII, tantos mais se pensarmos como a própria biografia do autor se cruza com as linhas da história da Península Ibérica.

ARMANDO SENRA MARTINS

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /

Universidade de Évora

adsm@uevora.pt

FLORENCIA CUADRA GARCÍA, *La ortografía latina en la Baja Edad Media: estudio y edición crítica*, Madrid, C.S.I.C., 2018. 398 pp. ISBN 978-84-00-10365-1

Florencia Cuadra García faz a edição (estudo, transcrição e notas) de dois manuscritos com obras dos séculos XII-XIII sobre ortografia latina, na segunda parte – e componente principal – deste livro (pp. 141-295). No primeiro encontra-se a obra *De Orthographia* de Parisius de Altedo (1297). O segundo, anónimo, é uma compilação de vários textos undecentistas e ducentistas sobre o mesmo tema. Ainda nessa segunda parte, depois de publicados os dois manuscritos, a A. procede ao estudo comparativo de ambos, cotejando o respectivo texto com a *Grammatica* de Prisciano (pp. 297-325). Essa edição é precedida de uma metódica exposição introdutória, dividida em três secções (pp. 23-139), onde se apresenta o tema nas suas variadas componentes, bem como os protagonistas que sobre ele escreveram desde os tempos clássicos, facilitando-nos assim a sua compreensão no tempo longo.

Na primeira destas três secções, “La gramática latina” (pp. 23-44), Cuadra percorre a “genealogia” da disciplina, fundada em Prisciano, Marciano Capela e Isidoro de Sevilha e estruturada no *Trivium* durante o período carolíngio, conduzindo-a até ao século XII e aos nomes eminentes de Hugo de São Vítor, Pedro Helias e Hugutio Pisanus. No século XII, os estudos superiores de gramática latina, voltados para a teologia e a formação de sacerdotes e clérigos, em especial para a actividade pastoral e a pregação, centraram-se na recém-criada Universidade de Paris, ressaltando a A. que parte do legado da Antiguidade, em especial o acervo aristotélico, circulou até França através da Península Hispânica. Já a gramática latina aplicada à composição de documentos oficiais teve por coração Bolonha, berço da técnica de escrituração de documentos oficiais e jurídicos (*ars dictaminis*). Do acervo estudado, a A. extrai as principais matérias gramaticais estudadas, i.e. letra, sílaba, palavra (*dictio*) e frase (*oratio*). Numa das sistematizações recolhidas, a disciplina aparece sugestivamente dividida em duas grandes partes: a ortografia, que ensina a escrever e falar correctamente, e a sintaxe (*diasentistica*), que trata da natureza das palavras e das construções.

Em “La ortografía latina” (pp. 45-72), Cuadra trata do primeiro dos dois blocos em que se encontrava dividida a gramática latina. Nas pp. 64-65 fornece dois mapas: um com o elenco das definições de Ortografia por si encontradas e outro com as diferentes maneiras de dividir a Ortografia identificadas nas fontes estudadas. Ortografia como “a ciência de escrever correctamente” será talvez a mais simples e concisa dessas definições – e aquela que enquadra todas as restantes. Quanto às divisões da disciplina, é interessante registar que as mais antigas ainda referem a “vox” (Prisciano e Papias), mantendo a disciplina vinculada à oralidade (*vox, littera, syllaba*). As restantes, posteriores ao século XII, cada vez mais complexas e elaboradas, só se referem aos sons em função da sua transposição (*transmutatione*) para o escrito. Ainda assim, a autora permite preservar essa vinculação ao

oral com a definição por si proposta: “A ortografia é o conjunto de normas que permitem transformar a língua falada em escrita. Estas transposições fazem-se a partir de certas unidades, que são, para a forma escrita, os grafemas”.

Em “La ortografía latina en la Baja Edad Media” (pp. 73-139), Florencia Cuadra entra finalmente no particular da sua reflexão, depois do enquadramento geral, centrando-se na cronologia a que chama “Baixa Idade Média”, hoje preferivelmente denominada Idade Média Central: os séculos XII e XIII, marcados na região geopolítica da Cristandade Latina do Ocidente pela explosão das cidades e pela intensificação das trocas comerciais, tendo por pano de fundo o movimento expansionista das Cruzadas sob a direcção de um papado que atinge o auge do seu poder na primeira metade do século XIII. No *Elementarium Doctrinae Rudimentum*, de Papias, mais conhecido como *Vocabularium*, surgido em Itália por volta de meados do século XI, os praticantes do latim oral e escrito encontravam uma primeira ferramenta prática, ancorada no conhecimento antigo, para assegurarem a correcção da sua expressão.

Nos estudos da gramática latina na península itálica durante o período em estudo, séculos XII e XIII, com destaque para Hugutio Pisanus (fim do século XII) e Johannes de Iania (1286), a ortografia surge como uma entre várias secções. Cuadra fornece uma lista de mais meia dúzia de gramáticos itálicos deste período que escreveram sobre esta matéria, esclarecendo que, além de Parisius de Altedo, cujo *De orthographia* publica, apenas Simon Vercellensis dedicou obra específica à ortografia. Refere igualmente os principais nomes e obras provenientes de França, Inglaterra e, naturalmente, da Península Ibérica. Realiza ainda um levantamento exaustivo dos manuscritos relevantes para a ortografia existentes nos arquivos e bibliotecas peninsulares.

Em toda a minuciosa exposição da autora sobre a ortografia latina durante a Idade Média Central, paira a influência de Papias, cuja obra seria, ao longo deste período, progressivamente absorvida pelos tratados mais especificamente dedicados à composição escrita dos textos em latim, mantendo-se talvez útil àqueles que a usavam como fonte para a elocução, nomeadamente em actividades pastorais e parenéticas. Nada de estranho, já que o *Elementarium* absorvera, aquando da sua elaboração, componentes de algumas obras de *Ars Lectoria* anteriores, precisamente orientadas para a boa prática do latim oral. Como observa Cuadra, a este propósito, no *Vocabularium* “estaban incluidos considerables fragmentos del *Ars Lectoria* del magister francés Siguinus (siglo XI) donde también se alude a Lisorius” (p. 83).

No seu testamento de 1279, Estêvão Eanes, o chanceler do rei D. Afonso III durante todo o seu reinado (1248-1279), de formação “estrangeirada”, deixava a frei Martim Lobato, “meum Papiam quod tenet frater Martinus Iohannis, lector Fratrum Minorum” [Bernardo de Sá-Nogueira, “O testamento de Estêvão Eanes, chanceler d’el-rei D. Afonso III”, in *Revista da Faculdade de Letras*, n.º 8, 5.ª Série, 1987, p. 90]. O único livro referido nas mandas testamentárias pelo homem que, ao longo de tanto tempo, dirigira a então incipiente administração pública portuguesa, era precisamente o *Vocabularium*, de Papias. E quem então o possuía, imaginamos que por empréstimo, ou cedência temporária, era Frei Martim Eanes, leitor dos Frades Menores. A abundância das obras de ensino da técnica de composição e redacção de documentos oficiais e jurídicos (*ars dictaminis*, *ars dictandi*, *ars scribendi* e, mais tarde, *ars notariae*), surgidas ao longo dos séculos XII e XIII, talvez fosse confinando Papias ao universo da oralidade, restrito à formação para a liturgia e a pregação.

BERNARDO DE SÁ-NOGUEIRA  
Centro de História  
Universidade de Lisboa  
bsn@letras.ulisboa.pt

SANTIAGO LÓPEZ MOREDA, *Clásicos y humanistas ante los neologismos*, Madrid, Akal, 2019 (*Akal universitaria, Serie Letras*, 383). 320 pp. ISBN 978-84-460-4800-8

This book presents an overview of neology in Latin, from Antiquity to the Renaissance. Throughout this very long period, the vocabulary of Latin has known a significant growth, as a result not only of stylistic strategies used mainly in literary texts, but especially of the need to name new natural, cultural and technological realities which emerged in the timespan considered. To the lexical development of the language contributed the word formation processes productive in Latin, as well as borrowings from various other languages. Lexical loans were imported from Greek, the prime donor language, but also from other more or less exotic languages with which speakers of Latin entered in contact, from the imperial stage to the European expansion at the dawn of the modern age. So, in the author's words, "la literatura latina y la lengua que la sustenta es la historia de un expolio, desde Livio Andrónico, Plauto, Nevio y Ennio hasta los pueblos amerindios y orientales descubiertos y contactados en los siglos XV y XVI" (p. 11).

However, the admission of neologisms into Latin has been a controversial issue at all stages. López Moreda traces the contours of this process, combining two different and complementary perspectives: he analyses metalinguistic literature theorising and reflecting on neology, on the one hand, and examines the effective use of neologisms in other and diverse types of written evidence (e.g. literary and technical texts), on the other. The range of primary sources scrutinised in depth is remarkable, including texts of very different genres and from very different periods and thus ensuring a coverage that only a virtuoso could offer. The work is however accessible to the uninitiated, given the clarity of the discussion and the translation, into Spanish, of the numerous longer passages in Latin that are considered in the book. It is therefore of interest to classicists, but also to non-specialists who tend to view Latin mostly as the donor of erudite lexical borrowings, but realise, with this overview, that it has known the types and triggers of neology that affect modern languages and the insecurities that they unveil.

The book is composed of nine chapters. Chapter I ("Consideraciones previas") discusses the concept of neologism and introduces its different forms. Following Mohrmann (*Études sur le latin des chrétiens, I: Le latin des chrétiens*, Roma, Edizioni di storia e letteratura, 1961), neologisms are classified into lexicological (new words) and semasiological neologisms (new meanings attributed to existing words). The former result from word formation processes or borrowing from other languages; the latter are attributed to semantic changes emerging from different reasons (e.g. cultural development, the principle of least effort, parallel coinage, language contact) and involving various semasiological processes (e.g. metaphor, generalisation, specialisation, popular etymology, analogy). The author also identifies the particular cases of poetic neologisms and technical jargons. The concepts discussed are always illustrated, with examples taken from Latin but also from modern languages, especially Spanish, thus highlighting the resemblance between classical and modern languages as far as neology is concerned.

Chapter II ("La doctrina de los clásicos, un referente básico de los humanistas") is a long chapter overviewing the approach to neology of an important number of classical authors, mostly in chronological order. After noticing that the use of neologisms was in place when Latin first became a literary language, López Moreda discusses and exemplifies their use by writers of the Hellenistic period (Plautus, Naevius, Ennius, Cato, Pacuvius); analyses the theorisation and resource to new words by major authors of the Classical period (Varro, Cicero, Horace, Quintilian); scrutinises and exemplifies the use of neology, in particular of lexical borrowings, in technical treatises by Vitruvius, Pliny the Elder, and Frontinus; overviews the use of and reaction to new words in Petronius, Pliny the Younger, Fronto, Apuleius; and recalls Aulus Gellius's insistence on the need to recover lost meanings of existing words, so as to preserve *latinitas*. A section of this chapter is also devoted to the important lexical consequences of the Christianisation of

the Romans, since, in Lopéz Moreda's words, "(e)n el siglo IV (...) el latín de los cristianos fecunda ya la lengua latina con una impronta nunca prevista" (p. 90). He focuses in particular on the works of Sts. Jerome and Augustine and exemplifies the presence of Greek- and less often Hebrew-derived loans and hybrids, as well as semantic adaptations of words pre-existing in Latin. A long section is also devoted to the works of the first grammarians and lexicographers (as Nonius Marcellus) and the chapter closes with a reference to Isidore of Seville. This overview shows that the authors covered realised neology, including borrowings from other languages, enriched the vocabulary of Latin, but understood that it presented, at the same time, the risk of "corrupting" *latinitas*. The solution devised lied in the preference for the use of native lexical material to forge new lexical items and in the Latinization of those that were imported. But these strategies were already defended and applied to different degrees by different authors.

Chapter III ("La edad media. Presencia del latín vulgar. Latinización y explicación etimológica") briefly considers the topic under analysis in the Middle Ages. At this stage Latin faced new challenges, including the contact with Germanic varieties and Arabic, and the competition of the emerging vernaculars. This period is dealt with by means of a review of the presence and treatment of neologisms in early lexicographic works (glosses and dictionaries); the consideration of the issues and strategies involved in the Latinisation of Arabic, then also a gate into Greek sources; and an overview of the new words in technical jargons used in particular in the *Relatio de Legatione Constantinopolitana* and in Pedro Hispano's *Thesaurus Pauperum*.

Chapters IV and V focus on the issue of neology in Latin during the Renaissance. In Chapter IV ("El humanismo renacentista: Lorenzo Valla y sus contemporáneos") López Moreda explains how the discussion on lexical enlargement was part of the Ciceronian and anti-Ciceronian movements that occupied humanists trying both to recover the "purity" of Latin and to keep it as a language of communication: "la polémica sobre la mejor o peor prosa latina que habían de cultivar los humanistas era una cuestión de estilo pero también de léxico: los términos que debían emplear para dar forma a las realidades inexistentes en la Antigüedad sin que el código de la lengua se resintiera" (p. 183). To this purpose, the author discusses the work of the polemic Lorenzo Valla – comparing his doctrine (displayed in the *Elegantiae*) and his more flexible practice (through *Gesta Ferdinandi Regis Aragonum*) – as well as that of many of his contemporaries and the polemics they entered into (e.g. Bracciolini, Bembo, Faccio, Bruni, Guarino, Alfonso de Cartagena). His sources include texts of various genres (e.g. Pontano's and Poggio's comedies but also Perotti's *Cornucopia*) and he discusses the new philological terminology and the productivity of the formations with *-mastix*.

Chapter V ("Los seguidores de Lorenzo Valla") considers the understanding and use of neologisms by later humanists spread through Europe. After a reference to Palencia's *Opus Synonymorum*, López Moreda looks into Nebrija's metalinguistic and historical texts, and concludes: "cuando no dispone de términos clásicos para designar las nuevas realidades, en no pocas ocasiones termina por incurrir en el mismo defecto que criticaba, (...) en un latín bárbaro" (p. 193). Erasmus, Thomas More, Luis Vives and finally Guillaume Budé are also the object of careful attention. Their receptivity to neology is emphasised, especially when precision is at stake, albeit with a preference for the use of native material to create new words and / or the attribution of new meanings to existing items. Many examples of their lexical creativity are presented and discussed, always against the background provided by previous references (e.g. R. Hoven, *Lexique de la prose latine de la Renaissance*, Leiden / New York / Köln, Brill, 1994; R. Hoven, "Essai sur le vocabulaire néo-latin de Thomas More", *Moreana*, 35, 1998, 135-136).

The two following chapters attend to very different sources. Chapter VI ("Damião de Góis y los historiadores portugueses ante los Descubrimientos") focuses on writings about the explorations of the Portuguese in the 15<sup>th</sup> and 16<sup>th</sup> centuries produced at that time. Written in Latin, so as to spread the news of those conquests across the rest of Europe, these works required, once again, the naming of realities that were unknown

in the Classical period. The solution included the attribution of new meanings to old words (e.g. *proregem* for viceroy), but also borrowings from exotic languages (e.g. *Brisil*). In Chapter VII ("Calvete de Estrella y las Índias Occidentales"), the focus shifts to the writings of Calvete de Estrella, who chronicled the feats of the Spaniards in the West Indies. This evidence shows borrowings from native American languages (e.g. *papis* [*radicibus*], for potatoes) besides the association of classical terms to new realities (e.g. *senatus*, for court) and the oscillating use of the classic and a modernised Latin form (e.g. *Mantuam Carpetanam* and *Madritium*, for Madrid). Both the Portuguese and Spanish chroniclers tend to introduce the neologisms with accompanying glosses and/or some kind of safeguard (e.g. *quas Caravellas dicimus, quem vulgo sargentum vocant*).

Chapter VIII ("Procedimientos seguidos para adaptar los neologismos a la lengua latina") systematises the principles guiding the adaptation of the new words, especially in the Renaissance period. These include etymology, use, imitation, and the Latinization of vernacular terms. The process is exemplified especially with technical terminology from various fields (geography, philosophy and sciences, navigation, administration).

Finally, Chapter IX ("Conclusiones") sums up the main conclusions López Moreda takes from his wide-ranging analysis: the vocabulary of Latin was definitely enlarged in the timespan covered, neologisms usually resulted from the preference for precision (*proprietas*) over purism, and they are found not to compromise the elegance of Latin. The author concludes with the identification of some reasons for the decline of Latin emerging from his study, namely Latin's deficiencies in technical terminology, the emergence of multiple forms for the same meaning in different places, and the renewed contact with Greek among humanists.

The long list of references at the end of the work is usefully organised in three sections (sources, dictionaries and lexicons, and studies). An index could however be included in a second edition of this astonishingly erudite treatment of neology, the reading of which will benefit classicists and non-experts alike.

RITA QUEIROZ DE BARROS  
Centro de Estudos Anglisticos  
Universidade de Lisboa  
ritap@campus.ul.pt

GIANCARLO ABBAMONTE, STEPHEN HARRISON (edd.), *Making and rethinking the Renaissance. Between Greek and Latin in 15<sup>th</sup>-16<sup>th</sup> century Europe*, Berlin / Boston, De Gruyter, 2019. 261 pp. ISBN 978-3-11-065783-8

Bellamente dedicado a la memoria de su principal impulsadora, Paola Tomè, prematuramente fallecida en 2017, este volumen reúne estudios necesarios para una mejor comprensión de los diversos modos de reintroducción del conocimiento de la lengua griega en el Renacimiento. Con la excepción de dos trabajos dedicados al caso francés, los restantes se concentran exclusivamente en el renacimiento italiano, si bien son todos ellos sin duda esenciales para el conjunto de los estudiosos de la cultura renacentista en cualquier parte de Europa.

El volumen viene a completar y matizar la visión de la difusión del griego en Italia ofrecida por los matriciales estudios de R. Sabbadini y G. Cammelli, focalizada en los más célebres profesores emigrados desde Bizancio y algunos de sus prestigiosos alumnos (Bruni, Guarino, Poggio, Filelfo).

Sólo se alejan de la "cuestión griega" los dos estudios finales que cierran el volumen y se concentran en dos ejemplos de producción neolatina itálica: Giacomo Comiati estudia la primera colección publicada de poemas de Marcantonio Flaminio (*Carminum libellus*, 1515) observando su recreación de varios motivos horacianos. Marta Celati aborda un poema épico sobre la conspiración de Stefano Porcari contra el Papa Nicolás V



(1453) elaborado por Orazio Romano, mostrando la sofisticación de fuentes latinas, en verso y en prosa, que se concilian para la elaboración de ese “refinado experimento épico” al servicio de la propaganda papal.

El resto de volumen se ocupa de la difusión de la lengua griega atendiendo dos objetivos y campos de estudio principales.

El primero es promover un mejor conocimiento de la enseñanza y aprendizaje de la lengua griega en Italia. Para este fin trabajan estudios que utilizan como fuente privilegiada las *orationes* en defensa del estudio del griego pronunciadas en varias ciudades italianas.

F. Ciccolella, a quien ya debemos la organización del libro *Teachers, Students and Schools of Greek in the Renaissance*, publicado por Brill en 2017, se concentra en mostrar el carácter apologético e instrumental del estudio del griego en el humanismo italiano, patente en los discursos de los profesores emigrados de Bizancio, en particular en el pronunciado por T. Gaza en Ferrara, en 1446. Esta investigadora llama la atención sobre la progresiva precariedad de estos eruditos a medida que los alumnos itálicos se vuelven ellos mismos profesores y traductores del griego.

Igualmente Han Lamers parte del discurso de Janus Lascaris (Florencia, 1493) para estudiar la pervivencia de la teoría de la descendencia directa del griego por parte del latín (aeolismo). El Autor ofrece un útil recorrido por la tradición antigua y medieval de esta teoría desde el paso de Dionisio de Halicarnaso (Dion. Hal. *Ant. Rom.* 1. 90.1) donde se alude a esta filiación.

El fundamental campo de los *instrumenta*, de las gramáticas en particular, es objeto de atención de Fevronia Nousia, que analiza las fuentes y la estructura de la gramática de Manuel Caleca, un gramático teólogo latinófilo de Constantinopla que murió en 1410 después de convertirse al catolicismo e ingresar en la orden dominicana (1403). Este estudio, de tenor principalmente descriptivo, hace con todo pertinente uso de los ejemplares manuscritos que transmiten la obra, así como de sus anotaciones. Contiene además útiles comparaciones con las gramáticas de Moschopoulos y Chrysoloras, que revelan la dependencia de ambos de la obra de Caleca, y se caracterizan por una tendencia más analítica y sintética, acorde con las necesidades de los estudiantes occidentales.

Un segundo gran asunto de este libro es el análisis del carácter subsidiario del estudio del griego en la cultura humanística italiana a favor de la cultura latina. En este campo se pueden incluir el número considerable de trabajos dedicados a las traducciones al latín de obras griegas: a ellas se dedican, de hecho, nada menos que ocho de los catorce estudios de este volumen.

El capítulo sobre la traducción de Plutarco por Iacopo d'Angelo firmado por Giancarlo Abbamonte ilustra, con brevedad pero con eficacia, la necesidad de regresar a las fuentes con criterios autónomos que nos permitan cuestionar abordajes consagrados que han seguido demasiado literalmente las sentencias unilaterales de grandes nombres del humanismo como Leonardo Bruni, quien juzgó demasiado severamente a d'Angelo porque su opción como traductor se alejaba de sus principios retorizantes, expuestos en su *De recta interpretatione*. En efecto, su cotejo del original griego con la versión latina le ha permitido observar una mayor proximidad estilística al original griego sobre la preponderancia de la belleza del resultado latino, y también le ha posibilitado no tanto juzgar sino comprender las limitaciones e incluso los errores de d'Angelo considerando el tipo de manuscrito utilizado (perteneciente al grupo de manuscritos glosados de la familia Planudes) y teniendo también en cuenta los limitados recursos diccionarísticos de su tiempo, en contraste con la mayor difusión de estos *instrumenta* en Italia a medida que avanzaba el siglo XV.

Fabio Stok muestra el incontestable uso por parte de Perotti de la traducción previa de la obra de Plutarco *Sobre la fortuna de los romanos*, elaborada por Iacopo d'Angelo, sin prejuicio del seguro acceso al original griego. Las modificaciones de Perotti (que omite en su prefacio a su predecesor) corrigen ciertos errores o desvíos del primero – conservando sin embargo bastantes otros – y también mejoran el resultado latino al encuentro de las preferencias humanísticas de su tiempo.

Menos concluyente parece su exposición final con la discusión sobre la omisión del primer traductor por parte de Perotti: el A. presenta dos posibles justificaciones, por un lado, el carácter anónimo de la traducción de d'Angelo en una parte de la tradición manuscrita y, por otro lado, la aparente aceptación por parte de éste de las ideas de Plutarco sobre la importancia del factor Fortuna en la historia de Roma, a diferencia de Perotti (que patrióticamente criticó esta opinión e incluso afirmó que no quería por ello emprender la traducción y que lo hizo a instancias del cardenal Bessarion). A la luz de la pertinente exposición de los datos aquí reunidos, parece sin embargo prudente concluir que la omisión fue muy verosímilmente intencionada, si bien favorecida por la condición no muy difundida del autor de la previa traducción y por las posiciones menos patrióticas que ostenta su prefacio, desacordes con las tendencias mayoritarias del humanismo itálico de su tiempo, que insistía en la preponderancia de la lengua latina y su historia sobre la griega.

Con su comparación entre la versión latina del *Elogio de la mosca* de Luciano preparada por Guarino y la recreación de la misma obra por Alberti, Martin McLaughlin concluye que la segunda obra constituye una expansión que ilustra la relación entre la lengua griega y la latina del humanismo italiano de esta época. Se caracteriza por la dimensión autobiográfica, la inyección de la cultura romana en el asunto del autor griego y una remodelación retórica que intensifica el juego de palabras y la eficacia satírica. El Autor subraya, por otro lado, la superioridad de Guarino en el conocimiento del griego, y destaca la tendencial fidelidad al original, salvando ciertas pequeñas interpolaciones y desvíos retóricos acordes con los modelos retóricos humanísticos.

Michel Malone-Lee aborda las traducciones de Platón elaboradas por el cardenal Bessarion en el siglo XV, integrándolas en la tradición ortodoxa de sospecha y anatema sobre éste y otros filósofos griegos y trazando un breve panorama de su posición en la tradición italiana desde Petrarca y en la polémica entre defensores y detractores de Platón en el contexto italiano de su tiempo. Bessarion como intérprete del filósofo griego surge caracterizado como un exégeta prudente, que consigue una conciliación entre las doctrinas platónicas y el cristianismo, sacando provecho de la tradición exegética patrística. Este valioso trabajo concluye con todo con una rápida sentencia sobre la dificultad de precisar la influencia del Platón de Bessarion, omitiendo sorprendentemente cualquier referencia a su difusión en el humanismo inmediatamente posterior (Ficino, Pico de la Mirandola).

El estudio de Giovanna Di Martino sobre la traducción del *Prometeo Encadenado* por Coriolano Martirano, versión plagiada por Giovanni Scarfò en 1737, subraya que las versiones de textos teatrales griegos en el siglo XVI tienden a la adaptación o recodificación del original para garantizar un nuevo público, abordando adecuadamente bajo esta perspectiva los desvíos o modificaciones de este *Prometeo*. La autora afirma, un tanto drásticamente (p. 128), que la distinción entre una pieza nueva y una traducción en este tiempo es *ilusoria*. Las diversas justificaciones presentes en los prefacios de los autores de las versiones, por lo demás evocadas pertinentemente por la propia Autora, obedecen, sin embargo, a la distinción entre una traducción propiamente dicha y una adaptación, opción que se escoge y defiende con criterios dramaturgicos, convincentes tanto en el siglo XVI como en la actualidad. De acuerdo con la A., la alegorización cristiana de la figura de Prometeo, heredada de la tradición tardo-antigua y medieval y presente en la obra de humanistas del siglo XV, la adaptación a la cultura latina de sus oyentes y la reducción de versos completan la "recodificación" del original en beneficio de sus receptores.

Caterina Carpinato presenta un lado menos conocido del renacimiento itálico, el de la comunidad griega, particularmente la instalada en Venecia, en cuyas casas impresoras se publicaron versiones de la obra homérica en griego moderno, como la versión de la *Ilíada* en griego vernáculo elaborada por Nikolaos Loukanis (1526) o la de la *Batrachomyomachia* por Dimitrios Zinos de Zakynthios (1539). La A. tiene en buena cuenta y acertadamente la dimensión identitaria de estas recreaciones, en el tiempo de la sumisión de las comunidades griegas al dominio turco.

Aún dentro del campo de las traducciones de autores griegos, merecen mención aparte dos contribuciones que se distinguen por abordar la relación entre la cultura greco-latina y el universo de la literatura vernácula francesa.

Particularmente relevante es la contribución de Tristan Alonge, que prueba como el estudio de las traducciones vernáculas de autores griegos, en su condición de adaptaciones / recreaciones, pueden considerarse formas embrionarias del teatro francés. La adaptación se observa principalmente en la moralización cristiana de los valores trágicos antiguos y la polarización de los caracteres antagonistas, trazos heredados de las *Moralités* medievales.

El nacimiento del género trágico en Francia se asociaba a Séneca y se localizaba en 1553, sin tener en cuenta la importancia de las versiones y contrafacciones de Sófocles y de Eurípides que son anteriores y cuyo número es muy notable (ascienden a 10) en el contexto europeo, rivalizando con la propia Italia.

Este estudio ofrece además una convincente propuesta de explicación – no exclusivamente filológica – del sorprendente declinio de las versiones de los dramaturgos griegos – predominantes en el primer cuarto del siglo XVI – y de la posterior hegemonía de Séneca: la asociación entre los helenistas / traductores y el protestantismo o evangelismo en torno al círculo de Margarita de Navarra. Con el Concilio de Trento, su persecución doctrinal y su prohibición de traducir las partes griegas de la Biblia, el acceso a los manuscritos griegos se habría dificultado y ello habría orientado hacia Séneca a los dramaturgos franceses.

Por su parte, Wes Williams estudia ejemplos de alusión a la *Aethiopica* de Heliodoro en la obra de F. Rabelais y de M. Montaigne, este último debedor de la traducción francesa debida a Amyot.

Comparativamente mucho menor espacio ocupan en este libro los estudios dedicados a la historia de los manuscritos de autores griegos en los ámbitos humanísticos italianos. Apenas Stefano Martinelli Tempesta se concentra en la historia del manuscrito de Aristóteles Ambr. B 7 inf., confirmando que se trata de uno de los ejemplares usados por Aldo Manucio para su edición de Aristóteles y Teofrasto (1495-1498), gracias al análisis de sus marcas de composición para la impresión, concluyendo que fue usado como *Korrektivexemplar* más que como *Druckvorlage*.

De las virtudes del volumen destacamos, en primer lugar, su voluntad de ofrecer una visión más contrastada de la cultura humanística italiana, que no omite la frágil posición social de los emigrados bizantinos y su inferioridad ante sus propios alumnos, bastiones prestigiados del humanismo italiano.

En segundo lugar, se agradece la focalización predominante en el campo de las traducciones, que en general revela el reaprovechamiento, a veces no declarado, de traducciones anteriores, como es el caso de Perotti.

El abordaje de otras facetas de la relación de los humanistas con la lengua griega, en particular en áreas especializadas como la Teología / Filosofía, o la Botánica / Medicina, podrá ofrecer una visión más compleja de esa relación *entre el griego y el latín*. Pero el libro es, por los méritos referidos, a todas luces valioso.

ANA MARIA TARRÍO

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

anatarrio@campus.ul.pt

## b) Literatura. Cultura. História

RICARDO DE SOUZA NOGUEIRA, *Persas de Ésquilo. Estudo sobre as Metáforas Trágicas, tradução e notas*, São Paulo, Annablume, 2017. 319 pp. ISBN 978-85-391-0822-0

Esta monografia foi a Dissertação de Doutorado de Ricardo Nogueira, apresentada em 2011, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde o A. é actualmente Pro-

fessor Associado. Fazem parte do volume uma análise pormenorizada das metáforas da tragédia *Persas*, de Ésquilo, e a respectiva tradução em verso branco, que o leitor pode cotejar com o texto grego estabelecido por Edith Hall (Warminster, 1996). Principia com uma brevíssima primeira parte teórica sobre a metáfora como associação de duas imagens, na qual é preciso identificar a expressão nuclear. Fica, assim, explicada a metodologia que o A. seguirá na sua análise, que constitui a segunda parte do volume. Nesta consideram-se seis imagens: do jugo, das instituições políticas gregas, da religião, da natureza, da vida quotidiana e do corpo humano. A análise das metáforas encerra com uma pertinente e clara reflexão sobre o seu funcionamento na peça. A terceira parte é a tradução da peça, desprovida de notas de leitura e com algum aparato crítico junto do texto grego, que reproduz o trabalho de Hall. Nesta apenas nos parece desnecessária a apresentação do aparato crítico, já que a monografia não é um trabalho de crítica textual.

Da perspectiva filológica em que assenta a análise resulta uma tradução poeticamente enriquecida e bastante fidedigna ao original. De facto, a tradução de Nogueira consegue dar a conhecer o texto grego com rigor, beleza literária e sobriedade, prescindindo de barroquismos sintácticos, não obstante a complexidade do estilo esquiliano. De louvar também é a transliteração das interjeições de dor finais, tão variadas no texto grego e cuja tradução seria muito limitada na língua portuguesa.

O estudo das imagens levou à manutenção até mesmo das mais difíceis metáforas, opção que não raro difere entre os tradutores da peça, desejosos de uma rápida apreensão do texto. Aliás, como o A. explica nas considerações finais, o resgatar as imagens evocadas da Antiguidade “acabou por estabelecer uma verdadeira técnica de tradução” (p. 308), a qual Nogueira expôs numa palestra feita em 2018, intitulada “Procedimentos e estratégias para a tradução da tragédia *Persas*, de Ésquilo”.

Assim, esta tradução desvela o mundo antigo levando o leitor a contactar com as instituições políticas, o modo de vida e a concepção religiosa do tempo em que foi produzido o texto. Das mais difíceis imagens, destacamos as políticas, cuja especificidade cria ao leitor moderno dificuldade de compreensão e que por isso são, não raro, escamoteadas nas traduções. Aliás, as metáforas políticas na tragédia têm uma relevância tal, que foram objecto de estudo autónomo por parte do A., que proferiu uma conferência intitulada “Imagens políticas e metáforas trágicas em *Os Persas*, de Ésquilo”, na XXVIII Semana de Estudos Clássicos, com texto publicado nos respectivos Anais (2009, v. 1). De facto, tendo a tragédia no século V a.C. uma importante função política, é fulcral preservar os termos que evocam as instituições da pólis, como éforos (v. 7, v. 25), prestador de contas (v. 213) ou éfetos (v. 79). Talvez o A. tenha prescindido de notas na tradução, porque explica todos estes termos ao analisar as expressões nucleares. Não esqueçamos que se trata de uma tradução que é produto de um estudo específico. No entanto, em nossa opinião, poderia figurar em pé de página uma explicação sucinta sobre as imagens mais complexas, porque o leitor, mesmo que leia com grande atenção o estudo, não conseguirá memorizar toda a informação a ponto de a ter toda presente no momento da leitura da peça.

De salientar, no estudo sobre as metáforas, a forma como cada tópico é trabalhado com uma sucinta e clara explicação do conceito, quando técnico, um enquadramento cultural, quando necessário, uma referência às eventuais fontes homéricas, quando pertinente, para que o leitor entenda o que o A. designa como “o diálogo entre o mundo ateniense e o contexto literário da tragédia” (p. 73). Faltou talvez uma comparação com as outras tragédias esquilianas, nomeadamente com a *Oresteia*, tão fértil na construção de metáforas. Mas o escopo do trabalho permite compreender a sua exclusão. Deslocada parece-nos estar a nota que explica a relação entre a tragédia *Persas* e a batalha de Salamina, que surge na análise das imagens que formam as metáforas do corpo humano, a mais de meio do estudo (n. 88, p. 194).

O volume conclui com uma bibliografia que inclui monografias que, embora antigas, são referência obrigatória num estudo sobre tragédia grega, como as de Lesky ou de Kitto; e sobre a tragédia *Persas* especificamente indicam-se tanto estudos mais recuados no tempo, como os de Schlensinger (1925) ou de Clifton (1964), como outros mais recentes,

embora só até 2009. Notámos que faltou referir a tradução que Pulquério fez desta peça; e pensamos que deveriam ter sido mencionados também mais alguns estudos de referência sobre a relação entre o teatro antigo e o ambiente político e social da Atenas do século V a. C., nomeadamente a monografia de Meier, intitulada *The Political Art of Greek Tragedy* (1993), na qual a tragédia esquiliana tem particular relevo.

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
alexandra.a.sousa@sapo.pt

FRANCESCA SCHIRONI, *The Best of the Grammarians. Aristarchus of Samothrace on the Iliad*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 2018. 908 pp. ISBN 978-0-472-13076-4

La aparición del presente volumen supone un avance importante en el conocimiento de Aristarco de Samotracia y de la filología antigua y será, sin duda, obra de referencia obligada para cualquiera que tenga interés en la filología antigua y en áreas relacionadas.

Aristarco vivió en el s. II a.C. y su actividad está estrechamente ligada a la librería y al Museo de Alejandría. Según la *Suda*, se le atribuían más de 800 libros de comentarios. Estos no se han conservado por vía directa manuscrita, sino integrados en diversos materiales como escolios u obras lexicográficas. Se trata de un enorme número de fragmentos nunca editado conjuntamente en su totalidad. Como la autora explica en el prefacio, el objetivo de este libro no es el de ofrecer una edición de los fragmentos de Aristarco, sino un análisis de sus prácticas y procedimientos filológicos a partir de los testimonios conservados en los escolios gramaticales a Homero, tomando como base la edición de Erbse. El análisis de Francesca Schironi se basa en una amplísima selección de textos (basta decir que el índice de los escolios comentados ocupa 39 páginas) que son traducidos, contextualizados y comentados con rigor y perspicacia, y organizados temáticamente. El libro se divide en 6 grandes secciones, precedidas de un prefacio en el que la autora justifica la estructura del libro convincentemente: 1. Aristarchus: Contexts and Sources (3-45); 2. Aristarchus at Work (48-92); 3. The six Parts of Grammar (93-544); 4. Aristarchus and his Colleagues (547-594); 5. Aristarchus' Homer (597-729); 6. Conclusions (731-761).

Las dos primeras partes ofrecen un encuadramiento histórico y metodológico, así como un análisis material de las fuentes y de las herramientas exegéticas y de crítica literaria de Aristarco. Ambas secciones son esenciales para comprender el estado de las fuentes y lo que ellas nos permiten conocer sobre el trabajo de Aristarco. El estudio central de su práctica filológica es desarrollado en el tercer apartado, cuyo criterio organizativo, cuidadosamente explicado y argumentado (pp. 93-100), sigue la división de la gramática de Dionisio Tracio en seis partes: prosodia, interpretación de tropos, explicación de *glossae* e *historiae*, etimología, analogía y valoración del poema. Francesca Schironi escogió esta organización del material por tratarse de una división de la gramática contemporánea a Aristarco y por proporcionar una estructura consistente a un material que se ha transmitido de forma muy dispersa.

La cuarta sección analiza la relación de Aristarco con sus predecesores, maestros y colegas en Alejandría y Pérgamo, centrándose en la actitud y las reacciones de Aristarco para con ellos. El objetivo del estudio es ahondar en la metodología propiamente aristárquea y no estudiar en detalle a los coetáneos ni cubrir todas las polémicas de forma sistemática, como la autora advierte.

La quinta sección es de gran interés para los estudiosos de Homero y de poesía griega en general, ya que ofrece un análisis de la opinión de Aristarco sobre Homero respecto a cuatro puntos: la lengua, la relación entre la *Iliada* y la *Odisea*, la relación de Homero con poetas posteriores y los personajes homéricos y su caracterización.

El volumen se cierra con un capítulo de conclusiones subdividido en los siguientes puntos: 1. Aristarchus in Context; 2. Aristarchus' Assumptions; 3. Aristarchus' Methodological Rules; 4. Aristarchus' Assumption and Rules at Work; 5. Aristarchus and Aristotle; 6. Aristarchus and Crates, *Grammatikoi* and *Kritikoi*; 7. Aristarchus and Hellenistic Science; 8. Aristarchus and the Empiricist; 9. Some Problems in Aristarchus' Method; 10. Aristarchus' Legacy.

A continuación siguen una extensa bibliografía y cinco índices: un índice general de nombres, conceptos y términos; un índice de términos técnicos; un índice de términos homéricos comentados por Aristarco; un índice de escolios a Homero y finalmente un índice de fuentes antiguas.

Una de las muchas virtudes de este libro es la claridad. Los temas que en él se discuten son complejos en muchos sentidos: el estado material y la transmisión de los textos que se estudian, la interrelación entre diversos tipos de materiales, la interpretación de los textos, el contexto de trabajo de Aristarco o la distancia entre sus categorías de análisis y las nuestras. Sin embargo, Francesca Schironi consigue exponer cada cuestión de forma accesible no sólo a los especialistas en filología antigua. Existe un esfuerzo constante de contextualización y de honestidad científica sin perder rigor, lo que es muy loable y muy de agradecer. Otro aspecto que me gustaría destacar positivamente es la progresión metódica de un análisis detallado y riguroso de los textos a la contextualización de esos detalles en un panorama más amplio. Como ejemplo, sirva el comentario al escolio a los versos 5 y 6 del primer canto de la *Iliada*, en la sección 5.3 ("Homer versus the Neoterói: Myths", pp. 662-667). El escolio comenta la famosa fórmula Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή, que ocupa el segundo hemistiquio del verso 5, y el primer hemistiquio del verso 6 ἐξ οὗ δὴ τὰ πρῶτα. Copio el texto y la traducción de la autora:

Sch. *Il.* 1.5-6 Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή, / ἐξ οὗ δὴ τὰ πρῶτα: Ἀρίσταρχος συνάπτει, ἵνα μὴ προοῦσά τις φαίνεται βουλή καθ' Ἑλλήνων, ἀλλ' ἀφ' οὗ χρόνου ἐγένετο ἡ μῆνις, ἵνα μὴ τὰ παρὰ τοῖς νεωτέροις πλάσματα δεξώμεθα. ("And the will of Zeus was accomplished / from the time when first": Aristarchus connects [the two lines], so that a certain will [of Zeus] against the Greeks clearly does not pre-exist, but [starts] from the time when [Achilles'] wrath began, so that we do not accept the inventions of the Neoterói").

En su traducción Francesca Schironi suplementa el escueto texto del escolio para ayudar al lector moderno, que a menudo accede a los escolios y al poema de modo separado. La interpretación de Aristarco de estos versos ilustra claramente su metodología, que buscaba la explicación de Homero en y por Homero, lo que lo lleva a considerar que las tradiciones míticas que otras fuentes ponen en conexión con estos versos son "invenciones de los poetas posteriores (*neoterói*)". En la discusión la autora presenta otros materiales, como el escolio D al mismo verso que explica la fórmula a partir de los *Cantos Ciprios*. El poema cíclico daba como causa de la guerra de Troya la voluntad de Zeus de reducir el exceso de población en la Tierra. El contraste con este otro escolio pone de relieve la metodología de Aristarco. A partir de este ejemplo, la autora presenta otros escolios que ilustran nuevamente la metodología aristaquea en relación con los mitos del juicio de Paris o el sacrificio de Ifigenia, bien conocidos para la audiencia de Homero de época clásica y helenística, pero que, según Aristarco, eran desconocidos para el poeta. Todo ello es expuesto por la autora de forma rigurosa, sintética y clara. Hubiese sido interesante que se hubiera hecho referencia en las notas al comentario mitográfico a Homero conocido como *Mythographus Homericus*, especialmente cuando el escolio D al que se hace mención ha sido editado como pasaje de ese comentario (vid. Joan Pagès "Análisis del escolio D a *Iliada* I, 5: una aproximación a la génesis del corpus", in J. F. González Castro et alii (edd.), *Actas del XI Congreso de la Sociedad Española de Estudios Clásicos*, vol. 2. Madrid, SEEC, 2005, pp. 453-460; Joan Pagès, *Mythographus Homericus. Edició crítica i comentari*, diss. Universitat Autònoma de Barcelona, 2007). Esta observación no es de forma alguna una objeción al comentario de Francesca Schironi, que es preciso en sus objetivos, ilustrar el trabajo de Aristarco, y que sintetiza de modo lúcido la compleja recepción de los mitos aludidos por las dos tradiciones exegéticas.



Dedicaré mi última observación al índice del libro: se trata de un índice muy detallado (ocupa 9 páginas), que refleja la estructura sistemática de la obra y facilita enormemente la navegación por ella. Como la propia autora indica en el prefacio (p. xviii), esta monografía resultará probablemente más útil como obra de consulta. En efecto, el índice y las numerosas referencias internas facilitan enormemente su uso de esa forma. Justamente en el índice he detectado una inconsistencia formal que debe ser un error tipográfico: en la p. xvi, la parte 6, “Conclusions”, no está en versalitas ni viene precedida por el término “part”, a pesar de que la sección final tiene la misma disposición que las otras partes en el interior del libro, vid. pp. 731 y 733. Inicialmente ello me indujo a cierta confusión sobre este apartado, que se resolvió rápidamente al consultar las conclusiones.

Para acabar, basta insistir en que nos encontramos ante una obra sólida que ofrece una gran cantidad de materiales extremadamente interesantes no sólo para aquellos que se dedican al estudio de la filología antigua, sino también para cualquiera que tenga interés en la recepción de Homero en la antigüedad.

NEREIDA VILLAGRA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

nereida@campus.ul.pt

STEFANO ACERBO, *Le tradizioni mitiche nella Biblioteca dello Ps. Apollodoro. Percorsi nella mitografia di età imperiale*, Amsterdam, Afolf M. Hakkert, 2019. 157 pp. ISBN 978-90-256-1340-2

En las últimas décadas la mitografía, en general, y Apolodoro, en particular, han recibido creciente atención. Han sido publicadas ediciones críticas, traducciones a varias lenguas y comentarios de casi todos los llamados mitógrafos. En el caso de Apolodoro (o Pseudo-Apolodoro como prefieren algunos estudiosos para distinguirlo de Apolodoro de Atenas; aquí usaremos la forma simple), fue publicada una edición crítica de todo el material en 2010, realizada por Manolis Papathomopoulos. El mismo año apareció otra edición crítica que se limitaba al primer libro, con traducción al catalán y un extenso comentario, de Francesc Cuartero. El mismo autor publicó en 2012 la respectiva edición y comentario del segundo libro. Dos capítulos fueron dedicados a Apolodoro en el volumen colectivo *Writing Myth: Mythography in the Ancient World*, en 2013, editado por Stephen Trzaskoma y Scott Smith. Los mismos autores habían publicado en 2007 un libro con las traducciones al inglés de la *Biblioteca* y las *Fábulas* de Higino. En 2017 apareció un volumen colectivo enteramente dedicado a Apolodoro, *Apollodoriana. Ancient Myths, New Crossroads*, editado por Jordi Pàmias, que reúne un conjunto de estudios cuyo germen fue el congreso de homenaje a Francesc Cuartero celebrado en Barcelona en 2013, así como otras contribuciones. Además, la *Biblioteca* ha sido el objeto de estudio de dos tesis doctorales en la Universidad Católica de Leuven (Ulrike Kenens, *Writing Greek Myth. A Philological Commentary on the Second Book of Ps.-Apollodorus' Bibliotheca* [§§ 1-126], with special regard to its language, sources and indirect transmission, 2011; Johanna Michels, *Crouching Cow, Killing Dragon. Agenorid Myth in Pseudo-Apollodorus, Bibliotheca, III, 1-56: A Philological Commentary*, 2015). Citamos esta sumaria lista de ediciones, comentarios y estudios sobre la *Biblioteca* de Apolodoro, que no pretende ser exhaustiva en absoluto (nos hemos ceñido solamente al s. XXI), para ilustrar el contexto en el que aparece el libro objeto de recensión y así poner de relieve su singularidad y relevancia.

Tal como Stefano Acerbo indica en los *Ringraziamenti*, este estudio tiene como base su tesis doctoral defendida en la Universidad de Pisa en 2016, con sustanciales modificaciones. El libro consiste en un estudio que se aparta de la tradicional *Quellenforschung* y plantea el análisis de la *Biblioteca* en su contexto de producción, la segunda sofística, como obra de autor y no como mera acumulación de las tradiciones míticas anteriores.

Para ello el autor hace un gran esfuerzo conceptual y metodológico, que consiste, por un lado, en una definición, o redefinición, de tradición mítica en la que se aprecia influencia de la escuela de París. En efecto, las tradiciones míticas se entienden como un discurso cuya parte mínima, la imagen mítica, vehicula significados diversos o abiertos, adaptándose así a los referentes del receptor y/o transmisor del relato. Es decir, no se puede aislar un único significado en un solo momento. Por otro lado, Acerbo desarrolla una metodología comparable a la arqueológica: busca identificar la “estratigrafía mítica”, las capas de discursos míticos diversos que cristalizan en el texto de Apolodoro, cuando ello es posible. Con este objetivo, selecciona algunos pasajes de la *Biblioteca* a los que aplica un análisis detallado y exhaustivo.

El libro está compuesto por una introducción, tres grandes capítulos y una sección final de conclusiones. Siguen un índice de nombres y lugares, un índice de pasajes y la bibliografía. El primer capítulo, intitolado “La mano del mitógrafo”, explora el relato de la sucesión divina y el reparto de poderes (1.1.1[1]-2.1[7]), comparando la versión apolodórica a la hesiódica y a la homérica, a la par que aborda un estudio semántico de los términos usados por Apolodoro. Acerbo concluye que algunas de las características del relato de Apolodoro pueden explicarse como una decisión voluntaria del autor sobre la materia mítica.

En el segundo capítulo, “La stratigrafia mitica e la *Biblioteca*”, se analiza el pasaje que narra la infancia de Heracles (2.4.9 [63-64]), a partir del cual Acerbo detecta influencia de la comedia media en la *Biblioteca* y propone una ampliación de las posibles fuentes de la obra mitográfica. Además, defiende que el incluir un elemento de la comedia no obedecería a una mera acción de “copiar y pegar”, sino a un intento de Apolodoro de establecer un juego de complicidad con el lector.

El último capítulo (“Risalire al passato. La polivalenza delle immagini e la prosa mitografica”) es el más extenso y se divide en dos partes: “Gea nella Teogonia della *Biblioteca*. Tracce di una tradizione delfica” y “Il banchetto di Pelope. Ricostruire una tradizione mitica”. Acerbo llega a conclusiones complementarias: por un lado, el análisis del pasaje de la ira de Gea, en contraste con otras teogonías, muestra, según el autor, que el relato apolodórico no se limita a plasmar el punto de vista de una tradición específica, sino que acaba por reflejar el continuo cambio de las tradiciones míticas. Por otro lado, el caso del relato de Pélope ilustraría otra finalidad: presenta un relato que ilumina la versión pindárica y su relación con las tradiciones anteriores.

En cuanto a la ortotipografía, he detectado un salto de página a mitad de página que deja una gran sección en blanco (p. 8), y en la p. 95, se ha omitido la preposición “di” en el título (“Ricostruzione [di] una tradizione mitica”).

De los estudios sobre Apolodoro enumerados al inicio de esta reseña, el artículo de Stephen Tzaskoma de 2013 (“Citation, Organization and authorial Presence in Ps.-Apollodorus’ *Bibliotheca*”) y diversas de las contribuciones del volumen colectivo de 2017 anunciaban ya la idea de que *Biblioteca* no puede ser considerada un mero contenedor de tradiciones y reclamaban la necesidad de poner el acento del análisis en la obra en sí, su audiencia y su contexto. El examen de Stefano Acerbo sigue esta línea de trabajo y hace una aportación muy valiosa al campo. Su análisis revela la pluralidad de objetivos de este texto y la postura de Apolodoro en cuanto autor; la cual se integra bien en la segunda sofística. La imagen que surge es la de una obra compleja que merece seguir siendo explorada. En definitiva, esta monografía consolida una nueva perspectiva en el estudio de la *Biblioteca* y de la mitografía y abre el camino a nuevos trabajos de investigación.

NEREIDA VILLAGRA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

nereida@campus.ul.pt

BÉNÉDICTE DELIGNON, *La morale de l'Amour dans les Odes d'Horace: poésie, philosophie et politique*, Paris, Sorbonne Université Presses, 2019. 392 pp. ISBN 979-10-231-0576-6

O tema do erotismo ou do amor nas *Odes* de Horácio tem sido tratado sob diversos pontos de vista, com particular incidência numa análise intra- e intertextual, em diálogo com a tradição lírica grega; esta metodologia, já presente num autor como Pasquali (1920, pp. 392-520), foi sendo particularmente desenvolvida na riquíssima história do comentário às odes horacianas, em que continuam a ser referências seguras as obras de Nisbet e Hubbard (1970; 1978) para os dois primeiros livros, a de Nisbet e Rudd (2004) para o terceiro livro e o comentário de Fedeli e Ciccarelli (2008) para o último livro das odes. Quanto a monografias dedicadas exclusivamente ao tema, os contributos são também vários, desde o estudo do simbolismo sexual feito por Minadeo, *The golden plectrum: sexual symbolism in Horace's Odes* (1982) passando por uma perspectiva feminista como a de Ronnie Ancona, *Time and the erotic in Horace's Odes* (1994), ou pela análise do discurso erótico horaciano, desenvolvida mais recentemente por Eicks em *Liebe und Lyrik* (2011), que acaba por questionar a própria legitimidade de se poder isolar, para efeitos exegéticos, este *corpus* de “odes eróticas”.

É, portanto, no contexto de uma longa e fértil discussão – mais focada por vezes, mais dispersa por outras – que a monografia de Bénédicte Delignon se insere. A obra, contudo, parte de um ponto de vista original, que se prende com o fio condutor de todo o texto: tentar demonstrar que Horácio, quando aborda nas suas odes temas relacionados com o erotismo ou com a paixão erótica, entra em ruptura com a lírica arcaica grega, fazendo das suas composições, explícita e implicitamente, veículos de promoção de uma moral sexual de cunho romano. No entender da autora, pois, a poesia erótica grega fora caracterizada pela ausência do ponto de vista moral, optando por cantar o desejo sexual ou o poder da paixão sem qualquer objectivo de edificação moral ou social. Esta premissa em relação à poesia grega arcaica, embora bem explanada e documentalmente sustentada ao longo de todo o livro, corre talvez o risco de ser demasiado ambiciosa, a começar pelo simples facto – tantas vezes negligenciado por este tipo de leitura intertextual – de conhecermos apenas uma ínfima parte da produção lírica grega antiga (um *caveat* que a autora sublinha na p. 91), além de que é difícil olhar para a produção iâmbica de um Arquíloco (que representa, para todos os efeitos, também ele a “poesia erótica antiga”, e que serve de modelo não só para os epodos, mas igualmente para algumas odes, como a famosa 2.7) sem ler neles uma moral sexual explícita quando, por exemplo, condena a licenciosidade e a libido da mulher velha que não compreende o ridículo do seu comportamento, crítica social e antecedente literário imitados várias vezes por Horácio, como na ode 3.15 – algo que Nisbet e Rudd já tinham sublinhado (pp. 191 ss.).

Não obstante, e talvez mais importante do que esta premissa, a leitura que a autora faz das odes eróticas de Horácio é sempre coerente, ao intentar analisar este *corpus* lírico tendo em conta três vectores exegéticos: a) a relação do poeta romano com o pensamento das diversas escolas filosóficas sobre a “ética sexual” (com particular incidência no epicurismo e na Academia); b) a relação com o *mos maiorum*, ou seja, com a “moral sexual” de tradição romana; c) a relação com a ideologia política augustana. Estes três vectores vão, pois, guiar todo o livro, sem nunca se perder o permanente diálogo com a tradição grega arcaica e helenística, património fundador da lírica horaciana, bem como com a elegia latina. É, aliás, de louvar o facto de todos os textos originais citados, quer latinos, quer gregos, apresentarem uma tradução muitas vezes da própria autora, permitindo ao leitor que não domine a língua grega acompanhar a riquíssima intertextualidade das *Odes*, algo praticamente impossível na maior parte dos comentários de referência.

A monografia apresenta, pois, uma organização clara, que permite uma leitura escorreita do texto, e em que os argumentos aduzidos e a estrutura dos capítulos se desenvolve de forma harmoniosa, com frequentes momentos de sistematização. O livro consiste em três partes, com três capítulos cada; a primeira parte trata da moral erótica

das *Odes* e discute a sua origem filosófica; a segunda explora a moral sexual de um ponto de vista social e ideológico; a terceira estuda aquilo que a autora considera ser uma “poética de compromissos”, discutindo a forma como a moral sexual se articula com o canto da paixão nas *Odes*.

Embora seja uma questão permanentemente discutida – e tantas vezes inconsequente – saber se Horácio é mais epicurista do que estóico, ou vice-versa, Bénédicte Delignon sustenta, na primeira parte do seu livro, uma tese bem mais desafiante, procurando argumentar que o eclectismo filosófico horaciano tem a ver não tanto com o seu próprio temperamento literário ou *persona* lírica, mas com os seus estudos na Academia, instituição filosófica grega descendente de Platão, com profundas raízes em Roma. De facto, a tendência não-dogmática desta escola parece mimetizada na própria postura filosófica de Horácio em muitas odes, o que ajuda a explicar porque convivem num mesmo autor influências epicuristas e estóicas (que são, aliás, amplamente discutidas na primeira parte do livro).

Para chegar, porém, a esta conclusão, a autora aborda primeiro a ética epicurista, sublinhando, com base em Lucrécio, que para esta escola o *amor* é fundamentalmente um *furor* ou uma *rabies*, algo que ilumina a interpretação de algumas odes de Horácio, como a 1.5, em que o tormento do amor se somatiza de forma nefasta. Embora a discussão seja fluida e copiosamente documentada, algumas leituras parecem-nos talvez um pouco forçadas; por exemplo, ao atribuir-se aos epicuristas a ideia de que o amor sexual não é um mal em si, desde que o amante não se prenda ao corpo do outro (a ideia de uma *Vulgiuaga Venus*), subentende-se, no contexto do capítulo, que este foi o principal móbil de Horácio para o vasto número de amantes que surgem na sua lírica. Ora, como a própria autora admite, esta abundância de nomes pode ser o resultado de um artifício lírico que já era grego, a que a *imitatio* horaciana não podia ser indiferente. Aliás, ter o *De rerum natura* como ponto de comparação para a linguagem erótica horaciana pode ser um exercício arriscado: o *medium* é significativo na comunicação (como tão bem explorou Marshall McLuhan), e Lucrécio não é, de facto, um autor lírico. A autora, porém, tem o cuidado de ir sublinhando esta dificuldade quando, por exemplo, analisa a linguagem dos fluidos epicuristas (p. 46), afirmando que a ode 1.13 tem mais de Safo do que de Epicuro. Uma discussão bem mais evidente parece ser aquela sobre a relação de Horácio com o modelo elegíaco que pontifica na época augustana, ao sublinhar que a devoção a uma única *dura puella* é contrária ao pensamento horaciano e epicurista da *Vulgiuaga Venus*, algo visível também na aversão à *querela* elegíaca, em que autores como Propércio ou Tibulo se lamentam e ambigualmente se comprazem com a dor da paixão.

Continuando a articular a recusa da estética elegíaca com uma adesão aos princípios vitais do epicurismo e do estoicismo, a autora argumenta no segundo capítulo que a própria relação entre temporalidade e moralidade, estabelecida em algumas odes por Horácio, não se deve somente à estética lírica grega, em particular ao epitalâmio e à canção simposiática; se o erotismo horaciano canta um amor que existe exclusivamente no aqui e no agora, ao contrário do ideário elegíaco (em que os amores se arrastam pelo tempo e têm uma só “musa”), tal se deve imputar não só à influência da lírica arcaica (nomeadamente na “ilusão” de performance da ode horaciana), mas também às doutrinas estóicas e epicuristas, que defendem que o homem sábio não se deve projectar no futuro, pois isso o impedirá de obter a almejada ataraxia.

Não é isento de discussão, porém, definir-se a ode horaciana amorosa como uma estética do “aqui e agora”. Embora nos pareça evidente que o enunciado de certas odes seja marcado pelo presente poético, parece-nos que a autora não sublinha algo marcante numa leitura intertextual do *corpus* de todas as odes, como nas chamadas *canzoni a dispetto* (tal como Pasquali agrupou as odes 1.25, 3.15 e 4. 13), onde três mulheres, embora com nomes diferentes, se inserem numa notória lógica temporal, que vai desde o viço da juventude até ao declínio da velhice: algo que o próprio sujeito lírico experimenta na ode 4.1. Por outro lado, é difícil não ler as odes 1.8, 1.13 e 1.25, no contexto do primeiro livro, como uma narrativa temporal acerca de uma só personagem, Lídia, com o

mesmo percurso decadente de Clóris (3.15) ou de Lice (4.13). Não é, pois, de desprezar uma leitura intratextual e macro-estrutural das odes, como aliás a autora ensaia no quinto capítulo, fazendo da disposição das odes amorosas no contexto das odes sociais ou políticas um argumento de peso a favor da adesão do vate romano ao regime augustano.

Mas talvez ainda mais ambicioso seja o terceiro capítulo, e simultaneamente o seu contributo mais original: a ideia de que Horácio não foi educado filosoficamente nem na escola estóica nem epicurista, mas na académica, e de que este facto se reflecte na sua poética. Segundo a autora, o poeta romano deve à Academia “não só um pensamento, mas também um léxico, uma mesma estrutura, de tal forma que podemos falar de uma verdadeira integração da filosofia em algumas odes” (p. 111). Assim, depois de sublinhar algo que em termos biográficos é evidente – a passagem de Horácio pela Academia em Atenas (Hor. *Epist.* 2.2.42-45) – bem como as várias referências na sua obra a esta escola filosófica, a autora reclama a recusa sistemática da Academia ao dogmatismo que caracteriza outras escolas filosóficas como a principal chave hermenêutica para a ode 1.29, onde o poeta parece aderir aos princípios ecléticos da *Socratica domus*. Daí passa-se para aquele que é um dos grandes objectivos do livro: encontrar influências do pensamento ciceroniano na obra de Horácio. Esta relação, porém, nem sempre nos parece óbvia: por exemplo, há uma longa discussão sobre uma mesma citação do *Eunuco* de Terêncio presente em Cícero (*Tusc.* 4.35, 75-76) e em Horácio (*Serm.* 2.3, 264-271, um texto que não pertence, aliás, ao *corpus* lírico), algo que leva a autora a concluir que ambos os autores têm uma concepção semelhante da moral sexual, assente nos princípios do *mos maiorum*; ora, como a autora admite, essa citação poderia ter chegado ao poeta romano independentemente – e parece-nos até fraco argumento referir que mais nenhum outro autor antigo usou a citação: pode tratar-se de uma simples coincidência, ou podemos até aventar que a citação estivesse presente num outro autor que não tenha sobrevivido ao tempo.

A discussão, porém, deste terceiro capítulo faz-se em grande parte em torno do conceito de *decorum*, virtude cardinal em Cícero; depois de aproximar convincentemente algum do pensamento e do léxico ciceronianos a textos de Horácio, não da sua lírica, mas da sua *Arte Poética* (114-122; 306-318), a autora passa àquela que seria a demonstração textual de que algumas odes de Horácio, do ponto de vista da sua moral sexual, têm uma matriz académica, procurando ler as odes 3.15, 4.13 e 4.1 tendo em conta o léxico ciceroniano, em particular a noção de *decorum*. A argumentação, porém, nem sempre é convincente. Por exemplo, será o uso de formas verbais como *decet* argumento decisivo para defender que a adequação do indivíduo à sua idade e estatuto social é uma ideia imputável de preferência ao filósofo romano e à escola académica? Porque não ter aqui como fonte o *mos maiorum*, que servirá aliás de guia à segunda parte do livro? Da mesma forma, embora se apresente a ode 1.5 como exemplo estrutural da ideia da dualidade da alma (uma parte racional e uma parte sujeita às paixões), tal como descrita por Cícero, a argumentação não nos parece demonstrar cabalmente que a fonte será, de facto, o filósofo romano.

A segunda parte do livro, que aborda a moral romana e o cidadão-amante, parece-nos talvez menos polémica, ao defender que a moral erótica das *Odes* é, para além de credora da filosofia, também ela, em larga medida, uma moral social. Depois de fazer uma leitura social e política de certas odes eróticas a partir da sua posição na macro-estrutura das odes, o quarto capítulo analisa mais convincentemente a ode 2.9 e 4.1 como exemplos claros do amante-cidadão, em que os excessos da paixão são moderados por uma vida cívica. Particularmente bem sustentados são os parágrafos que vêm nos frequentes retratos da *puella* em idade núbil ou da *matrona romana* exemplos da adesão de Horácio aos princípios morais do *princeps*, em consonância com a legislação augustana sobre o matrimónio (a *lex Iulia de maritandis ordinibus* e a *lex Iulia de adulteriis coercendis*, ambas de 18 a.C.). Assim também se argumenta com verosimilhança que aquele amor erótico mais desenfreado que se lê em algumas odes de Horácio é legitimado pelo próprio *mos maiorum*, que não se opõe a que este tipo de desejo sexual seja dirigido

a cortesãs, como é manifesto em 2.4, 2.11 ou 1.33. Também bem explanada está a ideia de que algumas odes se oferecem, neste capítulo, como um claro contraponto à elegia.

No capítulo seguinte, ao procurar evidenciar que a moral erótica das odes tem também uma função social, a autora aduz argumentos sólidos: o facto de muitas odes eróticas serem dedicadas a personalidades políticas do *entourage* de Augusto parece convidar a lê-las sob esse prisma. O tema enquadra-se na já muito estudada relação entre as reformas legislativas de Augusto em torno do matrimónio e do adultério e certos *Leitmotive* morais horacianos, salientando-se, porém, uma leitura bastante atenta do paralelismo estabelecido por Horácio entre o programa de restauração dos templos e a re-dignificação do matrimónio na ode 3.6. Mais discutível será a leitura de 3.4 (p. 201), em que se propõe que a componente erótica sirva para contornar o facto de Augusto ter recusado celebrar um triunfo no seu regresso da Hispânia – um argumento talvez mais flébil do que os anteriores.

O último capítulo desta parte aborda a forma como paz e guerra – em particular, os exercícios militares – servem como terreno fértil, nas odes eróticas, para uma ética filosófica e uma moral cívica, como se lê na interpretação da ode 3.12, que vê no descrever erótico do *iuuenis* uma referência à *virtus* bélica romana, ou a ode 1.8, que aponta na recusa de Síbaris em executar os exercícios típicos da juventude romana um exemplo pela negativa em como a paixão pode contaminar os princípios do *mos maiorum*. Esta visão da disciplina militar como valor ético e moral pode, de facto, como defende a autora, ter raízes em Cícero (em particular no livro II das *Tusculanae*), mesmo que Horácio, nesta mesma ode e em 3.7 ou 4.1, implicitamente admita que a *exercitatio* possa ter uma indelével carga erótica.

Na última parte da sua monografia, Bénédicte Delignon procura estudar a forma como Horácio gere, em certas odes, a evidente tensão que surge entre a paixão erótica e a moral sexual, e como o poeta supera tal dificuldade recorrendo à articulação de diversos géneros literários. Por exemplo, ao analisar a ode 3.11, a autora argumenta que a *imitatio* de Anacreonte se dá num espaço de conjugação de géneros (*transgénéricité*, tal como predicado pela autora), algo que permite a Horácio conciliar a paixão erótica com a voz do *mos maiorum*, ao fazer destes seus versos uma ode matrimonial; num outro exemplo, o hino a Vénus de 1.30 abre espaço a uma “ética erótica” no seio do género hímico. Para além desta *transgénéricité*, a autora argumenta que também a pragmática das formas poéticas líricas gregas (um epitalâmio, por exemplo, era concebido para ser cantado num ritual nupcial que acontecia *de facto*) é manipulada por Horácio como forma de reafirmar uma moral sexual. Isto ajuda a explicar como a fórmula iâmbica da *diffamatio*, fulanizada na poesia epódica grega, seja usada por Horácio na crítica mais geral à velha debochada (1.25), ou como a função dedicatória do epigrama dá à ode 1.15 um carácter exemplar de *renuntiatio amoris*, ou ainda como na ode 3.9 Horácio reapropria a função lúdica do canto amebou para se distanciar da paixão erótica. O último capítulo desta obra aborda o tema do homoerotismo, de preferência ao termo “homossexualidade”, expressão que de facto se centra na prática sexual *per se*, e deixa escapar algumas das matizes principais das relações homoeróticas do mundo antigo que assentavam, muitas vezes, não tanto em práticas sexuais, mas em expressões de poder ou de relações sociais. Com isto em mente, a autora apresenta a ode 2.9 como um exemplo de que Horácio evita nas suas odes retratar as relações pederásticas do mundo grego, favorecendo uma moral sexual mais afim à mentalidade romana, como é a relação entre o *dominus* e o seu *puer delicatus*; e mesmo naquelas odes de inspiração mais grega, como as odes 2.5, 4.1 e 4.10, a autora esforça-se por argumentar, nem sempre com o mesmo grau de eficácia, que estas odes não são especificamente “gregas”, mas uma reafirmação não só da necessidade de fazer depender o amor do momento presente, como também do valor do casamento.

Inserindo-se num vasto campo de discussão, *La morale de l'Amour dans les Odes d'Horace* é o resultado de uma ampla investigação, cuidada e diligente, de uma autora que tem um percurso sólido nos estudos horacianos, maturidade que é aliás evidente na honestidade e probidade intelectuais com que aborda temas que estão longe de ser



consensuais entre os estudiosos da lírica horaciana. Além de apresentar leituras pouco habituais sobre o universo das odes eróticas horacianas, como a sua relação com a Academia e com Cícero, a obra acaba por resultar num excelente e bem conseguido esforço de sistematização de várias ideias que se encontram dispersas numa vasta bibliografia, cujo domínio é hoje humanamente impossível de lograr, em particular na relação de Horácio com a filosofia ou com a elegia latina. Talvez o ponto forte desta monografia seja simultaneamente a sua maior fraqueza, pois parece-nos que os estudos horacianos continuam a viver de uma forma excessivamente autónoma; um livro que discute moral e ética sexuais num autor como Horácio poderia ter dado lugar a leituras que contemplassem a própria sexualidade romana – tema apenas levemente aflorado no último capítulo – a partir de estudos dedicados especificamente ao assunto, como é exemplo (de muitos que poderíamos aduzir) a relativamente recente obra de Géraldine Puccini-Delbey, *La vie sexuelle à Rome* (2007), que não surge na bibliografia. Por outro lado, parece-nos não ser um pormenor despidendo o facto de Horácio assumir várias vezes na sua obra o seu género masculino, confessando, a tempos, quer a sua incontinência e apetite sexuais, quer mesmo a sua impotência (tema, aliás, recorrente nos seus epodos), e é de estranhar que este tipo de abordagem (como, por exemplo, a relação sexualizada entre o masculino e o feminino, claríssima nas odes) esteja praticamente ausente num texto que versa precisamente a temática sexual, especialmente numa época em que os estudos de género se encontram numa fase de franco desenvolvimento.

PEDRO BRAGA FALCÃO

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /

Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa

pedrobfalcao@ft.lisboa.ucp.pt

ROBIN GLINATSI, *De l'Art Poétique à l'Épître aux Pisons d'Horace: Pour une redéfinition du statut de l'œuvre*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, 2018. 203 pp. ISBN 978-2-7574-2021-89

No contexto da literatura latina do século I a. C., R. Glinatsis declara que, apesar de trechos de reflexão metapoética em Lucrécio, Virgílio, Propércio e Ovídio, não se produziu uma obra autónoma sobre arte poética, omissão que se pode velar com sátiras, odes (sobretudo 4.2) e, em particular, com as epístolas 1.19, 2.1, 2.2 e *Epístola aos Pisões*, de Horácio, que exibem uma “forte résonance métalittéraire”. No entanto, “celles-ci présentent le double inconvénient [...] de ne parler que d'elles-mêmes et de le faire en un langage propre au genre investi” (p. 10). O estudo de Glinatsis começa, assim, a recensar a recepção que a *Epístola aos Pisões* conheceu na Antiguidade (Quintiliano, Diomedes, Pseudo-Ácron, Porfírio) e na Idade Média (Bernard de Utrecht, Conrad de Hirsau e Evrard, o Alemão) para confirmar que a leitura do poema lhe garantiu uma interpretação doutrinária que, na sua origem, lhe seria estranha.

Das reflexões a que o texto de Horácio foi submetido (com prolongamentos renascentistas, como testemunham as obras de Josse Bade e de Marco Girolamo Vida), sublinha-se a sua relação com a retórica: “la tradition médiévale [...] façonne in mode d'interprétation archétypal par et pour l'*Épître aux Pisons*: elle y puise les préceptes nécessaires à l'institution d'une grille de lecture valable pour toute œuvre poétique et l'érige *ipso facto* en manuel théorique” (p. 12). Quando a *Poética* aristotélica é redescoberta (c. 1533), Francesco Robortello e Vincenzo Maggi “mettent en œuvre un travail de décryptage conditionné par la reconnaissance du matériau théorique aristotélicien derrière chaque assertion que pose le poète latin” (p. 15). A submissão da *Arte Poética* à *Poética* tem continuidade nos séculos XVII e XVIII, de que são exemplo obras de René Rapin, embora Horácio comece a reassumir o papel de “maître absolu dans le domaine de la

théorie poétique” (p. 15): Boileau serve-se do poeta latino para escrever a sua *Art poétique*, considerada superior à latina por Voltaire.

A partir do século XIX, verificando-se maior cuidado editorial na publicação da epístola horaciana, ela continua a ser comentada e anotada (mas também fragmentada por subtítulos), até que, nas edições de Hermann Schütz e de Augustus S. Wilkins, surge uma nova interpretação sobre o estatuto do poema: “Le poète augustéen a voulu composer un ouvrage aussi plaisant qu’instructif, et cela impliquait le délaissement, au moins partiel, des éléments propres à l’élaboration d’une véritable *ars*” (p. 17). Embora se defenda uma estruturação bipartida da *Arte Poética*, prolongando propostas da última década de Oitocentos, no século XX, a partir de um estudo de Eduard Norden, parecem confirmar-se algumas das ideias até agora compendiadas.

Depois de “La réception du texte”, que aqui se resumiu, a introdução trata do título (pp. 18-19), da datação (pp. 19-20) e do “estatuto” do poema, que oscila entre *arte poética* e *epístola* (pp. 20-22).

O estudo de Glinatsis estrutura-se em três partes: a primeira (pp. 23-91) sobre o confronto da *Ars poetica* com os tratados antigos, começando, no primeiro capítulo, no próprio conceito de tratado, discutido a partir da noção de τέχνη e de características de tratado (pp. 25-29). A seguir (capítulo II, pp. 31-57) são estudadas as relações da *Ars poetica* com as *artes rhetoricae* sob quatro tópicos: proximidade da poesia e da retórica, a influência desta sobre a *Ars poetica*, considerações sobre o esquema estrutural (em que se incluem “Tentatives d’application à l’*Ars poetica*: Présence de la tripartition *inuentio* / *dispositio* / *elocutio*; Éléments discordants”) e a aliciante interpretação “isagógica” de Eduard Norden, à qual se apresentam objecções. O último capítulo da primeira parte sintetiza informações sobre a relação da *Arte Poética* com a *Poética* aristotélica e as obras de Neoptólemo de Paros e de Filodemo de Gádaros (pp. 59-83).

A segunda parte do livro (pp. 93-154) é dedicada ao género epístola, começando (capítulo IV, pp. 95-109) pelo conceito e história do género na Antiguidade (em três tópicos: princípios definidores da epístola, como a distinção entre epístola e carta, dialogismo e ficção e realidade; forma e formas epistolares; desenvolvimento e funções da epístola na Grécia e em Roma, distinguindo-se as epístolas científicas das filosófico-morais e das poéticas). Daqui se parte, no capítulo V (pp. 111-135), para o estudo da estrutura da *Epístola aos Pisões* (a variante *Arte Poética* deixa agora de ser usada pelo autor): discute-se se poema é uma epístola e as aproximações ao *sermo* (em termos de linguagem e estética).

O capítulo VI (pp. 137-152) preocupa-se com o contexto histórico, político e cultural em que a *Epístola aos Pisões* foi produzida, havendo oportunidade para explicações sobre “La prépondérance du drame dans l’Épître aux Pisons”, “Allusions à des débats contemporains” e “Références diverses à l’*hic et nunc* de la Rome augustéenne” numa primeira secção, sendo as outras duas dedicadas aos destinatários da epístola e à “place textuelle des destinataires et leur influence sur le discours horatien”.

A terceira parte do livro (pp. 155-181) denomina-se “L’Épître aux Pisons, un poème sur l’art de la poésie” e é o fim do percurso intelectual proposto pelo título e subtítulo da obra (*Pour une redéfinition du statut de l’œuvre*): a epístola aos Pisões não é uma *ars poetica* porque não é um tratado, mas sim a dinamização por uma voz poética de um conjunto de preceitos que um sujeito dirige aos destinatários, em particular acerca da escrita da tragédia e do drama satírico. A epístola aos Pisões fica, assim, inscrita na obra lírica de um poeta lírico, com ecos evidentes de uma essência satírica.

Logo depois da primeira e da segunda partes, existem conclusões parcelares que sintetizam os argumentos até aí aduzidos; no fim da terceira parte, surge a conclusão geral (pp. 183-186), a bibliografia e o índice onomástico (pp. 187-202). Deve notar-se a qualidade das notas de rodapé, que identificam referências bibliográficas que amplificam e documentam os argumentos desenvolvidos pelo autor, além de apresentarem tradução de todos os passos gregos e latinos citados.

A novidade proposta pelo estudo de Glinatsis assenta numa fina análise estilística e estrutural do poema intitulado *Arte Poética* por sucessivas gerações de leitores de Horácio

e tem por finalidade resgatar o poema de uma suposta e abusiva interpretação normativa, doutrinal e tratadística. Sem deixar de o assinalar com frequência, Glinatsis sublinha que, embora recorra a um vocabulário técnico (como *materia*, *res*, *facundia*, *ordo*) e recupere objectos de tradição e pensamento teóricos, o poema não tem características de um verdadeiro tratado (não faz uso de uma linguagem clara e inequívoca, não é sistemático nem exaustivo, estando a própria poesia lírica ausente desta teoria, podendo, todavia, encontrar-se informações sobre ela noutros poemas de Horácio). A *Arte Poética* deverá, portanto, pela interpretação de Glinatsis, ser lida como *Epístola aos Pisões*, uma vez que foi produzida num contexto específico, com concepções literárias e polémicas próprias. Num tom espontâneo e vívido, típico do *sermo*, com início *in medias res* e mudanças estilísticas repentinas, o poema reúne, sem método aparente, um conjunto de conselhos, recomendações e regras para estruturar e orientar o processo de criação poética, sem deixar de ser um poema lírico.

RICARDO NOBRE

Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
rnobre@letras.ulisboa.pt

LEONARDO COSTANTINI, *Magic in Apuleius' Apologia. Understanding the charges and the forensic strategies in Apuleius' speech*, Berlin / Boston, De Gruyter, 2019. XII + 289 pp. ISBN 978-3-11-061659-0

A obra em análise é resultado da tese de doutoramento de Leonardo Costantini, apresentada à Universidade de Leeds em 2016. Este título vem juntar-se a um *curriculum vitae* admirável que inclui publicações nas melhores revistas e editoras da especialidade, com estudos dedicados não apenas a temas de magia, mas também ao romance latino e à crítica textual.

O livro é constituído por doze capítulos, percorrendo todas as acusações de magia tratadas no discurso da *Apologia*. Em “Introduction” (pp. 1-19), o A. expõe o propósito e os objectivos deste estudo, faz um sumário das figuras históricas presentes no texto e resume o estado da arte sobre a *Apologia*. É de destacar o trabalho seminal de A. Abt (*Die Apologie des Apuleius von Madaura und die antike Zauberei*, Gießen, 1908). O A. reconhece a importância desta obra, mas propõe-se adoptar uma metodologia mais apurada para definir a magia antiga (p. 12). Por fim, é apresentado um resumo dos vários capítulos que compõem o texto. O segundo capítulo (“Magic in the *Apologia*: A Matter of Terminology and Meaning”, pp. 20-42), ainda em jeito introdutório, analisa os termos *magos* / *magus* e as suas diferentes interpretações, explora a dimensão literária da prática de magia em autores greco-romanos, e elabora um breve excursus sobre a presença deste tema em textos de oratória.

O objectivo das páginas seguintes é o de reconstruir as acusações feitas pelos adversários de Apuleio e mostrar o engenho retórico do réu para se inocentar. Em “Apuleius the Lustful Magus” (pp. 43-59), o A. debruça-se sobre vários aspectos relacionados com magia erótica que podem estar na base das acusações: a boa aparência de Apuleio, o seu bilinguismo, a manipulação de ervas e o uso de espelhos. Seguidamente, aborda-se o debate da distinção entre filosofia e magia, centrando o estudo na figura de filósofos também acusados de magia. No foco das acusações primárias está o uso de *res marinae* em rituais de magia para conquistar Pudentilla (“Love, Sea Creatures, and Literary Magic”, pp. 82-105; “Sea Creatures for the Seduction of Pudentilla”, pp. 106-134).

Deve também referir-se a discussão que o A. desenvolve sobre a relação entre práticas de magia e cultos de mistério, fruto das alegações apresentadas contra Apuleio (“The Pollution of Pontianus’ Lares”, pp. 161-181). No seguimento das acusações, nos capítulos que compõem a segunda parte da obra, o A. estuda e discute: actividades

nocturnas e objectos a elas associados, que facilmente se relacionam com práticas de magia negra (“Occult Nocturnal Activities”, pp. 182-196); rituais de necromancia na literatura e nos *Papiros Mágicos Gregos* (“Apuleius the Necromancer”, pp. 197-225); por fim, no âmbito da alegada sedução de Pudentilla por meios de magia erótica, o estudo de conceitos-chave como *uenenum* e *carmen* (“The Allegations Concerning the Seduction of and Wedding with Pudentilla”, pp. 226-253).

Como é mencionado na p. 254, o próprio A. assumiu várias vezes o papel de *aduocatus diaboli* para pôr em evidência as eventuais fraquezas do discurso de defesa. Segundo o A., Apuleio, ao revelar um conhecimento demasiado profundo de várias práticas mágicas, poderia levantar problemas à sua defesa. Tais acusações são desfeitas com erudição e estratégias retóricas, e com recurso a numerosas referências a autores da literatura greco-romana, como Vergílio e Homero, considerados inócuos pela audiência do tribunal (p. 105). Salienta o A. que a principal função de Apuleio seria provar a sua inocência e “to cleanse *magia* from its base, goetic connotation, defending a superior lore that his *uitae magister* Plato was believed to have sought out and admired” (p. 259).

Apresenta-se, no final da obra, uma secção com a bibliografia (pp. 260-284), exaustivamente constituída por todos os estudos de referência sobre magia, e uma última secção com um índice geral (pp. 285-289) que abarca, essencialmente, antropónimos e conceitos-chave.

Costantini mostra, neste estudo, um conhecimento profundo não apenas da obra de Apuleio em todas as suas variantes, do romance à filosofia, mas também de um vasto leque de autores da Antiguidade Clássica que tratam temas de magia, de filosofia ou de medicina, que possam, de algum modo, relacionar-se com a abundância de temas dos vários capítulos. A par de exemplos da literatura, o A. recorre frequentemente a fontes não literárias como as *tabellae defixionum* ou os *Papiros Mágicos Gregos*, indispensáveis em qualquer estudo sobre magia. Neste sentido, o livro que agora se recenseia vem estabelecer-se como referência nos estudos académicos sobre magia antiga, sendo fundamental a sua consulta para qualquer pessoa, académico ou curioso, que se venha a debruçar sobre o tema.

GABRIEL A. F. SILVA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

gabriels@campus.ul.pt

ELGUJA KHINTIBIDZE, *Medieval Georgian Romance – The Man in a Panther-Skin and Shakespeare’s Late Plays*, Adolf M. Hakkert, Amsterdam, 2018. 301 pp. ISBN 978-90-256-1330-3

As fontes das peças de Shakespeare foram compiladas pela primeira vez por Geoffrey Bullough nos oito volumes de *Narrative and Dramatic Sources of Shakespeare*. Este livro, ainda hoje considerado uma pedra-de-toque nos estudos sobre este tema, encontrou sobretudo pontos de contacto entre Shakespeare e obras clássicas, como as peças de Séneca, ou crónicas historiográficas britânicas como *Chronicles*, de Holinshed. Ficou por fazer muito do trabalho de encontrar outras referências de narrativas que circulavam no Renascimento, e, nesse sentido, *Medieval Georgian Romance The Man in a Panther-Skin and Shakespeare’s Late Plays* vem colmatar uma falha, argumentando de forma persuasiva que a obra de Rustaveli é uma fonte para peças como *Cymbeline*, de Shakespeare, e *Philaster*, de Beaumont e Fletcher. Deste modo, o argumento de Elguja Khintibidze ajuda a demonstrar como as semelhanças entre as duas peças, tantas vezes apontadas pelos críticos, se devem ao facto de estas terem como fonte comum *The Man in a Panther-Skin*, derivando a estrutura de cada enredo directamente da narrativa de Rustaveli. Khintibidze defende que o conhecimento de *The Man in a Panther-Skin* terá surgido em

Inglaterra através das expedições de Anthony Sherley à Pérsia, de que Shakespeare teria conhecimento. Sherley compilava, traduzia e enviava para os teatros ingleses as narrativas que ia encontrando para serem modificadas pelos dramaturgos nas suas peças. O argumento apresentado é convincente e contribui de forma relevante para o alargamento das fontes conhecidas de Shakespeare, sendo assim um importante ponto de partida para estudos futuros sobre *Cymbeline*.

Apesar da sua relevância para os estudos shakespearianos, escaparam três aspectos fundamentais à obra *Medieval Georgian Romance The Man in a Panther-Skin and Shakespeare's Late Plays*, que lhe teriam permitido dialogar com o corpo crítico existente, levando o argumento mais longe. O primeiro diz respeito à estrutura no livro, que na primeira parte contextualiza e descreve a obra de Rustaveli para um público que desconhece esta narrativa, dividindo as características de *The Man in a Panther-Skin* em secções como “Aphoristic speech”, “Manuscripts of MPS, Versions and Continuations”, “Conceptualization of the Poem in Georgian Society”, entre outros. A descrição da narrativa de Rustaveli poderia, contudo, servir para reforçar o argumento principal do livro de Khintibidze (o de que este é uma importante fonte para os estudos Shakespearianos), em vez de se restringir a um mero resumo de características. Em segundo lugar, teria sido bom aprofundar o diálogo com obras recentes que reavaliaram o uso de fontes em Shakespeare, como as de Robert S. Miola (por exemplo, *Shakespeare's Reading*, 2000), John Kerrigan (*Shakespeare's Originality*, 2017), o livro *Rethinking Shakespeare Source Study* (editado por Dennis Austin Britton e Melissa Walter, 2018) ou o número dedicado a este tema na revista *Shakespeare Survey* (“Shakespeare, Origins and Originality”, editado por Peter Holland e publicado em 2015). Por fim, e talvez mais importante, a sinalização de *The Man in a Panther-Skin* enquanto fonte poderia ter sido usada para desenvolver uma tese geral sobre o uso de referências e alusões em Shakespeare. Khintibidze poderia ter demonstrado como a crítica literária shakespeariana teve tendência para se focar no estudo de fontes clássicas e em língua inglesa, ignorando o modo como as histórias e as narrativas circulavam entre países no Renascimento. O autor perdeu, assim, a oportunidade de defender que as fontes usadas por Shakespeare eram transnacionais e intemporais, ultrapassando barreiras de espaço e de tempo.

MARIA SEQUEIRA MENDES

CECC (Centro de Comunicação e Cultura)

Universidade Católica Portuguesa /

Programa em Teoria da Literatura da

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

mariafmendes@campus.ul.pt

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO, ANA PAULA BANZA, CRISTINA PIMENTEL, ISABEL ALMEIDA, MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL (org.), *Estudos sobre o Padre António Vieira*, Vol. 1: *A Sedução da Palavra: os Sermões*. Pref. Arnaldo do Espírito Santo, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2017. 385 pp. ISBN 978-972-27-1977-3

ANA PAULA BANZA, ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO, CRISTINA PIMENTEL, ISABEL ALMEIDA, MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL (org.), *Estudos sobre o Padre António Vieira*, Vol. 2: *Pensamento e Acção: O Quinto Império*. Pref. Ana Paula Banza, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2017. 388 pp. ISBN 978-972-27-1975-9

Mesmo que os Professores que também são investigadores e os Investigadores que também são professores dediquem o seu tempo ao estudo de obras literárias de autores

consagradamente canónicos, poucas oportunidades como as efemérides se oferecem para um sopro actualizador daquilo a que, por convenção, se chama “o estado da arte”. Foi assim em 2008, quando se celebrou, com pompa académica e circunstância literária, o quadringentésimo aniversário do Padre António Vieira, S.J. Publicados já em 2017, os dois volumes que recebem o modesto título *Estudos sobre o Padre António Vieira* resultam, assim, do convívio e do debate que um colóquio (organizado pelo Centro de Estudos Filosóficos da Universidade Católica Portuguesa, pelo Centro de Filosofia e pelo Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa) suscitou naquele ano.

Os livros são publicados pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, casa editora que tem prestigiado a cultura nacional ao longo de séculos, sendo por isso surpreendente (sobretudo numa obra colectiva) que os volumes não tenham cabeças ou que se tenha prescindido de um índice remissivo. Na ficha técnica, não surgem nomes de revisores (que, apressados a aplicar a grafia do Acordo Ortográfico a todos os textos, precisavam estar mais atentos para não chamar *introdução* ao *prefácio*, *coordenadores* aos *organizadores*, *Centro de Literaturas de Expressão Ultramarina* (!) ao CLEPUL) nem de responsáveis pelo tratamento gráfico da obra.

É natural que, decorrente do livre apelo à participação (e consequente processo de arbitragem científica), não seja permitido aos organizadores produzir um volume com a unidade de uma monografia, sendo, contudo, assinalável como da organização dos textos resultam volumes temáticos coerentes. O primeiro é dedicado aos *Sermões*, lidos pela cartilha jesuíta (e sua retórica), apresentando uma edição italiana “ígnota”, tratando de temas como a escravatura, a recepção contemporânea dos sermões ou a presença de figuras como S. Francisco Xavier e Santo António; são de realçar estudos individuais sobre os sermões do Mandato, da Primeira Oitava da Páscoa, de Santo António e da Quaresma.

O segundo volume destes *Estudos sobre o Padre António Vieira* subintitula-se “Pensamento e Acção: O Quinto Império” e, como se adivinha, é sobre a restante obra, em particular as cartas, a *História do Futuro* e a *Clavis Prophetarum*. Acerca daquelas, são apresentadas pesquisas filológicas, a respeito de variações textuais ou do uso de lugares-comuns, e sobre as relações do Padre Vieira com os seus contemporâneos (Duarte Ribeiro de Macedo, Francisco Manuel de Melo, Matias de Figueiredo e Melo), havendo espaço de reflexão sobre “a cultura popular tradicional luso-afro-brasileira”. A questão teológica, messiânica, profética e do Quinto Império percorrem os restantes textos do volume, com leituras da *Clavis Prophetarum* e da *História do Futuro*.

Os trinta e oito artigos recolhidos nos *Estudos sobre o Padre António Vieira* ajudam a compreender cada vez melhor, em várias das suas facetas, a obra de um dos autores mais importantes da literatura portuguesa.

RICARDO NOBRE  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
rnobre@letras.ulisboa.pt

J. G. MONTES CALA, R. J. GALLÉ CEJUDO, M. SÁNCHEZ ORTIZ DE LANDALUCE, T. SILVA SÁNCHEZ (edd.), *Fronteras entre el verso y la prosa en la literatura helenística y helenístico-romana. Homenaje al Prof. José Guillermo Montes Cala*, Bari, Levante Editori, 2016. 784 pp. ISBN 978-88-7949-664-3

Quizá lo primero que llame la atención de este libro es que el homenajeado forma parte del conjunto de editores del mismo, no obstante, tal y como indica el Profesor Gallé Cejudo en el capítulo inaugural – “Las fronteras entre el verso y la prosa y la necesidad de editar de un libro”, pp. 13-23 –, la tarea de edición fue iniciada por el propio Profesor Montes Cala y muchas de las investigaciones que se ven reflejadas en este volumen han



sido financiadas por el Proyecto de Investigación cuyo investigador principal era el homenajeado, por tanto, entendemos que no podía obviarse la presencia del mismo entre los editores.

Como tampoco podría ser de otra manera, encabeza la lista de cincuenta estudios, tres artículos de Guillermo Montes Cala (pp. 45-135). Es de agradecer que se publiquen estos tres artículos inéditos que muestran el gran investigador que era y que pueden suponer el punto de anclaje clave de futuros estudios dedicados a la bucólica helenística, en especial al *Idilio VII* de Teócrito, el principio de inclusión genérica, considerado por el autor como un principio básico de la producción lírica en autores como Teócrito, y, por último, el artículo que sustentaba la solicitud del Proyecto de Investigación en el Plan Nacional que se hubiera llevado a cabo de no haber sido impedido por el destino: “Πολλὰ ψεύδονται ἄνθρωποι. Poesía o verdad: la gran escisión”. En este trabajo, se analizan tres autores fundamentales, Hesíodo, Solón y Simónides de Ceos, para confirmar la concepción de la poesía como verdad verosímil frente a la prosa para convenir que el término ποιήσις se corresponde con cualquier creación literaria en la que se construya una ficción verosímil, siguiendo los términos empleados por Aristóteles en *Poética*.

Siguen a estos trabajos inéditos cuarenta y cuatro estudios, de veinte universidades de ámbito nacional y cinco de ámbito europeo; además, participan investigadores de un amplio rango de edad, convirtiéndose en un volumen intergeneracional, hecho que, una vez más, es una muestra del gran afecto con que contaba Guillermo Montes. Una amplia gama de estos trabajos se enmarca en diferentes Proyectos de Investigación, prueba de la calidad de los mismos, y tratan sobre diferentes campos específicos referidos todos ellos al campo de filología clásica: la poesía homérica, la lírica, lexicografía, edición y crítica textual, paleografía, epigrafía, tragedia, recepción de textos, épica helenística, retórica en época imperial, novela e incluso la geografía en la Antigüedad. Este hecho confiere al presente volumen un sentido de utilidad mucho mayor, pues permite que dichos estudios se conviertan en referente en cualquiera de estos campos.

Se percibe que el volumen está editado por profesores que son a la vez grandes investigadores, pues se aprecian varios detalles que facilitan su consulta al investigador: se agradece que cierre cada capítulo la bibliografía que se ha utilizado en el mismo, así como que al final del libro se haya reservado una sección que agrupa los resúmenes de los diferentes capítulos.

En definitiva, debemos agradecer a los editores el esmero y cuidado con el que han realizado este volumen, sin duda, nos encontramos el contenido del mismo hubiera enorgullecido al homenajeado y que puede suponer la piedra angular en la que reposen futuros estudios.

NURIA LLAGUERRI  
Universidad de Valencia  
nuria.llaguerri@uv.es

ROSARIO LÓPEZ GREGORIS (ed.), *Drama y dramaturgia en la escena romana. III Encuentro Internacional de Teatro Latino*, Zaragoza, Libros Pórtico, 2019. 383 pp. ISBN 978-84-7956-188-8

Los días 20 y 21 de septiembre de 2018 se celebró en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Autónoma de Madrid un encuentro sobre teatro romano, dentro del marco del proyecto de investigación “Drama y dramaturgia en Roma. Estudios filológicos y de edición” (FFI2016-74986-P), financiado por el MINECO, en el que participaron todos los miembros del grupo de investigación, todos los del grupo de trabajo y tres expertos en teatro, que aportaron su visión personal sobre la dramaturgia romana.

Como resultado de este encuentro se ha publicado el libro que ahora presentamos, que incluye el texto completo de todas las intervenciones, divididas en tres secciones temáticas: I) Literatura y dramaturgia (con cinco trabajos), sobre ciertos aspectos temáticos del mundo antiguo que, estudiados en las comedias romanas, permiten descubrir aspectos insospechados de las mismas; II) Teatrología y dramaturgia (seis trabajos), dedicado al análisis de ciertos aspectos que definen las convenciones del teatro antiguo, que, en manos de los dramaturgos, permiten construir las tramas teatrales; III) Lingüística y dramaturgia (cinco trabajos), que se aproxima al teatro antiguo desde una perspectiva lingüística, y especialmente pragmática, constituyendo así el enfoque más novedoso de la serie de estudios aquí reunidos.

Dentro del apartado de Literatura y dramaturgia, el primero de los trabajos, “La magia como tercer plano dramático en *Amphitruo*: el cuclillo, la pátera, *Thessala* y el *praestigiator maxumus*”, de Benjamín García-Hernández (pp. 13-34), se detiene a analizar el ambiente mágico que aparece en ciertas escenas de *Amphitruo*, ambiente que viene a constituir una suerte de plano intermedio entre el plano divino, compuesto por Júpiter y Mercurio, y el humano, conformado por la familia de Anfitrión, que experimentarán sobre todo el propio Anfitrión y su siervo Sosias, que ignoran que están siendo víctimas de la intervención divina, lo cual provocará ciertas situaciones de fuerte comicidad.

El segundo trabajo, “Gli inferi come spazio scenico in Plauto”, de Alessio Torino (pp. 35-51), analiza algunas de las referencias al mundo de los muertos presentes en la comedia plautina, un aspecto ausente, curiosamente, de las comedias de Terencio. Según Torino, entre los elementos del infierno cómico configurado por Plauto se encuentran el *Acheruntis ostium* del *Trinummus*, las *scelestae aedes* de *Mostellaria* o el rostro de Mercurio, que se opone a Sosias como una máscara funeraria con sus mismos rasgos.

El tercer trabajo de esta sección, “El desenlace de Medea: ¿Exhibición de artimañas o *ars dramaturgica*? (Séneca, *Medea*, 982-1027)”, de Pascale Paré-Rey (pp. 53-72), aborda el desenlace de la *Medea* senecana para dilucidar cuestiones como la construcción de los personajes, la utilización del espacio, ciertos elementos estructurales y el empleo de marcadores lingüísticos. Paré-Rey, después de abordar los límites y estructura de esta parte de la obra, analiza detalladamente su desarrollo, intentando ver de qué manera se adecua a las recomendaciones establecidas por Horacio en su *Epístola a los Pisones*. Asimismo, concluye que Séneca, al final de la obra, plasma muchas de las premisas adelantadas en el prólogo y establece que la tragedia puede leerse como la metamorfosis de la mujer protagonista, que, entre otras cosas, quiere actuar como madre y esposa y no como virgen, como un hombre y no como una mujer.

El cuarto trabajo, “*Matris opera mala*. Il predominio femminile nell'intreccio del *Truculentus*”, de Caterina Pentericci (pp. 73-91), destaca el papel protagonista que las mujeres desempeñan en el *Truculentus* sobre los personajes masculinos, en particular de la prostituta *Phronesium*, ayudada por la astuta esclava *Astaphium*. Esto supone un vuelco fundamental respecto al esquema habitual de las comedias plautinas, pues la visión del amor ya no es la del *adulescens*, sino la de la prostituta; esta ya no es objeto de la acción escénica, sino sujeto, por lo que es ella la que mueve los hilos de la narración y suyo es el papel de *architectus*. Además, esta “subversión” de las reglas de la *palliata* tradicional supone también una antinomia entre *hominum mores* y *mos mulierum*, entre *mores pristini* y *huius saeculi mores*. En fin, este papel predominante de las mujeres – “*donne ambiziose e dediti agli affari*” (p. 89) – proporciona a *Truculentus* un indudable toque de modernidad.

El quinto trabajo, “Costruzione dell'originalità stilistica nella commedia plautina. Esempi di riutilizzo creativo delle strutture drammaturgiche (*Asinaria* e *Truculentus*)”, de Roberto M. Danese (pp. 93-105), trata de arrojar luz sobre la identidad del *adulescens* que aparece en escena en el v. 127 de la *Asinaria*, si se trata de *Argirippus* o de *Diabolus*, cuestión que Danese ya había resuelto en su edición crítica de *Asinaria* de 2004, pero que se ha vuelto a suscitar recientemente a partir de dos estudios de signo contrario. A este respecto, Danese se reafirma en identificar al *adulescens* de *Asinaria* con el personaje de

*Diabolus*, basándose en ciertos paralelismos entre esta obra y el *Truculentus*, sobre todo el hecho, único en la comedia plautina, de que en ambas obras una *meretrix* es pretendida por tres hombres, dos *adulescentes* y un hombre maduro, y que esos *adulescentes* son muy similares entre sí y tienen la misma función dramática.

Pasando a la segunda parte del libro, la de Teatrología y dramaturgia, el primer trabajo, “Metatheatre in Terence”, de Ewa Skwara (pp. 109-122), se dedica al estudio de algunos de los elementos metateatrales utilizados por Terencio, un aspecto este que, aparentemente, era exclusivo del teatro plautino. Entre esos recursos, la autora se centra sobre todo en el motivo del “playing roles”, que en Terencio es una simple referencia al teatro mismo, a que la trama se desarrolla en un escenario y a que el público disfruta con la representación. En relación con esto podemos poner aquellas situaciones en que un actor es plenamente consciente de que está desempeñando un papel o cuando el protagonista se siente como un espectador que está asistiendo a un espectáculo. Aunque el motivo más metateatral de todos es el del “teatro dentro del teatro” (“a play within a play”), como se puede observar en *Phorm.* 346-375.

En el segundo trabajo de esta sección, “Acotaciones escénicas en *Pseudolus: quasi poeta et dominus gregis*”, de Leonor Pérez Gómez (pp. 123-143), se lleva a cabo un análisis de la estructura de *Pseudolus*, una obra que algunos especialistas han criticado por su aparente incoherencia, por, entre otras cosas, los cambios de planes y, se dice, la aparición de personajes sin una finalidad clara. Para ello se parte de una división del texto dramático en tres tipos de unidades: las “mayores” (actos, episodios), las “medianas” (escenas) y las que la autora denomina “microsecuencias” (estructuras intermedias entre las otras dos), y de la consideración de que, si un texto teatral puede concebirse como una “sucesión” o un “conjunto” de escenas, para que sea coherente, una escena debe exigir la precedente (relaciones de “implicación”) y debe presuponer otra escena que no puede omitirse (relaciones de “presuposición” o de causa-efecto). Bajo estas premisas, la conclusión de la autora es que, como obra de madurez, estamos ante un producto muy sofisticado y de construcción perfecta. Y en lo referente a las acotaciones, se fija sobre todo en un tipo que aparece en las microsecuencias y que consiste en los anuncios de entrada y salida de escena, recurso utilizado tradicionalmente para dividir el texto en escenas.

El tercer trabajo, “L’apporto degli umanisti alla drammattizzazione del testo”, de Alba Tontini (pp. 145-167), se detiene en el trabajo llevado a cabo por los humanistas sobre el texto plautino heredado del Medievo, con vistas a recuperar su carácter “performativo”, es decir, para convertirlo en un texto dramático destinado no solo a la lectura cuanto también a la representación, que tuvo como resultado más importante la división en actos que presentan las obras del corpus plautino en las ediciones más modernas. Este trabajo se acometió sobre todo en el Quattrocento, y en él fue decisivo el redescubrimiento del comentario de Donato a Terencio en 1432, de modo que, en la edición de Angelio de 1514, las soluciones adoptadas pasaron a ser prácticamente definitivas.

El cuarto trabajo, “A propósito de la *ratio etymologica* de *Staphyla: nomen* como vector de comportamiento escénico en *Aulularia*”, de Antonio María Martín Rodríguez (pp. 169-191), partiendo de uno de los rasgos más característicos de las comedias antiguas, el uso de nombres parlantes para designar a los diversos personajes, se detiene a analizar la tipología de la *ratio etymologica* de la onomástica plautina que Matías López estableció en su monografía *Los personajes de la Comedia plautina: nombre y función*, de 1991, tras lo cual presenta las distintas etimologías posibles que explicarían el nombre propio *Staphyla*, el de la vieja esclava de Euclión en *Aulularia*. A este respecto, Martín Rodríguez sugiere que Plauto estaría jugando con la polisemia u homonimia parcial del término, de forma que el nombre de la esclava se podría relacionar con *σταφυλή*, “racimo de uva madura” (lo que identificaría al personaje con el tipo de la *anus vinosa*), *σταφύλη*, que designa el hilo de la plomada (que aludiría a la lentitud de su desplazamiento), e incluso con *σταφύλωμα*, referido a una enfermedad que hace que se desarrolle una protuberancia sobre la córnea (que vincularía al personaje con el poder de la mirada de las brujas). Todo ello permitió al autor ingeniosas asociaciones para caracterizar a tan singular personaje.

El quinto trabajo, “*Mutuum – fenus* en el s. II a.C. Referencias plautinas a algunas leyes romanas”, de María del Pilar Pérez Álvarez (pp. 193-219), está dedicado a una cuestión jurídica, el préstamo con o sin interés, en la Roma del siglo II a.C., a partir del reflejo de la misma en el corpus plautino. En concreto, en esa época se distinguía entre el *mutuum*, un tipo de préstamo, surgido en el ámbito familiar y entre amigos, por el que el prestatario solo aspiraba a recuperar el dinero (o un bien fungible) prestado, pero sin ninguna ganancia, y el *fenus*, el préstamo donde, además del dinero (o bien) prestado, era obligado abonar también los intereses estipulados. Según la profesora Pérez Álvarez, en los textos plautinos se alude también a algunas *leges fenebres*, es decir, aquellas leyes promulgadas para poner coto a la usura, como la *lex Sempronia de pecunia credita*, del 193 a.C. Finalmente, en dos comedias de Plauto, *Pseud.* 303 y *Rud.* 1380-1382, aparecen las referencias más antiguas a la *lex Plaetoria de circumscriptione adolescentium*, pensadas para proteger a menores de 25 años del abuso de terceros en la realización de un negocio jurídico o transacción. Esto demostraría que, hasta cierto punto y con las debidas precauciones, los textos plautinos sí reflejan aspectos concretos de la realidad jurídica y de la vida cotidiana romana de la época.

El sexto y último trabajo de esta sección, “Significado escénico de la *sententia* en *Amphitruo* de Plauto”, de Matías López López (pp. 221-245), se ocupa de la función y estructura de la *sententia*, es decir, de las fórmulas que adoptan la apariencia de “sentencias morales”, en la comedia plautina, una cuestión derivada del abundante material reunido por el autor durante la realización de su tesis doctoral, *Los personajes de la Comedia plautina: nombre y función* (Universidad de Barcelona, 1986). La importancia de este material radica en que este tipo de fórmulas constituye el testimonio más antiguo de adaptación al pensamiento romano de la gran filosofía griega. En concreto, el autor se fija en las *sententiae* y *loci sententiosi* del *Amphitruo*, donde, después de establecer su tipología, trata de fijar una pragmática de las sentencias en esta comedia plautina que sirva de base para abordar un análisis similar en el resto del corpus plautino: en esencia, qué personajes son propensos o reacios a emitirlas o a recibirlas, en qué contextos argumentales se producen, si son propias de los diálogos o los monólogos, los temas más recurrentes y los propósitos que persiguen, dando ejemplos concretos de cada uno de estos presupuestos pragmáticos. Su conclusión es que las *sententiae*, que entran en el dominio de la etnolingüística, por sí solas son capaces de explicar la trama o el argumento de una comedia.

La tercera y última sección, “Lingüística y dramaturgia”, se abre con el trabajo titulado “Función dramática de las expresiones proverbiales sobre animales en Plauto”, de M<sup>a</sup> Teresa Quintillà Zanuy (pp. 249-280), que está consagrado al estudio de las expresiones proverbiales presentes en las comedias plautinas que tienen como referentes a animales. Para ello, de un lado, se ha partido de los compendios de expresiones proverbiales que existen para el latín (Otto, 1890; Haüssler, 1968; Pflügl, 1880; Wyss, 1889 y Tosi, 2000). Para la clasificación o taxonomía de estas expresiones se han seguido las propuestas de Corpas (1996, p. 50) y García-Hernández (2003 y 2004), constituyéndose así un corpus de 100 unidades fraseológicas que pueden subdividirse en ocho ámbitos temáticos: caza, augurios, campo, etc. Si nos fijamos en los animales referidos en dichas unidades, el número se eleva a 39, de los que los más representativos son el perro y la perra, el lobo, las serpientes y anguilas, las aves y el cerdo. Establece luego la distribución de tales unidades fraseológicas por obras, por *dramatis personae* y por personajes, así como los pasajes de las comedias más propensos a incluir este tipo de expresiones (*diuerbia* frente a *cantica*, soliloquio frente a coloquio, con un análisis particular de los monólogos) y el valor dramático de la ubicación de estas unidades en escenas y actos. Entre sus conclusiones queremos destacar la concentración de estas expresiones en las primeras escenas de los dos primeros actos y en la escena final del acto V, en concreto, en las escenas agonísticas y en las más puramente cómicas, así como su presencia en escenas predominantemente dialogadas. Esto supone que las expresiones proverbiales con referente animal son uno más de los recursos utilizados por el autor para agilizar y colorear las confrontaciones dialécticas, que a menudo se ponen al servicio de la comicidad.

El segundo trabajo, “Gestión de los turnos conversacionales en Plauto y Terencio: entre el habla y los silencios”, de Łukasz Berger (pp. 281-309), se centra en la gestión de los turnos conversacionales y su vinculación con el ritmo de los versos cómicos, y ello en la línea de Fortson (2008), quien en un novedoso trabajo sobre la métrica y el ritmo de Plauto ha aclarado algunos aspectos de la compleja métrica plautina, relacionándola con hechos de la lengua hablada de la época. Se define el turno “como un enunciado emitido por un interlocutor que, de esta manera, está ejerciendo su derecho a hablar con otro” (p. 283), y a este respecto Berger trabaja partiendo de la adaptación de los turnos a la línea métrica e identificando distintos procedimientos utilizados en los diálogos cómicos para gestionar los turnos, como los silencios que se producen al final de un turno y que significan un cambio de emisor; o el recurso al encabalgamiento, que según Berger, en el caso de la conjunción, era un procedimiento para mantener la palabra. Asimismo, teniendo en cuenta la equivalencia entre turnos y versos dialógicos, Berger ha detectado que las posiciones al final y al comienzo de la línea métrica (antepausal y pospausal) son los contextos típicos para situar los mecanismos de gestión del diálogo, incluidos los silencios.

El tercer trabajo, “La contribución de la Pragmática al análisis de la dinámica escénica. El caso de *Mostellaria*”, de Luis Unceta Gómez (pp. 311-332), se centra en el funcionamiento de varios marcadores pragmáticos y algunos modalizadores, así como de las funciones pragmáticas de algunos elementos deícticos y de los pronombres personales de primera y segunda persona en la *Mostellaria* plautina. En cuanto a la presencia de los elementos estudiados en la comedia elegida, como señala Unceta, ciertas interjecciones parecen estar especializadas en el anuncio de la entrada de un nuevo personaje, como *eugae*, *eccum* y *em*; el imperativo de *abire* parece anunciar la salida de un personaje o funcionar como una despedida entre personajes con relación jerárquica de desigualdad; asimismo, se registra el empleo de ciertas unidades lingüísticas para expresar la “miratividad” – es decir, la sorpresa del hablante ante un descubrimiento repentino –; también hay ciertos marcadores pragmáticos empleados en el desarrollo de la acción dramática, como el empleo de *hercle*, *edepol* o *ecastor* para subrayar el compromiso del hablante con la veracidad de un enunciado, o de *inquam* para expresar insistencia y seguridad. Por último, respecto al uso de los pronombres personales de primera y segunda, estos suelen ocupar la primera posición de enunciado y de sintagma cuando funcionan como foco contrastativo; *tu* se puede emplear con función identificativa, y *ego* con verbos de amenaza, de creencia u opinión o con verbos de visión; en fin, el pronombre *uobis* sirve a veces para la ruptura de la “cuarta pared”. Aunque se trata de una primera aproximación al tema, los resultados de esta investigación demuestran la utilidad del enfoque pragmático para el estudio de la dramaturgia de una obra teatral antigua.

El cuarto trabajo de esta sección, “Abajo el telón: función de los versos de cierre en las comedias de Plauto”, de Rosario López Gregoris, editora del libro (pp. 333-359), trata de establecer las funciones del epílogo en Plauto, parte de las comedias plautinas que no ha recibido de la crítica toda la atención que se merece, para lo cual se analizan sus elementos constitutivos desde una perspectiva pragmática. La autora entiende el epílogo o “secuencia de cierre” como la parte del texto a partir de la cual “aparece un elemento que introduce la función dramática de salida [...] o informa al público de que el final es inminente” (p. 336). En su estudio, los elementos constitutivos de los versos de cierre son de dos tipos: elementos verbales y elementos no verbales. Los verbales consisten, sobre todo, en una separación visual entre el texto de ficción y el comienzo del cierre en las ediciones modernas y la presencia de un personaje que recita el epílogo (a veces el último que interviene, otras veces un genérico *caterua* o *grex*). En cambio, los elementos verbales están integrados por: 1) el uso del vocativo *spectatores*, y otras marcas gramaticales, para interpelar directamente al público; 2) presencia del término metateatral *fabula* o *comoedia* en seis comedias, para designar el elemento de ficción; 3) presencia de deícticos para dirigirse al público y romper así la ilusión escénica; 4) inclusión de una moraleja final como resumen de la obra; 5) presencia de alguna expresión de despedida (*ualere*



o *uocare cenam*, en varias formas); 6) la petición de aplauso. Todos estos elementos se analizan luego en detalle con abundancia de ejemplos sacados de todo el corpus plautino. A modo de conclusión, López Gregoris pone de relieve, entre otras cosas, que el empleo de imperativos como *plaudite* sirve por sí solo en las secuencias de cierre para romper la ficción y clausurar la función; que el par *spectatores* / *plaudite* sirve para marcar la apertura y la clausura en las secuencias de cierre; y que la moraleja final y la expresión de despedida sirven para congraciarse con el público y preparar la petición de aplauso final.

El trabajo que sirve de cierre a esta sección, “Finzioni e funzioni foniche nei *Menaechmi*”, de Giorgia Bandini (pp. 361-373), trata de dilucidar el posible papel que en el contexto dramático tiene el componente fónico, sabiendo que Plauto suele ser muy cuidadoso en la elección de las palabras que deben pronunciar sus personajes y en el orden en que deben hacerlo. Para llevar a cabo este propósito se toma como objeto de estudio la comedia *Menaechmi*. Bandini demuestra, por ejemplo, que la reiteración de ciertos sonidos, como en *Men.* 110-118, puede servir para caracterizar a la *uxor dotata* como exigente e inquisitorial, así como para que el público no se olvide del personaje de la mujer en oposición a su marido. Las figuras fónicas pueden ser útiles también para poner de relieve determinados momentos clave de la comedia, como el *prandium* que tendrá lugar en casa de *Erotium*, de modo que el público fije más su atención y, por ende, recuerde mejor esos momentos. Es decir, como concluye Bandini, una de las funciones principales que en Plauto podrían desempeñar las figuras de sonido es la de “garantire la memorabilità del testo, concorrendo a catalizzare l’attenzione del pubblico” (p. 369). No obstante, habría que extender esta investigación a toda la obra del comediógrafo latino para confirmar o matizar tales conclusiones.

Para terminar, queremos poner de relieve que este libro supone una gran aportación a los estudios críticos sobre el teatro latino, y en particular sobre la obra de Plauto, pues muchos de ellos abordan los problemas que aún suscita el texto plautino de una forma bastante original y, sobre todo, abren nuevas vías de investigación, muy sugerentes, para profundizar nuestro conocimiento de este autor y de este género de la literatura clásica tan atractivo.

CRISTÓBAL MACÍAS  
Universidad de Málaga  
cmacias@uma.es

MARIA GEROLEMOU (ed.), *Recognizing Miracles in Antiquity and Beyond*, Berlin / Boston, De Gruyter, 2018. xx + 430 pp. ISBN 978-3-11-053046-9

O volume de estudos em epígrafe, composto por dezassete ensaios onde se abordam questões de paradoxografia e fantástico na literatura greco-romana, resulta do encontro científico “Miracles and Wonders in Antiquity and Byzantium”, que decorreu na Universidade do Chipre em 2014. Abarcando um vasto espectro de épocas, autores e géneros, o livro divide-se em três partes: I. *Miracles* (pp. 3-130); II. *Workings of Miracles* (pp. 133-256); III. *Believing in Miracles* (pp. 259-415).

Em “Introduction: In search of the Miraculous” (pp. ix-xx), Maria Gerolemou salienta a novidade da abordagem que este livro pretende trazer, estudando a fronteira entre maravilhas e milagres, o trabalho do “miracle-worker” e a receção do espanto junto das audiências.

Andrew Nichols inaugura a primeira secção do volume com um estudo sobre os *Indica* de Ctésias (“Ctesias’ *Indica* and the Origins of Paradoxography”, pp. 3-16), tratando a relação desta obra com a literatura do fantástico e dando destaque à figura de Ctésias enquanto inventor do género paradoxográfico. Clarisse Prêtre (“The Epidaurian *Iamata*: The First ‘Court of Miracles’?”, pp. 17-29) elabora um estudo sobre os *iamata* de Epidauro como prática terapêutica e a sua relação com os milagres e o espanto. O *Corpus Hippo-*



*craticum* é o objecto do estudo de George Kazantzidis (“Medicine and the paradox in the Hippocratic Corpus and Beyond”, pp. 31-61). Neste artigo, o A. debruça-se sobre a ausência da presença humana em textos paradoxográficos, uma vez que a literatura médica estudou minuciosamente o corpo humano. Refere, finalmente, que o corpo feminino é mais propício à paradoxografia. Em “One might rightly wonder” – marvelling in Polybios *Histories*” (pp. 63-83), Lisa Irene Hau analisa o vocabulário do campo lexical de *thauma* nas *Histórias* de Políbio, verificando de que modo o historiador adapta estes vocábulos ao longo da sua obra, seja num ataque a outros historiadores, na descrição de elementos naturais ou de virtudes humanas. Sophia Papaioannou (“Omens and Miracles: Interpreting Miraculous Narratives in Roman Historiography”, pp. 85-110) estuda textos de três historiadores de épocas distintas, Tito Lívio, Suetónio e Tácito, do ponto de vista dos presságios e sinais divinos, enquanto forma de legitimar o destino. Salienta ainda os *omina* como motivo literário na prosa dos historiadores romanos. A encerrar a primeira parte do volume, András Kraft (“Miracles and Pseudo-Miracles in Byzantine Apocalypses”, pp. 111-130) analisa os milagres associados ao imperador ideal e ao Anticristo no *Apocalipse de Pseudo-Metódio* e nas profecias apócrifas.

Maria Gerolemou inicia a segunda parte do volume com um estudo dedicado às *Histórias* de Heródoto, debruçando-se sobre o espanto enquanto elemento recordativo (“Wonder-ful Memories in Herodotus’ Histories”, pp. 133-151). “Wonder(s) in Plautus” (pp. 153-178) é o artigo de Chrysanthi Demetriou, que estuda o tema do maravilhoso na comédia plautina, focando-se sobretudo no *Anfitrião* e no efeito que este tema tem nos intervenientes da peça e na audiência. Margot Neger (“Telling Tales of Wonder: *Mirabilia* in the Letters of Pliny the Younger”, pp. 179-203) analisa os temas do fantástico e da paradoxografia na obra epistolar de Plínio, que, segundo a A., “help to characterize Pliny’s political, scientific and literary *persona*” (p. 200). Charles Delattre (“Paradoxographic discourse on sources and fountains: deconstructing paradoxes”, pp. 205-223) trata o relato do maravilhoso como fruto da descrição feita e não do que é propriamente visto. Karen ní Mheallaigh, em “Lucian’s *Alexander*: tecnoprophecy, thaumatology and the poetics of wonder” (pp. 225-256), procede à análise do texto de Luciano sobre Alexandre de Abonotico e à crítica que o autor faz das práticas de magia, salientando, pela comparação de várias obras de Luciano, que o tema da magia e do embuste são uma constante neste autor.

A terceira e última secção do volume começa com um estudo sobre o *thauma* em Homero e Hesíodo. Christine Hunzinger (“Perceiving *Thauma* in Archaic Greek Epic”, pp. 259-273) salienta que o verbo *thaumazo*, em Homero, pode ser associado a um verbo de percepção visual. Por fim, argumenta que o *thauma* pode conduzir a uma noção de espanto ou de rejeição. Irene Pajón Leyra (“Turning Science into Miracle in the Voyage of Alexander the Great”, pp. 275-303) analisa dois relatos de milagres relacionados com Alexandre Magno transmitidos por Arriano, e foca o seu artigo na relação entre ciência e religião, sustentando que o relato de milagres não está em conflito com a ciência. Em “Many are the wonders in Greece’: Pausanias the wandering philosopher” (pp. 305-326), Lydia Langerwerf salienta o interesse de Pausânias em diferentes tipos de *thauma* e problematiza a questão da identificação do género da *Periegesis*. Sobre milagres no género biográfico é o artigo de Antonis Tsakmakis (“Miracles in Greek Biography”, pp. 327-351), que proporciona uma abordagem sobre milagres na vida de filósofos e poetas, nomeadamente na tradição biográfica sobre Platão e nas *Vidas Paralelas* de Plutarco. Regine May (“Apuleius on Raising the Dead Crossing the Boundaries of Life and Death while Convincing the Audience”, pp. 353-379) analisa a morte de Sócrates e de Télifron nas *Metamorfoses* de Apuleio, comparando-as com a reanimação de cadáveres. Estuda estes episódios à luz das tradições médica e mágica, e de que forma autores posteriores, como Filóstrato, rece-beram estes tópicos na sua literatura. O livro termina com um contributo dedicado ao romance grego. Donald Lateiner (“Recognizing Miracles in ancient Greek Novels”, pp. 381-415) começa por abordar a questão da dependência do romance de autores historiográficos, como Heródoto e Tucídides. Trata, seguidamente, da natureza

dos milagres no romance, e analisa, sumariamente, episódios do fantástico nos cinco romances principais que sobreviveram.

No final do volume, encontra-se uma breve biografia dos autores (pp. 417-421) e um “Index Nominum et Rerum” (pp. 423-430). Sente-se, porém, a ausência de um *index locorum* que facilitaria uma pesquisa avulsa dos vários textos abordados.

Este conjunto de estudos vem estabelecer-se como um instrumento de referência na área da literatura do fantástico e do maravilhoso, apresentando-se como um contributo útil não apenas para académicos, mas também para curiosos do tema.

GABRIEL A. F. SILVA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

gabriels@campus.ul.pt

JUAN FRANCISCO MESA SANZ (ed.), *Latinidad Medieval Hispánica*, Firenze, SISMEL – Edizioni del Galluzzo, 2017. XII+664 pp. ISBN 978-88-8450-708-2

Quis o acaso que nesta mesma revista me fosse atribuída a tarefa de fazer a recensão das Actas do *Primer Congreso Nacional de Latín Medieval*, realizado em León, em 1993. Pairavam no horizonte as reflexões sobre as perspectivas de futuro, o caminho a percorrer e as áreas a desbravar. Passados vinte anos, aqueles que já então eram figuras proeminentes da filologia latina, como D. Manuel Díaz y Díaz, Cármen Codoñer, Aires Nascimento, Maurílio Pérez González, Eustaquio Sánchez Salor, Eduardo López Pereira, António Linage, Fernando Catón, José Manuel Díaz de Bustamante, para mencionar apenas alguns, foram multiplicados em La Nucía por uma plêiade de discípulos, formados sob a sua orientação e que por sua vez inovaram ou ampliaram as perspectivas dos seus mestres. Enquanto testemunho de um desígnio persistente ao longo de vinte anos, as *Actas do VI Congreso de Latín Hispánico* demonstram à saciedade que a *Latinidade Hispánica* é um manancial inesgotável de que brotam múltiplas correntes sempre vivas e renovadas, sem as quais não se pode fazer a história da cultura no seu mais amplo sentido. Com razão Francisco Mesa recorda que em boa hora Díaz y Díaz tomou como objectivo principal dos estudos a desenvolver a associação indissolúvel entre filologia latina e história da Idade Média. Nessa mesma ordem de ideias, é de toda a justiça salientar que, com a leitura dos trabalhos publicados na obra que aqui se recenseia, fica claro, por um lado, que nunca se compreenderá plenamente a evolução da cultura europeia medieval sem se penetrar nos meandros da Antiguidade Tardia, a que ela dá continuidade, e que, por outro lado, não se pode ignorar que a eficiência dos meios tecnológicos e informáticos, postos ao serviço da filologia durante estes vinte anos, ampliaram em muito a possibilidade de se porem em marcha projectos de grande dimensão, apenas vislumbrados, ainda que vagamente, nas duas últimas décadas do século passado. A par disso, criaram-se novas vias de abordagem sobre questões antigas, levando muitas vezes a uma perspectiva diferente, mas mais fundamentada do que anteriormente. Este volume de estudos resulta de uma planificação abrangente de uma reunião científica, em que, não sendo ignoradas as raízes do passado, se consagrou a força imparável da investigação partilhada e organizada em projectos de grande dimensão. É um sinal de pujança e de fé no futuro que uma parte substancial dos estudos aqui publicados seja o resultado de colaboração e de trabalho em equipa.

O organizador deste volume, Juan Francisco Mesa Sanz, teve estes pressupostos em mente, ao dispor a matéria sob uma dupla perspectiva, a cronológica, por assim dizer, e a temática, ordenando-a nas seguintes secções.

Na primeira secção inclui-se a conferência inaugural, a cargo de uma grande figura da filologia hispânica, Carmen Cardelle de Hartmann. A sua exposição magistral situa-se na Antiguidade Tardia como ponto privilegiado para observar a transição do mundo

antigo, pagão, para a sociedade medieval, mental e espiritualmente ancorada nos princípios morais, em que predominam a prática da virtude e a rejeição do pecado. A visão antagónica entre estes dois mundos é analisada do ponto de vista das opções estilísticas e literárias. É muito estimulante acompanhar a análise, “de Agustín a la Baja Edad Media”, da tensão vivida entre o culto e o prazer da estética da escrita, por um lado, e a profissão religiosa que assenta na renúncia pessoal da vanglória e na prática da humildade.

A segunda secção, assente em critérios cronológicos, como indica uma parte do seu título – “Mundo Visigótico” –, é preenchida por sete artigos, dois dos quais sobre matéria concernente a Julião de Toledo, um sobre um manuscrito da Crónica de Eusébio-Jerónimo, três que têm como figura central Isidoro de Sevilha e um que contribui com novos elementos para a edição crítica da *Passio* de São Julião. No seu conjunto, os trabalhos incluídos nesta secção, da autoria de Paulo Farmhouse Alberto, J. Carracedo Fraga, Rodrigo Furtado, M. Adelaida Andrés Sanz, Giuseppe Botturi, Jacques Elfassi e André Simões, têm em comum o serem estudos de grande relevo sobre a transmissão e a recepção dos textos, um domínio da filologia medieval sempre rico de informações complementares para o seu enquadramento cultural. E o mesmo se diga do estudo das fontes subjacentes a determinada obra, do cotejo das variantes textuais e dos vestígios indirectos presentes em edições e glosas. O estudo das obras de Julião de Toledo e de Isidoro de Sevilha, dos textos do passionário hispânico ou de uma cópia do século XIII de um dos três manuscritos antigos da Crónica de Eusébio, todos eles desaparecidos, prova que esses campos continuam a ser cruciais para a formulação de novas hipóteses a debater e a confirmar. Um juízo global leva-nos a afirmar que estes artigos, além de serem muito bem elaborados, primam pelo rigor filológico e pelo espírito de síntese.

A tradução de textos gregos ou árabes para latim foi um dos factores determinantes para a revitalização da cultura medieval europeia nos domínios da religião, da filosofia, da ciência e da medicina. A actividade dos tradutores em Itália (Nápoles e Palermo) e na Hispânia (Toledo e Sevilha) contribuiu em muito para desenvolver as linhas mestras da reforma carolíngia e a levar à pujança intelectual. E foram também esses novos textos que, em grande parte, relançaram e alimentaram as universidades, pólo principal do renascimento do século XII. São fundamentais, nesta terceira secção, o artigo de J. Martínez Gásquez, “*Necessitas et utilitas* en las traducciones al latín en la Edad Media”, bem como o de Sonia Madrid Medrano, “*El Liber Philosophorum Moralium Antiquorum* en el ms. 2697 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca”.

A quarta secção, que engloba os séculos XII a XV, contém dez artigos com alguma diversidade temática, unidos todavia por uma tónica comum, que se poderia definir como “as manifestações da religião na cultura, na literatura e na vida social”. De facto, uma questão premente que cruzou estes quatro séculos foi o debate intelectual, para não lhe chamar confronto, entre Cristianismo, Islamismo e Judaísmo. Francesco Santi, numa reflexão que envolve autores como Pedro Alfonso, Ramon Martí, Arnau de Vilanova, Ramon Llull e Ramon de Penyafort, traça um quadro em que se pressente uma abordagem epistemologicamente nova do diálogo inter-religioso. Celia López Alcalde confirma esta perspectiva com a leitura que faz da obra de Ramon Llull, em particular do *Liber de adventu Messiae* e do *Llibre del gentil i dels tres savis*. Pouco a pouco ia-se impondo a produção intelectual de personalidades não totalmente alinhadas pelo pensamento vigente. A influência de Ramon Llull projectou-se para lá da sua morte em 1316, como demonstra o artigo de M. Mañas Nuñez no seu artigo, em que analisa os comentários de Cornélio Agripa à *Ars Brevis* Luliana. Esta secção deixa claro que o século XII foi um século de mudanças progressivas, às vezes lentas, mas radicais. Uma “teologia de fronteira”, designação consagrada a que recorre Francesco Santi muito a propósito, centrada na variedade de formas do nome de Deus, o chamado *Centinomialum*, foi surgindo como uma marca de ruptura entre a filosofia e a teologia, abrindo espaço ao pensamento racional e laicizante, e à epistemologia científica.

Outro escritor de grande relevo no século XIII foi Juan Gil de Zamora, sobre cuja obra se debruçam o artigo de Estrella Pérez Rodríguez – autora de uma edição crítica

das suas *Meditaciones Poéticas*, de uma parte das quais faz uma análise literária e um comentário de conteúdo exemplares – e o de Miguel Ángel Atanasio. São dois contributos importantes para o conhecimento desse século dominado pelo esplendor intelectual dos Franciscanos, dando não apenas uma visão mais ampla da personalidade de Frei Gil de Zamora, mas contribuindo sobretudo para os estudos da teologia mariana, da parenética latina, da cultura e da prática religiosas deste complexo século XIII.

Ainda dentro desta secção estão incluídos três trabalhos de carácter hagiográfico. Cándida Ferrero Hernández procede à análise minuciosa do códice de Madrid (século XIII), que mostra como uma lenda popular, usada e burilada literariamente, conduziu à canonização de Santo Isidro Labrador como patrono da capital do império. Ivan Figueiras, que também trata de reescrita, ocupa-se de um texto hagiográfico, neste caso de grande antiguidade e divulgação, a saber, a *Passio Sancti Cucufatis*. A conclusão que decorre deste estudo é que os textos, particularmente os hagiográficos, como entidades vivas que são, vão sendo adaptados às necessidades e aos fins, sejam eles litúrgicos, culturais ou políticos, dos agentes que os utilizam, actualizam e reconfiguram. Por esta e outras razões, o texto hagiográfico não deve ser tratado como mero objecto de análise literária, já que fornece dados e referências de interesse para o conhecimento da arte, dos saberes e das técnicas dos seus utilizadores. J. A. González Marrero bem o demonstra no seu artigo sobre os relatos de viagens marítimas, constantes das *Vitae Sanctorum Hiberniae*.

Finalmente, encerram esta secção, dominada pela temática associada à religião sob vários aspectos, dois artigos. Luis Pomer Monferrer realiza um estudo perspicaz das técnicas de tradução evidenciadas na versão para castelhano, feita pelo Arcipreste de Talavera, do *De virginitate perpetua* de Ildefonso de Toledo. Traduzir é manter-se fiel ao pensamento do autor, sem deixar de conservar, de algum modo, o *ornatus* com que ele enriqueceu o seu texto. A juntar à linha ideológica de Ramon Llull em favor do diálogo com judeus e muçulmanos, devem-se mencionar os sermões catequéticos de Martín García, que se empenha em estabelecer pontos de contacto entre o Alcorão e o Cristianismo na veneração da mãe de Jesus. Manuel Montoya Coca aflora este aspecto no seu artigo em que trata especificamente da recepção de Bernardo de Claraval em Dom Martín García, no que diz respeito à teologia mariana, em foco como vimos em vários autores. Como apreciação global, esta secção tem a riqueza da diversidade e ao mesmo tempo a unidade de um capítulo de um livro monográfico dedicado ao estudo do século XIII.

São, pois, vários os trabalhos sobre as tendências de vanguarda que iam pondo em causa as formas de agir e pensar consagradas pela tradição. Entravam em acção novas formas de encarar a religião, o exercício da liberdade de consciência e a organização da sociedade em novos moldes. É neste contexto que vemos surgir por toda a Europa, tanto no religioso como no secular, reacções por parte da autoridade eclesial e do poder político. Criam-se mecanismos de controlo estrito das formas de pensar e agir dissidentes, instituindo-se assim um regime de intolerância que marcou as nações europeias desde a Idade Média tardia até ao início da Época Contemporânea. São apenas dois os trabalhos que se inserem na quinta secção, centrada na temática da inquisição medieval. Juan Antonio B. Barrio traça-nos, com abundância de pormenores, uma visão de conjunto da argumentação jurídica acumulada nos manuais de inquisidores. A principal conclusão deste trabalho é que esse mecanismo de repressão, que procurava legitimar-se juridicamente, teve tanto de religioso como de político e foi exercido tanto pela Igreja como pelo Estado, de forma uniformizada, em todos os países da Europa cristã, sem excepção. O trabalho de María Alejandro contribui para esta mesma temática com um estudo de um desses manuais de instruções para uso de inquisidores, que tinham por objectivo uniformizar procedimentos e facilitar a sua aplicação em toda a *respublica christiana*. O manual estudado foi o *Repertorium perutile de pravitate haereticorum et apostatarum*, de Miquel Albert (século XV). Um dos méritos deste artigo consiste em ter demonstrado que esse tipo de obras teve larga divulgação no seu tempo e para além dele e funcionou como uma espécie de legitimação da intolerância repressiva, a ponto de ser aceite e justificada pelas gerações vindouras.

Está em grande pujança na actualidade a atenção prestada ao latim enquanto linguagem de ciência. Os textos de carácter científico são de facto uma fonte essencial para o conhecimento da Idade Média, tanto mais interessante quanto são eles o elo mais forte que liga a cultura europeia à cultura da Hélade e ao mundo árabe, a outra face da Hispânia medieval. Os artigos de Enrique Montero Cartelle, Eustaquio Sánchez Salor e Alba A. Felipe, agrupados na sexta secção, são do âmbito da Medicina – as virtudes malélicas e benéficas dos produtos da natureza, os remédios e os venenos, em E. Cartelle e em A. Felipe, e a quiromancia em S. Salor. A quiromancia é objecto de uma exposição matizada, enquanto procedimento científico legitimado pelas teorias médicas, filosóficas e antropológicas da Antiguidade. A esse interesse acresce o da curiosidade de sermos informados da existência de um exemplar dos *Comentarios clarísimos a la Quiromancia de Cocles hechos por Tricasio de Mantua*, título da tradução feita e publicada em 2000 por Sánchez Salor, cujo original em latim, vindo a lume em 1525, foi emparedado e subtraído aos olhares indiscretos dos inquisidores por volta de 1560. Este pormenor leva-nos a relacionar este texto também com a secção anterior. Mas avancemos para o trabalho de Rosa Gomes, um estudo linguístico da tradução do tratado de astronomia de Al-Batani, feita por Plato Tiburtinus (século XII) da língua árabe para latim. Este estudo é realizado no âmbito do projecto de uma edição crítica desse tratado, o *De scientia stellarum*, que tanta influência teve na astronomia das artes de navegar da época dos descobrimentos.

De epigrafia latina medieval tratam os três artigos reunidos na sétima secção. Menosprezada durante tanto tempo, a epigrafia medieval é quase sempre a fonte mais fidedigna dos factos e da cronologia dos acontecimentos. Uma visão panorâmica da disciplina com reflexões de grande interesse para a sua valorização científica e actualização normativa, sobretudo quanto à recolha e edição dos dados, merece ser lida no artigo de Javier del Hoyo. Josep M. Escolà é pioneiro numa pesquisa alargada de 70 epitáfios, a maioria dos séculos XI a XIII. São inscrições em prosa e em verso, que glosam os tópicos da *probitas* do defunto, do *contemptus mundi*, da universalidade da morte e da dualidade do ser humano formado de um corpo que jaz morto na tumba, enquanto o espírito *astra petit*. Uma das conclusões deste estudo, importante para a história literária, é a seguinte: “aquesta poesia epigráfica rep la influència, tant a nivell formal com conceptual, sobretot, dels poetes cristians precedents” (p. 423). Por seu lado, o trabalho de Álvaro Castresana López incide sobre uma única inscrição, não registada nem publicada, que aqui é editada de forma exemplar. O conteúdo da inscrição é um axioma que “hunde sus raíces en la antigüedad clásica” (p. 428).

Na secção oitava, está em foco o trabalho de investigação lexicográfica, já com grandes pergaminhos, pois basta recordar o projecto do *Glossarium Mediae Latinitatis Cataloniae* (GMLC), que remonta a meados do século passado e está inseparavelmente ligado a M. Bassols de Climent e a J. Bastardas. Nele tem trabalhado um grupo de colaboradores e discípulos notáveis. Entretanto, em tempos mais recentes, já depois da realização do *Primer Congreso Nacional de Latín Medieval*, criou-se o projecto do *Corpus Documentale Latinum* (CODOL), organizado em torno da documentação das unidades políticas e administrativas peninsulares da Idade Média: CODOLGA (Galiza), CODOLPOR (Portugal), CODOLVA (Valência), CODOLCAT (Catalunha). O objectivo primordial deste projecto é a criação de uma plataforma com a publicação digital de toda a documentação. Os trabalhos que se inserem nesta secção privilegiam a colaboração entre vários investigadores, sendo ela um dos seus melhores trunfos.

Assim, da autoria de M. Antonia Fornés Pallicer e Mercè Puig Rodríguez-Escalona é o artigo que demonstra em que medida o GMLC, sendo um instrumento indispensável para os linguistas, é também, em síntese, de extrema utilidade para juristas, historiadores, arqueólogos, antropólogos, sociólogos, porque os seus documentos são um repositório da vida, dos costumes, dos movimentos dos povos, da mudança de mentalidade, etc., em épocas sucessivas.



Também em trabalho de equipa, Marta Punsola Munárriz, Pere J. Quetglas, Susana Allés Torrent nos dão conta do andamento da edição digital do GMLC, no intuito de a tornar acessível ao público em geral. Paralelamente, porém, duas investigadoras deste projecto têm a seu cargo alimentar os dados lexicais do CODOLCAT. Em idêntico artigo, Marcelo Moscone apresenta o estado de desenvolvimento dos trabalhos no âmbito do CODOLPOR. A concluir esta secção, Juan Francisco Mesa faz um estudo lexicográfico, em extensão e profundidade, das partículas latinas *enim*, *nam*, *igitur*, *ergo*, *autem*, *at*, *uero*, analisando-as do ponto de vista da sua funcionalidade no latim medieval, da evolução do seu emprego e dos seus valores semânticos em cotejo com os da latinidade clássica. Este estudo é um bom exemplo dos avanços que as novas tecnologias proporcionam a todo o tipo de trabalhos lexicográficos. Como sublinha Mesa Sanz, foram importantes os vários contributos dados neste sentido, desde a publicação em 1678 do *Dictionarium Mediae et Infimae Latinitatis*, até aos recentes projectos que temos em mão, com novas ferramentas e abordagens renovadas.

Sob a designação de “Estudos de Diacronía”, a nona secção contempla três artigos que se inserem nesse âmbito, não obstante a diversidade do ponto de partida de cada um deles. No caso do artigo de Antonia Hurtado Jiménez, as conclusões tiradas são de carácter lexicográfico, pois a base do estudo, aliás excelente, incide na verificação de que a linguagem do *corpus* documental jurídico referente à Catalunha tem subjacentes marcas inequívocas da língua quotidiana dos redactores, com interferências visíveis do latim, do catalão e do árabe. Disso são prova evidente os vocábulos latinizados a partir do árabe, provavelmente já em uso em catalão. Também nesta secção tem cabimento o estudo inovador de Francisco Gimeno Menéndez, que parte da sociolinguística histórica para propor uma revisão da perspectiva tradicional sobre a formação dos proto-romances e, daí, das línguas românicas. O terceiro artigo desta secção é um estudo paradigmático da evolução semântica, a que se segue uma evolução sintáctica, do verbo *similare*. Jordi Antolí Martínez traça com rigor geométrico e subtileza os meandros dessa evolução entre o latim tardio e as línguas românicas.

Na secção intitulada “Documentación diplomática y didáctica”, Robert Cuellas Campodarbe, *piae memoriae*, dá-nos conta de um rol minucioso de más leituras, erros e imprecisões constantes do manuscrito e das edições que se fizeram da carta de povoamento concedida aos defensores da cidade de Balaguer após a sua conquista. Estes dados foram coligidos tendo em vista a edição crítica do referido documento, que entretanto veio a lume (Edicions de la Universitat de Lleida, 2015). Nas palavras de Cuellas Campodarbe, este documento assinala “un veritable canvi de civilització” no condado de Urgell. Mas além do seu interesse para a história do nordeste peninsular do século XII, este estudo vale pelo seu rigor e mestria filológica.

O segundo texto desta secção, da autoria conjunta de Carlos Goñi Buil e Antonio Ramón Pont, consiste numa proposta didáctica, cujo objectivo principal é suscitar o interesse pelo latim no ensino pré-universitário. O caminho apontado é abrir o elenco dos textos clássicos dos programas vigentes a textos de interesse histórico local, susceptíveis de despertar a adesão dos alunos, graças à sua temática e à sua proximidade geográfica. Os autores fundamentam a sua proposta nas directrizes emanadas das instâncias educativas na era pós-Bolonha.

Pela sua especificidade, a conferência de Aires Nascimento ocupa a undécima secção. Trata-se de facto de um estudo com pontos de vista e documentação harmonizada por um grande mestre da filologia latina medieval, aliás um dos intervenientes na fundação do *Congreso Nacional de Latín Medieval*. Aires Nascimento traça um quadro interpretativo, amplo e bem fundamentado, de duas narrativas da legenda de São Vicente, articulando e subtendendo um arco informativo que vai da realidade histórica ao discurso hagiográfico e ao testemunho litúrgico documentado em descoberta sua. As narrativas da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa, vindas do reino, então muçulmano, de Valência, legitimaram ambições de poder político e religioso e imprimiram marcas históricas identitárias nos símbolos que definem o armorial da cidade e da própria Universi-



dade de Lisboa, recentemente substituídos por grafismos geométricos sem heráldica nem brasão. Mas a história não se apaga; o estudo de Aires Nascimento vem provar que a filologia latina medieval é inerente à identidade dos povos e das nações europeias.

As duas conferências que encerram esta obra inserem-se na homenagem *in memoriam* de Luis Charlo Brea, que participou com comunicação em todos os congressos de latim medieval que se realizaram em sua vida.

Maurílio Pérez González, que em 1993 foi o fundador do Congresso Nacional de Latim Medieval em León, apresenta um estudo sobre o latim dos diplomas do Mosteiro de Sahagún. Uma parte substancial do artigo é concebida para servir de introdução à história desse enorme, diversificado e valioso acervo documental, das suas várias procedências, tipologias e tipos de letra. Uma visão da relevância religiosa e política que teve esse mosteiro no reino de León, com o apoio real e pontifício de que beneficiou, explica o domínio que exerceu sobre grande parte de outros mosteiros da sua área de implantação e além dela. As necessidades da gestão das relações de propriedade e arrendamentos foram um factor determinante da produção de tal volume de registos documentais, muitos deles de carácter contratual e jurídico, de origens dispersas. Tal diversidade ou dispersão, porém, é contrabalançada pela uniformidade linguística da documentação dos mosteiros associados a Sahagún, graças aos factores da proximidade e acessibilidade geográfica que tinham entre si, à excepção de Santa Maria de Piasca situado no coração dos Picos da Europa, cerca de Liébana. Por isso mesmo, estes documentos apresentam modismos linguísticos próprios, merecendo um tratamento à parte. Neles prevalecem, por exemplo, as grafias *ae / oe* e outras particularidades já desaparecidas da documentação típica de Sahagún.

Em face da variedade de origens da matéria documental, o autor deste estudo definiu critérios e adoptou metodologias que garantem a fiabilidade do seu estudo. A aplicação dos princípios enunciados está patente na edição crítica apresentada no final do artigo, que é de facto um modelo a seguir. O que é dado a entender numa espécie de apotegma com que o eminente filólogo termina o seu artigo: “hay que editar más y publicar menos”.

A ciência filológica, para se construir, necessita de análise atenta, reflexão e agudeza de espírito. Há descobertas que decorrem da leitura de um texto ou de um documento cuja interpretação pomos em causa, porque o que lemos não se conjuga com aquilo que outros deduziram da sua leitura. E é precisamente esse espírito de perquirição do já investigado que leva a ciência de qualquer área ou ramo a nunca baixar os braços, aplicando esforço persistente na procura de uma via nova para solucionar um problema antigo. Ao ler a sua conferência em La Nucía, José María Maestre Maestre lançou uma proposta inesperada, para não dizer provocadora e chocante: que os *Quinque articuli contra Iudaeos*, atribuídos a Rodrigo Fernández de Santaella, não são da sua autoria. No artigo agora publicado no fecho deste volume de estudos filológicos, fica provado, sem sombra de dúvida, que o manuscrito da Biblioteca Capitular de Sevilha que contém a mencionada obra não passa de uma cópia de um manuscrito da Biblioteca Apostólica Vaticana. De tal descoberta deduz-se que, remontando o manuscrito fonte da cópia de Sevilha ao ano de 1440, cai pela base o argumento de que o texto dos *Quinque articuli contra Iudaeos* foram escritos em torno de 1492 e, portanto, de que andaria associado ao contexto da expulsão dos Judeus de Espanha. Negada, porém, a autoria de Santaella, fica ainda por resolver a quem deve ela ser atribuída. Com o estudo filológico que fez do latim da referida obra, José María Maestre apresenta elementos que mostram que se trata de um nível de linguagem muito próximo das línguas vernáculas e com um fraseado, um vocabulário e uma sintaxe característicos do latim medieval, de modo algum compatível com a formação de um latinista culto como era Rodrigo de Santaella. Como desafio final fica lançada a sugestão de que esse texto, muito provavelmente, foi escrito por um autor hispânico e que há elementos que o podem provar.

Em resumo: este volume de estudos é representativo do trabalho de investigação que se tem desenvolvido no domínio da Latinidade Hispânica Medieval. Nele intervieram investigadores de vinte e uma universidades de seis países e três instituições extra-univer-

sitárias ou supra-universitárias: Academia das Ciências de Lisboa, CSIC (Consejo Superior de Investigaciones Científicas) e Archivo Histórico Provincial de Burgos. A investigação realizada integra-se na maior parte dos casos em centros de investigação financiados pelo Estado, obrigados a planeamento e sujeitos a avaliação externa, o que de certo modo dá garantias de coesão e qualidade. Uma palavra mais para dizer que merecem um elogio especial Juan Francisco Mesa Sanz, editor deste volume, e a SISMEL – Edizioni del Galluzzo, pela excelência da sua qualidade gráfica e por mais este contributo para a difusão do saber e da cultura.

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Projecto *Res Sinicae*: PTDC/LLT-OUT/31941/2017

arnaldosanto@campus.ul.pt

ADAM J. GOLDWYN, INGELA NILSSON (edd.), *Reading the Late Byzantine Romance: A Handbook*, Cambridge, Cambridge University Press, 2019. XIX+347 pp. ISBN 978-1-107-18779-5

O volume *Reading the Late Byzantine Romance: A Handbook* é composto por quinze capítulos, cada um dos quais centrado na discussão e no desenvolvimento de novas abordagens (comparativas, transdisciplinares e teóricas) sobre os romances paleólogos. Esse foi também o objectivo principal subjacente à conferência “Romance Between East and West: New Approaches to Medieval Greek Fiction”, decorrida em Atenas, em Novembro de 2014, e que serviu de base à presente publicação.

Os editores, Adam J. Goldwyn (North Dakota State University) e Ingela Nilsson (Uppsala University, Sweden), assinam o primeiro capítulo, intitulado “An Introduction to the Palaiologan Romance: Narrating the Vernacular” (pp. 1-18). Esta introdução abre com um pequeno excerto do romance bizantino *Império e Margarona*, de meados do século XV, uma adaptação do romance francês *Pierre de Provence et la belle Maguelonne*. A breve comparação entre as duas obras é ilustrativa das problemáticas que geralmente são equacionadas a propósito do romance bizantino tardio, como a relação entre “originais” e “traduções” ou “adaptações”, a relação entre tradições bizantinas e ocidentais, a transferência linguística e cultural, bem como questões de narrativa, retórica e estética (p. 2). No âmbito do romance bizantino, é possível distinguir dois grandes grupos: o romance comneno do século XII e o romance paleólogo dos séculos XIII a XV. Ainda que pertencentes a uma mesma tradição literária, as obras desses dois grupos são produtos das suas épocas, pelo que apresentam diferenças significativas quanto ao tema, às estruturas narrativas, às circunstâncias de recepção e quanto ao vínculo que estabelecem com o romance helenístico e a tradição antiga. De acordo com os editores, enquanto os romances comnenos têm sido alvo de um interesse crescente ao longo das últimas décadas, devido em parte à maior proximidade com os modelos helenísticos, os romances paleólogos, por outro lado, não têm recebido um estudo igualmente atento. Nesse sentido, este volume “is accordingly an attempt to offer an overview not only of the texts themselves and their research history, but also to point out new directions and trends in the study of the late Byzantine romances, both in relation to the Greek tradition and in relation to the western romances” (pp. 3-4).

No capítulo 2, “The Categories of ‘Originals’ and ‘Adaptations’ in Late Byzantine Romance: A Reassessment” (pp. 19-39), Kostas Yiavis considera inadequada a divisão escolar tradicional entre “originais” e “traduções” no âmbito da literatura bizantina em vernáculo, e defende que os romances gregos cuja história depende mais directamente de fontes ocidentais não gregas não são, na verdade, traduções exactas dessas fontes, pelo que devem ser designados como “adaptações”. Os romancistas medievais, menos inovadores

do que conservadores, adoptam por regra as convenções literárias usadas pelos seus predecessores, ou seja, reverenciam os grandes autores canónicos da Antiguidade, para os imitar e, ao mesmo tempo, para os adaptar às normas estéticas e artísticas da própria época. Devido à combinação dos modelos em que se baseiam, à paráfrase e à alusão frequentes das fontes antigas, os romances bizantinos ditos “originais” são essencialmente adaptações textuais, o que significa que não são originais, mas o produto de adaptações. Yiavis refere-se à miríade de ligações entre esses romances como “textual composedness” (p. 23), “un-original compositeness” e “integral interconnectedness of literature” (p. 24). Por fim, Yiavis sugere que os romances bizantinos tardios passem a ser categorizados em literatura de corte e literatura popular, tendo em conta o público a que essas obras eram dirigidas.

O romance bizantino *Calímaco e Crisórore* é um dos romances “originais” a que Yiavis recorre amiúde para ilustrar os seus argumentos: *Calímaco* é um poema de corte, escrito em vernáculo por um membro da família imperial dos Paleólogos e cujo enredo contém vários recursos típicos da tradição popular bizantina e da literatura medieval europeia (e.g. o sonho, a demanda do herói para demonstrar a sua coragem, a descrição hedonística do encontro entre o herói e a donzela). Este é também um dos romances discutidos por Carolina Cupane no capítulo 3, “Intercultural Encounters in the Late Byzantine Vernacular Romance” (pp. 40-68), sendo objecto de uma abordagem comparativa com o romance *Partonopeu de Blois*, que, embora pouco conhecido nos dias de hoje, inclusive entre os bizantistas, gozou de uma popularidade duradoura ao longo da Idade Média.

Na Idade Média, o Mediterrâneo foi um autêntico espaço de partilha entre as populações e as diferentes culturas ao seu redor, permitindo um comércio florescente de bens comerciais, como também a circulação de motivos literários. Em virtude da sua posição geográfica, Bizâncio era uma zona de contacto para compra e venda de bens de luxo, e ao mesmo tempo receptor e transmissor de ideias e de tópicos de ficção narrativa entre o Oriente e o Ocidente. No âmbito dessa abordagem “bizantinocêntrica”, Cupane compara dois romances bizantinos ditos “originais”, *Calímaco e Crisórore* e *Libistro e Rodamne*, com o romance francês medieval *Partonopeu de Blois*, não contudo para mostrar que as obras mais recentes dependem de um modelo anterior, mas sobretudo para explorar as múltiplas vias de contacto e de recepção, das mais imediatas às mais subtis e complexas, entre diferentes tradições. Cupane começa por apresentar a tradição manuscrita e o enredo de *Partonopeu*, pondo em evidência o carácter híbrido do romance, que combina, entre outros empréstimos, elementos da poesia trovadoresca e das crónicas genealógicas medievais. O estudo comparativo centra-se no motivo do castelo deserto (em *Calímaco e Partonopeu*, que se desenvolve na discussão sobre a influência dos mitos de Cupido e Psique e de Perseu e Andrómeda) e no episódio do torneio (em *Libistro e Partonopeu*, que se realiza entre cavaleiros que disputam a mão da princesa em casamento).

O romance *Libistro e Rodamne* volta a ser objecto de uma análise comparada no capítulo 4, a cargo de Efthymia Priki, “Dreams and Female Initiation in *Livistros and Rhodamne* and *Hypnerotomachia Poliphili*” (pp. 69-100), desta vez com o romance italiano *Hypnerotomachia Poliphili*, publicado em 1499, de autoria desconhecida, mas que se julga de Francesco Colonna. Priki explora as temáticas e as estratégias narrativas comuns entre os dois romances, sem pretender, porém, confirmar ou excluir uma relação directa entre ambos, em que um seria o modelo do outro. Os sonhos e a iniciação amorosa são os principais elementos na base das analogias e dos paralelos estabelecidos entre estes dois textos, resultantes de contextos históricos e socioculturais diferentes. A iniciação amorosa é um ritual de passagem, no qual Eros / Cupido surge como carrasco, e as donzelas, recipientes passivos. Priki observa que a iniciação da figura feminina no domínio do amor é desencadeada e efectuada tanto pelos seus pares masculinos como por agentes divinos (p. 97).

Os romances medievais *Imperios* e *Pierre de Provence*, citados na abertura do presente volume, constituem o tema central do capítulo 5, “The Acculturation of the

French Romance *Pierre de Provence et la belle Maguelonne* in the Byzantine *Imperios and Margarona*" (pp. 101-124), de Romina Luzi. Na mesma linha de pensamento de Yiavis, Luzi afirma que *Imperios* é uma adaptação grega do romance francês *Pierre de Provence* e não uma tradução. Ainda que o primeiro texto sirva de modelo e de fonte directa do segundo, este sofre um processo de transformação tendo em conta as novas circunstâncias culturais de recepção. As mudanças efectuadas fazem da obra traduzida uma nova criação literária, "not completely autonomous but, to some extent, original" (p. 101). Luzi analisa neste capítulo as diferenças entre o original francês e a sua adaptação grega, explicando-as à luz da passagem de um contexto histórico e social para outro. As transformações são significativas, estendem-se a vários níveis (do narrador à estrutura narrativa e aos motivos literários) e servem para tornar a história de *Pierre de Provence* agradável ao gosto do público bizantino do século XV. As intromissões do narrador, os objectos mágicos, o torneio e o amor cortês, o retrato dos protagonistas e o motivo do disfarce são alguns dos aspectos abordados neste estudo comparativo.

Francesca Rizzo Nervo também desenvolve no capítulo 6, "Chronotopes between East and West in *Apollonios of Tyre*" (pp. 125-143), uma análise comparada entre um romance bizantino e o seu modelo ocidental, concretamente entre *Apolónio de Tiro* (meados do século XIV) e *Libro d'Apollonio* (versão toscana do século XIV). Rizzo Nervo traz para o âmbito dos estudos bizantinos as teorias de Bakhtin sobre os nexos espaço-temporais em romance, procurando averiguar a utilidade da definição do "cronótopo" literário aplicada ao romance grego medieval. Para o efeito, começa por se referir à versão latina cristianizada de *Historia Apollonii regis Tyri*, onde destaca um "sistema cronotópico" da viagem de aventuras e provações, que serve de enquadramento para as diferenças identificadas entre o romance grego e a fonte italiana. No culminar das semelhanças e das diferenças encontradas, conclui-se que a versão grega se distingue pelo cruzamento do tempo horizontal (fechado e encurtado) com o tempo vertical (supratemporal e dilatado) da visão cristã da história e das histórias das personagens, o que leva Rizzo Nervo a sugerir como definição do cronótopo deste romance bizantino "the family in Christian time' – a linear, historical time into which the Christian supernatural erupts with its times and its spaces" (p. 138).

O romance *Guerra de Tróia*, do século XIII, vem abordado nos dois capítulos seguintes, na sua relação linguística e cultural com outros romances paleólogos. O capítulo 7, "Linguistic Contacts in the Late Byzantine Romances: Where Cultural Influence Meets Language Interference" (pp. 144-165) de Theodore Markopoulos, constitui um estudo de natureza linguística baseado no fenómeno do bilinguismo, em particular no grego medieval tardio vernacular (LMG – "vernacular late medieval Greek"). Markopoulos procede a uma análise exaustiva dos contactos de língua nos romances bizantinos tardios, averiguando potenciais casos de "empréstimos estruturais", também designados por "interferência gramatical". O *corpus* seleccionado para o efeito inclui seis romances bizantinos tardios: três ditos "originais" – *Calímaco*, *Libistro* e *Beltandro* – e três traduções / adaptações de fontes ocidentais – *Império*, *Flório* e *Guerra de Tróia*. Apenas o último (tradução do *Roman de Troie* de Benoît de Sainte-Maure) não cabe na mesma categoria dos primeiros cinco mencionados, tradicionalmente vistos como romances de cavalaria ou histórias de amor, pelo que é tomado como item de controle para determinar a inter-relação entre variedade, contacto e registo de língua no LMG (p. 148). As três construções consideradas para esta análise são: a forma participial *-onta*; a perífrase comparativa "*pleon* + adjetivo"; e o futuro / conjuntivo "*na exo* + infinitivo". De acordo com a análise realizada, as ocorrências das três construções são de longe mais expressivas na *Guerra de Tróia* e têm muito pouca ou quase nenhuma visibilidade nos primeiros cinco romances. Conclui-se, portanto, que essas cinco obras formam um grupo mais ou menos homogéneo no que respeita à expressão linguística, partilhando um mesmo contexto cultural e sociolinguístico (p. 160). A *Guerra de Tróia*, por sua vez, não pertencendo a esse mesmo contexto de produção, é porém o romance que estabelece laços mais próximos com o Ocidente, em termos culturais e linguísticos, podendo por isso mostrar-se um produto mais representativo dos registos de língua falados no seu tempo (p. 162).

No capítulo 8, “From Herakles to Erkoulios, or the Place of the War of Troy in the Late Byzantine Romance Movement” (pp. 166-187), Elizabeth Jeffreys começa por fazer uma apresentação genérica da *Guerra de Tróia* como tradução da obra francesa de Benoît de Sainte-Maure, *Roman de Troie*, destacando, por exemplo, a conversão dos nomes dos heróis da mitologia antiga operada no romance medieval. Em seguida, discorre de forma mais pormenorizada sobre a datação, o contexto cultural e a tradição manuscrita do romance grego. Por fim, leva a cabo uma análise comparativa com vista a exemplificar as complexidades verbais entre a *Guerra de Tróia* e outros romances paleólogos. Jeffreys procura mostrar que a fraseologia partilhada não advém do contexto de composição oral, ou de vestígios desse contexto de produção, antes do uso dessas palavras ou expressões na própria *Guerra de Tróia*, induzidas a partir do texto francês que estava a ser traduzido, pelo que o recurso às mesmas palavras ou expressões noutros romances paleólogos é indicador do conhecimento prévio da *Guerra de Tróia* e, por conseguinte, de uma datação que lhes é anterior (p. 177). No fundo, a análise verbal, que ocupa a segunda metade deste capítulo, não é senão um argumento para tentar comprovar a hipótese apresentada de que este romance terá sido composto entre 1267 e 1281, tendo sido o primeiro dos romances paleólogos e não o último, como outros estudiosos o têm geralmente entendido, situando-o no século XIV.

Os dois capítulos subsequentes incidem na recepção de Homero e de Heródoto. A influência homérica faz-se sentir de diferentes formas em vários géneros da literatura bizantina, inclusive nos romances paleólogos, cujo enredo incorpora motivos e técnicas narrativas próprias da épica homérica. Deixando de parte as citações e as alusões aos poemas de Homero, os dois editores deste volume tratam no capítulo 9, “Troy in Byzantine Romances: Homeric Reception in *Digenis Akritis*, the *Tale of Achilles* and the *Tale of Troy*” (pp. 188-210), precisamente de temáticas homéricas e de técnicas narrativas adaptadas na epopeia-romance *Digenis Akritis* e em dois romances bizantinos que romaneiam a história e os heróis da Guerra de Tróia: *Aquileida* (meados do século XIV) e *História de Tróia – Ilíada Bizantina* (final do século XIV ou inícios do século XV). As duas referências à Guerra de Tróia nos cantos 4 e 7 de *Digenis Akritis* permitem inscrever o herói homónimo na mesma tradição dos heróis antigos (“His new Byzantine hero is a wanderer like Odysseus and a supreme warrior like Achilles”, p. 193), ao mesmo tempo que evidenciam a supremacia de *Digenis* em relação a esses modelos do passado. Goldwyn e Nilsson reconhecem também, no âmbito deste heroísmo comparado, que a própria narrativa e as estruturas narratológicas de *Digenis* são “homerizadas”, considerando o motivo do rapto-resgate (como no início da *Ilíada*), a mudança da voz narrativa da 3.<sup>a</sup> pessoa para a 1.<sup>a</sup> pessoa (como na *Odisseia*), a assembleia para pedido de resgate (no canto I de *Digenis* e da *Ilíada*), e o sonho divino (no canto II de *Digenis* e da *Ilíada*). Os paralelos homéricos são reconhecíveis, embora modificados em função do público bizantino e das circunstâncias de recepção. É isso que também explica o retrato “romancizado” do Aquiles da *Aquileida*, cuja relação com o Aquiles homérico se mostra quase nula, a não ser em certas ressonâncias na écfrase da armadura e na relação do herói com a mãe, que, neste poema bizantino, surge porém desprovida da sua origem divina. Ao contrário do que é tradicionalmente afirmado por estudiosos, Goldwyn e Nilsson defendem que a *Ilíada Bizantina* apresenta de facto traços homéricos. Este poema relata a história amorosa entre Páris e Helena. A partir do momento em que a Guerra de Tróia tem início, sucedem-se episódios conhecidos da *Ilíada*, entre os quais, o catálogo das naus, a retirada de Aquiles da guerra, o duelo entre Páris e Menelau, a teicoscopia e a morte de Heitor às mãos de Aquiles. É possível encontrar semelhanças entre a narração épica e a adaptação bizantina na forma como os episódios são apresentados. Estas três obras analisadas ilustram diferentes formas de recepção homérica nos romances paleólogos (p. 203). Ecos semelhantes podem ser inclusive encontrados noutros romances vernaculares, mesmo naqueles que não tratam directamente da história da Guerra de Tróia, como, por exemplo, *Calímaco e Crisóroo*. Goldwyn e Nilsson destacam dois episódios deste romance bizantino para mostrar como resultam de adaptações de situações homéricas conhecidas: o encontro entre



Calímaco e o boieiro faz lembrar o encontro entre Ulisses e o porquiteiro Eumeu; a teia de Penélope para enganar os pretendentes é recriada e transformada na cortina do pavilhão que Crisóroos manda construir no jardim para poder enganar os vassallos do palácio.

O *Romance de Alexandre* é uma biografia fictícia de Alexandre, o Grande, de datação incerta (situada entre a época helenística e o século III), que contou com várias reescritas entre os bizantinos. No capítulo 10, “Herodotean Material in a Late Version of the *Alexander Romance*” (pp. 211-229), Corinne Jouanno toma como objecto de estudo a versão ζ, uma reescrita tardia da obra, provavelmente composta durante a dinastia dos imperadores Paleólogos. O final desta versão contém um episódio que não consta das demais versões existentes do *Romance de Alexandre*. Trata-se do episódio da súbita crise de melancolia que afecta Alexandre ao inspeccionar as tropas. Esta pequena história é adaptada das *Histórias* de Heródoto, no momento em que se conta que Xerxes está para invadir a Grécia. Proceda-se, deste modo, a uma análise comparativa entre o texto do historiador grego e a sua adaptação bizantina, seguida de um estudo sobre a recepção de Heródoto na Antiguidade greco-romana e na cultura bizantina. Jouanno mostra que o episódio de Xerxes, como outros do historiador grego, servia de *exemplum*, fazendo parte de um repositório de motivos literários, usado por diferentes autores. Face à grande popularidade do *Romance de Alexandre* e à circulação difusa de episódios das *Histórias*, não é possível asseverar um conhecimento directo do texto de Heródoto por parte do autor da versão ζ (p. 222).

Conforme notado, implícita ou explicitamente, por alguns dos autores destes capítulos, o romance é um género literário que se caracteriza pela combinação de diferentes tradições. Goldwyn e Nilsson, por exemplo, referem-se a um “mosaico de géneros” (p. 207). Para Charis Messis esse carácter híbrido do romance, tanto na forma como no conteúdo, é um pré-requisito. Precisamente por esse motivo considera pouco convincentes os estudos que têm procurado mostrar a influência das narrativas hagiográficas nos romances paleólogos. As semelhanças encontradas entre um género e outro não decorrem, no seu entender, de uma relação de influência, mas de uma “comunidade temática”, ou seja, de um conjunto partilhado de motivos literários e culturais, que precede quer a hagiografia quer o romance. Messis muda, por isso, o foco no estudo que desenvolve no capítulo 11, “The Palaiologan Hagiographies: Saints Without Romance” (pp. 230-253), abordando as influências dos romances paleólogos nas composições hagiográficas. Procura, desse modo, averiguar se existe uma tendência efectiva para a “romancização” das hagiografias paleológicas. Para o efeito, apresenta várias vidas de santos, entre produções reescritas, eruditas e de origem monástica, destacando a presença de elementos próprios do romance, como a viagem, a éfrase, o torneio, a cena do reconhecimento e as criaturas mágicas (o cavalo voador, o dragão). Quer do ponto de vista literário, como do ponto de vista ideológico, Messis conclui que hagiografia e romance paleólogo seguem caminhos paralelos, sem pontos evidentes de encontro; os hagiógrafos colhiam elementos sobretudo de um repositório tradicional e, como homens da igreja que eram, ignoravam a produção romanesca, bem como os círculos culturais por onde se difundiam (p. 247).

Os três capítulos que se seguem representam mudanças importantes nos estudos sobre o romance bizantino, trazendo para este domínio teorias literárias dos tempos modernos, como as teorias pós-estruturalistas. No capítulo 12, “Homosocial Desire in the *War of Troy: Between (Wo)men*” (pp. 254-271), Stavroula Constantinou retoma a *Guerra de Tróia*, já discutida nos capítulos 7 e 8, mas a partir de um novo ângulo, analisando as relações “homossociais”, ou seja, os laços sociais que se estabelecem entre pessoas do mesmo sexo, e a forma como sustentam toda a estrutura narrativa deste romance. Devido ao seu carácter épico, a *Guerra de Tróia* desenvolve um enredo em larga medida mais afastado do padrão habitual dos romances paleólogos, sem deixar de apresentar aspectos comuns a essas composições bizantinas. Ao aprofundar a ética e a ideologia patriarcal da guerra, Constantinou afirma que “the *War of Troy* becomes the male homosocial Byzantine poem *par excellence*. This is not to suggest that female homosocial structures are absent from the poem” (p. 257). Um povo de guerreiros procura dominar uma população adversária mediante a posse de uma mulher. Os laços homossociais femininos



contribuem justamente para que os interesses dos homens sejam alcançados. Constantinou examina os raptos de duas mulheres, Hesíone (irmã de Príamo) e Helena (mulher de Menelau), para mostrar como esses dois acontecimentos desencadeiam um complexo sistema de “homossocialidade” masculina, que domina toda a estrutura da *Guerra de Tróia*. O binómio honra-vergonha, que desempenha um papel de crucial importância na *Ilíada*, por exemplo, é o principal motor que aproxima os homens num sentimento de dever colectivo, na medida em que o rapto de uma mulher nobre e bela (características que evidenciam a importância do seu estatuto no seio de uma sociedade androcêntrica) confere honra àquele que a capturou, ao mesmo tempo que traz desonra àquele de quem foi raptada. Assim, enquanto o rapto de Hesíone é um sinal de honra para Télamon e de desonra para Príamo, o rei de Tróia vê, entretanto, a sua honra restaurada com o rapto de Helena. Os laços homossociais entre os homens fazem-se notar sobretudo nos episódios bélicos e promovem o desenvolvimento da acção; os laços homossociais entre as mulheres manifestam-se, por exemplo, nas cerimónias fúnebres e representam momentos de digressão narrativa, que retardam o progresso da acção.

No capítulo 13, “Literary Landscapes in the Palaiologan Romances: An Ecocritical Approach” (pp. 272-298), Kirsty Stewart serve-se da teoria literária moderna para desenvolver uma abordagem ecocrítica, especialmente ecofeminista, de quatro romances: *Beltandro*, *Calímaco*, *Libistro* e *Aquileida*. O seu foco é a apresentação da paisagem literária, entendida no sentido amplo de mundo natural. Stewart começa por se referir ao conceito de “ecofobia” e ao retrato negativo da natureza feminina, a que associa o papel da figura da bruxa em *Libistro* e *Calímaco*. A bruxa controla as forças da natureza e vive no mundo selvagem, fora da civilização humana, pelo que representa uma ameaça para as personagens dos romances. Também as heroínas partilham dessa caracterização negativa, na medida em que são apresentadas como fonte de prazer, em harmonia com os cenários naturais que as envolvem. Nos romances paleólogos, como é regra no romance medieval, a heroína encontra-se no jardim de um castelo, portanto sob domínio masculino, e é descrita em termos antomórficos, ou seja, segundo uma imagética floral, tal como o espaço do jardim. É, pois, significativo que Calímaco seja retratado como jardineiro, tanto no sentido literal (ocupação profissional) como no sentido figurado (âmbito amoroso), desempenhando assim o acto simbólico de “regar” Crisóroo-planta (p. 280). A natureza muralhada (i.e., o jardim delimitado pelos muros do castelo) tem uma função erótica, pois é ao entrar no jardim que o herói encontra a princesa, e tem início a relação amorosa. De qualquer modo, a ligação ao jardim é muito mais forte na mulher do que no homem: o jardim reflecte a personalidade e a fisionomia da heroína; é a sua morada natural; e, tal como a heroína, situa-se num espaço intermédio entre a natureza selvagem e o mundo civilizado dominado pelo herói.

No capítulo 14, “The Affective Community of Romance: Love, Privilege and the Erotics of Death in the Mediterranean” (pp. 299-320), Megan Moore começa por questionar o papel e a função tradicionais das emoções no romance medieval, usando paradigmas pós-estruturalistas recentes segundo os quais o amor medieval está, na verdade, dissociado do desejo sexual. O romance medieval depende de um modelo mediterrânico partilhado de afectos, no qual o amor cortês vem descrito na sua relação directa com a morte. Moore defende que no romance “the emotional education of elites is predicated on an erotics of death, pruning and shaping feeling rules about passionate love to show young nobles both internally (within the text) and externally (within its audience) how death and passion are co-constitutive” (pp. 302-303). É possível encontrar este vínculo amor-mágoa, aqui designado por “erótica da morte”, ao longo da literatura romanesca, desde as suas origens com o romance helenístico aos exemplares mais tardios do romance paleólogo. Nestes últimos, destacam-se alguns episódios que reflectem a tese aqui defendida, como o concurso de amor e a travessia do rio em *Beltandro*; o prólogo de *Calímaco* sobre as doces amarguras do amor; o lamento amoroso de Crisóroo; e as cartas de amor em *Libistro*. Moore reequaciona a abordagem sobre o amor no romance medieval, integrando a produção paleóloga num contexto histórico e cultural mais amplo, partícipe de uma comunidade mediterrânica de emoções.

O capítulo 15, “The Bookseller’s Parrot: A Fictional Afterword” (pp. 321-339), não é um texto ensaístico como os anteriores, mas uma surpreendente e agradável história fictícia, a encerrar este volume. Panagiotis A. Agapitos, reputado especialista de literatura bizantina e autor de romances históricos, imagina um dia na vida de Demétrio Cidones, escritor e político do século XIV, que desempenhou funções de primeiro-ministro do império bizantino, sob três imperadores. A história situa-se no ano de 1392 e decorre durante uma viagem de Demétrio (de 68 anos de idade) com o seu servo. Nas três paragens que fazem, as personagens vão mantendo conversas sobre temas variados de literatura, que correspondem a vários dos tópicos discutidos nos capítulos deste volume. As personagens lêem episódios da *Guerra de Tróia*, de *Flório e Platziaflora*, *Libistro e Rodamne*, *Beltandro e Crisantz*, *Calímaco e Crisórroe*, entre outros, que servem para discutir, por exemplo, a adaptação de histórias ocidentais ao gosto dos leitores bizantinos, a literatura de entretenimento, os sonhos nos romances, a descrição da natureza, a relação entre amor e morte e o papel das mulheres nos romances. Agapitos inspira-se não só nos capítulos aqui reunidos, como também na colecção de cartas de Demétrio, donde retira os nomes das personagens referidas neste conto.

Numa obra extensa como esta, que conta com o contributo de vários participantes, é natural que se encontrem pequenos erros tipográficos, que evidentemente não maculam o mérito do trabalho. Alguns títulos, por exemplo, não surgem grafados em itálico: *Florios and Platziaflora* (p. xvi, n. 13); *Chronicle of Morea* (p. 160); *War of Troy* (a meio da p. 181). Outras falhas menores ocorrem esporadicamente ao longo do volume: onde se lê “University of Caen-Normany” (p. viii) deve ler-se “University of Caen-Normandy”; no título em negrito *Velthandros and Chysantz* (p. xiv) o nome correcto da heróina é *Chrysantz*; a referência bibliográfica “F. J. Ortolá Salas and Florio y Platzia Flora (eds.), *Una novela bizantina de época paleóloga...*” (p. xvi) deve ser corrigida para “F. J. Ortolá Salas (ed.), *Florio y Platzia Flora: Una novela bizantina de época paleóloga...*”; o título *lais* (última linha da p. 47) deve ter inicial maiúscula; na lista bibliográfica da p. 64, o nome “Castillo R. E.” carece de uma vírgula (“Castillo R., E.”); no título *Imperios and Margerona* (p. 116) o nome da figura feminina deve ser corrigido para *Margarona*; onde se lê “Despite the fact that is has” (p. 128) deve ler-se “Despite the fact that it has”; a expressão “the result of Haines’s study of the this manuscript” (p. 176) contém uma repetição sintáctica que deve ser desfeita; na enumeração “in *Velthandros and, Chysantz, Kallimachos and, Chrysorrhoe...*” (última linha da p. 275) as duas vírgulas imediatamente a seguir a “and” devem ser eliminadas; na referência bibliográfica de Ortolá Salas (p. 295), onde se lê *Una novela bizantina de época paleológica* a palavra “paleológica” deve ser rectificada para “paleóloga”.

Além dos 15 capítulos, o presente volume contém também uma secção com breves notas biográficas dos autores (pp. vii-x); uma lista bibliográfica com as edições existentes dos vários romances bizantinos tardios (pp. xiii-xix); e um índice final (pp. 340-347). Os estudos sobre romance bizantino têm sido cada vez mais recorrentes nos últimos anos. *Reading the Late Byzantine Romance: A Handbook* vem ocupar um lugar de relevo no âmbito desses estudos, pois oferece um conjunto de trabalhos sobre obras medievais do período paleólogo, aquelas a que dentre os romances bizantinos menor atenção se tem prestado. Os autores dos vários capítulos aqui reunidos não se limitam, porém, a apresentações genéricas sobre as obras analisadas, nem sobre o estado da arte; desenvolvem, por regra, abordagens inovadoras, reorientam a crítica para aspectos e episódios pouco estudados, e abrem novos caminhos de investigação à luz de teorias literárias mais recentes. Por estes motivos, a presente colectânea representa um contributo indubitavelmente significativo para a história da crítica sobre o romance bizantino tardio.

RUI CARLOS FONSECA  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
rui@campus.ul.pt

DENIS SEARBY (ed.), *Never the twain shall meet? Latins and Greeks learning from each other in Byzantium*, Berlin / Boston, De Gruyter, 2018 (*Byzantinisches Archiv – Series Philosophica*, 2). 358 pp. ISBN 978-3-11-055958-3

*Oh, East is East, and West is West, and never the twain shall meet*: foi com esta enigmática afirmação, às vezes mal interpretada, que Rudyard Kipling deu início ao poema *The Ballad of East and West*, no qual alude a alguns episódios da história do Império Britânico nos finais do século XIX. Embora difícil de se interpretar e descodificar, esta afirmação parece querer dizer que duas coisas diferentes não podem nunca ser assimiladas ou comparadas uma com a outra. Ao transpor-se para o registo humano, a mesma afirmação parece também sugerir que, quando duas pessoas se encontram, tudo aquilo que é accidental perde sentido, uma vez que o único critério válido, numa altura em que ambas se debatem com o problema da aceitação do outro, é o respeito mútuo.

Porque esta afirmação, tão hermética quanto polémica, admite várias leituras históricas, D. Searby, professor e investigador na Universidade de Estocolmo, resgatou-a e utilizou-a como título do volume de estudos que coordenou, em 2018, para a editora Walter de Gruyter, integrando a colecção de livros sobre temas filosóficos designada “Byzantinisches Archiv – Series Philosophica” (2). *Never the twain shall meet? Latins and Greeks learning from each other in Byzantium* é, pois, um livro que reinterpreta a afirmação feita pelo poeta oitocentista de maneira a transformá-la numa interrogação, por meio da qual o editor, dialogando com um problema de natureza eminentemente teológica e filosófica, procura levar o leitor a questionar-se se alguma vez terá existido, na história do Império Bizantino, um verdadeiro encontro entre Gregos e Latinos.

De facto, o tema central deste volume, que reúne o contributo dos vários estudiosos que participaram de um colóquio que teve lugar na Universidade de Estocolmo entre 24 e 26 de Junho de 2015, é a complexa trama de relações gerada pelo contacto entre estas duas culturas à luz de alguns textos teológicos e filosóficos fundamentais, produzidos maioritariamente no período de governo dos imperadores paleólogos. Este volume foca a sua atenção no período que medeia entre a conquista de Constantinopla por Miguel VIII Paleólogo, em 1261, e a conquista da cidade pelos Otomanos, em 1453, durante o qual teve lugar um acontecimento de capital importância na história das relações entre as Cristandades grega e latina: o Concílio de Ferrara-Florença, uma assembleia convocada para tratar da questão, insanável até hoje, relativa à reunificação das duas Igrejas divididas pelo Cisma de 1054.

De forma geral, aquilo que caracteriza este período é o facto de ele assistir não só ao surgimento de algumas traduções gregas de autores latinos, entre os quais Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino, mas também ao desenvolvimento de toda uma tradição escolástica estreitamente ligada ao mundo intelectual, a qual formará um legado de que os Gregos rapidamente se apropriarão a despeito de algumas opiniões contrárias, professadas pela tradição eclesial ortodoxa. Neste sentido, este volume procura não só romper com alguns estereótipos associados à natureza específica do conhecimento de matriz teológica e filosófica, mas também transcender as fronteiras da escolaridade dita confessional, promovendo assim o diálogo entre duas realidades – a oriental, grega, e a ocidental, latina – ao longo dos últimos séculos da Idade Média.

Na forma como se apresenta, este volume abre com as notas biográficas dos vários autores (pp. ix-xi), prossegue com a apresentação do editor (pp. 1-8) e inclui depois os artigos propriamente ditos, assinados por estudiosos como F. Tinnefeld (“Translations from Latin to Greek: a contribution to late Byzantine intellectual history”, pp. 9-19), M. Pleded (“Reconfiguring East and West in Byzantine and Modern Orthodox Theology”, pp. 21-45), J. Monfasani (“George of Trebizond, Thomas Aquinas, and Latin Scholasticism”, pp. 47-61), A. Levy (“Translatable and untranslatable Aquinas: the soft cosmological revolution of Scholasticism’s golden age and the rejection of Aquinas by the first Palamite circles”, pp. 63-75), P. C. Athanasopoulos (“Bessarion of Nicaea vs. Mark Eugenikos: on the Thomistic *principium individuationis* in material composites”, pp. 77-91), I. Balcoyian-

nopoulou ("New evidence on the manuscript tradition and on the Latin and Greek background to George Scholarius' *In 'De interpretatione'*", pp. 93-113) e M.-H. Blanchet ("The two Byzantine translations of Thomas Aquinas' *De rationibus fidei'*", pp. 115-128).

No seu ensaio, F. Tinnefeld foca o problema da tradução de alguns textos teológicos e filosóficos do Latim para o Grego, analisando-o à luz da sua relação com a história intelectual do Império Bizantino e, mais concretamente, o trabalho desenvolvido por autores como Máximo Planúdio, o monge do século XIII que traduziu Agostinho de Hipona, e Demétrio Cidónio, o estadista do século XIV que traduziu Tomás de Aquino. Já M. Plested estuda o problema relativo à nossa percepção acerca da existência de categorias teológicas e eclesiásticas bem delimitadas e estabilizadas, reconhecendo que a hipótese da dicotomia doutrinal gerada pela intersecção entre os pensamentos teológicos oriental e ocidental não reflecte exactamente o conteúdo das fontes históricas, que assumem muitas vezes o pressuposto da harmonia entre a tradição catafática e racional do Ocidente e a tradição apofática e mística do Oriente. J. Monfasani estuda a obra de Jorge de Trebizonda, porventura uma das mais importantes autoridades em Retórica no Renascimento em Itália até ao século XVI, à luz da sua relação com a Escolástica e o Humanismo, resistindo à tentação de considerar estas duas tradições como realidades intelectualmente desconexas e sugerindo até que a sua obra sobre Platão e Aristóteles lhe permite discutir e até contestar o Tomismo.

A. Levy questiona-se acerca da aparente incompatibilidade dogmática entre o pensamento de Tomás de Aquino e Gregório Palamas, um dos grandes protagonistas da controversia hesicasta durante o século XIV, baseada não só nas incongruências criadas pelo trabalho de tradução ou retroversão dos textos, mas também na questão doutrinal relativa à distinção entre a essência de Deus e as Suas energias e o próprio significado do que se entende por deificação. Já P. C. Athanasopoulos foca a rivalidade entre Bessarião de Niceia e Marco de Éfeso, por ocasião da preparação do Concílio de Ferrara-Florença, tendo em mente a controversia relativa à cláusula *Filioque*, a discussão a propósito do princípio da individuação e a distinção entre as três pessoas da Santíssima Trindade. I. Balcoyiannopoulou dá-nos novas evidências sobre a tradição manuscrita relativa a um comentário de Jorge Escolário sobre uma das obras de Lógica de Aristóteles, analisando não só o método seguido pelo filósofo grego, mas também os problemas associados ao trabalho de tradução de várias fontes gregas e latinas. M.-H. Blanchet faz a comparação de duas traduções de um mesmo tratado de Tomás de Aquino, uma feita por Demétrio Cidónio e outra por um tradutor desconhecido, salientando, com base na contestação ao paradigma da hostilidade, a importância do trabalho editorial como um dos critérios que permitem alargar a nossa compreensão da forma como o teólogo latino entrou no universo grego.

Apresentados estes estudos, o volume prossegue depois com os artigos assinados por J. A. Demetracopoulos ("Scholarios' *On almsgiving*, or how to convert a Scholastic 'quaestio' into a sermon", pp. 129-177), P. Golitsis ("ἑσέντζα, ὀντότης, οὐσία: George Scholarios' philosophical understanding of Thomas Aquinas' *De ente et essentia* and his use of Armandus de Bellovisu's commentary", pp. 179-196), B. M. Jensen ("Hugo Eterianus and his two treatises in the Demetrius of Lampe affair", pp. 197-205), Ch. W. Kappes ("Gregorios Palamas' reception of Augustine's doctrine of the original sin and Nicholas Kabasilas' rejection of Aquinas' maculism as the background to Scholarios' immaculism", pp. 207-257), M. Konstantinou-Rizos ("Prochoros Cydones' translation of Thomas Aquinas' *Quaestiones disputatae de potentia* and *Quaestio disputata de spiritualibus creaturis*", pp. 259-274), S. Mariev ("Nature as *instrumentum Dei*: some aspects of Bessarion's reception of Thomas Aquinas", pp. 275-289), T. A. Pino ("Hylomorphism East and West: Thomas Aquinas and Mark of Ephesos on the body-soul relationship", pp. 291-307) e G. Steiris ("Pletho, Scholarios and Arabic Philosophy", pp. 309-334).

No seu ensaio, J. A. Demetracopoulos foca a atenção numa homilia de Jorge Escolário acerca da prática da caridade, com o objectivo não só de comprovar a dependência do filósofo grego para com as fontes tomistas, apesar de se tratar de um discurso mora-

lizante, mas também de discutir aquilo que se considera ser a inesperada liquidez das fronteiras subjacentes à relação entre uma *quaestio* escolástica e um sermão eclesiástico. Já P. Golitsis usa a questão do plágio como ponto de partida para a discussão acerca do entendimento que Jorge Escolário, com base no comentário de Armando de Bellovisu, faz de Tomás de Aquino numa obra em que foca as noções de ente e essência, explicando as deficiências de algumas das nossas categorias interpretativas como resultado das dificuldades sentidas ao nível da tradução de vocábulos relativos àquelas duas noções. B. M. Jensen analisa de perto a resposta dada por Hugo Eteriano a Demétrio de Lampe a propósito da controvérsia gerada pela questão doutrinal relativa à Santíssima Trindade, demonstrando que, a despeito do facto de ter permitido o conhecimento da Teologia latina no seio da Ortodoxia grega, este filósofo não corrobora a hipótese que sugere o princípio da harmonia entre o pensamento grego e latino. Por fim, Ch. W. Kappes foca o problema relativo ao entendimento de Jorge Escolário acerca do dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria, salientando não só a recepção da doutrina de Agostinho de Hipona por Gregório Palamas e a rejeição de Tomás de Aquino por Nicolau Cabasilas, mas também a importância do pensamento de Jorge Escolário como expressão da síntese que a Ortodoxia grega foi capaz de operar entre o Augustinismo e o Tomismo.

M. Konstantinou-Rizos analisa o estilo da tradução feita por Prócoro Cidónio a partir de dois tratados de Tomás de Aquino acerca da potência de Deus e das criaturas espirituais, escolhidos devido à sua relevância para o Palamismo, daí concluindo que o monge é capaz de fazer uma transposição linguística conceptualmente adequada. Já S. Mariev explora o contributo de Bessarião de Niceia para o debate acerca da concepção da natureza como instrumento de Deus, avançada por Tomás de Aquino, demonstrando com isto, a despeito da opinião de Jorge de Trebizonda, o seu importante papel na criação de uma relação de convergência entre o Platonismo e o Cristianismo. T. A. Pino trabalha a questão do hilomorfismo, a teoria aristotélica e escolástica relativa à composição dos seres corpóreos a partir da matéria e da forma, constatando sobretudo que o pensamento de Marco Eugénico depende directamente do de Tomás de Aquino. Por fim, G. Steiris analisa a relação entre a Filosofia grega e a Filosofia árabe a partir do contraste entre as obras de Jorge Gemisto Pletão e Jorge Escolário, dois filósofos que reflectem a oposição entre o Platonismo e o Aristotelismo, com o objectivo de demonstrar que o conhecimento dos pensadores árabes não resultou do contacto directo com as suas obras mas sim com a dos pensadores latinos, daqui resultando o maior ou menor grau de aceitação dos princípios defendidos pela Escolástica.

Na prática, é por demais evidente que os trabalhos reunidos neste volume não só respondem à pergunta formulada no título, mas também destacam a importância do diálogo teológico e filosófico para a história do Império Bizantino entre os séculos XIII e XV. A sua leitura é recomendada por várias razões: porque nos coloca perante o problema da diversidade do método científico, porque faz uma análise detalhada de alguns temas relevantes para a história do pensamento e porque procura com eles dar novas pistas para que outros aprofundem os temas já explanados. No fundo, este livro coloca-nos não só perante a certeza de que os Gregos e os Latinos estiveram em contacto uns com os outros, mas também perante a convicção de que estes constituíram, de facto, duas faces de uma só realidade, articulando-se numa espécie de dialéctica que terá sido largamente impulsionada por esse *desejo imenso*, tão próprio da condição humana, que é o conhecimento de Deus.

MÁRIO DE GOUVEIA  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
mariogouveia@campus.ul.pt



ÁLVARO CANCELA CILLERUELO (ed.), *Sermo silens. La voz y el silencio en la poesía religiosa*, Madrid, Ediciones Universidad de San Dámaso, 2019. 272 pp. ISBN: 978-84-17561-00-0

En el seno de la colección *Teopoética* y ocupando el asiento número cuatro, sale a la luz el presente volumen colectivo, conformado por un conjunto de trabajos de diversa índole cuyo hilo conductor es la expresión poética de las manifestaciones religiosas a lo largo de la historia. Al igual que en las tres compilaciones precedentes, todas ellas fruto de las Jornadas de Poesía Religiosa celebradas en la Universidad de San Dámaso (Madrid), en la que aquí se presenta, los dos elementos nucleares de cada contribución son la religión y la palabra, entendiendo ambos términos en su sentido más amplio y evaluando la relación simbiótica que existe entre ellos desde muy diversas perspectivas. Sin embargo, *Sermo silens* incorpora un tercer elemento a los dos anteriores: el silencio; si el silencio es condición *sine qua non* para que la palabra cobre sentido, en este caso no actúa como un mero componente antitético, sino más bien como un elemento con valor autónomo e importancia fundamental dentro de la praxis religiosa.

El volumen está conformado por dos secciones diferenciadas: la primera (I. *Estudios sobre poesía religiosa*, pp. 17-257) contiene ocho trabajos de historia literaria y religiosa, mientras que la segunda (II. *Poesía religiosa de hoy*, pp. 261-272) constituye una breve antología de poesía contemporánea a cargo de Enrique García-Maíquez. Esta bipartición suscita un cierto desequilibrio en el conjunto del volumen, que tal vez se podría haber paliado concibiendo esta última aportación, distinta a los demás por su propia naturaleza, como un apéndice o complemento al resto del libro, en lugar de como un elemento único de una sección independiente. A pesar de ello, la elección responde a los criterios editoriales que se siguen en cada uno de los volúmenes que integran la colección.

Los ocho primeros capítulos, cuyos autores se ocupan de tradiciones religiosas diferentes, están ordenados cronológicamente de acuerdo con estas últimas y abarcan desde el segundo milenio a.C., hasta el s. XX de nuestra era. El primero de ellos, “La palabra: misterio y poder en la poesía védica”, corre a cargo de J. M. Mendoza, quien se ocupa fundamentalmente del Rgveda (RV), el más antiguo de los cuatro Vedas, en el que se recoge la himnodia destinada a los rituales públicos en la antigua India y que, a pesar de que hunde sus raíces en la literatura oral, constituye ya un producto de compilación literaria muy sofisticado. La autora aborda el RV cronológica, temática y conceptualmente, y finalmente se centra en la divinidad de la fórmula ritual que aparece por doquier en los himnos, Brhaspati. Este, a su vez, toma su poder de la propia diosa de la palabra, Vāc, a quien se consagra el último apartado del capítulo, cuyo broche final es la traducción a nuestro idioma del himno RV. 10. 125.

El segundo trabajo lleva por título “Voz y palabra en mitos, plegarias y rituales hititas” y constituye un estudio de carácter lexicográfico en el que su autor, J. V. García Trabazo analiza los términos hititas más comunes relacionados con el campo semántico de la palabra. Para ilustrar el sentido de cada uno de estos vocablos, García Trabazo realiza una selección de textos mitológicos, litúrgicos y rituales, que presenta tanto en original como en traducción castellana. Por medio de los propios textos, analiza el léxico y los recursos literarios empleados para la expresión de conceptos relacionados con la voz, el sonido y la palabra, ofreciendo así una perspectiva panorámica sobre su importancia en el conjunto de la literatura hitita conservada.

La himnodia vuelve a ser protagonista del siguiente trabajo fruto de la pluma de D. Tomaselli, “La polifonía del silencio en los himnos *De nativitate* de san Efrén”. Si Mendoza se centraba en la palabra como deidad personificada en los Vedas, Tomaselli aborda el concepto del silencio en los himnos del padre de la iglesia Efrén de Síria. Tras una sintética introducción biográfica y literaria del autor y una breve alusión a las dos raíces siríacas empleadas para verbalizar el mencionado concepto, el trabajo presenta las cuatro concepciones de las que goza el término silencio en la poesía del de Nísibe, a saber: el silencio con connotación negativa, es decir, como la ausencia de voz; el silencio



como atributo del Padre, en contraposición a la palabra, representada por el Verbo encarnado; el silencio como atributo del Hijo, a pesar de que esta tercera concepción parezca entrar en liza con la anterior, y, por último, el silencio como forma de alabanza a Dios por parte de las criaturas, no solo en cuanto a las criaturas inanimadas o animales, sino también como elemento nuclear de la alabanza de personaje humanos como la propia virgen María.

El siguiente estudio (“Poesía copta: Arquelites y el monaquismo egipcio”), a cargo de S. Torallas Tovar, ofrece el análisis de dos composiciones coptas estrechamente vinculadas con el primer monaquismo egipcio. La primera de ellas es el poema de Arquelites, un conjunto de escenas dramáticas construidas en un marco hagiográfico y dirigidas a un público seglar, en el que se narra la historia de un joven que se consagra a la vida ascética en Palestina, renunciando así a mirar el rostro de cualquier mujer; ello le impide el reencuentro con su madre y deriva en la trágica muerte del protagonista. La segunda composición es un himno acróstico, alfabético, traducido del griego al copto y compuesto por una serie de preceptos y exhortaciones dirigidas a jóvenes monjes. En ambos casos, la autora ofrece el texto tanto en su versión original como en su traducción castellana y realiza un detallado análisis de su contenido y de su contexto compositivo. Asimismo, la panorámica que ofrece sobre la poesía copta, una singularidad dentro del conjunto de la literatura en esta lengua, supone una interesante aportación en este campo; tal vez, no obstante, se podría haber explorado de forma más precisa el motivo de la voz y el silencio en la mencionada producción literaria.

El quinto trabajo constituye un acercamiento a la plegaria silenciosa de los Padres hesicastas y, más concretamente, a la poesía de Simeón el Teólogo: “La voz del silencio en la plegaria y en la poesía de Simeón, el nuevo teólogo”, a cargo de M. López Salvá. Para estos monjes ascéticos de Oriente, el silencio era el medio fundamental para acercarse a Dios; sin embargo, no se trataba de una actividad únicamente espiritual, sino de un ejercicio psicosomático en el que la postura corporal era el primer paso para poder meditar, y la meditación, la manera de lograr el despertar de la conciencia personal que, a su vez, constituía el único medio de alcanzar la disposición adecuada para orar a Dios. Entre la dilatada producción literaria de Simeón el Teólogo se hallan sus 58 himnos, que llevan por título *Amores de los himnos divinos* y que a menudo constituyen diálogos entre el propio autor y Cristo. La autora realiza un exhaustivo análisis de los diferentes *topoi* que encierra la poesía de Simeón, si bien, entre todos ellos, consideramos que cobra especial importancia para el tema del que se ocupa el libro el de “la dificultad de la expresión”. Simeón se enfrenta a la limitación que supone la propia palabra a la hora de expresar su experiencia mística; no obstante, este sentimiento de impotencia lo expresa verbalmente en su poesía creando así una suerte de juego literario muy característico de sus versos. El trabajo se cierra con la traducción del himno 16 del hesicasta, en el que se pone de manifiesto la comunión resultante del diálogo entre Dios y el hombre, que, muchos siglos después, volvería a aparecer en la poesía de san Juan de la Cruz o santa Teresa de Jesús.

La siguiente aportación (“La *exhortatio* panegírica al silencio: lírica y oratoria sacra en Calderón de la Barca”), a cargo de J. Ponce Cárdenas, supone un salto en el espacio y en el tiempo con respecto a todas las anteriores. A lo largo de siete apartados consecutivos, el autor arroja nueva luz sobre el tan estudiado poema *Psalle et Sile*, que constituye la composición poética más extensa del autor español, con un total de 525 versos, y probablemente también una de las que mayores controversias y estudios ha generado. En primer lugar, Ponce Cárdenas proporciona algunos datos biográficos sobre las primeras andanzas eclesiásticas de Calderón; a continuación, analiza las causas que le llevaron a componer la *Exhortatio*; dedica el tercer apartado a dar algunas pinceladas sobre el grabado que precede el opúsculo y que constituye una pieza clave del conjunto; en los apartados cuarto y quinto analiza los hipotextos del poema, tanto en su versión vernácula como en la latina, y, finalmente, ofrece una descripción del propio Calderón en cuanto representante del humanismo cristiano.

En el siguiente ensayo el término silencio debe entenderse, tal y como el propio autor afirma al final del mismo (p. 230), como sinónimo de distanciamiento. “Los silencios propios y las músicas extrañas en la poesía religiosa de Emily Dickinson”, de F. Ariza, ofrece un recorrido a través de la vida y la poesía religiosa de la poetisa de Nueva Inglaterra Emily Dickinson. La peculiaridad más significativa de la conducta religiosa de Dickinson radica en su apartamiento de los cánones y las costumbres tradicionales, sustituidos por una suerte de reclutamiento interior e incluso por cierta rebeldía hacia el puritanismo que reinaba entre las comunidades cristianas del momento. Este hecho se refleja de forma explícita en sus versos, en los que la ironía y el sarcasmo contra el orden establecido se combinan con un misticismo patente y, en ocasiones, también con referencias indirectas al catolicismo, tal y como se deduce de los ejemplos que el autor intercala, en su versión traducida, a su explicación y desglose general de los mismos.

Cierra la primera sección el ensayo de A. I. Ballesteros Dorado “Tipos de poesía religiosa en el siglo XX español: voz y silencio”, en el que se procura la exégesis de una serie de versos de poetas españoles que se dieron a conocer en la época de la posguerra. La presentación de los mismos a lo largo del capítulo responde a un criterio temático: mientras que en el primer apartado la protagonista es la voz de Dios, en el segundo lo es su silencio. Montserrat Maristany, José María Valverde, Manuel Alcántara o Vivanco son algunos de los autores en cuya obra se emplea como motivo literario la voz de Dios, entendida tanto como la palabra del Hijo, como la del Espíritu santo, como incluso mediatizada por la propia voz del poeta. Para ejemplificar el silencio de Dios, en cambio, se recurre únicamente a una composición de María Antonio Caballero Huertas y se alude a un pasaje de la obra *Lo demás es silencio* de Gabriel Celaya en el que “el recurso de un telegrama como marco comunicativo pretende convencer sobre la necesidad y la urgencia de establecer el contacto con Dios para poder averiguar la propia identidad” (p. 255).

El broche final del volumen lo conforma una aportación distinta en todos los sentidos, que no debe entenderse como un trabajo de investigación, sino como una breve antología poética de un autor contemporáneo, precedida de una sucinta biografía del mismo. Enrique García-Maíquez (1969), jurista de formación, pero también traductor, antologista y crítico de poesía, ha dedicado a la temática religiosa una parte de su producción literaria, de la que se ofrece en estas páginas una pequeña muestra; algunos de los títulos son *A nuestra Señora*, *A la virgen del Carmen*, *Novísimo* o *Icono*. Con ellos se cierra un recorrido de muchos siglos de historia en los que el sentimiento religioso ha sido la inspiración de numerosos poetas y poetisas, en contextos y realidades completamente dispares entre sí, y se demuestra que dicho sentimiento traspasa las barreras del espacio y del tiempo.

A modo de conclusión, puede afirmarse que los trabajos recogidos en *Sermo silens* demuestran una acribia y un rigor metodológico dignos de elogio. De un lado, ahondan en composiciones literarias cuyo acercamiento presupone no solo una competencia elevada en lenguas como el copto, el asirio o el antiguo indio, sino también una erudición en los aspectos históricos, literarios, prosódicos y léxicos que rodean a las composiciones analizadas, que distan enormemente de los acercamientos al uso que tan a menudo se hacen al género poético. Al mismo tiempo, a pesar de la complejidad de los temas tratados, la claridad expositiva es manifiesta y esta, acompañada por las introducciones que preceden a cada ensayo, hace del volumen un libro accesible para un público amplio y variado que no ha de ser necesariamente docto en la materia.

Por otra parte, aunque la interdisciplinariedad que envuelve a los trabajos es manifiesta, el volumen presenta un carácter unitario palmario que está reforzado en gran medida por las páginas que lo preceden. En ellas su editor, A. Cancela, realiza una síntesis muy acertada del conjunto y expresa convenientemente la dualidad palabra-silencio y su vinculación con la espiritualidad religiosa, creando así un marco general muy apropiado para el encuadre de todas las contribuciones.

JULIA AGUILAR MIQUEL  
Universidad Complutense de Madrid  
juliagui@ucm.es

BRIAN MURDOCH, *The Reception of the Legend of Hero and Leander*, Leiden, Brill, 2019. 409 pp. ISBN 978-90-04-40093-1

Partindo de uma perspectiva cronológica, a obra de Brian Murdoch investiga e analisa a fábula (“tale”) ou lenda (“legend”) – mas não *mito* (mitos “are stories in which natural phenomena [...], religious beliefs, or very basic human truths are explained or expressed, usually with a supernatural element”, explica o A. na p. 2) – de Hero e Leandro integrada na tradição europeia. A presença destas figuras é, assim, detectada, desde a Antiguidade até ao século XXI, nas literaturas latina, alemã, inglesa, francesa, italiana, espanhola, sueca, holandesa, flamenga, polaca e portuguesa. Em todas as citações são usadas as línguas de origem dos textos, acompanhadas de tradução na língua em que o estudo está redigido. Nas análises filológicas, as informações por vezes básicas que são fornecidas (como a definição de dístico elegíaco, por exemplo) atribuem a esta obra uma dimensão pedagógica e aumentam o universo de leitores, que podem ter diversa formação.

Depois do prefácio, o livro apresenta doze capítulos, podendo, contudo, considerar-se que o primeiro e o décimo segundo constituem a introdução e a conclusão. No final, encontram-se os curiais bibliografia e índices (pp. 375-409).

No prefácio delineiam-se os traços preliminares do estudo, atendendo à diversidade de testemunhos compulsados, numa amplitude de dois mil anos: “What the tale leaves unsaid has afforded opportunities for narrative development of all kinds of different genres in many languages. [...] Its versatility is such that it lends itself to high (and indeed low) comedy as well as serious treatments. It can be a two-line epigram or an (overly) extensive Latin epic, a sonnet, a shadow-play, an opera, or a three-minute pop song” (p. x). Com efeito, o livro não deixará de lado – juntamente com as mutações do enredo e de significados que enriqueceram a história “original” (incluindo o acrescento de personagens ou a apresentação de motivos para que a relação amorosa tenha de ser vivida em segredo) – o interesse pelas formas e géneros literários a que a lenda se moldou.

Como se referiu, o primeiro capítulo – “*Hero and Leander: Constants and Questions*” – é uma introdução ao problema, uma lenda apresentada genericamente em função de fontes, reinterpretações e manipulação dos elementos constitutivos do enredo primitivo. Do segundo ao quarto e no capítulo onze, a exposição segue uma linha cronológica, limitada por grandes períodos. Em “*The Classical World*” (capítulo 2), analisa-se circunstanciadamente os testemunhos literários latinos e em grego (desde o pioneiro Virgílio até à versão mais desenvolvida de Museu, passando por Marcial e Ovídio). No terceiro capítulo (“*Ovid (Often) Moralised: the Middle Ages*”), relaciona-se a fortuna da versão ovidiana com as novas formas que a lenda manifesta no decorrer da Idade Média. No capítulo são referidas as primeiras traduções vernáculas de Ovídio (incluindo na *História Geral*, de Afonso X), alusões, incorporações e outros aproveitamentos, abrangendo manifestações da lenda até meados do século XVI. Dos exemplos estudados, pode salientar-se que, em *La Leandride* (último quartel do século XIV), Giovanni Girolamo Nadal escreveu uma versão em que surge a intervenção dos deuses. Comum às várias versões parece ser o sentido moral que a história adquire, aproximando-se, em alguns casos, do ideal de amor cortês: “The classical tale can be approached in terms of Christian morality, or it may take its place in the annals of courtly love” (p. 81).

Um novo contexto cultural como foi o Renascimento traria mudanças significativas ao modo como a história de Hero e Leandro foi percebida e apresentada pelos escritores. Em causa está o regresso às versões antigas, como se explica no quarto capítulo (“*Heroical Poems: the Renaissance and After*”), que começa com referências às traduções das *Heróides* e do poema de Museu. Destas versões está dependente a recepção, por exemplo, nos romances espanhóis, a versão de Boscán, de Marlowe, Chapman e Petowe, entre outros textos (epopeias e idílios), que neste capítulo termina com a referência à cantata de Manuel Maria Barbosa du Bocage, “À morte de Leandro e Hero” (e não “A morte de Leandro e Hero”, como se lê na p. 135). No fim do capítulo, reconhece-se: “A period from the renaissance down to the very end of the eighteenth century naturally implies a wide range of different approaches to the story. The numerous translations of Ovid

and of Musaios all through this broad period reinforce awareness of the extent to which interest in the narrative is maintained. [...] Marlowe's difference is its eroticism, more so than in almost any other version [...]. His continuator Chapman turns to the tragic outcome, while Petowe moves away from it entirely, avoiding the tragic death altogether" (p. 136). Como inovações em alguns destes textos, note-se que "The role of the gods [...] and specially of the Fates is varied but important, particularly in those versions where the conflict between gods and humans is made explicit [...]. Some extra cast-members appear [...], though none with great significance to the plot. [...] The role of the lamp – usually extinguished by the wind, hence by the hand of fate – is, by and large, far less prominent than in the classical works" (p. 137).

Os capítulos 5-10, mantendo uma organização cronológica, apresentam-se focados em géneros ou formas literárias e musicais. Assim, por ordem: "Ballads, Folk and Literary" (do século XVI até 1950, com referências a obras de autores como Schiller ou Leigh Hunt), "Focal Points: Reflections in the Lyric", "The Challenge of Drama" (do início do século XVI até à segunda década do XIX), "The Waves of Sea and Love: Grillparzer and After" (inclui uma cuidada análise da tragédia em cinco actos *Des Meeres und der Liebe Wellen*, 1831, de Franz Grillparzer), "Choice Pieces of Drollery: the Burlesques" (de que fazem parte versões de Góngora, Molina, Scarron ou la Harpe, por exemplo), "Set to Music: Cantatas, Operas, and Musical Plays" (até ao século XIX).

Destes capítulos, atente-se no sexto, dedicado à poesia lírica, cuja concisão surge como tributária de Marcial (p. 173). Vazada em formas literárias curtas, como sonetos e epigramas, a recepção da história de Hero e Leandro não (re)conta o enredo, centrando-se em momentos específicos (especialização que estrutura o capítulo: "Leander Drowned", "Hero's Lament and Death" e "Hero's Lamp" são algumas das suas secções). Tendo em conta a fama que a lenda conheceu na Península Ibérica, é merecida a atenção ao afogamento de Leandro em poemas de Garcilaso, valendo destaque referências curtas a Sá de Miranda, Camões, Diogo Bernardes e Faria e Sousa, além de Jorge de Montemor (pp. 184-185). São também analisados, entre outros, textos de Hölderlin e Byron, sublinhando-se em muitos casos a tendência para a complexificação do interior das personagens, que adquirem assinalável espessura psicológica.

Apesar de a história de Hero e Leandro ter contornos relativamente simples, a verdade é que "It is a tale of intensity in love, of the emotional anxieties and stresses associated with it, of effort in the face of the elements, of social pressures, of sexual union, of the conflict of love and duty, of separation, and of death, all centred upon two attractive young lovers" (p. 364). No capítulo 12 ("Some Shallow Story of Deep Love?"), de onde se cita, faz-se uma conclusão que percorre as reescritas, reelaborações, mantendo fidelidade com modelos ou manipulando-os, parodicamente ou não. No fim do seu estudo, Murdoch afirma que "Love does *not* necessarily conquer all, and even where human prohibitions are circumvented, the strongest love can still be defeated by the forces of nature or of bad luck" (p. 371). Dois mil anos de recepção de Hero e Leandro demonstram tudo isso.

RICARDO NOBRE

Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
rnobre@letras.ulisboa.pt

FRANCESCO DE MARTINO, CARMEN MORENILLA, MARIA DO CÉU FIALHO, MARIA FÁTIMA SILVA, DELIO DE MARTINO, ANDREA NAVARRO (edd.), *Clitemnestra o la desgracia de ser mujer en un mundo de hombres: homenaje de las Universidades de Valencia, Foggia, Bari y Coimbra a los Profesores Doctores Aurora López López y Andrés Pociña Pérez*, Bari, Levante editori, 2017. 383 pp. ISBN 978-88-7949-682-7

O presente volume, que constitui uma homenagem das Universidades de Valência, Foggia, Bari e Coimbra a Aurora López López e Andrés Pociña Pérez, professores catedrá-

ticos da Universidade de Granada, reúne dezanove títulos centrados na figura de Clitemnestra. O volume conta ainda com um prefácio (pp. 9-10) e um índice de nomes antigos (pp. 375-383), organizado por Anna Di Giglio e Davide Mennella-Bettino. Embora os contributos se encontrem organizados pela ordem alfabética dos nomes dos autores, a amplitude do arco temporal que subjaz ao tratamento da figura (de Homero ao século XXI) permite distinguir (pelo menos) dois núcleos, um centrado na Antiguidade e o outro na recepção. O volume oferece, deste modo, uma visão poliédrica de um conjunto significativo de “focalizações diversificadas”, expressão usada pela equipa editorial no prefácio (pp. 9-10), que a figura recebeu no seu extenso percurso literário. Do conjunto de textos sobre o tratamento da figura em autores da Antiguidade Clássica, Carmen Morenilla Talens e Núria Llagüerri Pubill, autoras de “ΚΛΥΤΑΙΜΝΗΣΤΡΗ ΔΟΛΟΜΗΤΙΣ (Od. 11.422)” (pp. 285-300), analisam a evolução de Clitemnestra desde a épica homérica até Ésquilo, salientando que, a despeito dos contributos, nomeadamente de Estesícoro e Píndaro para a posterior cristalização da personagem esquiliana como responsável material do homicídio de Agamémnon, existe uma relativa continuidade no seu tratamento no que respeita à sua relação com a ordem política, porquanto o crime de Clitemnestra demonstra a vulnerabilidade do ordenamento político e, sobretudo, a dos homens que o definem. Susana Hora Marques, no texto intitulado “Clitemnestra e o motivo do sonho nas *Euménides* de Ésquilo” (pp. 265-273), analisa a relação de Clitemnestra com o plano onírico na *Oresteia* e a sua evolução, balizada entre o cepticismo (em *Agamémnon*) e o temor (em *Coéforas*), para finalmente, em *Euménides*, se transformar a ela própria em agente dessa estrutura. Ainda sobre Ésquilo, María Cecilia Colombani assina “Noticias de la muerte. Pasión, dolor y sangre en las redes del poder. Una lectura político antropológica del *Agamenón* de Esquilo” (pp. 113-137), texto no qual a autora analisa o horizonte em que a tragédia inscreve o mito, considerado em perspectiva ético-antropológica. A autora privilegia a análise do tema da morte, realçando o seu potencial fundacional, e as diversas correlações que, mediante a figura de Clitemnestra, se estabelecem com o poder e com a condição feminina. Carlos Morais, que assina “ΚΛΥΤΑΙΜΗΣΤΡΑ ΔΕΣΠΟΤΙΣ ΚΑΙ ΜΗΤΗΡ: *pathos* e *rhythmos* nos trímetros de um episódio tenso e doloroso (S. *El.* 516-822)” (pp. 275-284), apresenta um estudo da métrica do 2.º episódio da *Electra* sofocliana, para, de forma consistente, estabelecer relações entre as oscilações do trímetro iâmbico e a intensidade do *pathos* no *agon* entre Electra e Clitemnestra. Marta Várzeas, autora de “Clitemnestra em Sófocles” (pp. 365-373), em divergência com as leituras que, nas últimas décadas, argumentam a correlação das peças de Sófocles com a realidade histórica, argumenta, na esteira dos pressupostos de Wilamowitz, a leitura de *Electra* de Sófocles em termos existenciais, i.e., como uma espécie de “gramática problematizante” da *psyche* humana. Sobre Eurípides, Maria do Céu Fialho, em “Eurípides e a reabilitação de Clitemnestra” (pp. 231-248), analisa a evolução da personagem e a sua progressiva cristalização como heroína disfórica – evolução não alheia à consolidação da pólis e ao papel que o *oikos* representou no seu alicerçamento – para depois se centrar na análise da figura em Eurípides, que, em *Electra*, a humaniza mediante a reactivação de motivos, sobretudo dos dramatizados em *Ifigénia em Áulide*, em ajuste aos próprios acontecimentos e à crise de valores éticos e políticos vivenciados na Atenas coeva. Maria Fernanda Brasete assina “A figura de Clitemnestra em Eurípides (*Electra* e *Ifigénia em Áulide*)” (pp. 67-88), texto no qual põe em evidência as diferenças do tratamento da figura nas duas tragédias euripidianas, estabelecendo, no entanto, a existência de um nexo de leitura comum, assente na correlação entre valores éticos, trágicos e políticos. Ainda no âmbito dos textos centrados na Antiguidade, F. Javier Campos Daroca, autor de “Apologías de Clitemnestra. Las razones de Clitemnestra en la literatura retórica y filosófica de época imperial” (pp. 89-112), dissectiona o uso que os tratados e as escolas de retórica da época imperial deram aos argumentos que, no âmbito da disciplina, serviram de base à defesa de Clitemnestra, nomeadamente os relativos aos momentos críticos da história da personagem, relacionados com o homicídio de Agamémnon.

No contexto da recepção, o presente volume apresenta um leque significativo de artigos, que enquadram a pervivência do tema quer nas denominadas literaturas nacio-



nais, quer em vários subsistemas artísticos. Entre os textos representativos do primeiro grupo, M<sup>a</sup> Teresa Amado Rodríguez, “Clitemnestra en el teatro gallego” (pp. 11-34), faz um estudo de personagem em cinco peças da dramaturgia galega, evidenciando as distintas facetas que cada autor privilegia, em ajuste às mensagens que se pretendem veicular; José Vicente Bañuls Oller e Clara Gómez Cortell apresentam “De Esquilo a Jean-Pierre Giraudoux, de la deshumanización a la humanización de Clitemnestra” (pp. 35-66), texto no qual, após análise da evolução da figura no drama grego, se centram na recepção da figura, quer na qualidade de protagonista, quer na de figura menor, elencando as gradações mais marcantes no seu tratamento; Juan Luis López Cruces, “Clitemnestra en *El Scholástico* de Villalón” (pp. 249-263) atesta a recepção da figura no contexto dos modelos paradigmáticos femininos, que alimentaram disputas retóricas e valorativas, de que são precisamente exemplo as protagonizadas no *El Scholástico* por académicos da Universidade de Salamanca. Maria de Fátima Silva, autora de “Clitemnestra, mulher, esposa e mãe. Francisco Dias Gomes, *Ifigénia*” (pp. 347-373), analisa a recriação do arcádico Francisco Dias Gomes, intitulada *Ifigénia*, salientando os elementos que traduzem simultaneamente distância do modelo grego e ajuste aos preceitos do neoclassicismo; Lucía P. Romero Mariscal, “Clitemnestra en Virginia Woolf” (pp. 327-346) analisa a presença e importância da figura de Clitemnestra na obra ficcional (*Mrs. Dalloway*) e ensaística de V. Woolf. No que respeita à recepção em outros subsistemas, Luísa de Nazaré Ferreira assina “Clitemnestra em Áulide numa tapeçaria flamenga do Museu de São Roque (Lisboa)” (pp. 215-230), texto no qual nos oferece uma visão interpretativa das representações iconográficas da heroína associadas ao sacrifício de Ifigénia na Antiguidade, para depois se centrar na cena representada na tapeçaria flamenga que integra a coleção do Museu de São Roque, argumentando a sua correlação com a tragédia euripídiana. Delio De Martino, em “Clitemnestra en el mundo de Polon” (pp. 139-157), analisa a presença de Clitemnestra na banda desenhada. A despeito do desacordo entre a natureza violenta da heroína e as exigências adstritas às produções dedicadas a crianças, o autor elenca exemplos que se afastam do *ad usum Delphini* e analisa a recriação do mito, em particular o episódio 41, dedicado à saga de Orestes, do anime *Little Pollon*, baseado no mangá *Olympus no Pollon* de Hideo Azuma. Francesco De Martino, autor de “L'addio di Clitemnestra” (pp. 159-199), analisa o célebre gesto, arquetípico segundo o autor, de súplica de Clitemnestra a Orestes, nas *Coéforas* de Ésquilo, para, a partir dele, analisar a presença do motivo em textos literários e obras artísticas. No domínio da representação teatral, Jorge Deserto analisa, em “Clitemnestra e a memória entre Eurípides e Tiago Rodrigues” (pp. 201-214), o trabalho de reescrita que Tiago Rodrigues imprimiu à trilogia, recriada a partir das peças de Ésquilo e Eurípides, *Ifigénia*, *Agamémnon* e *Electra*. Rómulo Pianacci, em “Figuraciones de Clitemnestra en escena: la *Clytemnestra* de Tadashi Susuki” (pp. 301-312), explora a inovadora recriação da heroína realizada por Tadashi Suzuki, que, em ajuste às interpretações feministas que têm alimentado novas visões sobre a figura de Clitemnestra, oferece uma investigação sobre os mecanismos do poder. Nuno Simões Rodrigues, que assina “As Clitemnestras portuguesas de João Canijo” (pp. 313-326), analisa as três recriações de Clitemnestra apresentadas na filmografia de João Canijo, nomeadamente em *Filha da mãe*, *Noite Escura* e *Mal Nascida*, argumentando que as recontextualizações sociais da figura ilustram a pervivência marcada, e simultaneamente falhada, de alguns dos mitos que alimentam a identidade nacional, com incidência na família e na violência.

Como se depreende desta breve resenha, são muitas as mais-valias do volume dado em prelo sobre Clitemnestra. Se a diversidade de autores e obras analisadas (entre as grandes obras da dramaturgia clássica, notamos apenas a falta da Clitemnestra senequiana), raramente concatenadas em um só volume, seria, só por si, razão para celebrar esta publicação, a esta circunstância adiciona-se ainda o facto de parte significativa dos textos desenvolver o tema em diálogo intertextual, cotejando fontes e interpretações, elemento que permite problematizar e clarificar as facetas mais marcantes da construção e evolução da figura, e das razões que lhe subjazem, quer na Antiguidade, quer no plano da recepção. A esta mais-valia acresce o diálogo permanente que os textos que o com-



põem promovem entre si – um diálogo que, a par dos muitos desenvolvidos pelos textos individualmente considerados, produz um tecido interpretativo suplementar que faz com que o tema se complemente e renove a cada leitura.

CLÁUDIA TEIXEIRA

Universidade de Évora /  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
Universidade de Coimbra  
caat@uevora.pt

JUAN J. VALVERDE ABRIL, PARASKEVI GATSIOUFA (edd.), *Nardus et Myrto plexae coronae. Symmikta Philologica ad amicos in iubilaio obsequendos*, Granada, Editorial Universidad de Granada, 2018. 482 pp. ISBN 978-84-338-6355-3

A obra em apreço reúne um conjunto de estudos, que constituem uma homenagem ao percurso académico e ao contributo científico de María Nieves Muñoz Martín e de José António Sánchez Marín, distintos filólogos que trabalham sobre o Humanismo e a Filologia Clássica. Há mais de trinta anos, os dois académicos fundaram, na Universidade de Granada, o grupo de investigação “Musae Ibericae Neolatinae”, atualmente designado como “Musae Ibericae Graecae et Latinae” (HUM-361). A relevância e o impacto do trabalho de ambos é visível no elenco da sua bibliografia e das suas conferências (pp. 17-32) e no conjunto de autores que participam nesta obra; todos são académicos de referência na área do Renascimento e da Filologia Clássica, membros de universidades espanholas como a Universidade de Granada e de outras, entre elas, a Universidade de Cádiz, a Universidade de Córdoba, a Universidade de Extremadura e a Universidade de Múrcia. Colaboram também no volume membros de universidades portuguesas, a saber, a Universidade de Aveiro, a Universidade Católica Portuguesa, a Universidade de Coimbra e a Universidade de Lisboa. Este livro destaca-se assim pela diversidade dos seus estudos, o que permite ao leitor ter uma perceção clara do impacto da investigação de María Nieves Muñoz Martín e de José António Sánchez Marín. Igualmente se pode perceber como a investigação na área Humanismo abre possibilidades para se cruzarem estudos na área da literatura, da crítica textual, da linguística e da cultura. Como explicam os editores, esta é uma obra que pretende “[...] mostrar así la amplitud y la variedad del humanismo que inspira la actividad científica de los homenajeados” (p. 14). Os editores optaram por organizar os estudos por ordem alfabética dos apelidos dos autores e não por áreas temáticas, sendo que estas, para facilidade do leitor, são explicitadas pelos editores nas páginas de introdução (pp. 14-15), a saber: a literatura grega, a linguística latina, a literatura latina, os estudos medievais, o Humanismo, a tradição clássica e a sua receção.

A literatura grega surge representada pelos seguintes estudos: de José Luis Calvo Martínez (Universidade de Granada), que se intitula “La búsqueda del Más Allá como estrutura profunda de las aventuras de la Odisea” (pp. 35-43) e que propõe uma releitura de partes do poema que se poderão relacionar com o uso e transmissão de narrativas de viagens; de Maria do Céu Fialho (Universidade de Coimbra), “El potencial cognitivo de la *mimesis* em la *Poética* de Aristóteles” (pp. 105-115), que versa sobre o conceito de *mimesis*, entendendo a *Poética* no seu contexto, a sua transmissão e a sua receção ao longo dos séculos, inclusive, pelos seus comentadores e tradutores humanistas e, mais tarde, por teóricos da hermenêutica moderna como Hans Georg Gadamer e Paul Ricoeur; e de Maria de Fátima Silva (Universidade de Coimbra), “Da criação de uma cidade até à cidade perfeita. Tucídides e o passado da Grécia” (pp. 377-389), que oferece uma reflexão “arqueológica” (p. 377), política e cultural do texto historiográfico, em torno da “primeira grande ruptura na *acme* helénica” (p. 389).

A diversidade de estudos no volume reflete-se na presença dos que versam sobre a crítica textual e filológica e os estudos medievais. No âmbito da crítica textual e filológica, situa-se o estudo de Ángel Urbán (Universidade de Córdoba), “Notas filológicas al texto griego y latino del Evangelio de Marcos en el Codex Bezae Cantabrigiensis (D 05 / d 5)” (pp. 391-418), no qual se apresenta a análise de algumas das *lectiones* do códice Bezae (D 05), com o intuito de entender em que medida é que o tradutor latino “ha sido, o no, fiel al texto griego, o si se ha dejado llevar a veces, y en qué medida, por otros textos, ya sean griegos o latinos, que indudablemente tuvo presentes” (p. 391). Na área dos estudos medievais, Pedro Rafael Díaz Díaz (Universidade de Granada) elaborou o capítulo “La excerpta C del códice manuscrito de Pavía, Biblioteca Universitaria, Aldini 450 (traducción y notas)” (pp. 53-80). Neste capítulo, o autor apresenta a tradução e anotações do excerto C (Pavia, Biblioteca Universitaria 450, fol. 3<sup>v</sup>-4<sup>v</sup>) do Códice de Pavia, que reúne um conjunto de textos sobre doutrina musical. Com a tradução e comentário deste excerto, o autor demonstra como esta parte se distingue das restantes que estão no mesmo códice, estando “fuertemente impregnada de doctrina musical italiana y, por lo tanto, puede entenderse que esta excerpta musical vendría a constituir el complemento italiano a la tradición francesa de Lamberto [saec. XIII ex.]” (pp. 57-58).

A linguística latina está representada, na obra, no estudo de Marina del Castillo Herrera (Universidade de Granada), “El tratamiento de *muta cum liquida* en Sílio Itálico” (pp. 45-52), no qual se estuda a forma como Sílio Itálico, a par de outros poetas, entre eles, Lucrécio e Virgílio, trata o grupo consonântico constituído por consoante oclusiva seguida de consoante líquida, vibrante. Tomando como base os dados analisados, a autora demonstra como se foi tornando cada vez mais comum o tratamento heterossilábico em relação ao tratamento tautossilábico destes grupos consonânticos. Este estudo sobre Sílio Itálico vem no seguimento do artigo que a autora publicou, em 2017, sobre o mesmo tema: “Muta cum liquida en el hexámetro latino clásico”, na revista *Ágora. Estudios Clásicos en Debate*, n. 19, pp 161-180 (<https://doi.org/10.34624/agora.v0i19.235>). Francisco Fuentes Moreno (Universidade de Granada) assina outro capítulo no âmbito da linguística latina: “*Sedecim, septemdecim / decem et sex, decem et septem*: datos para el estudio de su evolución del latín a las lenguas romances” (pp. 117-132). O autor cruza os dados dos autores latinos com as formas dos numerais nas diferentes línguas romances, concluindo que *sedecim* se manteve em uso preferencial em relação a *decem et sex*, dando origem às formas do numeral que hoje se preservam em francês, em italiano, em catalão e em occitano. O numeral *septemdecim*, por sua vez, sendo comum na época republicana e no início do período imperial, foi, gradualmente, tornando-se cada vez menos comum, em favor do uso da forma *decem et septem*, que acabou por originar as formas do numeral nas diversas línguas romances. No mesmo âmbito da linguística latina, encontra-se o estudo de Jesús Luque Moreno (Universidade de Granada): “Más sobre *pro-*: con vocal larga” (pp. 197-219), no qual o autor lista e analisa a ocorrência das palavras latinas formadas com o prefixo *pro-*, em que a vogal é considerada sempre como longa.

Os estudos sobre a literatura latina da época arcaica e clássica estão também representados neste volume, em dois capítulos. O primeiro é da autoria de Aurora López (Universidade de Granada) e de Andrés Pociña (Universidade de Granada) e intitula-se “Panorama comparado de los subgéneros cómicos latinos: una propuesta metodológica para su estudio” (pp. 179-196). Os autores propõem ao leitor uma análise sobre os recursos humorísticos da comédia romana, em especial, sobre o uso da linguagem mais grosseira e obscena. O segundo estudo desta área é da autoria de Maria Cristina Pimentel (Universidade de Lisboa), intitulado “Temor y compasión. Una mirada sobre la muerte en los *Annales* de Tácito” (pp. 311-321). A autora faz uma análise do texto dos *Anais* de Tácito, evidenciando a forma como o autor constrói na sua narrativa, com minuciosas escolhas lexicais e construções sintáticas, em particular, no livro XVI dos *Anais*, na descrição do crescendo do clima de terror e morte, quando Nero “[...] está sólo en el poder, después de deshacerse de la madre, de Séneca, de todos los que para él constituían peligro o representaban censura a su comportamiento; Nerón reprime y mata sin que nadie le frene” (p. 311).

O Humanismo renascentista e os estudos sobre os séculos subseqüentes são temas que, naturalmente, se associam à investigação desenvolvida pelos dois autores homenageados e, como tal, são objeto de muitos dos estudos que constituem esta obra. Neste âmbito, situa-se o capítulo de Arnaldo do Espírito Santo (Universidade de Lisboa), “Os teorizadores renascentistas na *Arcádia Lusitana*: Notas complementares de Cândido Lusitano à tradução da *Arte Poética* de Horácio” (pp. 81-103). O texto das notas de Cândido Lusitano é o ponto de partida para uma reflexão sobre a forma como cada um dos preceitos da *Arte Poética* de Horácio “foi entendido, transmitido e ensinado não só pelos teorizadores do Renascimento – nomeadamente Marco Girolamo Vida, Antonio Viperano e Jacob Pontano, S. J. –, mas também por Nicolas Boileau-Despréux e Alexander Pope, dois dos horacianos mais representativos do neoclassicismo nos séculos XVII-XVIII, e a esse título tomados como teorizadores da *Arcádia Lusitana*” (p. 81). Seguindo a ordem dos escólios das notas complementares, o autor traça um panorama da forma como os autores da *Arcádia Lusitana* acolheram e adaptaram ao seu cânone estético e cultural a influência da obra de Horácio, enriquecendo-o.

No capítulo “*Aenigmata epigraphica*: ejercicios escolares e pasatiempos, entre tradición literaria y epigrafía” (pp. 133-143), Paraskevi Gatsioufa apresenta uma análise e reinterpretação da leitura do texto da inscrição n. 54, copiada por S. N. Diamantides, no *Suplemento Arqueológico* do tomo XVII do Σύγγραμμα Περιοδικόν, editado pela Associação Grega Filológica de Constantinopla, em finais do século XIX. Partindo dos paralelos dos epigramas-adivinhas da *Antologia Palatina*, a autora demonstra como a inscrição n. 54 alia elementos de dois epigramas-adivinhas desta antologia, combinando-os como se fossem um único texto. Neste estudo, a autora demonstra ainda como importa considerar que existem “variações” no texto que são distintas das “variantes textuais”. O texto da inscrição radica-se assim na tradição dos *aenigmata* bizantinos, muito difundidos em contextos de convívio, como desafios entre amigos, ou como desafios em contexto pedagógico. A popularidade deste tipo de textos justificava a recriação, ou reelaboração do texto, atualizando-o a diferentes contextos sociais e culturais, pois, como diz a autora, “cada autor a la hora de recrear la tradición preexistente, puede introducir sus propias variaciones, bien con la simple intención de dar nueva vida a un texto antiguo, bien con la idea de hacer más difícil un enigma ya conocido, o bien con la intención de exhibir su invención poética” (pp. 143). No capítulo seguinte, “*Habent sua fata libelli*: Catálogo descriptivo de las ediciones de los *Apophthegmata* de Conradus Lycosthenes” (pp. 145-177), Paraskevi Gatsioufa e Juan J. Valverde Abril (Universidade de Granada), editores do volume, listam e descrevem as edições dos *Apophthegmata* do humanista, num total de 64, com as respetivas referências das bibliotecas em que se conserva cada um dos exemplares.

José María Maestre Maestre (Universidade de Cádiz) e Mercedes Torreblanca López (Universidade de Cádiz) são os autores do capítulo “Destinatario de la copia y mayor antigüedad del texto del Ms. 9/484 de la Real Academia de la Historia con la traducción al castellano de 1510-1511 de la biografía de Juan II de Aragón compuesta en latín por Lucio Marineo Sículo” (pp. 221-242). Este estudo vem dar continuidade a um outro anterior, dos mesmos autores, no qual tinham feito a identificação da obra conservada no manuscrito 9/484 da biblioteca da Real Academia de História, que os autores identificam como manuscrito R. Neste capítulo, organizado em cinco partes, em primeiro lugar, reforçam os argumentos em como R é uma cópia do manuscrito A, procedente da igreja de Santa Maria a Maior, de Alcañiz, a *Coronica del serenissimo rey de Aragon y Sicilia*. Na segunda e na terceira partes, os autores discutem a datação de R e demonstram que é anterior a A, respetivamente. Em quarto lugar, estabelecem como R estava relacionada com Dom Martín de Gurrea y Aragón, quarto Duque de Villahermosa. Finalmente, na última parte do estudo, discutem a provável relação desta cópia com a impressão da *Cronica del Rey don Juan de Aragon segundo deste nombre abreuviada* (Valencia, Juan Navarro, 1541).

No mesmo âmbito dos estudos sobre o Humanismo, António Maria Martins de Melo (Universidade Católica Portuguesa – Braga) dedica aos homenageados o estudo

“Homero e Virgílio, um *agon* memorável na *Poética* de J. C. Escalígero: Palavras introdutórias” (pp. 243-257). Como o autor explica no início do capítulo (p. 243), trata-se de um estudo elaborado no âmbito do projeto de investigação HUM2005-00026, “Edición y traducción al español y portugués de los *Poetices Libri Septem* de Júlio César Escalígero (estudio de los antecedentes clásicos y influencia en las creaciones poéticas modernas en España)”, em que participou a convite de José Antonio Sánchez Marín e de María Nieves Muñoz Martín. O autor faz uma reflexão sobre a influência de obras como as poéticas de Aristóteles e de Horácio, bem como das obras de Homero e de Virgílio, na *Poética* do humanista J. C. Escalígero. Carlos Miguel Mora (na altura da Universidade de Aveiro, hoje da Universidade de Granada), também membro de projetos de investigação da Universidade de Granada, coordenados pelos dois homenageados, apresenta, neste volume, o estudo “Amato Lusitano, la mordedura de víbora y el fresno” (pp. 259-280). Neste capítulo, o autor faz uma análise dos tratados de medicina, que Amato Lusitano teria utilizado para integrar na sua obra, *Curationum medicinalium centuriae* (1551), o uso de folhas de freixo para tratamento de uma mordedura de serpente. O autor explica também como a obra de Amato Lusitano terá influenciado outros autores, como Conrad Gesner e Ulises Aldrovandi. Manuel Molina Sánchez (Universidade de Granada) assina o capítulo “El llamado ‘segundo prólogo’ en el teatro jesuita español” (pp. 281-293). Neste estudo, o autor analisa o conceito de “prólogo” e de “segundo prólogo”, tomando como ponto de partida a comédia latina para se centrar em textos que integram o *corpus* do teatro jesuíta espanhol. O autor demonstra como se operaram transformações estruturais nos textos dramáticos, dando origem à presença de dois prólogos, um, em língua latina, e um segundo, em castelhano, que constitui uma paráfrase do primeiro. Segundo o autor, este segundo prólogo pode ser relacionado com a tradição do teatro escolar, característico do ensino nos colégios (p. 289). Francisca Moya (Universidade de Múrcia) e Elena Gallego (Universidade de Múrcia) são as autoras do capítulo “Quevedo, traductor de Livio en *Marco Bruto*. Un nuevo libro en la biblioteca clásica quevediana” (pp. 295-310). Neste estudo, as autoras dão um novo contributo para o conhecimento da obra de Quevedo e a sua utilização dos textos clássicos, em particular, da obra de Tito Lívio, demonstrando que “la obra de Livio estuvo en sus manos y que pudo estar en su biblioteca, pues él hizo una preciosa traducción. Se trata del conocido pasaje en el que Livio ofrece el retrato del rey Tarquinio el Soberbo (1.49)” (p. 296).

Eutáquio Sánchez Salor (Universidade de Extremadura) participa também nesta homenagem com o estudo “La fusión de tres tópicos: *miseria hominis*, *contemptus mundi* y *theatrum mundi*. De San Agustín a Calderón” (pp. 323-375). O autor explica e contextualiza a origem destes três tópicos literários, analisando-os em autores de épocas diversas, entre eles, Santo Agostinho, Orósio, Inocência III, João de Salisbúria, Poggio Bracciolini e Calderón de la Barca. Trata-se de um capítulo magistral, que dá ao leitor uma perceção da forma como os mesmos tópicos literários surgem em épocas e contextos culturais e literários muito diversos.

O último capítulo da obra é da autoria de Juan J. Valverde Abril (Universidade de Granada) e intitula-se “Los *Apophthegmata* de *Conradus Lycosthenes* o las vicisitudes de la sabiduría humanística” (pp. 419-469). De certa forma, este capítulo complementa o oitavo capítulo (pp. 145-177), do mesmo autor em coautoria com Paraskevi Gatsioufa, a outra coeditora do volume. Aqui, Juan J. Valverde Abril debruça-se sobre as origens e a tradição literária dos apotegmas, na Antiguidade e, mais tarde, entre os humanistas. O autor apresenta uma reflexão em detalhe sobre a obra de Conrad Wolfhart, ou *Conradus Lycosthenes*, os *Apophthegmatum loci communes*, que foi alvo de várias edições e reimpressões entre 1555 e 1669. O capítulo apresenta ainda uma anexo documental que inclui a transcrição e reprodução de vários documentos: o aviso ao leitor (Basileia, 1555), que é complementado com o da edição de Lausanne (1573); o escudo de armas da casa de Andlau (Basileia, 1555); a epístola nuncupatória (Basileia, 1555); o poema de Philipp Bech (Basileia, 1555); o poema de Thomas Naogeorgus (Basileia, 1555); a epístola sobre o significado e uso do apotegma (Lyon, 1573-1574); o aviso ao leitor (Genebra, 1591); auto-

rização para a impressão (Lyon, 1602); aviso ao leitor (Lyon, 1602); epigramas sobre a correção dos apotegmas (Lyon, 1602); retrato do autor (Colónia, 1611); e o aviso ao leitor (Colónia, 1618).

Em suma, este volume assume-se como uma justa homenagem à longa carreira e ao legado de investigação e de conhecimento dos Professores María Nieves Muñoz Martín e José António Sánchez Marín, reunindo um conjunto amplo e diverso de estudos que o tornam indispensável entre a bibliografia recente de referência para todos os que investigam na área do Humanismo e da Filologia Clássica.

CATARINA GASPAR

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

catarina.gaspar@gmail.com

VIRGINIA ALFARO, VICTORIA E. RODRÍGUEZ, GEMA SENÉS (edd.), *Studia Classica et Emblematica caro magistro Francisco J. Talauera Estesio dicata*, Zaragoza, Libros Pórtico, 2019. 727 pp. ISBN 978-84-7956-187-1

A colectânea que agora apresentamos reúne um conjunto de estudos dedicados a Francisco J. Talavera, Professor Catedrático de Filologia Latina da Universidade de Málaga, *uir doctus et bonus* (como as editoras da obra se lhe referem), e actualmente Professor Emérito da mesma universidade andaluza. Tendo o homenageado dedicado a maior parte da sua investigação ao estudo do latim humanista e renascentista, é natural que a grande maioria dos estudos aqui apresentados se dedique a problemáticas do período cultural correspondente. É também de salientar o facto de a maioria dos autores incluídos na miscelânea ser de origem espanhola e proveniente ou associada a universidades / centros de investigação espanhóis. Ainda assim, há excepções.

O primeiro texto apresentado ao leitor, da autoria de A. Urbán, “*Epistula ad Emeritum Magistrum Franciscum Iosephum Talauera Estesio amicum pium et eruditum*” (pp. 13-58), é uma composição em forma de epístola, bem à maneira clássica, em que o A. discorre acerca de temas antigos, humanistas e renascentistas, que sabe serem do agrado e apreço do homenageado, e que surgem como oportunidade para um olhar interdisciplinar, em que filologia, literatura, história da arte, história se entrelaçam e complementam. Assim, ali encontramos belas reflexões sobre Santo Agostinho ou Vasari, mas também sobre a estética moderna e suas implicações na literatura da época. O texto de A. Urbán é complementado com a bibliografia / CV completo de Francisco J. Talavera (pp. 59-68).

Os restantes estudos são, como referimos, dedicados a várias das problemáticas humanístico-renascentistas. Entre elas, o tema dos emblemas e da emblemática, tão bem conhecido dos especialistas no período (nomeadamente de F. J. Talavera). Por conseguinte, a relação entre literatura / filologia e iconografia é abordada por vários dos autores incluídos na miscelânea, entre eles V. Alfaro (pp. 69-91), B. Antón (pp. 107-157), J. J. García (pp. 267-294), E. López (pp. 359-374), J. M. Ortega (pp. 505-519) e V. E. Rodríguez (pp. 553-576). Também a alegoria e o simbolismo dos animais são temas particularmente abordados nesta colectânea, como mostram os ensaios de C. Macías (pp. 399-419), A. Pérez Jiménez (pp. 521-533), A. Rojas (pp. 601-610) e G. Senés (pp. 611-641).

Mas, no riquíssimo elenco de estudos aqui reunidos, encontramos também trabalhos centrados em autores ou obras específicas, dos períodos medieval e moderno, todavia estudados a partir de outros prismas que não os da emblemática ou do simbolismo / alegoria. Esses são os casos de V. Bonmatí, que publica um belo estudo sobre os *Carmina* de Elio Antonio de Nebrija (pp. 159-178); de E. Falque, que disserta sobre a pervivência de Santo Isidoro em Lucas de Tuy e em Alfonso Martínez de Toledo (pp. 221-232); de M.-L. Jiménez-Villarejo, que aborda a obra de Juan Luís de la Cerda (pp. 333-358); de



J. Luque, que estuda o *Carmen ex uoto* de Frei Luis de León (pp. 375-398); de J. Martínez e C. Ferrero, que analisa a presença do tema orientalizador dos Santos Barlaão e Josafate em Juan Gil de Zamora (pp. 463-478); e de M. Molina, que estuda a poesia latina de Andrés Rodríguez (pp. 479-494); de A. Rallo, que se dedica a Antonio de Guevara (pp. 535-552).

Parte considerável do volume é dedicada a estudos mais estritamente filológicos, como o de J.-M<sup>a</sup>. Maestre e M. Torreblanca, em torno do manuscrito 9/484 da Biblioteca da Real Academia da História de Madrid (pp. 421-462); o de J. Gil, sobre os vocábulos *bustum* / *busto* (pp. 309-315); o de G. Hinojo, sobre a Vulgata (pp. 317-332); ou o de J. Solana, sobre incunábulos (e não só) de clássicos latinos das bibliotecas de Córdoba (pp. 643-674).

Tal como o próprio F. J. Talavera, porém, que publicou e.g. sobre Tácito ou sobre Cíbele, o conjunto de estudos aqui reunidos não se limita às problemáticas medievais ou humanístico-renascentistas. Há também importantes trabalhos sobre literatura e temas antigos e tardo-antigos, *stricto sensu*. I. Calero escreve sobre as *Leis* de Platão (pp. 197-212), V. Cristóbal sobre as *Heróides* de Ovídio (pp. 213-220), F. Fuentes sobre Juvenco (pp. 255-266), F. Moya del Baño sobre o tema de Ifigénia em contexto romano (pp. 495-503) e A. Urbán sobre Dión Crisóstomo (pp. 675-724, texto que inclui uma tradução de um dos discursos do autor antigo, *Or.* 6).

Por fim, não podemos deixar de destacar, pela sua pertinência ao nível das problemáticas da recepção e por ir ao encontro de alguma da investigação que tem sido feita na Universidade de Lisboa, o texto de L. Bravo e B. Zayas, sobre a influência da poesia latina (mais concretamente, Prudêncio) nas artes plásticas modernas e contemporâneas, nomeadamente na pintura de J. W. Waterhouse (*Santa Eulália*, pintada entre 1881 e 1885) (pp. 179-196). Trata-se de uma excelente análise, interdisciplinar e metodologicamente correcta, que pode servir de modelo a trabalhos posteriores de tema afim.

É evidente que, no seu conjunto, o livro em apreço é essencialmente heterogéneo em termos de temas abordados. Mas isso deve-se ao carácter festivo que tem. Afinal, a heterogeneidade é própria dos *Festschriften*. O facto de nele participarem investigadores provenientes de vários quadrantes dificulta qualquer tentativa de unidade temática (o que se traduz também na ordem de apresentação dos estudos, que compreensivelmente, e como é uso, surgem pela ordem alfabética dos nomes dos seus autores). Mas, por outro lado, há que salientar que o denominador comum em todo o livro é a personalidade e o espírito científico de Francisco J. Talavera, que ao longo da sua carreira cultivou vários dos saberes e temas agora aqui tratados.

Como é próprio dos escritos festivos, o livro inclui ainda uma longa *Tabula Gratulatoria*, na qual inscrevem os seus nomes vários colegas, discípulos e admiradores do homenageado.

NUNO SIMÕES RODRIGUES

Centro de História /

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

nonnius@letras.ulisboa.pt

JEAN-PAUL THUILLIER, *Allez les Rouges! Les jeux du cirque en Étrurie et à Rome*. Textes réunis par Hélène Dessales et Jean Trinquier, Paris, Éditions Rue d'Ulm – Presses de l'École normale supérieure, 2018 (*Études de Littérature Ancienne*, 26). 250 pp. ill. ISBN 978-2-7288-0580-8

Reúnem-se neste volume dezasseis estudos anteriormente publicados pelo latinista, historiador, arqueólogo e professor Jean-Paul Thuillier, em revistas ou editoras de referência dos Estudos Clássicos, numa faixa temporal que vai de 1982 a 2008. O fio condutor da recolha assenta naquela que é a área específica do conhecimento da Antiguidade em



que Jean-Paul Thuillier se distingue, o do desporto nas civilizações etrusca e romana. De facto, ainda hoje, décadas passadas, é difícil não reconhecer o papel seminal que assumiram estudos como *Les Jeux athlétiques dans la civilisation étrusque* (1985) ou *Le Sport dans la Rome antique* (1996) no entendimento do desporto como objecto de estudo a desenvolver nos Estudos Clássicos. O prefaciador do livro, Wolfgang Decker, que com ele partilhou a escrita de *Le Sport dans l'Antiquité. Égypte, Grèce, Rome* (2004), evoca, em breves mas certas palavras (pp. 7-10), o percurso de investigação e os marcos principais da longa bibliografia que devemos a J.-P. Thuillier, cujos títulos se apresentam, na íntegra, nas pp. 237-245.

Se o tema geral está plasmado no título, pela evocação do entusiasmo dos espectadores do circo incitando as facções da sua preferência, os diferentes capítulos articulam-se em duas secções: *Le sport en Étrurie* (pp. 13-62) e *Le sport à Rome* (pp. 63-234). Na primeira, que contempla os jogos hípicos e os jogos atléticos na Etrúria, apresentam-se quatro estudos: no primeiro, “Laurige Ratumenna. Histoire et légende” (pp. 15-23), recuperando e analisando a perspectiva etiológica relativa à Porta Ratumena, gentílico etrusco, demonstra-se a influência directa das competições desportivas etruscas nos jogos circenses em Roma, com especial incidência nas corridas com carros; em “La mort d'un lutteur” (pp. 25-31), estudam-se as circunstâncias em que um lutador etrusco encontrou a morte, numa competição na Grécia, no século IV a.C., e que conhecemos mercê de uma inscrição; em “La nudité athlétique (Grèce, Étrurie, Rome)” (pp. 32-46) estuda-se a questão da nudez dos atletas gregos, etruscos e romanos nas competições em que participavam, e as diferentes perspectivas por que era encarada (morais, estéticas, técnicas...); no quarto e último artigo desta secção, “Les danseurs qui tuent... et les autres athlètes étrusques” (pp. 47-61), com abundante recurso à iconografia, analisa-se a prática do boxe na Etrúria.

Na segunda secção, centrada na actividade desportiva em Roma, abre-se margem para três subtemas, “Jeux hippiques”, “Jeux athlétiques” e “Sport et littérature”, o primeiro dos quais contemplado em oito capítulos. Em “Le programme hippique des jeux romains: une curieuse absence” (pp. 65-85), o A. busca as razões para que as corridas de cavalos montados por cavaleiros tenham tido pouca expressão no panorama desportivo romano, e encontra-as, também nesse caso particular, na influência etrusca de inícios da República, pois, não sendo esse tipo de espectáculos apreciado entre as competições hípicas etruscas, também em Roma não houve espaço e incentivo para que se implantassem e desenvolvessem. Em “L'organisation et le financement des *ludi circenses* au début de la République: modèle grec ou modèle étrusque?” (pp. 86-98), o A. demonstra o acerto da sua tese que aponta igualmente para a influência etrusca no modo de organização das corridas de carros em Roma, logo desde os alvares arcaicos da sua história, em detrimento da opinião, muito tempo defendida e por muitos estudiosos, de que essa influência remontava à civilização grega. Em “Les *cursores* du cirque étaient-ils toujours des coureurs à pied?” (pp. 99-106), distingue-se entre as corridas protagonizadas por *cursores* e por *desultores*, designações que por vezes se confundem, mas que correspondem, como o A. fundamenta, a práticas diferentes e específicas. Em “*Auriga* / *Agitator*: de simples synonymes?” (pp. 107-111), pela análise minuciosa de um conjunto de textos literários e epigráficos, distingue-se entre outras duas designações e respectivas práticas: o *auriga* será o termo mais geral, enquanto o *agitator* é o auriga de mais ampla e dura-doura experiência, que conduz quadrigas. Em “*Agitator* ou *sparsor*? À propos d'une célèbre statue de Carthage” (pp. 112-132), a observação de uma estátua de meados do século III, de identificação controversa, suscita ao A. a leitura fundamentada de que se trata de um *sparsor* e não de um auriga, sendo o *sparsor* aquele que lançava água sobre os cavalos e os carros, durante a corrida, para os refrescar. No estudo “Les *desultores* de l'Italie antique” (pp. 133-148), aprecia-se o bizarro modo de exibição desses profissionais nos *ludi circenses*, desde a mais recuada época da história de Roma. Em “*Circensia*. Des noms, des choses et des hommes” (pp. 149-155), o A. reflecte sobre o exacto significado de diferentes vocábulos do léxico específico dos jogos do circo, corrigindo erros ou entendimentos menos acertados no uso comum de algumas palavras (como por exemplo o que leva a chamar

*spina* ao *euripus* do recinto circense). Por fim, “Une journée particulière dans la Rome antique. Pour une topographie sportive de l’*Vrbs*” (pp. 155-165) recria, com grande vivacidade, o que deveria ser o ambiente em Roma, em dias dos tão ambicionados espetáculos, que conseguiam o apoio quase generalizado dos habitantes, dos mais ricos aos mais pobres.

Sob o segundo subtema, o dos jogos de atletismo, compilam-se dois artigos, “Le programme ‘athlétique’ des *ludi circenses* dans la Rome républicaine” (pp. 167-183) e “Le *cirrus* et la barbe. Questions d’iconographie athlétique” (pp. 184-207). No primeiro, centrando-se nas competições de atletismo em Roma, o A. rebate a teoria de que tais provas só surgiram em inícios do século II a.C., como um passo de Tito Lívio (39. 22. 2), erradamente interpretado segundo o A., tem vindo a fazer crer. Eles remontarão, pelo contrário, ao início da República, ou mesmo a tempos da monarquia. No segundo, com profuso recurso a testemunhos iconográficos de atletas romanos da época do principado, o A. refuta a teoria vulgarizada de que o *cirrus* era o penteado distintivo do atleta profissional, avançando a interpretação de que se tratava, antes, de marca da juventude do atleta, por contraste com a presença da barba, na representação de atletas de idade mais madura.

No terceiro e último subtema, o do desporto e a literatura, o primeiro estudo, “Stace, *Thébaïde*, VI. Les jeux funèbres et les réalités sportives” (pp. 209-224) ocupa-se da descrição dos jogos fúnebres no canto VI da épica flávia, atestando a sua originalidade enquanto reflexo e espelho dos espetáculos reais a que o poeta Estácio pôde assistir, isto é, conferindo uma dimensão de actualidade muito para além da *imitatio* de modelos como Homero ou Vergílio. No segundo texto, “*Panem et luctatores*. Pain public et sport privé (Suétone, *Néron*, 45)” (pp. 225-234), o A. procede à análise (e colação com outros testemunhos literários, como Plínio-o-Velho ou Séneca) de um passo de Suetónio que, em sua opinião, tem suscitado interpretações erróneas relativamente aos ultrajes cometidos contra uma estátua do imperador, já perto da sua desgraça iminente. A atenção à correcta interpretação do passo documenta, ainda, o conhecimento que Suetónio tinha do domínio das competições desportivas, esteio na composição de uma sua obra, infelizmente perdida, *Ludrica Historia*, além de sublinhar a arte do historiador na busca e recurso constante ao termo adequado e preciso.

A selecção é feliz e a leitura dos textos, na sua essência breves, proporciona, em parâmetros de discussão rigorosa, o prazer de apreciar um estilo elegante, com oportunas remissões para aspectos da actualidade do momento da escrita. Com rico e variado fundamento em fontes literárias, epigráficas, iconográficas, arqueológicas, consegue-se uma visão coerente das práticas desportivas na Itália antiga e dos seus protagonistas, bem como das transferências culturais entre os mundos grego, etrusco e romano, numa erudita abordagem do desporto na Antiguidade que harmoniza a perspectiva histórica e a sociológica.

MARIA CRISTINA PIMENTEL

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

mpimentel1@campus.ul.pt

THOMAS G. SCHATTNER, AMÍLCAR GUERRA (edd.), *Das Antlitz der Götter – O Rosto das Divindades. Götterbilder im Westen des Römischen Reiches – Imagens de divindades no Ocidente do Império romano*, Madrid / Wiesbaden, Deutsches Archäologisches Institut – Reichert Verlag, 2019. 324 pp. ISBN 978-3-95490-423-5

A obra em apreço é já o vigésimo volume da coleção *Iberia Archaeologica*, publicada pelo Instituto Arqueológico Alemão, sob a coordenação de Thomas Schattner, que

é também um dos editores deste volume. Ele vem dar continuidade à já longa lista de ensaios e monografias que se debruçam sobre a história antiga e a arqueologia da Península Ibérica, e é constituído por um conjunto de estudos que resultaram do congresso internacional *Simulacra et Imagines Deorum – O rosto das divindades: o papel das imagens de divindades na génese de escultura no Ocidente do Império romano*, organizado pelo Instituto Arqueológico Alemão, delegação de Madrid, e com o apoio da Câmara Municipal de Boticas, localidade portuguesa onde o evento decorreu, entre os dias 24 e 27 de maio de 2012. Esta conferência reuniu especialistas nacional e internacionalmente reconhecidos nas áreas da história antiga, da arqueologia e da epigrafia, o que se veio a espelhar na qualidade científica dos estudos reunidos neste livro. A dimensão internacional do evento reflete-se também na publicação, que reúne textos em alemão, espanhol e português, sempre acompanhados de resumos na língua de publicação do estudo, em português, em espanhol e, em alguns casos, ainda em língua inglesa. Também o prefácio e a introdução são apresentados ao leitor em edição bilingue, em alemão e em português. Esta preocupação dos editores é um aspeto muito positivo da obra, na medida em que facilita a sua divulgação junto de um leque maior de potenciais leitores.

O tema geral da obra é vasto e passível de ser analisado sob diferentes pontos de vista, com variações relevantes dependentes da diversidade de contextos culturais, na Antiguidade. Como notam os editores do volume, houve uma evolução nas representações das imagens dos deuses, que se pautou pelo sincretismo e convivência da tradição greco-romana com as tradições culturais indígenas, acompanhando o alargamento e consolidação do Império Romano: “Dessa forma, as novas imagens de deuses puderam manter, em termos ontológicos, a sua matriz greco-romana. Por outro lado, a forma exterior da imagem de deus greco-romano também passa a assumir outros significados, de cariz autóctone e conotados com as províncias romanas” (p. 4). Os estudos que constituem a obra permitem ao leitor reconhecer essa evolução e as “nuances” das representações dos deuses, tanto do panteão greco-romano como dos panteões indígenas. Optou-se, assim, por organizar a obra em quatro partes: I) o estado da questão no Oriente e no Norte do Império pré-romano (pp. 17-44); II) a aportação da escrita e dos vestígios materiais: uma visão geral (pp. 45-97); III) as províncias do Reno (pp. 99-121); IV) a Península Ibérica (pp. 123-321). Antes destas partes, o livro apresenta o contributo de José d’Encarnação, “Testemunho Boticas, 2012-05-26” (pp. 7-8), que versa sobre a conferência em 2012 e sobre o acolhimento do concelho de Boticas. Armando Coelho Ferreira da Silva assina o estudo que abre a obra, “A Cultura Castreja do Noroeste Peninsular. Referências da Identidade Local e Regional” (pp. 9-16), onde apresenta uma síntese sobre as fases e a evolução da cultura castreja, integrando o norte de Portugal, em especial, o caso de Alturas do Barroso, no contexto mais alargado do noroeste peninsular. A estes dois textos de abertura, seguem-se os restantes estudos, que, como já se disse, se organizam em quatro partes e permitem ao leitor fazer um percurso geográfico das áreas do atual território alemão até à Península Ibérica.

Na primeira parte, o estado da questão no Oriente e no Norte do Império pré-romano (I), encontra-se o estudo de Wolfgang Löhlein, intitulado “Zwischen den Welten. Zur Bildsprache und Aufstellung früheisenzeitlicher Rundplastik Südwestdeutschlands” (pp. 18-32), no qual se analisam as estátuas antropomórficas de diferentes regiões do atual território alemão, relacionando as suas características iconográficas, as joias e armas, entre outros elementos, com as estátuas de guerreiros galaico-portuguesas. No segundo estudo desta parte, “Die Entstehung des griechischen Götterbildes” (pp. 33-44), Helmut Kyrieleis faz um estudo de síntese sobre a evolução da representação dos deuses no contexto da arte grega, do século VIII a.C. até ao período clássico. O autor demonstra como se processou a evolução das imagens e representações literárias dos deuses até aos modelos da escultura de grandes dimensões.

A segunda parte do livro (II), intitulada “A aportação da escrita e dos vestígios materiais: uma visão geral”, reúne três estudos. No primeiro, intitulado “Reflexionen

über das Göttliche und dessen bildliche Darstellung bei Plinius, dem Älteren, und in weiteren Texten antiker Autoren” (pp. 46-60), Marlis Arnholt reflete sobre as representações dos deuses na *História Natural* de Plínio-o-Velho. A autora analisa a forma como o tema é abordado por Plínio-o-Velho, comparando-a com as perspectivas de Plutarco e de Sêneca. O segundo estudo é da autoria de Manfred Hainzmann e tem como título “Zu den lateinischen Begriffen *Imago* und *Simulacrum*” (pp. 61-78). M. Hainzmann é autor de uma vasta bibliografia e coordenador de projetos internacionais, entre eles, o projeto *F.E.R.C.A.N.* sobre as religiões antigas e as suas manifestações epigráficas, iconográficas e literárias. Neste volume, o autor apresenta um estudo sobre o uso nos autores antigos das palavras *imago* e *simulacrum*, que constituem o ponto de partida para uma análise mais alargada do uso e da evolução do valor semântico de outras palavras como *caput*, *clipeus*, *emblemata*, *herma*, *sigillum*, *signum* e *statua*. O terceiro e último estudo desta secção é de Anja Klöckner e intitula-se “Wie wird ein Bild zum Gott? Zur Medialität kaiserzeitlicher Götterbilder” (pp. 79-97). A autora centra o seu estudo na questão: como é que as imagens se tornam imagens sagradas? Faz assim uma reflexão em torno dos paradigmas culturais e religiosos que implicavam um “reconhecimento” da divindade na sua imagem ou representação.

A terceira parte (III), sobre as províncias do Reno, é constituída por um único estudo, o que cria algum desequilíbrio do ponto de vista da estrutura da obra, em particular, em contraste, com a última parte (IV), que é composta por oito estudos. O Reno dá a contextualização geográfica para o estudo de Gerhard Bauchlenß “Einheimisch Götterfiguren in den germanischen Provinzen: Vorbilder und Abweichungen” (pp. 100-121), que observa a forma como os ateliês escultóricos e os monumentos por eles produzidos ao longo do Reno, no final do século I d.C. e no século II d.C., produziam representações dos deuses autóctones, demonstrando capacidade de transformar os modelos das representações greco-romanas. Este estudo evidência como na representação dos deuses se foi operando o sincretismo cultural e religioso, no império romano.

A quarta e última parte (IV), dedicada à Península Ibérica, é a que reúne o maior número de estudos. No primeiro, “A epigrafia e a construção da imagem dos deuses lusitano-galaicos” (pp. 124-131), Amílcar Guerra, também editor da obra, reflete sobre as dificuldades que se colocam na interpretação da imagem das divindades indígenas, no contexto hispânico, na medida em que elas estão amplamente documentadas por textos epigráficos, mas são escassos os exemplos da sua representação iconográfica. O autor analisa exemplos de algumas divindades pré-romanas e conclui também que existe uma influência dos modelos romanos nas suas representações. Armando Redentor, em “Os guerreiros lusitano-galaicos como representações de heróis” (pp. 133-149), faz uma revisão e síntese dos estudos que têm vindo a ser feitos sobre as estátuas dos guerreiros lusitano-galaicos, a saber: as suas características formais, a sua interpretação e contexto histórico e arqueológico, geográfico e cultural. O terceiro estudo, “Auf der Suche nach iberischen Götterbildern” (pp. 151-201), é de Michael Blech. Nele, o autor estuda as imagens e representações de divindades ibéricas, destacando as limitações e dúvidas que se colocam em virtude da escassez de exemplos que atualmente se conhecem. Ainda assim, demonstra como a representação das divindades no contexto da cultura ibérica está ligada a uma estética de tradição mediterrânea, relacionada com as tradições fenício-púnicas e helénicas. Luís Jorge Gonçalves assina o quarto estudo: “Na intimidade das esculturas: divindades greco-romanas no território português na época romana” (pp. 203-224), no qual analisa alguns dos mais emblemáticos exemplos das representações de deuses na escultura romana, conhecida em território português, seguindo uma perspectiva diacrónica, da época de Augusto até ao século IV. O autor pretende assim demonstrar como a iconografia e as formas diversas de representação dos deuses estavam presentes no quotidiano e como podem revelar a “intimidade” dos deuses que é também a “intimidade da cultura” romana. No quinto estudo, intitulado “Esculturas hispanorromanas de divindades en el sur de la Península Ibérica” (pp. 225-252), José Beltrán Fortes

e Pedro Rodríguez Oliva abordam o facto de o estudo das representações dos deuses em períodos mais recuados da história da *Hispania Ulterior*, em particular, no período republicano, contar com um número maior de fontes literárias e epigráficas, do que com representações escultóricas. Como tal, analisam os exemplos mais antigos, bem como os que se conhecem em número mais representativo e que são de épocas posteriores, traçando assim uma visão geral das suas características formais e dos seus usos em contextos arquitetónicos e decorativos. Maria Paz García-Bellido assina um estudo de âmbito diferente dos anteriores, que versa sobre as representações nas moedas: “Las primeras iconografías monetales en Iberia” (pp. 253-265). O ponto de partida para a reflexão é entender como e quando aparecem as primeiras representações divinas nas moedas dos povos da antiga Ibéria, entre os séculos III a.C. e I a.C. Através da análise detalhada de vários exemplos, a autora demonstra as características específicas das representações divinas nas séries, associadas a gregos, púnicos, iberos, celtiberos e turdetanos. O sétimo estudo desta parte, da autoria de Francisco Marco Simón, intitula-se “¿Deus efigies hominis et Imago? Problemas en la interpretación de las imágenes divinas” (pp. 267-276). O autor centra o seu estudo sobre as questões que se colocam na interpretação das imagens divinas, em particular, se são representações divinas ou humanas, realçando a importância de a sua análise ser feita em função do seu contexto, de forma a ultrapassar a polissemia e ambiguidade que, geralmente, as caracteriza. O último estudo desta parte, de Thomas G. Schattner, intitula-se “Vielfalt in der Distanz. Einheimisch-römische Götterdarstellungen im hispanischen Westen” (pp. 277-321) e analisa exemplos da diversidade das representações das divindades indígenas em contexto romano, na Península Ibérica. Os exemplos são de áreas distantes, no espaço peninsular; no norte, o autor trata do caso de *Vestius Aloniecus*, em Lourizán, na Galiza, e de *Sucellus*, documentado em Vilar de Perdizes, no concelho de Montalegre, distrito de Vila Real. A sul, o autor analisa o culto a *Endovellicus*, em S. Miguel da Mota, no Alandroal; as representações de divindades, ou demónios, nas Minas de Riotinto, em Huelva; e o culto a *Dis Pater*, no santuário de Munigua, Sevilha. O autor demonstra como é diversa a representação das divindades no contexto peninsular, assumindo traços claramente ancorados na tradição greco-romana, como é o caso das representações de Endovélico, ou relacionáveis com a tradição céltico-romana. Destaca também a importância da localização, geralmente em contexto rural, em que aparecem estas representações, bem como a importância da origem social e económica dos indivíduos que surgem relacionados com o culto aos deuses, neste tipo de santuários.

Em suma, esta obra reúne um conjunto de estudos relevantes sobre as representações das divindades no Ocidente do Império Romano, produzidos por investigadores de diferentes gerações.

CATARINA GASPAR

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

catarina.gaspar@gmail.com

FREDERICK WHITLING, *Western Ways. Foreign Schools in Rome and Athens*, Berlin / Boston, De Gruyter, 2019. 324 pp. ISBN 978-3-11-060253-1

Este libro nos recuerda – a todos los estudiosos de la Antigüedad y de su inmensa estela – que nosotros, que a veces tenemos la tentación de pensar que nuestra identidad y la de nuestro siglo desaparecen o incluso deben desaparecer para entender mejor la complejidad de nuestros temas de estudio, también seremos un día objeto de análisis y escrutinios: ¿qué entendemos por “clásico”, ¿qué escogemos estudiar y qué dejamos en la sombra, a qué señores, modas o causas – nacionales o internacionales – servimos, si

pensamos más y sobre todo en el siguiente paso de nuestra carrera, si nos preocupa principalmente lo que nadie ha contado aún o bien si insensatamente nos movemos por un cierto *duro deseo de durar*...

El objeto de este volumen es con todo mucho más restringido: las escuelas para estudiantes “occidentales” de Arqueología y de legado clásico en Atenas y Roma durante los siglos XIX y XX. Su estructura es clara y su conclusión convincente, haciendo gala de su origen académico y del aprovechamiento de estancias de investigación en los espolios que constituyen simultáneamente su tema de estudio y su acervo documental principal.

De hecho, uno de los factores distintivos de este libro, y una de sus mejores cualidades, es precisamente que se sustenta en material de archivo hasta el momento inédito, adecuadamente discriminado en la sección de la bibliografía, intitulada “Fuentes primarias y entrevistas”. El A. ha tenido además el cuidado de seleccionar en doce anexos aquellos documentos que ha considerado particularmente importantes para la fundamentación de su abordaje (pp. 223-281).

Tal focalización le ha permitido observar los intereses e implicaciones políticas y económicas – de tenor nacionalista, internacionalista o financiero – de los investigadores, y también observar cómo estas entidades académicas han contribuido a la definición – o indefinición – de “lo clásico” y su *prestigio* en el período seleccionado. La atención a las dos ciudades nucleares: Roma y Atenas, le ha proporcionado una visión contrastada de su tema a escala mediterránea, y el estudio de un número significativo de centros, con diversos financiadores occidentales, públicos y privados, lo ha distanciado de los defectos comunes en cierta historiografía de casos individuales ya existentes, con su perspectiva frecuentemente *linear* y *hagiográfica* (según las acertadas palabras del A., p. 3).

El considerable material de archivo analizado justifica la selección de 43 escuelas (al margen de las instituciones del Vaticano). Por otro lado, la explicación de la atención sobre las suecas es razonable (p. 4): el hecho de que las instituciones suecas en el período de las grandes guerras europeas ostenten documentación más completa, gracias a la neutralidad del país, y, por otro lado, su posición marginal y por ende diversa de la que caracteriza a las escuelas de los “Grandes Poderes” (Francia, Alemania, Reino Unido, USA).

Es crucial que el período cronológico escogido por el A. coincida con el auge del nacionalismo en Europa; su investigación constata como la construcción de “lo clásico” en este período se eleva y depende de la general *invención* en Europa de las grandes “máquinas” ideológicas nacionalistas que confluyeron en las carnificinas europeas del siglo XX. En este sentido, en el robusto soporte bibliográfico del volumen, se echan de menos algunos títulos verdaderamente esenciales y ya *clásicos* como los trabajos de B. Anderson y sus discípulos, aunque sí se encuentra una referencia (si bien pequeña) a la monumental contribución de E. Hobsbawm.

Las fuentes documentales que sirven de núcleo de este libro – inevitablemente de carácter institucional u oficial – inciden en las consignas teóricas ideales que subrayan los “valores universales” y las “eternas verdades” de los clásicos y la consiguiente posición *diplomáticamente* internacionalista.

Pero el A. ha incorporado acertadamente los análisis emanados de la llamada “Historia crítica de la Arqueología”, atenta a la complicidad de las investigaciones arqueológicas con el colonialismo y el post-colonialismo europeo y los nacionalismos dominantes, y, por otro lado, tiene igualmente en cuenta las reservas que suscita el énfasis hagiográfico propio de las biografías de arqueólogos destacados o de instituciones prominentes.

Lo cierto es, como ilustra de manera particularmente expresiva el caso alemán, los “Institutos” tuvieron en buena parte del período en causa – aún al margen de los momentos más ostensivos de las máquinas fascistas – una agenda paralela de *Realpolitik* a favor de la supremacía nacional de los países promotores.

En lo que se refiere a la *dispositio* de la diversa información retirada de su cuerpo documental archivístico, se observan varias decisiones.

En primer lugar, el A. ha optado por la disposición de los numerosos datos retirados de su considerable documentación institucional en grandes temas relevantes, los cuales



ha conseguido ensartar de acuerdo con una ordenación cronológica y una arquitectura narrativa coherente y fluida: la génesis ochocentista de los centros estudiados y sus precedentes renacentistas (cap. 1); la consagración institucional de los principales centros en consecuencia de la creación de los dos nuevos países: Italia y Grecia, al hilo del estímulo que supuso la rivalidad de Francia e Inglaterra, en su cualidad de las dos grandes “civilizaciones” imperiales dominantes, llamadas por lo tanto al rescate de la Antigüedad (cap. 2); la complicidad de los centros arqueológicos, dejando a un lado el particular caso sueco, con la restauración fascista de Mussolini y con el “helenismo indígena” de la dictadura de Metaxas (caps. 3 y 4); el hiato que supuso el período de la segunda guerra mundial, nuevamente con excepción de los centros suecos (cap. 5); finalmente, el período de competición y colaboración que va de 1945 a 1953, marcado por la creación de la Associazione Internazionale di Archeologia Classica (1945) y la *Unione* de los diversos institutos de Roma (1946), con el apoyo de las instituciones vaticanas, un período en que el nacionalismo no dejó de marcar los ideales de cooperación internacional, abanderados por investigadores voluntariosos.

Cabe insistir en la dificultad y el mérito de la estructura discursiva del volumen: el A. ha partido de la enumeración y acopio de datos muy heterogéneos presentes en relaciones institucionales y otras fuentes que con frecuencia adolecen de una visión individual, nacional, interesada y limitada, y ha sistematizado de manera muy inteligente toda esa información, al hilo de los hechos históricos que encuadran y explican parcialmente los temas escogidos.

La segunda decisión es que el A. ha optado por no segregar el material relativo a la ciudad de Roma y el relativo a la ciudad de Atenas, optando por contrastar los datos de ambas. Esto le ha permitido incorporar constantemente una perspectiva comparativa crítica, sacando a la luz los intereses nacionales que determinaron las redes arqueológicas de las emergentes naciones de Italia y Grecia.

En tercer lugar, el A. también escogió no discriminar las historias particulares de cada instituto o escuela seleccionados, prefiriendo insertar noticias específicas de cada uno de ellos en la estructura temática general de grandes líneas caracterizadoras.

Si el lector a veces siente que no pisa el suelo, abrumado por la diversidad del vasto material aquí arbitrado, puede contar con el auxilio de la completa y bien preparada bibliografía. Además, puede servirse también de los dos útiles *Índices*, uno de Nombres de investigadores atendidos, y otro, no menos necesario, “Índice temático”.

Pero la principal reserva que nos suscita este interesante relato diplomático-institucional de la Arqueología como *ciencia política* (p. 212) dependiente de la historia de Europa en el siglo XIX y XX, es que el A. no se detiene en cruzar los datos de los avatares institucionales y de los contextos políticos evocados con al menos algunas de las singularidades internas de las principales líneas de investigación emprendidas en estos centros: los temas escogidos, sus metodologías, sus conquistas o errores. Es decir, para la Arqueología como ciencia, incluso como ciencia política, este libro navega en aguas no muy profundas.

El volumen ofrece, con todo, un imprescindible acopio de informaciones organizadas cronológicamente, y bien estructuradas temáticamente, un acopio a todas luces fundamental para una historia crítica de la Arqueología que avance en el estudio de la relación de sus promiscuidades institucionales con los aspectos concretos de sus objetos de estudio, sus métodos y sus fines.

Sin duda, el legado clásico puede o debe entenderse hoy como “legado de múltiples legados” (p. 5), y debe continuar siendo objeto de atento escrutinio por los diferentes usos y abusos en su nombre, deliberados o implícitos.

Con todo, la relevancia hoy de estos abordajes críticos descansa sobre todo en demostrar las formas de limitación y adulteración específicas que esos usos y abusos suponen para el conocimiento, arqueológico, historiográfico o filológico de aspectos concretos de ese legado.

Una vigilancia crítica interna es desde luego imprescindible para que el *fuego de la antorcha* (al que se refiere el A.) no se apague en el otro extremo: la preservación de

una herencia espléndida pero tan abstracta como inofensiva, fácilmente equiparable a un mero y ornamental “capital simbólico” o *prestige*.

ANA MARIA TARRÍO  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
anatarrio@campus.ul.pt

WALTER SCHEIDEL (ed.), *The Science of Roman History. Biology, Climate and the Future of the Past*, Princeton / Oxford, Princeton University Press, 2018. XIII + 258 pp. ISBN 978-0-691-16256-0

Walter Scheidel é professor de Estudos Clássicos e História Antiga na Universidade de Stanford e tem escrito e editado obras sobre tópicos como a escravatura, a demografia, a desigualdade e outras variáveis sociais e económicas. Os resultados da sua investigação científica primam pelo rigor da análise, ousadia do argumento e solidez das conclusões. A obra em epígrafe não é excepção a esta regra. Os artigos aí compilados incluem análises do mundo romano “informadas por conhecimento científico” (conforme a expressão utilizada na p. 8) e inscrevem-se na tendência mais recente da investigação em História Antiga, que adopta formas de interdisciplinaridade cada vez mais sofisticadas e reconhece a complementaridade entre história humana e história natural. Não é só o conteúdo dos artigos que atesta esta nova maneira de fazer investigação; atestam-no também o facto de todos os artigos, excepto dois, serem escritos em coautoria, e de os autores incluírem especialistas em genética, humanidades, arqueologia científica, ciência computacional, tecnologias da informação, ambiente, climatologia e ciências sociais.

O volume agora recenseado possui uma curtíssima introdução, da autoria de Walter Scheidel, que resume os artigos e contextualiza as perspectivas de análise adoptadas. Seguem-se sete artigos, que cobrem tópicos relacionados com o clima, plantas, animais e seres humanos; o último tema desdobra-se, por sua vez, em quatro estudos sobre esqueleto, estatura, crescimento e ADN. No fim, o volume inclui um índice de termos fundamentais. No seu conjunto, as contribuições ilustram como algumas técnicas científicas laboratoriais permitem ganhar novo conhecimento sobre o mundo antigo.

O capítulo inicial (“Reconstructing the Roman Climate”) dá o tom ao resto do volume. Os seus autores, Kyle Harper e Michael McCormick, integraram a equipa de investigadores que apresentou a primeira tentativa de reconstituição histórica do clima do Império Romano (vid. “Climate Change during and after the Roman Empire: Reconstructing the Past from Scientific and Historical Evidence”, *The Journal of Interdisciplinary History*, 43.2, 2012, 169-220) e continuaram, depois, a busca de informações históricas adicionais que permitissem apurar o modelo, tendo disponibilizado os dados coligidos em diversos sítios (veja-se, por exemplo: <<https://darmc.harvard.edu/data-availability>>, ou o primeiro capítulo do livro de Kyle Harper: *The Fate of Rome*, Princeton University Press, 2017). Apesar de o capítulo agora publicado não apresentar informações novas em relação ao que já publicaram, ele merece ser lido pela clareza e facilidade da leitura, útil, sobretudo, para quem não está familiarizado com o tema. O estudo discute os arquivos naturais de onde podemos extrair informações para reconstruir o clima antigo (p.e. anéis de árvores, camadas sedimentares de lagos, estalagmites), apresenta reconstituições históricas de variáveis específicas (p.e. níveis de irradiação solar, de precipitação, de actividade vulcânica ou temperatura), defende, após análise (que inclui a busca de confirmação em registos escritos), que a expansão romana e os primeiros 150 anos do império decorreram num período marcado por tempo estável, quente e com precipitação; finalmente, indica os desafios a resolver, que consistem em aumentar o nível de precisão do

modelo, confirmar as conclusões que ele permite tirar, e apresentar explicações para as respostas societais que o mundo romano deu aos padrões climáticos que teve de enfrentar.

Os restantes capítulos variam na estrutura e dimensão, mas coincidem nas preocupações e no tipo de resultados e sugestões que apresentam. O segundo, da autoria de Marijke van der Veen, mostra o que a arqueobotânica consegue alcançar a partir do estudo da produção, distribuição, preparação, refeição e descarte da comida, sempre tendo em vista que a comida é usada, não apenas para satisfazer necessidades nutricionais, mas também para manter relações sociais e de poder, e preservar identidades culturais, étnicas ou religiosas. A zooarqueologia é o tema do capítulo terceiro; nele, Michael MacKinnon mostra que o estudo dos animais dá a conhecer novos elementos sobre os mundos interligados do ambiente, biologia e cultura. Os dois capítulos seguintes são complementares: o quarto, escrito por Alessandra Sperduti, Luca Bondioli, Oliver E. Craig, Tracy Prowse e Peter Garnsey, mostra como a análise do esqueleto humano (ossos e dentes) permite tirar conclusões sobre estrutura populacional, dieta, doença, saúde, comportamento social e migração; o quinto, da autoria de Rebecca Gowland e Lauren Walther, explica os métodos (anatômico e matemático) para reconstituir a estatura humana de populações do passado e propõe estimativas para a estatura, proporções corporais, nível de bem-estar e curva de crescimento das pessoas no mundo romano. Os dois últimos capítulos também formam um par. O sexto, de Noreen Tuross e Michael G. Campana, explica brevemente a bioquímica do ADN, descreve as técnicas disponíveis para estudar o ADN antigo e indica, em várias curtíssimas secções, como o estudo do ADN antigo tem tentado lançar luz sobre problemas específicos (por exemplo, sobre a relação entre os antigos etruscos e a população que hoje habita a Toscana, ou sobre os laços familiares que unem grupos de múmias egípcias, ou sobre a identidade da bactéria que causou a peste de Justiniano e a Peste Negra, entre outros), sem deixar de indicar as controvérsias existentes sobre a legitimidade dos métodos utilizados. O último capítulo, mais técnico, afasta-se um pouco do mundo romano e explica como o ADN pode ser utilizado em estudos mais amplos sobre populações antigas, pré-históricas, ou da Antiguidade Clássica.

Todos os capítulos incluem um grande número de notas explicativas e uma bibliografia final (por vezes extensa). A dimensão dos artigos é equilibrada: são suficientemente longos para ilustrar um tópico específico e expor um argumento sem pressas e com cuidado, mas não tão longos que consigam incluir uma visão abrangente sobre áreas científicas no seu todo (o que iria além dos objectivos do volume). Não se assume que o leitor esteja familiarizado com os assuntos abordados, apesar de o último capítulo ser mais exigente do que os anteriores a este respeito. O pendor laboratorial da análise fica explícito no uso amplo de gráficos, tabelas e fotos. O rigor da análise é realçado pela honestidade em referir opiniões contrárias, controvérsias e limites dos métodos utilizados. Neste sentido, é notório que as contribuições se preocupam com esmiuçar questões de metodologia, com apresentar e discutir o valor das fontes que permitem extrair dados em cada domínio, com mostrar o tipo de conclusões que se podem tirar e com apontar outras a que se poderá chegar no estado de investigação seguinte. Acima de tudo, todos (apesar de uns mais que outros) reconhecem e indicam os limites do seu alcance; por exemplo: o dedicado à reconstrução do clima romano realça que, apesar do acumular de novo conhecimento, ainda estamos no limiar de entender padrões de mudança ambiental e, acima de tudo, de entender a complexidade da relação entre alterações climáticas e reacções a elas por parte das sociedades e economias antigas (vejam-se as pp. 2 e 39); o quarto explica em pormenor as objecções feitas ao método, argumentos e conclusões que o estudo do esqueleto propõe; os demais pautam-se pela mesma regra. Um *caveat* mais genérico que salta à vista também é posto em evidência pelo próprio editor (p. 9): sendo o mundo romano tão vasto, heterogêneo e disperso no tempo e no espaço, é difícil desenhar soluções metodológicas e desenvolver argumentos que se apliquem a esse todo uniformemente; por exemplo, a análise dos ossos, dentes e esqueleto humanos feita no quarto capítulo restringe-se ao território da Itália, ao passo que a da estatura e crescimento humanos do capítulo seguinte utiliza informação proveniente de Inglaterra. Seja como for, o volume ataca um problema único (o de conhecer melhor, e de forma cientifi-

camente informada, o mundo romano antigo) e complementa o estudo das fontes textuais com uma miríade de novas informações que, ao longo do tempo, os investigadores aprenderam a recolher em sítios inesperados. Por isso, deve ser lido, não só por historiadores da antiguidade e classicistas, mas por outros interessados, como cientistas e público geral que não dispensa mais erudição.

BERNARDO MOTA  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
bernardomota@campus.ul.pt

GABRIELLA ZUCCOLIN (a cura di), *Summa doctrina et certa experientia: Studi su medicina e filosofia per Chiara Crisciani*, Firenze, SISMEL – Edizioni del Galluzzo, 2017 (*Micrologus Library*, 79). 484 pp. ISBN 978-88-8450-762-4

Em *Summa doctrina et certa experientia*, reúne-se um conjunto de estudos em homenagem a Chiara Crisciani, ilustre medievalista que dedicou grande parte do seu trabalho à investigação na área da história da ciência e da filosofia. O volume é organizado por Gabriella Zuccolin, igualmente responsável pela introdução e pela bibliografia de Crisciani que encerra a obra.

Na primeira parte, com o título “Medicina e filosofia nel Medioevo”, incluem-se cinco textos que abordam a articulação entre saber médico e filosofia. No estudo inicial, “*Ubi desinit physicus, ibi medicus incipit*”, L. Bianchi explora as origens desta expressão e das suas versões, relacionando-as com a tradição exegética do *De sensu et sensato* aristotélico. P. B. Rossi (“*La Summa super 4 libro Metheororum* attribuita a Guglielmo Anglico”) analisa a questão da identidade de um autor a que alguns manuscritos atribuem a autoria de opúsculos de astronomia, contextualizando, em particular, o tratado *Summa super 4 Metheororum* relativamente aos conhecimentos de meteorologia e de astronomia aí apresentados. O texto introdutório ao comentário ao *De interioribus*, ou seja, ao *De locis affectis* galénico, da autoria de Bartolomeo da Varignana, constitui o objecto de estudo de A. Tabarroni que o identifica como um *sermo in principio studii*, um discurso pronunciado no início do ano académico no *Studium* de Bolonha, na presença de mestres e discípulos (“*Medicina est philosophia corporis. Un sermo in principio studii* di Bartolomeo da Varignana”). No contributo que se segue, “Un medico-filosofo di fronte all’usura: Bartolomeo da Varignana”, R. Lambertini apresenta a primeira edição da *quaestio* sobre usura que o médico e professor na Universidade de Bolonha inseriu no seu comentário aos *Oeconomica* pseudo-aristotélicos. No estudo que encerra esta secção, “*Due Principia* di Maino de’ Maineri”, G. Fioravanti publica o texto latino de dois discursos atribuídos a Maineri, professor em Paris e posteriormente médico na corte de Milão: o *Principium in logica* e a *Laus philosophie*, ambos pronunciados em Paris.

A segunda parte, “Auctores e trasmissione dei testi medici nel Medioevo”, abre com o contributo de D. Jacquart, “Hippocrate: le maître lointain et absolu des universitaires médiévaux”, que propõe uma reflexão acerca da figura do pai da medicina nos comentários aos *Aforismos* dos séculos XII a XIV, uma época em que, embora o conhecimento e a divulgação dos textos hipocráticos – salvo os que circulavam na *Articella* – fossem limitados, a autoridade do médico de Cós era reconhecida e sólida e o interesse pela sua identidade e pela sua biografia era evidente. I. Ventura examina o conteúdo e a tradição manuscrita do tratado pseudo-galénico *De medicinis expertis*, cujo texto latino circulou em conjunto com algumas obras menores de Rasis. No último estudo desta secção, “*Alla ricerca degli autori cosiddetti ‘minori’: un percorso nella tradizione manoscritta del consilium*”, M. Nicoud debruça-se sobre o género médico dos *consilia* e sobre a diversidade tipológica e a fluidez das suas características.

Em “*Trecci disciplinari: saperi biologici, filosofia pratica e teologia nel medioevo*”, a terceira e a mais extensa secção da colectânea, reúnem-se estudos de temática diversa.

O primeiro, “Un percorso tra esperienza e cultura in Giovanni di Salisbury”, da autoria de M. Parodi, avalia a utilização do termo *compendium* e dos seus derivados no *Metaphisicon*. L. Cova, em “Seme e generazione umana nelle opere teologiche di Alberto Magno”, apresenta os pontos cruciais da doutrina sobre a geração humana que o mestre dominicano desenvolveu sob influência da obra biológica aristotélica, mas também da medicina de Galeno e de Avicena. Segue-se a pesquisa de S. Vecchio, “Passioni umane e passioni animale nel pensiero medievale”, que constitui uma reflexão acerca da distinção entre o ser humano e os animais no que diz respeito às reacções emocionais e ao entendimento destas a nível filosófico e moral, especialmente no pensamento de S. Tomás de Aquino. A obra deste é igualmente analisada no estudo de C. Casagrande, “Tommaso d’Aquino: onori e virtù”, em que se formula a tese de uma multiplicação de honras e virtudes enquanto sistema base das relações sociais. A. Ghisalberti, em “Il metodo dialogico nella *Disputatio fidei et intellectus* di Raimondo Lullo”, propõe uma nova perspectiva hermenêutica para a obra de Lluís J. Ziegler (“Engelbert of Admont and the longevity of the antediluvians c. 1300”) apresenta uma reflexão acerca de um texto pouco divulgado, o *Tractatus de causis longaevitatis hominum ante diluvium*, que examina o tema da longevidade no contexto da filosofia natural e da teologia. S. Simonetta, “*Ex fructibus eorum cognoscetis eos*. John Fortescue alle origini del comparativismo costituzionale e giuridico”, por fim, analisa a avaliação que o jurista britânico faz dos regimes políticos, em especial do inglês e do francês, e da questão da degeneração da monarquia em tirania.

Na quarta e última secção, com o título “Oltre il Medioevo: Medicina, alchimia e filosofia dal XVI al XIX secolo”, reúnem-se cinco contributos que desenvolvem temas que têm as suas raízes na Idade Média, mas que continuaram a suscitar interesse. A. Paravicini Bagliani, em “*Vives igitur, beatissime pater, ni fallor, diutissime*. La prolongevità dei Papi nel *De vita hominis ultra CXX annos protrahenda* di Tommaso Giannotti Rangoni (1493-1577)” apresenta aquela que deve ter sido a última de uma lista de obras acerca da forma de prolongar a vida, dedicadas a um papa, contextualizando-a nesta tradição. M. Gadebush Bondio (“Il genio si racconta: il *De vita propria* di Cardano e alcuni suoi celebri interpreti”) explana a recepção da obra autobiográfica de Girolamo Cardano e, em específico, o contributo desta recepção na evolução complexa do conceito de genialidade. Em “Una lettera inedita di Paolo Giovio a Gian Matteo Giberti”, F. Bacchelli propõe uma edição de três pequenos textos, pouco conhecidos: dois da autoria de Paulo Jóvio (uma epístola a Gian Matteo Giberti, escrita durante o conclave que elegeu o Papa Adriano VI e um breve texto humorístico) e um poema de Girolamo Vida contra Lutero. Segue-se o contributo de M. McVaugh e N. Siraisi, “From the Old World to the New: the circulation of the blood”. Nele, os autores seguem o percurso da teoria de Harvey sobre a circulação do sangue desde Cambridge até à América de meados do século XVII, baseando-se nos contactos pessoais e no itinerário dos livros. M. Pereira (“Vital experiment. Alchimia, filosofia e medicina nel XIX secolo. Una divagazione”) desafia o entendimento convencional da obra de Mary Ann Atwood enquanto testemunho de uma alquimia “espiritual”, propondo, ao invés, uma perspectiva da alquimia como processo que afecta todas as camadas do ser, desde a mente à vida mineral, um “experimento vital” que é um processo interno que conduz ao contacto da mente com a estrutura do próprio ser.

Completam o volume um índice de nomes próprios e um índice de manuscritos e a lista bibliográfica de Crisciani, organizada por Zuccolin. *Summa doctrina et certa experientia* é um compêndio de grande valor, pelo teor e pela originalidade dos contributos que reúne e que abrem caminho para futura investigação, envolvendo muitos dos interesses da homenageada. É, acima de tudo, um justo tributo e faz jus ao trabalho desenvolvido ao longo dos anos por uma figura com o vigor intelectual de Chiara Crisciani.

CRISTINA SANTOS PINHEIRO

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /

Universidade da Madeira

cristina.pinho@staff.uma.pt

### c) Transmissão Textual. Codicologia. Instrumenta

LIGIA PERRIA, Γράφικς, *Una historia de la escritura griega libraria, del siglo IV a. C. al siglo XVI d. C.* Tradução de Lucia Benasso e Immaculada Pérez Martín, Madrid, Ediciones Universidad San Dámaso, 2018. 328 pp. ISBN 978-84-16639-62-5

O presente volume é a tradução castelhana do original italiano de Ligia Perria (Γράφικς, *Per una storia della scrittura greca libraria [secoli a. C. al secolo XVI d. C.]*, Roma, Università degli Studi di Roma “Tor Vergata”, Biblioteca Apostolica Vaticana, 2011 [*Quaderni di Nuova Póμνη*, 1]), nas palavras das tradutoras, “un acontecimiento felicísimo en el panorama de los estudios de paleografía griega, en los que podemos decir sin temor a equivocarnos que nunca se había disfrutado de un manual completo y sistemático escrito por un auténtico especialista en la materia” (p. 11). Não muito depois, como fazem bem as tradutoras em lembrar, para o devido enquadramento, viria a ser publicado, igualmente em Itália, um manual escrito por membros da escola de Guglielmo Cavallo (Roma, 2011). Esta outra obra, por comparação com a de Perria, é fruto de um trabalho colectivo de especialistas e “más documentada y ambiciosa, que aborda aspectos de mayor complejidad que necesitan de una experiencia previa en el estudio de los manuscritos griegos” (p. 12). Escrito isto, está justificada, para as tradutoras, a preferência pela obra de Perria, mais acessível e apropriada para os alunos de Paleografia Grega e Crítica Textual da Universidade de San Dámaso, aos quais o presente labor de tradução é dedicado.

No prefácio (pp. 13-17), a Professora Perria começa pelo esforço de definir o âmbito do objecto da Paleografia. Assim, em sentido amplo, entender-se-á como o estudo da história da escrita grega, das origens (inscrições, *ostraka*, papiros) até aos manuscritos mais recentes. Por outro lado, há um sentido mais restrito e preciso, de disciplina universitária, que cobre os testemunhos de escrita desde o século IV d. C. (momento em que se impõe o códice como veículo transmissor dos textos), aproximadamente, até à renascentista, pelo fim do XVI (bastante posterior ao aparecimento da escrita). A paleografia, então, “reivindica em particular para si el estudio de la escritura libraria, configurándose como una ciencia de carácter histórico”, deixando para outras ciências o estudo da escrita em outros suportes. Enquanto estudo histórico da escrita, “procura comprender su significado a la luz del contexto cultural del que es expresión, con la finalidad concreta, perseguida en estrecha colaboración con la codicología [...], de datar y localizar los manuscritos” (pp. 13-14). De seguida, a A. empreende um sobrevoo histórico da história da disciplina, cuja reflexão crítica se desenvolveu nos últimos séculos. Um nome basilar é o do francês Bernard Montfaucon, com a sua obra *Palaeographia Graeca*, de 1708, sucessor do impulso dado por Jean Mabillon, seu compatriota. O intento de Montfaucon, do mesmo modo que o do seu predecessor, como observam (p. 15), é prático, tendo o seu tratado nascido da “exigencia concreta de proporcionar criterios metodológicos para la datación de los códices griegos”. Com Montfaucon, surge pela primeira vez o vocábulo *palaeographia* para designar a ciência da escrita antiga. Com esta criação, introduz também, de modo coerente e exhaustivo, tudo quanto respeita a esta área de investigação. Graças a este filólogo, a paleografia foi elevada desde o início a um grau de “perfección extraordinaria”. Contemplava uma visão integral e “casi enciclopédica” da ciência, porquanto compreendia a totalidade das manifestações gráficas antigas e medievais da língua, exceptuados os papiros. Última nota do prefácio: durante largo tempo, a paleografia grega (tanto quanto a latina) manteve um fim eminentemente prático e configurou-se ou como “ciencia auxiliar de la historia” ou como simples *ancilla philologiae*, tendo somente há umas poucas décadas adquirido autonomia científica. Todavia, posto que filologia e paleografia sejam saberes autónomos, não menos por isso deixa esta de interagir com aquela bem como com outros campos: a História de Bizâncio, a Diplomática, a História do Direito, da Arte ou da Liturgia, a Hagiografia, entre outras (pp. 16-17).



A escrita não é um fenómeno unívoco nem depende de um único factor, a saber, material e técnico. Pelo contrário, nela estão implicados outros de natureza fisiológica, psicológica e neurológica. Feita esta verificação (p. 19), a A., todavia, expõe questões metodológicas (pp. 19-21), partindo da limitação do escopo do seu estudo à escrita enquanto “sistema de signos”. Nestas páginas, ocupa-se da explanação de alguns conceitos, importantes para o seu intento: *maiúscula*, *uncial*, *capital*, *empaginação* (correspondendo à expressão francesa, que a própria apresenta, de *mise en page*), *ductos* (*repouso* ou *cursivo*), *traçado*, *nexos*, *ligaduras*, *estilo*, *tipo*; *escrita normal*, *elementar de base*, *corrente*, *livreira*, *documental*, *de chancelaria*. Entre as pp. 28 e 31, produz recensão de alguma bibliografia merecedora de crédito neste domínio.

O capítulo I (pp. 31-67) trata da escrita maiúscula, desde a ptolemaica (séculos IV-I a.C., tendo como *terminus post quem* e *ante quem*, respectivamente, a morte de Alexandre, em 323 a.C., e a conquista romana do Egipto, em 30 a.C.), passando pela romana (terminado com a afirmação de Constantino como imperador, em 324 d.C.) até à bizantina (de 324 a ao século IX), esta última repartida em cinco tipos: bíblica (séculos II-V d.C.), alexandrina (séculos II-VI d.C.), ogival inclinada (séculos II-VI d.C.), ogival recta (séculos II-VII d.C.) e redonda litúrgica (séculos VII-VIII d.C.).

A matéria do capítulo II (pp. 69-113) é a minúscula. Primeiramente, as origens, identificando-se quatro tipos (pp. 69-90): *hagiopolita*, *sinaítica* e *mista*, *cursiva* e estudita, “a minúscula libraria por excelência” (p. 84). A segunda parte deste capítulo trata da minúscula livreira até ao século IX (pp. 91-103) e seus vários tipos: estilizadas (antiga, redonda, oblonga, recta, inclinada), “tipo Anastásio”, com espessamentos terminais, da “Colecção Filosófica”, “tipo Baanes” e “tipo Efren”; e as do período intermédio (*Perlschrift* e *bouleté*). Desta, distingue nove tipos. Termina o capítulo a análise da minúscula livreira do período intermédio (pp. 103-113). Merece a pena dilucidar, *hic et nunc*, que a designação *Perlschrift* é metafórica e foi atribuída, tendo assim mesmo em alemão ficado consagrada, por Herbert Hunger, em 1954, ao estilo dominante da segunda metade do século X até meados do XI, pela preferência por formas redondas, quais pérolas num fio. Este estilo viria a ceder o lugar a formas tendencialmente cursivas. A *bouleté*, por seu turno, é uma escrita caligráfica “de aspecto más bien artificioso y amanerado, utilizada sobre todo en los códices de lujo, a menudo ricamente decorados” (p. 107).

O terceiro capítulo estuda as minúsculas regionais entre os séculos X e XII (pp. 115-146), na Itália meridional (zona de forte influência bizantina), Ásia Menor, Monte Atos, Grécia e Epiro e nas regiões orientais perdidas pelo Império Bizantino para a conquista arábico-muçulmana no século VII, regiões estas que experimentaram uma grande vitalidade até aos séculos XII-XIII.

A dissolução do modelo *Perlschrift* (nos séculos XI-XIII) é o objecto do capítulo IV (pp. 147-161), dividido em vários aspectos: escritas dos séculos XI-XII; cursivas e cursivizantes; “mãos eruditas”; “copista Metafrastes”; do “anónimo K”; “estilo barroco épsilon-ni”; “semi-*Fettaugen* dos octateucos; as “cursivas estilizadas arredondadas”. No século XIII, assiste-se à manifestação dos estilos “beta-gamma”, *Fettaugen* e das escritas miméticas da época paleóloga.

O capítulo V examina grafias regionais dos séculos XII-XIV: da Palestina, Chipre e Salento. As palestina e cipriota são agrupadas; as suas variantes são o “estilo épsilon” de pseudo-ligadura s baixas, a cipriota quadrada, a *bouclée* e “com μέν estendido”. Outras variantes são as salentinhas (do mosteiro grego de Salento, no Sul de Itália), englobando os estilos “salentino rectangular” e “salentino barroco”.

No século XIV, Constantinopla e as regiões vizinhas assumem importância, com os estilos “Metoquita” e “Hodegos” (pp. 175-180). A tendência que se impôs foi de um “regresso à ordem”, a um “novo equilíbrio”, com um aspecto mais “arejado”, mais “miúdo” e ordenado, decrescendo a busca de contraste na modulação das letras em comparação com a *Fettaugemode* predominante no século anterior e o cultivo do emaranhado e descomposto. Já na segunda metade do século precedente esta tendência se fazia sentir pela mão de monges filólogos como Máximo Planudes.

Os séculos XV-XVI são os das escritas humanista e renascentista (pp. 181-192). Eis-nos chegados ao século de revolução operada pela imprensa. Notam-se oito variantes: a “erudito-caligráfica de tipo “neoclássico”, o “filão sóbrio”, o tipo “rebuscado”, o “inclinado

estreito e pontiagudo”, o “inclinado cursivo”, o “barroco”, o “tradicional” e a “minúscula de imprensa”. Com esta última, confirma-se a tendência da mútua influência entre grafia manuscrita e a impressa. Se, por um lado, a fixação dos tipos impressos dependeu da reprodução, em cada detalhe, dos livros manuscritos e das caligrafias de escribas famosos, por outro, grande número de copistas sentiram-se sobremaneira fascinado pela “regularidad del proceso mecánico y hacia el efecto de orden y limpieza que confiere la página impresa”. Por isto, as grafias manuscritas atestadas já em plena era da imprensa passaram a imitar a “regularidad, sobriedad y consistencia” das páginas impressas.

Os anexos ocupam as pp. 193-251. Nestes, a A. lavra noções complementares simples, relativas a certos aspectos do livro manuscrito grego considerados úteis para o neófito no domínio, mas que não teriam lugar num tratamento ordenado da história da grafia grega. Estas matérias estão organizadas em forma de sucintas unidades didácticas respeitantes aos temas seguintes: hábitos de cópia (abreviaturas e *nomina sacra*: taquigrafia e braquigrafia); cronologia bizantina; exemplos de subscrição (ou cólofon, elemento indicador da data do manuscrito); questões de pronúncia medieval e moderna do grego (que explicam tipologias comuns de erros de cópia); as tábuas dos cânones eusebianos dos Evangelhos (sistema de concordâncias exarado no início dos códices evangélicos); por fim, uma secção de matéria codicológica sobre as origens, suportes e estrutura dos manuscritos bizantinos. As secções sobre os *nomina sacra* e taquigrafia / braquigrafia (pp. 193-200), com tabelas sistemáticas de signos gráficos, são daquelas a que um prático de paleografia mais amiúde e imediatamente recorreria na leitura de manuscritos gregos, como ferramenta auxiliar para a tarefa. As obras anteriores de um Elpidio Mioni ou de um Van Groningen forneciam o exemplo daquilo a que um paleógrafo grego, mais profissional ou mais amador, se habituara a utilizar.

Concluem a obra um capítulo com os créditos fotográficos (pp. 253-254) e os índices (pp. 255-309).

Uma das virtudes desta obra é a aliança entre o teórico e prático, como é próprio de um manual. A sistematização e *partitio* de conceitos vai mais profundamente do que outros, tal como o de Mioni, assim como a explicação de factores mecânicos e técnicos (isto é, como se traçavam os caracteres). Esta última preocupação é óbvia pela inclusão de páginas sobre matéria codicológica. Sendo esta o estudo da história do livro e das suas formas materiais, é de toda a pertinência que caiba numa obra sobre paleografia, que estuda a escrita livreira. A lógica é, como a A. assinalara, de relacionamentos disciplinares, não de segregação de saberes, porquanto esta é a natureza dos factos: eles tocam-se. O acervo de ilustrações e o leque de códices escolhido para exemplificação da matéria analisada é amplo e pertinente.

A Paleografia Grega tem sido em Portugal, tanto quanto é do nosso conhecimento, objecto de estudo prático unicamente em cursos livres ministrados sob a nossa direcção no Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A última edição realizou-se no Verão de 2017. Por razões variadas, atinentes à falta de procura e a circunstâncias pessoais nossas, não voltaram a realizar-se. Não se descarta a possibilidade de voltarem a realizar-se novas edições deste curso – e porque não à distância, por videoconferência? Seria de lamentar que em Portugal este impulso se perdesse. Poderá a entrada desta obra no acervo bibliográfico da Faculdade de Letras, a par de outras nela já existentes, merecer a atenção devida, e poderá uma tal atenção vir a contagiar este saber em si mesmo? Ou será apenas mais um livro para permanecer oculto, em estado ignoto? Se pensarmos que a codicologia, ensinada durante décadas por um professor emérito desta casa, Aires Augusto Nascimento, foi relegada para o baú das coisas velhas e caídas em desuso, não vemos como o futuro possa ser risonho. Em suma, este é um livro que, precisamente, trata dessa matéria tão incomensuravelmente relevante que é a história do livro.

RUI MIGUEL DUARTE

Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
rmduarte@campus.ul.pt

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE, MARIA CRISTINA CARRINGTON (edd.), *Do manuscrito ao livro impresso I*, Aveiro / Coimbra, Universidade de Aveiro / Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. 339 pp. ISBN 978-972-789-560-1 (UA) / 978-989-26-17110-74 (IUC)

Quando, no que diz respeito ao território português, é ainda reduzido o volume de estudos e o número de autores que se dedicam à história do livro e da edição, e de que fazem parte, entre outros, os coordenadores da obra, António Manuel Lopes Andrade e Maria Cristina Carrington, e distintos investigadores como Artur Anselmo, Hervé Baudry, João Luís Lisboa, José Cardoso Bernardes, Júlio Manuel Rodrigues Costa, Maria da Graça Pericão, Maria Teresa Payan Martins e Pedro de Azevedo, alguns dos quais participam neste projeto, quer como membros da Comissão Científica, quer como autores, *Do manuscrito ao livro impresso I* é uma obra relevante para o enriquecimento do campo de estudos. Lembremos, também, outros autores da história do livro, como Aires A. Nascimento, Aurélia Ionel (*A Livraria do Convento da Arrábida*, 2020), Diogo Ramada Curto, Fernanda Maria Guedes de Campos, Henrique Leitão, Jorge Fonseca, Jorge M. Martins, Jorge Peixoto, José Afonso Furtado, José V. de Pina Martins, Paulo Barata e Paulo Farmhouse Alberto, reconhecendo, porém, que a lista poderia ser mais extensa para a história do livro e da edição, que se confunde, por vezes, com a história das bibliotecas e é distinta da história da leitura.

*Do manuscrito ao livro impresso I* reúne, numa compilação de nove estudos, as intervenções de professores e bibliotecários, no âmbito das primeiras edições do ciclo de conferências sob o título *Do manuscrito ao livro impresso*, que tiveram lugar na Universidade de Aveiro, no anos letivos de 2015/2016 e 2016/2017, promovidas pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, no âmbito da Licenciatura em Línguas e Estudos Editoriais e do Mestrado em Estudos Editoriais, projeto que teve continuidade e do qual se esperam mais resultados. Nem todas as conferências se materializaram em texto, como sempre acontece, resultando este projeto, como os demais, na apresentação dos resultados possíveis.

Em jeito de apresentação do livro, surge o texto “o passado e o futuro do livro”, de José Augusto Cardoso Bernardes (pp. 7-12), que, perante a incerteza do futuro do livro e a certeza do valor patrimonial do seu passado, sublinha a vitalidade do livro impresso, que “continua a ter um lugar decisivo no universo da informação” (p. 9), e o interesse atual da história do livro. Na continuidade do texto anterior, em “Do manuscrito ao livro impresso: um projeto que se tornou livro”, António Manuel Lopes Andrade e Maria Cristina Carrington apresentam o projeto “com o objetivo principal de promover a investigação e a divulgação científica na área da história do livro e da edição”, desde a antiguidade até à atualidade (p. 13).

O primeiro estudo, “O advento da tipografia e a nova circulação da informação”, de Maria da Graça Pericão, debruça-se sobre a invenção da imprensa e o seu impacto na circulação da informação, com maior rapidez e disseminação a menor custo, respondendo à necessidade crescente dos textos por parte de estudantes e professores, mas também dos especialistas de cada área do conhecimento. Imprensa que teve um papel igualmente relevante na preservação da informação, bem como, a título de exemplo, na forma e nos modelos de apresentação dos documentos jurídicos.

António Manuel Lopes Andrade traz-nos um estudo de caso, as “Venturas e desventuras de João Fernandes, livreiro de Lisboa, em meados de Quinhentos”, nascido em Alvito. Um cristão novo, como outros livreiros da capital, instalado na Rua Nova dos Mercadores, que financiou a segunda edição do tratado de aritmética de Gaspar Nicolás, impresso por Germão Galharde (p. 49), processado por práticas de judaísmo e preso, em 1543, pelo Santo Ofício de Lisboa. Depois de liberto, fugiu de Lisboa, rumo a Antuérpia e daí para Ferrara, onde ostentara o seu nome hebraico Samuel Picho.

O bibliófilo e alfarrabista Pedro de Azevedo debruça-se sobre “O primeiro livro impresso no Brasil: censo e validação dos exemplares conhecidos: *a case study*”, isto é,

o opúsculo *Relação da entrada que fez [...] D. Fr. António do Desterro Malheyro, bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste prezente anno de 1747...*, por Luiz Antonio Rozado da Cunha (Rio de Janeiro, Na Segunda Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1747). O estudo inclui um censo dos exemplares conhecidos, bem como uma peritagem sobre um exemplar, em virtude das suspeitas da proveniência e das características tipográficas. Quando comparado com o exemplar existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, “o papel não apresentava as mesmas marcas de água e a estrutura dos cadernos era diferente”, tendo sido possível concluir que o exemplar foi estampado modernamente em papel de época (p. 101), ou seja, que é uma contrafação.

Ana Margarida Ramos brinda-nos com “Cem anos de livros para crianças em Portugal: Olhares sobre o mar na literatura infantil”, oferecendo-nos uma apresentação diacrónica de livros infantis sobre a temática do mar ao longo de um século. Nesta viagem, a autora percebe a crescente dimensão estético-lúdica na literatura infantil em desfavor da dimensão de educação e formação das crianças e jovens (pp. 140-141).

Quase no lado oposto, em termos de destinatários do livro, Júlio Manuel Rodrigues Costa estuda o “Livro científico nas coleções da BPMP: Ciências exatas, séculos XVI e XVII”, com destaque para a matemática, a astrologia / astronomia, a náutica e a navegação, a arquitetura e a ciência militar; instrumentação e engenhos mecânicos. Neste particular, é mais um contributo quer para a história do livro, quer para a história da ciência (e do ensino da ciência) em Portugal e na Europa, que passa pelos acervos de importantes bibliotecas ditas patrimoniais, bem como pelas *livrarias* monásticas e conventuais, de que a Biblioteca Pública Municipal do Porto é herdeira de inúmeros acervos, objeto de incorporação mormente na década de 30 do século XIX, em virtude da extinção das ordens religiosas. É um estudo exemplar do papel mediador do Bibliotecário, enquanto profissional da informação. Incluem-se aqui os livros proibidos, pelo seu conteúdo, pelos seus autores, quando não pelos seus tradutores, objeto de censura.

Alexandra Santos aborda a “oralidade, escrita e livro no mundo antigo”, isto é, na antiga Mesopotâmia e no Egito, assim como no mundo greco-romano. Neste contexto, a autora integra o aparecimento do comércio de livros, situando-o na segunda metade do século V a. C., e os materiais de suporte da escrita e os formatos, na lenta evolução do rolo ao códex, adquirindo este preponderância em torno do século IV, dadas as inúmeras vantagens, de que são *exempla* a portabilidade e a recuperação da informação. E inclui, ainda, os editores romanos, sendo Ático, o amigo de Cícero, o primeiro conhecido, mas também os irmãos Sósios, e Trífon. O texto termina com a referência às “livrarias” em Atenas e em Roma.

Hervé Baudry, por seu turno, analisa “As problemáticas do livro médico em Portugal nos séculos XVI e XVII: com a bibliografia das obras médicas impressas em Portugal (1496-1598)”, na tentativa de elaboração de um inventário bibliográfico atualizado, procurando analisar os seus conteúdos e usos (nos hospitais, nas comunidades religiosas e nos colégios), não descurando o seu mercado na época, bem como as instruções dos censores portugueses face aos mesmos.

De seguida, João Rui Pita e Victoria Bell continuam no âmbito do livro científico em “Da *Pharmacopeia Lusitana* à *Farmacopeia Portuguesa*: uma viagem pela história do livro farmacêutico (sécs. XVIII-XXI), e, através do livro, pela história das farmacopeias portuguesas (matérias-primas e fórmulas para a produção de medicamentos). Deste modo, este é um contributo para a história da farmácia, que começa com a publicação da *Pharmacopeia Lusitana* (1704) de D. Caetano de Santo António e passa pela *Pharmacopeia Geral* (1794), a primeira farmacopeia oficial portuguesa. Mas é também um contributo para a história da medicina e a história da ciência, através da qual se assiste a uma crescente preocupação por parte do Estado na preservação da saúde pública e privada.

Por fim, Vítor Bonifácio oferece-nos o estudo “Um modelo para a *Biblioteca do Povo e das Escolas: A Biblioteca del Popolo*”, um estudo de caso sobre uma publicação periódica com grande impacto no mercado editorial português, a partir da década de 80 do século XIX, que durou até 1913. Uma publicação com um papel relevante na alfabeti-

zação das classes populares, com largas tiragens, sendo possível a sua aquisição a custos mais acessíveis.

Numa abordagem global, os nove textos compilados tratam de temáticas e perspectivas diversas da história do livro, desde a relação coexistente entre a oralidade e a escrita no mundo antigo, pré-clássico e clássico, passando pela temática do mar no livro infantil na literatura portuguesa, a invenção da imprensa e os seus impactos, até ao estudo de livreiros (como João Fernandes, na Lisboa quinhentista, e, de certo modo, António Isidoro da Fonseca) e do livro antigo científico (de ciências exatas, medicina e farmacopeias). Acrescente-se o testemunho da experiência de um livreiro e bibliófilo, Pedro de Azevedo, sobre uma peritagem, análise necessária no seu *métier*, e o estudo de caso da coleção *Biblioteca do Povo e das Escolas*. Assim, os estudos do presente volume versam sobre temas diversos da história do livro e da edição, num diálogo interdisciplinar entre a ciência da informação, e mais especificamente a biblioteconomia, a história (a história da ciência, da medicina, da farmacopeia e do livro e da edição, etc.), a literatura e a codicologia, com uma amplitude cronológica, desde a antiguidade pré-clássica à atualidade.

No seu conjunto, os estudos respondem a questões e, como é desejável, levantam novas questões, objetando o propósito dos editores do livro, isto é, “de estimular a investigação e a divulgação científica na área da História do Livro e da Edição”. Deste modo, o livro é oportuno e de elevado interesse, contribuindo para um melhor conhecimento sobre a história do livro, na Península Ibérica, hoje possível graças a renovados estudos, num campo de investigação em que é escasso o número autores, mas também graças ao projeto *Iberian Books*, disponível em <https://iberian.ucd.ie/index.php>, que permite a identificação dos títulos publicados nos dois países ou sobre os mesmos, facilitando o acesso à informação relativamente ao livro antigo, em termos de produção, edição, incluindo o número de exemplares conhecidos, circulação e uso, entre 1472 e 1700. Um livro que, procurando manter a identidade do impresso, com existência em papel, é igualmente disponibilizado através da plataforma *UC Digitalis*, sendo possível ser descarregado em [https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/do\\_manuscrito\\_ao\\_livro\\_impresso\\_i](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/do_manuscrito_ao_livro_impresso_i), tornando-o universalmente acessível, no cumprimento dos desígnios da ciência aberta.

CARLOS GUARDADO DA SILVA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

[carlosguardado@campus.ul.pt](mailto:carlosguardado@campus.ul.pt)

ROBERTA BERARDI, NICOLETTA BRUNO, LUISA FIZZAROTTI (edd.), *On the track of the books: scribes, libraries and textual transmission*, Berlin / Boston, De Gruyter, 2019 (*Beiträge zur Altertumskunde*, 375). 359 pp. ISBN 978-3-11-062288-1

Em boa hora veio a Walter de Gruyter, a editora alemã especializada em livros académicos, publicar na sua colecção “*Beiträge zur Altertumskunde*” (375) mais um volume de estudos dedicados a três temas relevantes para a história do livro e da cultura durante a Antiguidade e a Idade Média: referimo-nos aos escribas, às bibliotecas e aos manuscritos que ajudaram a preservar até aos nossos dias algumas das mais significativas obras da literatura clássica de expressão grega e latina. O trabalho de edição do livro, que tem desde logo o mérito de nos dar a conhecer algumas das mais recentes tendências no âmbito dos estudos filológicos e históricos, ficou a cargo de R. Berardi, N. Bruno, L. Fizzarotti, três nomes ligados às academias inglesa, alemã e italiana.

O livro intitula-se *On the track of the books: scribes, libraries and textual transmission* e é o resultado de um colóquio que foi organizado pela associação *Prolepsis* em Bari, em 27 e 28 de Outubro de 2016, sob o título *Cupis uolitare per auras: books, libraries and textual transmission from the ancient to the medieval world*. De forma geral, o livro cruza



várias reflexões em torno das noções de prática editorial e transmissão textual, dando-nos uma imagem muito viva e dinâmica acerca de uma realidade que está associada não só à evolução do conceito de livro ao longo da história, mas também à intersecção entre as noções de texto, paratexto e escolaridade e ainda à importância da materialidade no processo de transmissão manuscrita. Na forma como se apresenta, o volume é constituído por um total de 359 páginas, com imagens a cores, organizadas em três secções formadas por um conjunto de dezassete artigos, em que se focam temas que abrangem um espectro diacrónico de quase dois mil e quinhentos anos de história da literatura, globalmente situados entre o século VIII a.C. e o século XVI.

A primeira secção do livro intitula-se *Writers at work: books, figured books, and ancient authorial strategies* (cf. pp. 1-4) e é constituída por um total de seis contributos, da autoria de S. J. Harrison ("Figured books: Horatian book-representations", pp. 13-24), G. Taxidis ("Horace's book and *sphragis*: writing materials in Horace's *Epistles* 1.20", pp. 25-46), K. Krauss ("Fake intellectuals, and books of unquestionable authority in Aulus Gellius' *Noctes Atticae* and Lucian's *aduersus Indoctum*", pp. 47-58), A. Russotti ("*Martialis Epigrammaton liber decimus*: strategies for a second edition", pp. 59-72), A. Iacoviello ("Poetic quotation in 4<sup>th</sup> century BC Attic oratory: from the court to the written text", pp. 73-89) e G. Marolla ("Jerome's two libraries", pp. 91-103).

Nesta secção, os ensaístas focam a sua atenção nos processos que estão subjacentes à redacção, publicação e circulação do livro, desenvolvendo a ideia de que este é não só um objecto material mas também um conceito mental, facto que transforma o texto numa realidade em diálogo com o metatexto. Por ser um instrumento ao serviço da autoridade, o livro é muitas vezes entendido como um meio de que esta dispõe para estabelecer uma aliança entre a cultura e a política, razão pela qual aquele reflecte a inevitável tensão que subjaz às ideias de tradição e inovação. Como reflexo de um sistema que assegura o contacto entre o autor e o leitor, as duas instâncias que participam deste processo de mediação, o livro traduz as escolhas que são feitas por quem o escreve ou publica: por serem contextualmente induzidas, estas escolhas deixam marcas passíveis de serem identificadas e caracterizadas ao nível do texto e do paratexto, que o leitor, munido de uma chave própria, deverá ser capaz de interpretar e descodificar.

S. Harrison analisa três exemplos de personificações metapoéticas, a partir da consideração de algumas passagens da obra de Horácio, com o objectivo de compreender em que medida estas metáforas recuperam a tradição literária grega, em especial as obras de Calímaco e Meleagro, dois autores em que o livro funciona como um catalisador de comparações irónicas e humorísticas, como as que o aproximam do soldado que parte para a guerra ou do escravo que foge do seu senhor. Já G. Taxidis foca a sua atenção na análise dos termos que são utilizados na obra de Horácio a propósito da noção de escrita e que são conscientemente mobilizados para a prática da *sphragis*, uma técnica literária que permite ao poeta não só censurar-se em tom jocoso mas também reivindicar para si o estatuto de imortalidade. K. Krauss estabelece o contraponto entre as obras de Aulo Gélcio e Luciano, com o objectivo de se interrogar sobre a ideia de que o livro não só impõe alguns limites à noção de autoria mas também acarreta a condenação de todos os que encaram a escrita como uma profissão lucrativa.

A. Russotti resume a questão referente à segunda edição do décimo livro dos epigramas de Marcial, salientando alguns problemas relativos à motivação política subjacente aos *epigrammata longa*, ao problema do plágio literário na época romana e ao tema do regresso do poeta à Hispânia, a sua terra natal. Já A. Iacoviello parte da análise da utilização de algumas perícopes poéticas de autores épicos e trágicos, como Homero e Eurípides, na oratória ática, em especial Ésquines, Licurgo e Demóstenes, sublinhando a sua importância como meio que permite enfatizar o discurso e enaltecer o carácter do orador. G. Marolla, por fim, tenta reconstituir a biblioteca de Jerónimo a partir da análise dos livros que se guardariam em Belém e das citações de vários autores, entre os quais Cícero e Vergílio, que o religioso faz nas suas epístolas, garantindo com isso uma maior proximidade entre a nova literatura cristã e as suas velhas matrizes clássicas.



Por sua vez, a segunda secção do livro intitula-se *Following the routes of textual transmission: corpora, text and paratext* (cf. pp. 5-8) e é formada por um total de cinco contributos, da autoria de D. I. Cagnazzo ("Some remarks on P. Lit. Lond. 63, a riddle epigram of an anthology?", pp. 105-110), L. Hernández Oñate ("Textual tradition and reception in Theocritus: the case of αἰπολικὸν (Theoc. 1.56)", pp. 110-123), F. Benuzzi ("Eratosthenes' *studia Aristophanica*: the case of schol. Ar. *Nub.* 967αα-β, βα-β Holwerda", pp. 125-141), S. Panteri ("Eratosthenes' Πλατωνικός between philosophy and mathematics: the fragment in Theo Sm. 81.17-82.5 Hiller", pp. 143-165) e N. Reggiani ("Transmission of recipes and *receptaria* in Greek medical writings on papyrus: between ancient text production and modern digital representation", pp. 167-188).

Nesta secção, a atenção recai não só sobre alguns *corpora* textuais gregos integrados em vários géneros literários e não-literários, mas também sobre todo o aparato crítico que acompanha os manuscritos, como escólios e outros tipos de notas, reflectindo um trabalho escolar que condiciona a sua produção e transmissão ao longo dos tempos. Em síntese, esta secção analisa a forma como o ambiente influencia decisivamente o processo de formação e circulação dos *corpora*, sendo esta questão trabalhada à luz da ideia de que as escolhas feitas individualmente a partir dos textos são sempre expressão de condições sociais que as estimulam ou condicionam. Ao promover a passagem do texto para o paratexto, esta secção foca a questão relativa ao material exegético que é produzido a partir da leitura dos manuscritos e que indica a ocorrência de algumas práticas editoriais motivadas pela necessidade de se estabelecer um texto claro, tendo em vista a sua utilização em situações complexas.

D. Cagnazzo faz uma análise detalhada de um papiro ainda mal conhecido, hoje designado *P. Lit. Lond. 63*, à luz da ideia de que o epigrama constitui um género muito comum em situações de aprendizagem no Egipto dos séculos II e III, ainda que não subsistam livros que contenham antologias de poemas associados a este género literário naquela região. Já L. Hernández Oñate foca a sua atenção no *corpus* de Teócrito, sugerindo, a partir da análise de um só exemplo, que a formação de um certo imaginário acerca da poesia bucólica acabou por eliminar ou normalizar algumas variantes textuais, tornando-as autónomas daquela que poderá ter sido a intenção do poeta. F. Benuzzi concentra-se sobre um fragmento de Eratóstenes transmitido em escólios a Aristófanis, identificando e comparando, também com base no estudo de papíros, alguns tipos de anotações cuja análise lhe permite sugerir uma emenda para a sequência textual com base no que se julga ser uma nota antiga.

A partir do testemunho de Téon de Esmirna sobre um fragmento perdido de uma obra de Eratóstenes, S. Panteri situa-nos perante o problema da natureza do comentário deste autor à filosofia de Platão, salientando a ocorrência de alguns problemas linguísticos e exegéticos, relativos à oposição entre διάστημα e λόγος, e confirmando a identificação da passagem a que o comentador se terá referido quando procedeu à leitura da obra do filósofo. Já N. Reggiani foca a sua atenção num tipo de material ainda pouco conhecido e estudado – os *receptaria* gregos sobre papiro –, com o objectivo não só de apontar as especificidades do processo de transmissão deste tipo de textos, sugestivamente designados como "líquidos", mas também de sublinhar que a sua análise não pode ser feita sem a consideração do paratexto e do restante material exegético que os acompanha, com o qual aqueles entram em diálogo constante.

Por fim, a terceira secção do livro intitula-se "*One more link in the chain*": scribes, stones, codices, libraries (cf. pp. 9-12) e é constituída por um total de seis contributos, da autoria de R. Lorito ("Latin epigraphy and literary texts in 4<sup>th</sup> century AD Rome: the case of Vettius Agorius Praetextatus", pp. 189-199), A. T. Farnes ("The scribal habits of codex Sangermanensis in Greek and Latin in light of its exemplar", pp. 201-238), J. Bradley ("The hypogeum of the Aurelii: a collegiate tomb of professional scribes", pp. 239-267), V. de Duonni ("The library and the *scriptorium* of the abbey of Montevergine in the 12<sup>th</sup> and 13<sup>th</sup> century: presences and absences", pp. 269-276), O. Montepaone ("*Apocolocyntosis*, codex V and the manuscript of Hadrianus Junius", pp. 277-291) e C. Roffi ("The

textual transmission of Ovid's *Metamorphoses* during the medieval age: the example of Germany", pp. 293-306).

Nesta secção, os ensaístas trabalham a questão relativa aos protagonistas do processo de transmissão manuscrita, salientando a existência de dois níveis de autoria: por um lado, o que se identifica com o autor do texto, e, por outro, o que se identifica com o escriba que o copia palavra a palavra. Tendo em conta esta dialéctica, o processo de transmissão manuscrita não se configura apenas como o *medium* que garante a preservação dos textos ao longo dos tempos, mas também como uma dinâmica passível de lhes introduzir algumas mudanças que os distanciam do que terá sido a intenção do autor. Seja sobre suporte perecível, seja sobre suporte duradouro, estas mudanças transformam o processo de transmissão textual numa realidade viva, na qual as pessoas, individuais ou colectivas, interagem como uma cadeia ao nível da (i)materialidade dos textos tendo em vista garantir a sua sobrevivência.

R. Lorito analisa o poema gravado no monumento funerário de Vétio Agório Pretextato, uma inscrição do século IV, sublinhando as intersecções entre epigrafia e literatura, reconstituindo a biografia do defunto e definindo o texto nele patente como uma síntese entre fórmulas funerárias e epigramáticas, as quais criam um discurso em que a exaltação dos valores pagãos é eternizada pela memória pétreia. Já A. T. Farnes trabalha o *Codex Sangermanensis*, um manuscrito do século IX que contém o texto grego e latino das epístolas de S. Paulo, com o objectivo não só de demonstrar, por meio da análise de vários tipos de incongruências, a sua dependência relativamente ao *Codex Claromontanus*, do século V, mas também de reconstruir a personalidade do copista cujo trabalho revela frágeis conhecimentos de língua grega. J. Bradley propõe uma nova interpretação de um fresco encontrado no hipogeu dos Aurélios, em Roma, do século III, propondo a correcção de um termo epigráfico e sugerindo a existência de um sujeito colectivo para a construção do túmulo, cujas imagens identifica hipoteticamente com a primeira representação de um grupo profissional associado a um *collegium scribarum*.

V. de Duonni estuda a biblioteca da abadia de Montevergine, em Itália, nos séculos XII e XIII, analisando alguns manuscritos que identificam os poucos livros que a compunham e propondo a associação entre dois vocábulos – os *fratres* e os *scriptores* – com o objectivo de lançar uma hipótese acerca da existência de um *scriptorium* monástico. Já O. Montepaone trabalha o percurso do humanista Adriano Júnio, activo nos Países Baixos no século XVI, com o intuito de identificar o manuscrito que terá estado na sua posse, identificado com uma cópia do *Valentinianus 411*, e que lhe terá permitido proceder à leitura e ao comentário da *Apocolocintose* de Séneca. C. Roffi, por fim, dirige a nossa atenção para a Alemanha do século XVI com o objectivo de falar sobre a recepção das *Metamorfoses* de Ovídio, em especial o episódio relativo a Narciso e Eco, a partir da edição de Jörg Wickram, a qual parece reproduzir o trabalho de Albrecht von Halberstadt.

Para além de todos estes artigos, que constituem o essencial daquilo que é necessário dizer-se acerca do livro, é ainda importante chamar-se a atenção para o facto de o volume agora apresentado conter, no fim, a lista das referências bibliográficas (pp. 307-338), as notas biográficas dos autores (pp. 339-341) e três índices remissivos relativos não só aos nomes antigos, medievais e modernos, mas também às citações dos textos gregos e latinos e aos manuscritos conservados nas várias bibliotecas europeias (pp. 343-359). Estas secções incluídas no volume servem não só para se acompanhar a leitura dos artigos, mas também para tornar a sua consulta mais rápida e cómoda. Saliente-se, para dar apenas um exemplo, que a bibliografia é constituída por trinta páginas de referências a títulos que incluem não só algumas obras de referência, mas também o que de mais recente se tem produzido e publicado no âmbito dos estudos gregos e latinos.

Pelas razões acima apresentadas, penso que não existem dúvidas de que este volume de estudos representa um contributo importante para todos aqueles que trabalham nas áreas da história e da filologia clássicas e medievais. As suas múltiplas abordagens teóricas e metodológicas, aliadas ao seu carácter original e inovador, constituem um inegável indício da vitalidade destes domínios científicos tão necessários para a nossa formação

humanista. Numa época em que o livro, já para não falar das línguas clássicas, tem vindo a ser relegado para segundo plano face aos novos imperativos da sociedade global e digital, volumes como este ajudam-nos a (re)pensar a nossa história e o valor do legado que esta tem vindo a transmitir-nos tendo em vista a construção de uma identidade e uma memória comuns.

MÁRIO DE GOUVEIA  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
mariogouveia@campus.ul.pt

OLIVIER GUYOTJEANNIN, OLIVIER MATTÉONI (edd.), *Jean de Berry et l'écrit: Les pratiques documentaires d'un fils de Roi de France*, Paris, Éditions de la Sorbonne, École Nationale des Chartes, 2019. 314 pp. ISBN 978-2-35723-144-3

Após a publicação do livro *L'Art Médiéval du Registre: Chancelleries royales et principales* (Paris, École des Chartes, 2018), por si coordenado, Olivier Guyotjeannin (École Nationale des Chartes), desta vez com a colaboração de Olivier Mattéoni (Université de Paris 1 Panthéon-Sorbonne), volta a brindar-nos com outro excelente livro intitulado *Jean de Berry et l'écrit: Les Pratiques Documentaires d'un fils de Roi de France*, que integra as atas das Jornadas, que decorreram em Burges, no Département du Cher, nos dias 16 e 17 de junho de 2016, objeto de edição em 2019. Sobre Olivier Mattéoni, lembremos apenas em modo de argumento de autoridade, como manifestado para Olivier Guyotjeannin, que secundou a coordenação, com Guido Castelnuovo, da obra *“De part et d'autre part des Alpes” (II): Chancelleries et Chanceliers des princes à la fin du Moyen Âge* (Chambéry, Université de Savoie, 2011) e que foi o autor da conclusão da segunda parte da *L'Art Médiéval du Registre*.

O livro em análise reúne um conjunto de doze estudos interdisciplinares, dez na língua francesa e dois em inglês, que convocam a arquivística, a história medieval, a diplomática, a sigilografia, a codicologia e a paleografia, partindo do caso de Jean de Valois / de França, duque de Berry (1340-15.06.1416), no âmbito da comemoração do 6.º centenário da sua morte.

Em jeito de contextualização da obra, surge o primeiro texto intitulado “Les archives départementales du Cher et la commémoration du 600<sup>e</sup> anniversaire de la mort de Jean de Berry” (pp. 5-8), por Xavier Laurent, diretor dos Archives départementales du Cher. Compreende-se, desde logo, o caráter interdisciplinar das comemorações, pelos distintos parceiros envolvidos, locais e regionais, na definição do programa para o ano Jean de Berry, que contemplaria, ao longo de 2016, entre outros eventos, exposições, conferências, visitas ao património, espetáculos musicais, “festas medievais” e as já referidas Jornadas. Nestas revela-se o papel de mediação dos arquivistas na promoção do acesso aos documentos nos arquivos, através da sua transcrição paleográfica e edição diplomática, mas também da sua valorização, de que é exemplo o seu contributo para o progresso da investigação histórica, de que o presente livro é um notável testemunho.

Segue-se a introdução (pp. 9-19) assinada pelos editores da obra, Olivier Guyotjeannin e Olivier Mattéoni. Neste texto, de leitura obrigatória, sob o título “Jean de Berry et l'écrit diplomatique”, os autores traçam a biografia de João de Berry em página e meia, sublinham os contributos da historiografia para o seu conhecimento, reconhecendo, porém, que esta não foi sempre cara à sua construção biográfica, sendo aquele representado, inclusive pelos cronistas seus contemporâneos, como uma figura controversa. Destaca-se, no entanto, “o gosto do duque pelas artes e o seu amor aos livros” (p. 10) e, segundo Françoise Autrand, em *Jean de Berry: L'art et le pouvoir* (Paris, Fayard, 2000), a

imagem de um príncipe ao serviço do Estado Real, mais especificamente, da diplomacia régia. Uma breve revisão da literatura, feita em pinceladas, mas suficiente, incluindo René Lacour (*Le gouvernement de l'apanage de Jean, duc de Berry (1360-1416)*, Paris, Auguste Picard, 1934), Françoise Lehoux (*Jean de France, duc de Berri: sa vie, son action politique: 1340-1360*, Paris, Picard, 1966-1968) e a já referida Françoise Autrand, permite demonstrar a inexistência de qualquer estudo sobre a chancelaria do duque de Berry.

Depois, os autores contextualizam o estudo no âmbito do emergente campo de investigação da diplomática principesca, beneficiário do estudo de diversas chancelarias e, sobretudo, sobre práticas de escrita e a comunicação entre o príncipe e os seus súbditos, elementos caracterizadores da génese do Estado moderno. Aqui não faltam as inúmeras referências a estudos de caso, de que são exempla: os diplomas e documentos de gestão de Saint-Pol e do Condado de Champagne; os diplomas dos duques da Bretanha (Pierre de Dreux, Jean I, Jean IV e Jean V); a chancelaria da Bretanha no reinado de François II (1458-1488); a chancelaria de Luís XII e da duquesa Ana (1499-1514); a chancelaria do delfim Humberto II (1333-1349) e a Chancelaria de Eudo (=Eudes) IV, duque da Borgonha (1315-1349). Por último, uma imersão nos diplomas de Jean de Berry, em cujo território não existia uma tradição diplomática principesca, retomados mais à frente pelos mesmos autores, no último texto, em “Le *corpus* de actes de Jean de Berry: L'état des sources”, a que se segue a apresentação de “Le *corpus* de actes de Jean de Berry dans le fonds de la Sainte-Chapelle de Bourges”, pelos editores e Xavier Laurent. *Corpus* da Capela-Santa por si fundada em 1392, consagrada na Páscoa de 1405 (p. 9), que testemunha o ato de governar de um príncipe da flor de lis, que tinha a consciência de que pertencia à linhagem de São Luís. Deste modo, os documentos e a sua estrutura interna, para além da *intitulatio* “filz de roy de France” (não apenas *filz du roi de France*) (Guyot-jeannin, p. 114), da assinatura e da aposição do selo, manifestam esse estatuto e revelam a ostentação do poder de um duque, filho do Rei de França. *Corpus* principesco que, estudado em contexto, recorrendo à comparação com outros *corpora* principescos, demonstra a influência dos usos e das práticas, que constituíam o modelo régio de escrita nas chancelarias contemporâneas, numa clara *imitatio regis*, como se pode concluir do primeiro texto, “*imitatio regis? Pour une diplomatique des actes de Jeans de Berry*”, da autoria de Méliissa Barry, Cléo Rager, Élisabeth Schmit, Marie-Émeline Sterlin, Clémence Lescuyer.

Para a compreensão, em contexto, do *corpus* de documentos da chancelaria ducal de Jean de Berry, concorrem, para além de este estudo, os diversos textos que integram o livro. O *corpus* consiste em um conjunto de documentos disperso por vários arquivos e bibliotecas, calculado entre 500 e 600 unidades, o que dificulta a elaboração do seu inventário.

O segundo texto, “La signature de Jean de Berry: Marque de prestige, signe de pouvoir”, de Claude Jeay, trata, como o título indica, da representação do poder através da assinatura, não se esquecendo o autor de sublinhar que o duque de Berry, tal como João “O Bom” e seus filhos e o futuro Carlos V (de França), irmão de Jean de Berry, se situam entre os primeiros príncipes do Ocidente medieval a ter a sua própria assinatura, entendendo-se esta como a escrita do nome associada a uma inicial, autógrafa, pelo menos inicialmente (p. 37). A assinatura, que dá forma ao nome pessoal do duque, não contribui apenas para a validação de documentos, mas, aposta nos livros da sua *livraria*, confere-lhes uma marca de posse e prestígio. A mesma assinatura, que, usada na chancelaria, exprime também a autoridade do signatário, testemunha a sua vontade expressa, que se transformará paulatinamente de sinal de autenticação em sinal de validação, a par do selo.

Sobre o seu selo, que, como a *intitulatio*, reforça a pertença de Jean de Berry à linhagem dos reis de França, debruçam-se Clément Blanc-Riehl e Marie-Adélaïde Nielen, em “*Sigillum Iohannis filii regi set paris Francie: Les sceaux de Jean de Berry, entre tradition et innovation*”.

O quarto texto, “*Écritures de chantier: La chambre des comptes de Bourges et la Politique monumentale de Jean de Berry*”, de Thomas Rapin, permite estudar a faceta de

patrocinador do duque a partir dos seus documentos contabilísticos, incluindo contratos de adjudicação, certificados, recibos, registos diários de contas, entre outros, no âmbito das contas das obras de construção da sua iniciativa. Aqui destaca-se um conjunto de quase trezentos escritos contabilísticos relativos às obras de (re)construção do palácio e do castelo de Poitiers, do castelo de Lusignan, do palácio de Riom, do castelo de Usson, do palácio de Bourges e do castelo de Mehun-sur-Yèvre.

Todavia, o conhecimento de Jean de Berry obriga à sua contextualização no tempo e no espaço, integrando-o na já referida linhagem, uma linhagem santa (Santas-Capelas), a dos reis de França, epíteto restrito aos Capetos, usado desde 1299 sobre Luís de Evreux (Luís de França), de que trata o texto “Fils et filles de roi de France, du XII<sup>e</sup> au XV<sup>e</sup> siècle: du lignage au royaume”, da autoria de Olivier Guyotjeannin.

Mas este é um estudo multi e interdisciplinar, que convoca diversos saberes, procura uma abordagem holística, recorrendo a séries de dados, de modo a poder tratá-los, por vezes, informaticamente. Um estudo que exige a comparação, confrontando os resultados com outros estudos de chancelarias ducais e principescas para outros espaços e tempos, incluindo a preparação dos príncipes para reinarem, a organização e o pessoal da chancelaria, o seu funcionamento e a sua produção, bem como da Casa dos Contos (*Chambres des comptes*), de que são exemplos os textos “Sons of the King of England: Personal identity and family relationships of three Princes of Wales in Late Medieval England”, por Sean Cunningham e Paul Dryburgh, “Écrire et signer à la chancellerie d’un contemporain de Jean de Berry, Louis II de Bourbon (1356-1410)”, por Olivier Mattéoni, “La chancellerie d’Anjou-Provence d’après le journal de Jean Le Fèvre (1381-1388)”, por Jean-Michel Matz, “The Chancery of the duke of Brittany around 1400: personnel, practices and policy”, por Michael Jones, e “Pratiques diplomatiques chez les premiers rois de Navarre de la dynastie des Évreux (1328-1387)”, por Philippe Charon. Uma comparação que permite colocar em confronto tipos, fórmulas e modelos das chancelarias ducais e régias e analisar a problemática da *imitatio regis* na repetição de formas de organização, usos e estilos da chancelaria real pelas chancelarias principescas, assim como pelos seus contadores ducais. Todavia, se a análise diplomática dos documentos permite testemunhar essa *imitatio regis*, importa um estudo prosopográfico comparado dos homens que exerciam o seu *métier* de modo a perceber a mobilidade dos servidores, que compunham a “comunidade textual” em torno das chancelarias, adotando estratégias discursivas e mantendo essas práticas de escrita.

Em suma, os formulários, desde a *intitulatio* às formas de validação, incluindo as assinaturas autógrafas e o(s) selo(s), representam, pela palavra, “uma maneira de agir e de governar, de fazer reconhecer a sua autoridade e de exercer o seu poder” (Philippe Charon, p. 227). Por isso, estamos perante estudos que sublinham o papel da escrita na representação e no exercício do poder, testemunhando o quanto a escrita é um ato de classe, de elite, e quanto é importante para a gestão do território. Se pela escrita se afirma o poder do rei, pela escrita e nas chancelarias, por *imitatio regis*, se afirma o poder dos príncipes, que, tendo noção disso, dela se apropriam como instrumento de exercício do poder. Esta é uma conclusão generalizada, hoje possível graças ao crescente número de edições diplomáticas de documentos e dos respetivos estudos, de que esta publicação é exemplo, e de cujo estado da arte nos dão conta Olivier Canteaut e Jean-François Moufflet, sob o título “Les Editions d’actes principiers (XII<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècle): bilan à l’heure du numérique”, com um anexo (pp. 277-286), que resulta de uma tentativa notável de identificação dos catálogos e edições de documentos principescos, do século XII a meados do século XV. Tentativa, porém, demonstrativa da ainda reduzida publicação de edições diplomáticas de documentos principescos, entre as fontes editadas em linha, em que se destaca a publicação de cartulários e de compilações de documentos eclesiásticos. Aqui merece uma menção especial o projeto *Chartae Galliae*, que se situa no âmbito das chamadas humanidades digitais, o qual visa a edição em linha de todos os instrumentos públicos, autênticos, relativos ao espaço francês atual até ao final do século XIII (p. 271). Todavia, por ora, as tecnologias da informação e comunicação nada alteraram no panorama editorial relativo à publicação de documentos das chancelarias principescas.



Em suma, pela comemoração da figura de Jean de França, duque de Berry, pela qualidade interpretativa dos estudos aqui compilados, de natureza inter e multidisciplinar, pelo valor dos resultados que acrescentam conhecimento à Ciência, pela valorização das edições de documentos e do estudo das chancelarias principescas, que procura conhecer as práticas da escrita e o papel das chancelarias para além dos contextos régio e eclesiástico, bem como pela tentativa de constituição de um *corpus* documental de Jean de Berry, projeto em curso, que esperemos alcance a breve trecho a estampa, este é um livro que cumpre e ultrapassa os seus objetivos.

CARLOS GUARDADO DA SILVA  
Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
carlosguardado@campus.ul.pt

XAVIER PRÉVOST, *Les premières lois imprimées: Étude des actes royaux imprimés de Charles VIII à Henri II (1483-1559)*, Paris, École des Chartes, 2018. 339 pp. ISBN 978-2-35723-100-9

Com uma vasta obra científica publicada, quer como autor, quer como coordenador, apesar de jovem, Xavier Prévost tem uma sólida formação, que convoca diversos saberes, sendo professor agregado das Faculdades de Direito e Economia e Gestão da Universidade de Bordéus, em que leciona. Possui ainda o diploma de Arquivista-Paleógrafo da École des Chartes, obtido em 2015, com a tese *Les premières lois imprimées: Étude des actes royaux imprimés de Charles VIII à Henri II (1483-1559)*, orientada pelo Prof. Patrick Arabeyre, que deu origem ao livro publicado sob o mesmo título, em 2018.

Esta é uma obra que integra os interesses preferenciais da investigação do autor, relativos ao direito e aos saberes jurídicos no período do Renascimento, e mais especificamente, à emergência da modernidade jurídica, processo a que não é alheio, como sabemos, quer para França quer para Portugal, o fortalecimento do poder monárquico pelo reforço da sua autoridade legislativa. Esse reforço deve muito à impressão, pelo que adquire um interesse maior o estudo das primeiras leis impressas, objeto da presente obra. Pois da impressão da lei dependia o seu bom conhecimento, uma vez que a publicação é “um elemento substancial da lei e condição essencial da sua aplicação” ou, como defendera Balde, “*publicatio est de natura legis*”.

Para além do seu impacto no mercado de livros jurídicos, a publicação de leis régias alterou o próprio processo legislativo, introduzindo inovações. A intensificação da impressão de leis, a partir do final do reinado de Francisco I (1515-1547), permitiu o desenvolvimento de um modo não institucional de distribuição e conservação de documentos reais impressos, graças à formação de coleções, que ainda hoje constituem um recurso inesgotável para o conhecimento da legislação monárquica. Este é, em síntese, o conteúdo desta obra, que oferece um panorama dos primeiros textos legislativos impressos, um contributo relevante para a história do direito no alvorecer do Estado moderno e que revela aspetos pouco conhecidos das formas do direito, num diálogo interdisciplinar entre a história do direito, a diplomática e a história do livro.

O livro tem um breve prefácio (pp. 9-11), de Patrick Arabeyre, que situa o estudo no pousio dos estudos de história do direito no período do Renascimento, em que, mantendo-se os manuscritos originais, a imprensa contribuiu para a alteração da forma dos textos, através da crescente estruturação e numeração dos parágrafos, bem como da atribuição de um título pelo impressor-livreiro, inexistente no original. A preocupação de venda dos livros, por parte do livreiro, exigiu também maior precisão de modo a que o comprador pudesse rapidamente informar-se acerca do conteúdo do fascículo que pretendia adquirir. Com a imprensa, impõem-se, inclusive, termos jurídicos como “Édito” (ato legislativo emanado do Rei) e “Ordenança” (texto legislativo emanado do órgão



executivo), enquanto o poder régio empregava um pequeno número de termos para designar as leis. Refira-se aqui a *ordonnance* de 28 de dezembro de 1490 sobre a justiça em Languedoc, impressa em Lyon, que constitui o documento jurídico régio impresso mais antigo conservado em França.

Todavia, se competia ao rei *fazer leis*, os impressores eram os principais motores deste fenómeno. Impressores que, com a generalização da atribuição de privilégios através de carta-patente, a partir de 1539, se viram obrigados a especializarem-se na impressão de documentos régios, durante os reinados de Francisco I e Henrique II (1547-1559), de que é exemplo Galliot Du Pré, livreiro parisiense entre 1512 e 1560. Sendo uma iniciativa que agradou aos impressores-livreiros, rapidamente as instituições monárquicas reconheceram a necessidade de regular esse mercado, através da concessão de privilégios de impressor-livreiro.

Xavier Prévost começa por identificar as fontes (pp. 13-41) do seu estudo, oferecendo, desde o início, os dados ao leitor, de modo a que, em conjunto, possam ambos, autor e leitor, percorrer o mesmo caminho, efetuando as suas leituras, sejam convergentes ou sejam divergentes. Aqui incluem-se o *corpus* de referência – as 307 peças impressas entre 1483 e 1559, conservadas na Biblioteca Nacional de França, apresentadas cronologicamente –, bem como outras fontes legislativas impressas, catálogos e inventários, sobretudo de documentos de Francisco I e Henrique II e de livros do século XVI. E assim se desenvolve a obra, apresentando-se de seguida a Bibliografia (pp. 43-51).

O texto propriamente dito surge com a introdução geral (pp. 53-65), na qual o autor caracteriza a emergência da cultura impressa em França, a partir da década de 70 do século XV, em que se abre o leque de usos da escrita. E, neste contexto, a impressão de leis e o consequente reforço da autoridade jurídica, que integra o universo do livro impresso, desde o século XV, e que, como este, fruto da evolução da tipografia, abandona paulatinamente os caracteres góticos em benefício dos caracteres romanos. Porém, no campo jurídico, é um tempo em que o termo “lei” é polissémico, em que as *leges* se reduzem ainda às disposições do *Digesto* e do *Código de Justiniano*, objeto de ensino nas universidades e comentadas pelos professores.

Depois, o livro desenvolve-se em duas partes, cada uma com introdução, conclusão e dois capítulos, tendo cada capítulo dois subcapítulos, demonstrando um notável equilíbrio. Na primeira parte, acerca da “Impressão da legislação”, Xavier Prévost aborda as formas dos documentos régios impressos, que integra na história geral do livro e, mais especificamente, da tipografia, bem como os artesãos, isto é, os impressores e livreiros dos documentos reais impressos, que paulatinamente se transformam num grupo institucionalizado, que adquire privilégios de impressão dos documentos régios, protegendo-os da concorrência. Na segunda parte, num jogo de palavras, o autor analisa a “Impressão sobre a legislação” impressa, ou seja, a natureza dos documentos régios, dos originais à escolha das cópias, bem como a função dos documentos régios, mais concretamente a sua difusão (com a inscrição da difusão impressa na lei) e a sua conservação: oficial, através do registo; e particular, com recurso à edição de coleções por parte de impressores-livreiros, tendo como destino os profissionais do direito. Por esta via não oficial, a imprensa permitiu a multiplicação dos lugares no seio dos quais se conservou a legislação régia, passando a integrar o acervo da biblioteca de um grande número de letrados. Neste quadro, o autor revela-nos os homens das leis régias, os juristas, os seus difusores (os impressores), bem como aqueles que são os seus destinatários.

Merece ainda menção obrigatória o conjunto de quatro anexos, em que se destacam o anexo II – “reclassificações do *corpus* de referência”, dos documentos régios impressos por ordem cronológica de promulgação, e o anexo IV – “Impressores e livreiros”, com as referências das peças impressas por Galliot Du Pré, Jacques Nyverd, Jean Dallier, Vincent Sertenas, Jean André, Étienne Roffet e Michel de Vascosan, bem como por outros impressores em colaboração com estes.

Neste contexto, a chancelaria régia tomou consciência da importância da imprensa para a atividade legislativa, enquanto alguns impressores-livreiros rapidamente desco-

briram o quanto poderiam beneficiar da impressão dos documentos jurídicos régios. Certo é que, numa primeira leitura, a impressão da legislação teve como resultado a valorização desta.

Por todas estas razões, este é um estudo notável, que efetua uma radiografia do documento régio impresso, nos primeiros cinquenta anos da sua existência, quando são raros os estudos de diplomática sobre documentos régios impressos. Um estudo que vem trazer alguma luz sobre o campo de pousio de estudos acerca desta temática e natureza, que, sendo uma introdução ao tema (e que notável introdução!), abre um verdadeiro campo de investigação, que convoca a história do direito, a diplomática e a história do livro. Um estudo inédito, tão relevante quanto, como sabemos, não existe para Portugal qualquer estudo similar. Um estudo, enfim, que se aproxima, para o caso castelhano, da obra de Elisa Ruiz Garcia, *La balanza y la corona: La simbólica del poder y los impresos jurídicos castellanos (1480-1520)*, Madrid, Ollero y Ramos, 2011, porém distinto, porque nesta se valorizam as questões diplomáticas em desfavor dos aspetos das história do direito e das instituições.

Deste modo, quer pelo conteúdo, quer pela forma, esta é uma obra de leitura obrigatória, porque é de elevada qualidade, que posiciona o autor entre os escassos especialistas em história do direito do século XVI e torna-o uma referência na história da edição jurídica, a qual não tem, notoriamente, merecido a atenção dos historiadores do livro. Qualidade igualmente reconhecida pela Société de l'École des Chartes, que distinguiu a obra com o prémio Madeleine-Lenoir 2018.

CARLOS GUARDADO DA SILVA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

carlosguardado@campus.ul.pt

IGNACIO RODRÍGUEZ ALFAGEME, *Gramática Griega*, Madrid, Ediciones Complutense, 2017. 427 pp. ISBN 978-84-669-3550-0

Rodríguez Alfageme, Catedrático Emérito da Universidad Complutense, actualizou, cerca de trinta anos depois, a gramática que havia publicado na Editorial Coloquio, em Outubro de 1988, sob o título *Nueva Gramática Griega*. Com edição datada de 2017 no copywriter da monografia, o novo volume é localizado em 2018 quer na bibliografia do A., disponível em *researchgate* ou *dialnet*, quer na descrição do produto no *site* da editora, talvez porque tenha vindo a lume realmente em 2018.

Tendo o A. estudado e traduzido diversas obras, é natural que tenha querido rever, acrescentando e reformulando, a gramática que havia escrito. De facto, parece-nos inequívoco que este manual resulta do contacto que o próprio A. tem tido com os textos gregos. Assim, por exemplo, o sintagma proposto para diferenciar a voz média da voz passiva, Ἔκτορ λύεται (p. 223), parece inspirar-se no *corpus Hippocraticum*, estudado, com rigor e minúcia, por Rodríguez Alfageme, que foi responsável por vários projectos de investigação neste âmbito, tradutor ele próprio de alguns tratados e autor de vários estudos sobre o léxico científico hipocrático. Na verdade, o referido sintagma está ausente da *Iliada*, mas muitos tratados hipocráticos recomendam a lavagem do corpo como uma das etapas, por exemplo, em alguns dos tratamentos para a infertilidade.

O manual tem três partes: fonologia, morfologia e sintaxe. Destas a segunda ocupa quase 300 páginas, dividindo-se em três temas: formação de palavras, flexão nominal e flexão verbal. A terceira parte, intitulada “esquema de sintaxe oracional”, foi acrescentada na presente edição. Nesta parece-nos que seria de incluir um exemplo de completivas com εἰ, conjunção presente no quadro sinóptico, que a associa aos verbos de percepção e de sentimento (p. 368), mas nas alíneas B e C (p. 367), em que se exemplificam estes verbos, nenhuma frase as ilustra. O verbo τυγχάνω está elencado na alínea D como

exemplo de um dos verbos que regem um particípio de valor completivo, a par de ἄρχομαι e παύω. Mas a particularidade de uma expressão adverbial ser a opção adequada para verter τυγχάνω, ganhando o particípio o valor de predicado da oração, teria merecido também uma explicação que não chegamos a encontrar. Aliás, o exemplo com τυγχάνω que o A. coloca nas orações causais e explicativas (p. 373) faria mais falta na alínea das completivas com particípio do que como exemplo das causais. Incompleta nos parece também estar a explicação da concessiva (p. 378), na qual falta a referência ao particípio com καίπερ (não raro reduzido à apoclítica περ). Acrescentaríamos ainda que, nesta secção, conviria, quando se apresenta a forma dialectal de uma conjunção ou de uma partícula, colocar sempre essa informação em epígrafe, junto da conjunção ou partícula destacada em negrito, como, aliás, se faz, por exemplo, para ὅν (p. 385), mas não se faz, por exemplo, para ἤμος (p. 371), embora no quadro das conjunções temporais haja um asterisco a associar esta à épica. Uma uniformização de procedimento facilitaria a leitura.

O tema da sintaxe não se circunscreve, todavia, a esta terceira parte. O A. explica a sintaxe dos casos, embora de forma abreviada, quando fala da morfologia nominal, e a sintaxe oracional vem a propósito da sistematização dos tempos e dos modos, na secção de morfologia verbal. Esta estrutura pode originar, numa leitura sequencial da gramática, alguma confusão. Por exemplo, quando se explica que o imperfeito e o aoristo com a partícula ἄν exprimem um irreal e se exemplifica com uma oração condicional (pp. 229-230, secção de morfologia verbal) deveria haver uma remissão para o ponto 1.8 da terceira secção, relativo às condicionais, no qual se reserva uma alínea para a condição irreal (pp. 376-377). Aliás, a constante inclusão de informação sintáctica na morfologia dificulta a consulta do volume, se o móbil da leitura for apenas o estudo da sintaxe.

A bibliografia merece um realce particular, porque está indicada com muito cuidado e rigor: existe uma bibliografia geral, que inclui os títulos considerados de referência e, junto dos vários temas, em cada secção, aparecem bibliografias específicas que, explica o A., “solo recogen las publicaciones de los diez años anteriores a la primera edición, salvo algunos manuales de importancia” (p. 25). De facto, há que entender esta informação de duas maneiras. As bibliografias específicas tanto podem incluir estudos anteriores a 1978, por serem fulcrais para a temática em causa, como podem remeter para títulos presentes na bibliografia geral, independentemente da sua data, com a indicação das páginas relevantes para o tema em estudo.

Importa dizer ainda que todos os títulos de relevo para uma obra deste género figuram elencados, com excepção do dicionário de Montanari (2004), que, em nossa opinião, deveria constar da secção sete, em que se apresentam os dicionários bilingues de língua grega. Na secção das gramáticas, não falta o imperioso Kühner e Gerth, embora referido na reimpressão de 1963, e não na edição original de 1890-1904. Não é possível explicar o grego antigo sem citar os grandes helenistas que são, e serão sempre, o alicerce para qualquer reflexão filológica, mesmo que se apresente, como é o caso, uma perspectiva herdeira do estruturalismo e do construtivismo.

Sobre esta forma de perspectivizar a língua que o A. considera mais acessível por, como diz no prólogo, prescindir de qualquer formação linguística prévia, não podemos deixar de referir que nos impressiona a remissão das interrogativas indirectas para as relativas substantivas (pp. 362-363), pois, deste modo, se colocam em igualdade sintáctica frases como “não saberás quem te trará alegria” e “digo uma das habituais piadas com que se riem os espectadores”.

Apesar de o A. prever o uso deste manual por estudantes de iniciação à língua, não o recomendaríamos para este nível, uma vez que só na p. 171 chegamos aos paradigmas da flexão atemática e só na p. 196 encontramos os da temática, para já não dizer que só na p. 348 se apresenta o paradigma de um verbo em -ω não contracto. A própria escolha do paradigma não nos parece ser a melhor, porque παύω, tal como λύω, sendo dissilábico e tendo a penúltima longa, não permite ao estudante perceber, por exemplo, que o infinitivo aoristo sigmático em -σαι tem um acento que recai obrigatoriamente na penúltima, enquanto a forma παῦσον do imperativo aoristo só apresenta acento na penúltima porque

a palavra não tem três sílabas. No entanto, se o paradigma fosse παιδεύω, ou qualquer outro verbo em -ω, não contracto, com o mínimo de três sílabas, essa diferença ficaria absolutamente clara.

Para facilitar a consulta desta gramática recomendaríamos o uso de negrito nos quadros e eventualmente nas notas. De facto, estas deveriam ter um maior destaque, para facilitar a sua leitura; por exemplo, estarem num tamanho de letra maior. Há algumas notas com informação gramatical de importância extrema (e.g. n. 67, n. 188), mas difíceis de ler pelo tamanho e pelo tipo de letra.

Além da desejável e expectável ausência de gralhas, desidério que as gramáticas de grego antigo escritas em português ainda não lograram alcançar, destacamos como dois pontos fortes no âmbito da morfologia: 1) o subcapítulo relativo à formação de palavras (pp. 59-126); 2) a explicação sobre a voz média (pp. 222-225). Esta última é sucinta, clara e completa, e tem grande pertinência o quadro que clarifica as diferenças semânticas que alguns verbos têm entre voz activa e voz média. Por sua vez, as quase setenta páginas em que se explicam a alternância dos radicais e os processos de derivação e composição permitem que quem já detenha os rudimentos da flexão nominal e verbal entenda, de forma natural, um maior leque de palavras, conseguindo ampliar consideravelmente o vocabulário aprendido.

Escrever uma gramática de grego antigo é um acto de coragem, porque é labor inevitavelmente imperfeito. Muita informação se pode sempre acrescentar e muita outra é susceptível de ser mais bem arrumada na sistematização inicialmente pensada. Fazê-lo como fruto de um contacto diário com a língua é uma mais-valia inestimável, porque mostra como esta língua está realmente viva e em constante diálogo com quem a lê. Este manual resulta desse trabalho. Por isso, a sua leitura será bastante proveitosa para todos os que querem aprofundar os conhecimentos de grego antigo.

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

alexandra.a.sousa@sapo.pt

CARMEN GONZÁLEZ VÁZQUEZ (ed.), *Diccionario de personajes de la comedia antigua*, Zaragoza, Pórtico, 2016. 530 pp. ISBN 978-84-7956-147-5

A obra é o fruto do trabalho de 26 estudiosos, de universidades espanholas e hispano-americanas, que ao longo de sete anos redigiram as entradas relativas às personagens “con presencia escénica” de todos os subgéneros da comédia antiga, com excepção da *togata* e da *palliata* fragmentária, devido à escassez de documentação fidedigna relativa a esta última categoria.

Trata-se de um projecto ambicioso e claramente laborioso, pela amplitude da colectânea cómica, pelo estado fragmentário de muitos testemunhos e seus problemas de transmissão textual, e pela múltipla bibliografia sobre o tema.

O vasto *corpus* foi repartido da seguinte forma: a comédia grega antiga divide-se entre as obras de Aristófanes – analisadas por Carmen Cabrero, Alicia Esteban Santos, Fernando García Romero, Felipe G. Hernández Muñoz, Rosa María Mariño Sánchez-Elvira, Mariano Nava Contreras e Susana Scabuzzo –, e os fragmentos de comédia antiga, a cargo de Javier Verdejo Manchado. Já os fragmentos de comédia média foram tratados por Belén Gala Valencia, e os de comédia nova, exceptuando Menandro, por Helena González Vaquerizo; as comédias de Menandro são analisadas por Leticia Espert Guerrero e Juan Muñoz Flórez. Quanto à comédia romana, as obras de Plauto foram estudadas por Benjamín García-Hernández, Marta Garelli, Carmen González Vázquez, Rosario López Gregoris, Matías López López, Emma Mejías, Leonor Pérez Gómez, María Teresa Quintillà

Zanuy e Luis Unceta Gómez; e as de Terêncio, por Mariana Vanesa Breijo, Violeta Palacios, Marcela Alejandra Suárez e Romina Vázquez.

O dicionário cumpre indubitavelmente o seu propósito, por meio de um levantamento exaustivo da generalidade das personagens da comédia antiga. A consulta é rápida e simples, e não levanta problemas de maior. Também o prólogo cumpre a sua principal função, apresentar a obra, mas peca por não explicitar de modo um pouco mais desenvolvido a metodologia adoptada, nomeadamente os critérios que motivaram as opções na escolha e apresentação dos lemas.

O dicionário cobre, quer as personagens no sentido de *dramatis personae*, quer as personagens no sentido dos papéis desempenhados na acção das peças (o denominado tipo). Ora, esta destriça, assim como o método de dedicar um lema diferente a cada personagem de acordo com as obras / autores em que figura, gera uma multiplicação – talvez evitável – de entradas: a título de exemplo, há 24 “Eslavo/a”, nove “Mujer” / “Mujeres”, oito “Cocinero”, quatro “Militar”, cinco “Parásito”, três “Estróbilo”, quatro “Mírrina”, seis “Parmenón”, entre outros casos. Não teria sido preferível, quer para as personagens, quer para os papéis dramáticos, analisá-los primeiro em conjunto e depois individualmente, pondo em evidência a evolução de dado papel nos diferentes subgéneros e a recorrência tradicional de determinados nomes próprios associados a papéis concretos? Que motiva a duplicidade de lemas em “Hetera” e “Prostituta”, ou de dois “Lenón” e um “Proxenetá”? É igualmente discutível a inclusão de entradas de personagens mudas, sem papel dramático em sentido estrito, meros figurantes, como os “Niño(s)” (quatro lemas), ou a “Musa de Eurípides”.

Em geral, certamente mercê de um labor a muitas mãos, verifica-se, ainda, que a obra carece de alguma uniformidade, quer na forma, quer no conteúdo: apenas algumas entradas apresentam uma sucinta bibliografia; em algumas entradas utiliza-se uma terminologia teatral específica, em outras não; os versos são designados ora por “vv.”, ora por “vs.”. Deparámos, também, com algumas gralhas, de que apenas damos três exemplos: no lema “Fidípides”, o original grego é Φειδιππίδης, e não Φιλιππίδης; no lema “Metón el geómetra”, deve ler-se Μέτων, e não Μανῆς; na página 497, onde se lê “entre los ss. V-V a.C.” deve ler-se “entre los ss. V-IV a.C.”.

Dois índices integram a obra: um índice de *Komodoúmenoi*, da autoria de Javier Verdejo Manchado, que recolhe todas as personagens públicas, ou amplamente conhecidas, citadas nos autores cómicos fragmentários dos séculos V-IV a.C., exceptuando Aristófanes; e um índice das comédias antigas e das personagens de cada uma delas, com os nomes na sua designação grega ou latina, o que facilita a consulta do dicionário.

A obra dispõe, por fim, de uma bibliografia geral, de cerca de 15 páginas (pp. 513-530), em que não constam, todavia, muitas das referências bibliográficas disseminadas pelas entradas individuais. Mais uma vez teria sido vantajoso que no prólogo se justificasse essa opção.

A concluir, cumpre sublinhar o indiscutível mérito da obra, um instrumento didáctico doravante essencial para a história da literatura, e um bom ponto de partida para o estudo e análise das diferentes personagens cómicas antigas, bem como da sua evolução e influência sobre autores e obras ulteriores.

RICARDO DUARTE

Centro de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
duarte.rcd@gmail.com